Machine Translated by Google

EXTRAORDINÁRIO

CORPOS

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

EXTRAORDINÁRIO CORPOS:

FIGURANDO FÍSICO INCAPACIDADE NA CULTURA AMERICANA E LITERATURA

ROSEMARIA GARLAND THOMSON

Columbia University Press • Nova York

Machine Translated by Google

Foto da capa: Frida Kahlo, "Auto-retrato com retrato do Doutor Farill", 1951. © Banco de Mexico, fiduciário dos Museus Diego Rivera e Frida Kahlo. Reproduzido com permissão do Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura (INBA), México.

Editora da Universidade de Columbia
Editores desde 1893
Nova York Chichester, West Sussex
Copyright © 1997 Columbia University Press
Todos os direitos reservados

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do
Congresso Thomson, Rosemarie Garland.
Corpos extraordinários: descobrindo a deficiência física na cultura e
literatura americanas / Rosemarie Garland Thomson.
pág. cm.
Inclui referências bibliográficas e índice.
ISBN 0-231-10516-9 (tecido: papel sem ácido). ISBN
0-231-10517-7 (papel)
I. Ficção americana-século XIX-História e crítica.
2. História e crítica da ficção americana do século XX.
3. O deficiente físico na literatura. 4. Corpo, Humano, na literatura. 5.
Corpo, Aspectos Humano-Sociais. 6. Deficiente físico-Aspectos sociais.
7. Mulheres na literatura. 8. Cultura popular-Estados Unidos-História. 9. Sideshows-
História dos Estados Unidos. 10. Feminismo e literatura-Estados Unidos. 1.
Título.
PS374.P44T49 1997
813' 0,0093520816-dc20 96-21998

As edições casebound dos livros da Columbia University Press são impressas em papel livre de ácido permanente e durável.
Impresso nos Estados Unidos da América

c 10 9 8 7 6 543 2 I
P 10 9 8 7 6 5

Machine Translated by Google

CONTEÚDO

Prefácio e Agradecimentos ix

Parte 1 ..... POLITIZANDO AS DIFERENÇAS CORPORAIS

1 Deficiência, Identidade e Representação: Uma Introdução 5

A figura do deficiente na cultura
A figura do deficiente na literatura 5
A lacuna entre a representação e a realidade 9
Uma Visão Geral e um Manifesto 12 15

2 Teorizando a Deficiência 19

Teoria Feminista, o Corpo e a Figura Deficiente 19
Análises Socioculturais do Corpo Extraordinário 30
A Figura Deficiente e a Ideologia do Individualismo Liberal 41
A figura deficiente e o problema do trabalho 46

Parte 2 ..... CONSTRUINDO FIGURAS DE Deficientes:
LOCAIS CULTURAIS E LITERÁRIOS

3 O trabalho cultural dos shows de aberrações americanos, 1835-1940 55

O Espetáculo do Corpo Extraordinário 55
Constituindo o Homem Médio 63
Identificação e o desejo de distinção 66
De aberração a espécime:
"A Vênus Hotentote" e "A Mulher Mais Feia do Mundo" 70
O Fim do Corpo Prodigioso 78

Machine Translated by Google

4 Maternalismo Benevolente e as Mulheres Deficientes em Stowe, Davis e Phelps 81
A benfeitora materna e suas irmãs deficientes 81
A figura do deficiente como apelo à justiça:
A Cabana do Tio Tom de Harriet Beecher Stowe 84
Capacitando a Benfeitora Materna 88
A Fuga do Maternalismo Benevolente do Corpo:
A Cabana do Tio Tom de Harriet Beecher Stowe 90
O corpo feminino como responsabilidade 92
Dois roteiros opostos da personificação feminina:
A vida de Rebecca Harding Davis nos moinhos de ferro 94
O Triunfo da Bela Heroína Incorpórea:
O Parceiro Silencioso de Elizabeth Stuart Phelps 98

5 mulheres com deficiência como mulheres poderosas em Petry, Morrison e Lorde 103
Revisando a Subjetividade Feminina Negra 103
A Mulher Extraordinária como Mulher Poderosa:
A Rua de Ann Petry 107
Do grotesco ao ciborgue III
O corpo extraordinário como corpo historicizado:
As mulheres deficientes de Toni Morrison 115
O Sujeito Extraordinário:
Zami de Audre Lorde : uma nova grafia do meu nome 126
A poética da particularidade 129

Conclusão: Da Patologia à Identidade 135

Notas 139
Bibliografia 173
Índice 191

Machine Translated by Google

EXTRAORDINÁRIO

CORPOS

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

PREFÁCIO E AGRADECIMENTOS

.....

Este livro é a consequência de um processo de assumir-se. Como costuma acontecer com pessoas com deficiência, aprendi a ver minha diferença corporal como um assunto privado, um aspecto de mim mesmo que reconheci e negociei no mundo com uma mistura de compostura e constrangimento. Eu sabia que meu corpo deixava as pessoas desconfortáveis em graus variados e que era meu trabalho tranqüilizá-los de que eu ficaria bem - que ficaríamos bem juntos. Eu não me identificava com a cultura da deficiência, nem tinha amigos com deficiência.
Como muitas mulheres antes da conscientização feminista ou alguns negros antes do movimento pelos direitos civis, vi minha diferença em relação à norma valorizada como uma situação pessoal e não como uma questão política ou social.

No entanto, em meu trabalho como crítico literário, sempre reconheci e me identifiquei com a miríade de personagens deficientes criticamente despercebidos espalhados pelas obras que li. Mas como a ideia de chamar a atenção para a deficiência contradizia uma vida inteira de rejeitá-la, minha crítica foi a princípio bastante hesitante e perturbadora. Sem a ousada afirmação feminista de que o pessoal é político e sua autorização da política de identidade como uma perspectiva crítica, sem a recente ampliação de nosso escopo de investigação acadêmica, eu nunca teria me permitido embarcar em um projeto como este. Persisti porque era hora de introduzir a deficiência no questionamento da política de representação pela academia. Estou em dívida, então, com este momento na história do pensamento crítico e dos estudos culturais. Sair sobre a deficiência me permitiu descobrir e estabelecer um campo de estudos sobre deficiência dentro das humanidades e ajudar a consolidar uma comunidade de estudiosos que a estão definindo.

Este livro deve sua existência ao encorajamento de Michael Gilmore e à minha introdução pelo falecido Irv Zola ao corpo de estudiosos e ao grupo de apoio de estudiosos que trabalham em estudos sobre deficiência nas ciências sociais. Pelo generoso apoio e comentários úteis sobre o manuscrito em vários estágios, agradeço a meus colegas Bob Bogdan, Mary Campbell, Lenny Cassuto,

Machine Translated by Google

Lenny Davis, Wai Chee Dimock, Tracy Fessenden, Skip Gates, Caroline Geb hard, Nancy Goldstein, David Gerber, Gene Goodheart, Harlan Hahn, Phil Harper, Liz Hodgson, Amy Lang, Claudia Limbert, Simi Linton, Paul Long mais, Eric Lott , Helena Michie, David Mitchell, Elisabeth Pantajja, Karen Sanchez-Eppler e Robin Warhol e ao 1992 Commonwealth Center Postdoctoral Fellowship Committee at the College of William and Mary.

Várias instituições apoiaram este projeto ao longo do caminho \ com bolsas de pesquisa e redação. Desejo agradecer ao National Endowment for the Humanities por uma bolsa de estudos para professores universitários em 1994-9 5, ao Wood Institute of the College of Physicians por uma bolsa de pesquisa em 1995, à Massachusetts Historical Society por uma pesquisa de Andrew W. Mellon Fello\\! ship em 1 995, a American Association of University Women para uma bolsa de dissertação em 1 99 1-92, o Brandeis University Department of English para um Andrew W. Mellon Dissertation Fellowship em 1 99 1-92, e o Brandeis University Women's Studies Department por sua bolsa de dissertação em 1 99 1-92.

Também sou grata à associação Women's Committee of the Modern Language Association por conceder o prêmio Florence Howe de 1989 para bolsa de estudos feminista ao meu ensaio intitulado "Speaking About the Unspeakable: The Representation of Disability as Stigma in Toni l\10rrison's Novels, ", que é uma exploração inicial de uma parte do capítulo 5. Agradeço também o incentivo da Society for Disability Studies, que me concedeu o Emerging Scholar Award em 1990. Partes dos capítulos 2 e 5 aparecem de forma diferente em um ensaio sobre Ann Petry em Women's Studies International, e uma versão do capítulo 4 é publicada em American Literature. Agradeço a permissão dos editores para reimprimir este material. Também quero agradecer a Jennifer Crewe e Leslie Kriesel, da Columbia University Press, por seu apoio generoso e edição cuidadosa.

A constância, apoio emocional, paciência, encorajamento e apoio de Bob, Rob, Lena e Cara Thomson tornam este projeto e muitas outras coisas possíveis.

Também quero reconhecer meu relacionamento duradouro com amigos espalhados por todo o país e agradecer às muitas mulheres que ajudaram a cuidar de meus filhos ao longo dos anos, para que eu tivesse um tempo tranquilo para escrever e ler.

Machine Translated by Google

PARTE I

.....

Politizando as diferenças corporais

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

A natureza é apenas o material bruto da cultura, apropriado, preservado, escravizado, exaltado ou de outra forma flexibilizado para ser descartado pela cultura na lógica do colonialismo capitalista.

-Donna Haraway, Primate Visions

A representação é a organização da percepção das [diferenças corporais reais] em compreensibilidade, uma compreensibilidade sempre frágil, codificada, ou seja, humana.

-Richard Dyer, A questão das imagens

A anomalia aparece apenas contra o pano de fundo fornecido pelo paradigma.

-Thomas S. Kuhn, A Estrutura das Revoluções Científicas

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

UM

.....

Deficiência, Identidade e Representação: uma introdução

A figura do deficiente na cultura

Em seu sentido mais amplo, este livro investiga como a representação atribui significados aos corpos. Embora muitos estudos recentes explorem como a diferença e a identidade operam em construções politizadas como gênero, raça e sexualidade, a crítica cultural e literária geralmente ignorou as percepções relacionadas de alteridade corporal que pensamos de várias maneiras como "monstruosidade", "mutilação", "deformação", "aleijamento" ou "incapacidade física". de alteridade que sustentam a norma privilegiada. Meu propósito aqui é alterar os termos e expandir nossa compreensão da construção cultural de corpos e identidade, reenquadrando a "deficiência" como outra diferença fisicamente justificada ligada à cultura a ser considerada juntamente com raça, gênero, classe, etnia e sexualidade. Em outras palavras, pretendo introduzir figuras como o aleijado, o inválido e a aberração nas conversas críticas que votamos para desconstruir figuras como o mulato, o primitivo, a bicha e a dama. Para desnaturalizar a codificação cultural desses corpos extraordinários, vou além de atacar estereótipos para interrogar as convenções de representação e desvendar as complexidades da produção de identidade dentro de narrativas sociais de diferenças corporais. De acordo com a premissa do pós-modernismo de que a margem constitu

Machine Translated by Google

inteiro de uma maneira nova. Ao escrutinar a figura deficiente como o paradigma do que a cultura chama de desviante, espero expor os pressupostos que sustentam normas aparentemente neutras. Portanto, concentro-me aqui em como a deficiência opera na cultura e em como os discursos de deficiência, raça, gênero e sexualidade se misturam para criar figuras de alteridade a partir das matérias-primas da variação corporal, especificamente em locais de representação como a aberração. show, ficção sentimental e romances liberatórios de mulheres negras. Tal análise promove nossa compreensão coletiva dos processos complexos pelos quais todas as formas de diversidade corporal adquirem os significados culturais subjacentes a uma hierarquia de traços corporais que determina a distribuição de privilégio, status e poder.

Um dos principais objetivos deste livro é desafiar as suposições arraigadas de que a "aptidão física" e seu oposto conceitual, "incapacidade", são condições físicas evidentes. Minha intenção é desfamiliarizar essas categorias identitárias revelando como os "deficientes físicos" são produzidos por "um raio de narrativas jurídicas, médicas, políticas, culturais e literárias que compõem um discurso excludente. , o corpo com deficiência física torna-se um repositório de ansiedades sociais sobre questões preocupantes como vulnerabilidade, controle e identidade. forma de patologia para uma forma de etnia. Ao afirmar que a deficiência é uma leitura das particularidades corporais no contexto das relações sociais de poder, pretendo contrariar as noções aceitas de deficiência física como um estado absoluto, inferior e um infortúnio pessoal. Mostro que a deficiência é uma representação, uma interpretação cultural da transformação ou configuração física e uma comparação de corpos que estruturam as relações sociais e as instituições. A deficiência, então, é a atribuição do desvio corporal – não tanto uma propriedade dos corpos, mas um produto de regras culturais sobre o que os corpos devem ser ou fazer.

Essa visão socialmente contextualizada da deficiência é evidente, por exemplo, na atual definição legal de deficiência estabelecida pela Lei dos Americanos com Deficiência de 1.990 . Essa legislação histórica de direitos civis reconhece que a deficiência depende da percepção e do julgamento subjetivo, e não de um julgamento corporal objetivo. afirma: depois de identificar a deficiência como uma "deficiência que limita substancialmente uma ou mais das principais atividades da vida", a lei admite que ser legalmente deficiente é também uma questão de "ser considerado como portador de tal deficiência."2 Essencial, mas implícito A essa definição é que tanto "deficiência" quanto "limites" dependem da comparação de corpos individuais com normas não declaradas, mas determinantes, um conjunto hipotético de diretrizes para forma e função corpórea decorrente de expectativas culturais sobre como os seres humanos devem pare

Machine Translated by Google

agir. Embora essas expectativas sejam parcialmente baseadas em fatos fisiológicos sobre humanos típicos - como ter duas pernas para andar ereto ou ter alguma capacidade de visão ou fala - seus significados e consequências sociopolíticos são inteiramente determinados culturalmente. As escadas, por exemplo, criam um "deficiência" funcional para usuários de cadeiras de rodas que as rampas não criam. A informação impressa acomoda os que enxergam, mas "limita" os cegos. A surdez não é uma condição incapacitante em uma comunidade que se comunica tanto por sinais quanto por fala.3 As pessoas que não conseguem levantar trezentos quilos são "sãs", enquanto aquelas que não conseguem levantar cinquenta quilos são "deficientes". Além disso, tais padrões culturalmente gerados e perpetuados como "beleza", "independência", "fitness", "competência" e "normalidade" excluem e desativam muitos corpos humanos enquanto validam e afirmam outros. Embora a lei tente definir a deficiência em termos de função, os significados atribuídos à forma física e à aparência constituem "limites" para muitas pessoas - como evidenciado, por exemplo, por "leis feias", algumas revogadas em 1974 , que restringia pessoas visivelmente deficientes de lugares públicos.4 Assim, as formas como os corpos interagem com o ambiente socialmente projetado e se conformam às expectativas sociais determinam os vários graus de incapacidade ou capacidade física, de extraordinariedade ou normalidade.

Consequentemente, os significados atribuídos aos corpos extraordinários residem não em falhas físicas inerentes, mas em relações sociais em que um grupo é legitimado por possuir características físicas valorizadas e mantém sua centralidade e sua autoidentidade ao impor sistematicamente o papel de cultural ou corporal inferioridade sobre os outros. A representação, portanto, simultaneamente reforça uma versão corporificada da identidade normativa e molda uma narrativa de diferença corporal que exclui aqueles cujos corpos ou comportamentos não se conformam. Portanto, ao focar em como a representação cria a figura fisicamente deficiente na cultura americana, também esclarecerei a figura correspondente do eu americano normativo tão poderosamente gravada em nossa consciência cultural coletiva. Veremos que a figura deficiente opera como o outro vividamente encarnado e estigmatizado, cujo papel social é libertar simbolicamente a figura privilegiada e idealizada do eu americano dos caprichos e vulnerabilidades da corporeidade.

Um dos propósitos deste livro, portanto, é investigar as relações entre identidades sociais valorizadas e desvalorizadas delineadas por nossas hierarquias aceitas de corporificação. Afastamentos corpóreos das expectativas dominantes nunca ficam sem interpretação ou impunidade, e as conformidades são quase sempre retardadas. A narrativa do desvio em torno de corpos considerados diferentes é paralela a uma narrativa de universalidade em torno de corpos que correspondem a noções de ordinário ou superlativo. As dicotomias culturais fazem seu trabalho avalia

Machine Translated by Google

o corpo é inferior e aquele é superior; este é belo ou perfeito e aquele é grotesco ou feio. Nesta economia da diferença visual, os corpos considerados inferiores tornam-se espetáculos de alteridade, enquanto os não marcados são abrigados no espaço neutro da normalidade. Investidas de significados que ultrapassam em muito suas bases biológicas, figuras como o aleijado, o quadroon, o queer, o outsider, a prostituta são produtos taxonômicos e ideológicos marcados por estigmas socialmente determinados, definidos por meio da representação e excluídos do poder e do status sociais. Assim, o outro cultural e o eu cultural operam juntos como figuras gêmeas opostas que legitimam um sistema de empoderamento social, econômico e político justificado por diferenças fisiológicas. 5

Ao examinar a figura deficiente, também irei perturbar a figura mutuamente constituinte que este estudo cunha: o normado. Esse neologismo nomeia a posição de sujeito velado do eu cultural, a figura delineada pelo conjunto de outros desviantes cujos corpos marcados sustentam os limites do normado.6 O termo normado designa utilmente a figura social por meio da qual as pessoas podem se representar como seres humanos definitivos. Normate, então, é a identidade construída daqueles que, por meio das configurações corporais e do capital cultural que assumem, podem assumir uma posição de autoridade e exercer o poder que ela lhes concede. Se alguém tentar definir a posição normativa removendo todos os traços marcantes dentro da ordem social neste momento histórico, o que emerge é um perfil muito estreitamente definido que descreve apenas uma minoria de pessoas reais. Erving Goffman, cujo trabalho discuto em maiores detalhes mais tarde, observa a conclusão lógica desse fenômeno ao observar ironicamente que há "apenas um homem completamente sem vergonha na América: um pai jovem, casado, branco, urbano, do norte, heterossexual e protestante. de educação universitária, totalmente empregado, de boa compleição, peso e altura, e um recorde recente nos esportes."7 Curiosamente, Goffman assume que a feminilidade não faz parte de seu esboço de um ser humano normativo. No entanto, a onipresença, o poder e o valor dessa imagem ressoam claramente. Um testemunho do poder da posição de sujeito normativo é que as pessoas muitas vezes tentam se encaixar em sua descrição da mesma forma que as meias-irmãs de Cinderela tentavam enfiar os pés em seu sapatinho de cristal. Nomear a figura do normado é uma estratégia conceitual que nos permitirá levar nossas análises para além das simples dicotomias de masculino/feminino, branco/negro, hétero/gay ou sãos/ deficientes para que possamos examinar a inter-relações sutis entre identidades sociais ancoradas em di

A posição do sujeito normado emerge, no entanto, apenas quando examinamos os processos e discursos sociais que constituem a alteridade física e cultural. Como as figuras da alteridade são altamente marcadas nas relações de poder, mesmo sendo marginalizadas, sua visibilidade cultural como desviantes obscurece e

Machine Translated by Google

neutraliza a figura normativa que legitimam. Analisar o funcionamento da deficiência. é essencial, então, teorizar longamente – como faço na parte I – sobre os processos e suposições que produzem tanto o normado quanto suas figuras discordantes que o acompanham. No entanto, também quero complicar qualquer dicotomia simples de eu e outro, normativo e desviante, centrando a parte 2 do livro em como as representações às vezes desdobram figuras deficientes em relações complexas e trianguladas ou alianças surpreendentes, e em como essas representações podem ser opressiva e libertadora. Na parte 2, meu exame do modo como a deficiência é constituída pelo show de horrores, ficção sentimental e romances liberatórios de mulheres negras concentra-se em figuras femininas por duas razões: primeiro, porque os vínculos entre deficiência e alteridade de gênero precisam ser investigados e, segundo, porque o status não normativo concedido à deficiência feminiza todas as figuras deficientes. O que eu descobri analisando de perto esses locais de representação sugere que a deficiência funciona como um tropo multivalente, embora permaneça a marca da alteridade. Embora centrar-se em figuras deficientes ilumine os processos que classificam e classificam as diferenças físicas em normais e anormais, ao mesmo tempo, essas investigações sugerem a possibilidade de interpretações potencialmente positivas e complicadas. Em suma, ao examinar a deficiência como uma leitura do corpo que é influenciada por raça, etnia e gênero, espero revelar possibilidades de significação que vão além de uma interpretação monológica da diferença corporal como desvio. Assim, primeiro teorizando a deficiência e depois examinando vários locais que a constroem, posso descobrir as formas complexas pelas quais a deficiência se cruza com outras identidades sociais para produzir as figuras extraordinárias e comuns que assombram a todos nós.

A figura do deficiente na literatura

A construção discursiva da figura deficiente, informada mais por atitudes recebidas do que pela experiência real de deficiência das pessoas, circula na cultura e encontra um lar dentro das convenções e códigos de representação literária.
Como observa Paul Robinson, "os deficientes, como todas as minorias, ... não existiram como objetos de arte, mas apenas como suas ocasiões". Personagens literários deficientes geralmente permanecem à margem da ficção como figuras descomplicadas ou alienígenas exóticos cujas configurações corporais funcionam como espetáculos, provocando respostas de outros personagens ou produzindo efeitos retóricos que dependem da ressonância cultural da deficiência. De fato, os personagens principais quase nunca têm deficiências físicas. Embora os críticos tradicionais tenham discutido por muito tempo, por exemplo, as implicações de T\vain's Jim para os negros, quando os críticos literários olham para personagens deficientes, eles frequentemente os interpretam metaforicamente ou esteticamente, lendo

Machine Translated by Google

eles, sem consciência política, como elementos convencionais das tradições sentimental, romântica, gótica ou grotesca. a

alteridade emerge do posicionamento, interpretação e atribuição de significado aos corpos. A representação produz identidades e categorias culturais, os paradigmas dados que Alfred Schutz chama de "receitas", com os quais organizamos comunitariamente a experiência bruta e rotinizamos o mundo.9 As convenções literárias mediam ainda mais a experiência que a matriz cultural mais ampla, incluindo a própria literatura, já informou. Se aceitarmos a convenção de que a ficção tem alguma relação mimética com a vida, damos a ela o poder de moldar ainda mais nossas percepções do mundo, especialmente no que diz respeito a situações sobre as quais temos pouco conhecimento direto. Como a deficiência é tão fortemente estigmatizada e combatida por tão poucas narrativas atenuantes, o tráfego literário em metáforas muitas vezes deturpa ou nivela a experiência que as pessoas reais têm de suas próprias deficiências ou das deficiências de outras pessoas.

Portanto, quero abrir explicitamente a lacuna entre as pessoas com deficiência e suas representações, explorando como a deficiência opera nos textos. O efeito retórico da representação da deficiência deriva das relações sociais entre as pessoas que assumem a posição normativa e aquelas a quem é atribuída a posição de deficiente. Dos contos populares e mitos clássicos aos "grotescos" modernos e pós-modernos, o corpo deficiente é quase sempre um espetáculo bizarro apresentado pela voz narrativa mediadora. A maioria dos personagens com deficiência é envolvida pela alteridade que sua deficiência sinaliza no texto. Tomemos, como alguns exemplos, o patético e romantizado Tiny Tim de Dickens em A Christmas Carol, o vilão Capitão Gancho de Peter Pan de J. M. Barrie , o gótico Quasimodo de Victor Hugo em O Corcunda de Notre Dame, o impotente Clifford Chatterley de DH Lawrence em Lady Chatterley's Lover, e a sofredora Laura Wingfield, de Tennessee Williams, de The Glass Menagerie. O próprio ato de representar a alteridade corporal os coloca em um quadro que destaca suas diferenças em relação aos leitores ostensivamente normais. Embora tais representações se refiram a relações sociais reais, é claro que elas não reproduzem essas relações com plenitude mimética. Os personagens são, portanto, necessariamente representados por alguns traços determinantes que criam uma ilusão de realidade muito aquém do contexto intrincado, indiferenciado e não interpretado no qual as pessoas reais existem. Como os freak shows que discutirei no capítulo 3, as descrições textuais são sobredeterminadas: elas investem os traços, qualidades e comportamentos de seus personagens com muita influência retórica simplesmente omitindo - e portanto apagando - outros fatores ou traços que podem mitigar ou co

Machine Translated by Google

ções apenas como diferença visual que sinaliza significados. Consequentemente, os textos literários necessariamente transformam personagens deficientes em aberrações, despojados de contextos normalizadores e engolfados por um único traço estigmatizante.

Não apenas a relação entre texto e mundo não é exata, mas a representação também depende de suposições culturais para preencher os detalhes que faltam. Todas as pessoas constroem esquemas interpretativos que fazem seus mundos parecerem conhecíveis e previsíveis, produzindo assim categorias perceptivas que podem se consolidar em estereótipos ou caricaturas quando compartilhadas comunitariamente e culturalmente inculcadas . tomar para ser preciso do que na realidade. Caricaturas e representações estereotipadas que dependem mais do gesto do que da complexidade surgem necessariamente dessa lacuna entre a representação e a vida.

Os estereótipos na vida tornam-se tropos na representação textual. Por exemplo, l\11ar ianna Torgovnick descreve o tropo do primitivo como uma construção discursiva no sentido mais amplo, um "mundo" que foi "estruturado por conjuntos de imagens e ideias que escaparam de seu status metafórico original para controlar as percepções de primitivos [reais]."ll Tais retratos invocam, reiteram e são reforçados por estereótipos culturais. Uma característica altamente estigmatizada como a deficiência ganha sua eficácia retórica a partir das respostas poderosas, muitas vezes confusas, que pessoas com deficiência real provocam em leitores que se consideram normais. Quanto mais o retrato literário se ajusta ao estereótipo social, mais econômico e intenso é o efeito; a representação exagera assim uma diferença física já destacada. Além disso, a tradição ocidental postula o mundo visível como o índice de um mundo coerente e apenas invisível, encorajando-nos a ler o corpo material como um signo investido de significado transcendente.

Ao interpretar o mundo material, a literatura tende a imbuir quaisquer diferenças visuais com um significado que obscurece a complexidade de seus portadores.

Além de retirar qualquer contexto normalizador da deficiência, a representação literária estabelece encontros estáticos entre figuras deficientes e leitores normais, enquanto as relações sociais reais são sempre dinâmicas. Concentrar-se em uma característica do corpo para descrever um personagem lança o leitor em um confronto com o personagem que é predeterminado por noções culturais sobre deficiência. Com a notável exceção de textos autobiográficos - como o Zami de Audre Lorde, que abordo no último capítulo - a representação tende a objetivar personagens deficientes negando-lhes qualquer oportunidade de subjetividade ou agência. O enredo ou o potencial retórico da obra geralmente se beneficia do fato de a figura deficiente permanecer outra para o leitor – identificável como humana, mas decididamente diferente.

Como Ahab poderia operar com eficácia se o leitor pudesse vê-lo como um sujeito comum, em vez de um ícone de vingança monomaníaca - se seu dis-

Machine Translated by Google

habilidade perdeu seu significado transcendente? O que aconteceria com a pura piedade gerada por Tiny Tim se ele fosse retratado como às vezes travesso, como uma criança "normal"? Assim, a função retórica do traço altamente carregado fixa as relações entre as figuras deficientes e seus leitores. Se os personagens com deficiência agissem, como muitas vezes fazem as pessoas reais com deficiência, para combater seu status estigmatizado, a potência retórica do estigma seria mitigada ou perdida. Se o Chillingworth de Hawthorne fizesse muitos amigos, por exemplo, ou parecesse amável para Hester, seu papel em A Letra Escarlate seria diminuído. Se Hulga Hopewell, de Flannery O'Connor, fosse bonita, alegre e perneta em vez de feia e amarga, "Good Country People" fracassaria. Assim, como tableaux vivants, concursos de beleza e shows de aberrações - todas as formas relacionadas de representação baseadas nas convenções do espetáculo - narrativas literárias de deficiência geralmente dependem da objetificação do espetáculo que a representação criou.

A lacuna entre a representação e a realidade

Quer alguém viva com uma deficiência ou encontre alguém que a tenha, a experiência real da deficiência é mais complexa e mais dinâmica do que a representação geralmente sugere. Apenas um exemplo ilustra a habilidade que as pessoas com deficiência geralmente precisam aprender na gestão de encontros sociais. As trocas iniciais ou casuais entre pessoas normais e deficientes diferem marcadamente das relações usuais entre leitores e personagens deficientes. Em um primeiro encontro com outra pessoa, uma quantidade enorme de informações deve ser organizada e interpretada simultaneamente: cada participante sonda o explícito pelo implícito, determina o que é significativo para propósitos particulares e prepara uma resposta que é guiada por muitas pistas, ambas sutis e óbvio. Quando uma pessoa tem uma deficiência visível, no entanto, ela quase sempre domina e distorce o processo normativo de classificar as percepções e formar uma reação. interação geralmente é tensa porque a pessoa sem deficiência pode sentir medo, pena, fascínio, repulsa ou apenas surpresa, nenhum dos quais é exprimível de acordo com o protocolo social. Além da dissonância incômoda entre a reação vivenciada e a expressa, uma pessoa sem deficiência muitas vezes não sabe como agir em relação a uma pessoa com deficiência: como ou se oferecer assistência; se deve reconhecer a deficiência; que palavras, gestos ou expectativas usar ou evitar. Talvez o mais destrutivo para o potencial de relações contínuas seja a frequente suposição do normativo de que uma deficiência cancela outras qualidades, reduzindo a pessoa complexa a um único atributo. Essa incerteza e discórdia tornam o encontro especialmente estressante para a pessoa sem deficiência, desacostumada com pessoas com deficiência. A pessoa com deficiência pode estar ansiosa

Machine Translated by Google

sobre se o encontro será muito desconfortável para qualquer um deles e pode sentir a sempre presente ameaça de rejeição. Mesmo que a deficiência ameace romper o fio tênue da sociabilidade, a maioria das pessoas com deficiência física é hábil o suficiente nesses encontros para reparar o tecido da relação para que ela possa continuar.

Para obter status totalmente humano pelas normas, as pessoas com deficiência devem aprender a administrar relacionamentos desde o início. Em outras palavras, as pessoas com deficiência devem usar charme, intimidação, ardor, deferência, humor ou entretenimento para aliviar o desconforto das pessoas sem deficiência. Aqueles de nós com deficiência são suplicantes e menestréis, lutando para criar representações valiosas de nós mesmos em nossas relações com a maioria sem deficiência. Isso é precisamente o que muitos recém-deficientes não podem fazer nem aceitar; é uma parte sutil do ajuste e frequentemente a mais difícil. 13 Se tais esforços de reparação forem bem-sucedidos, as pessoas com deficiência neutralizam o estigma inicial da deficiência para que os relacionamentos possam ser sustentados e aprofundados. Só então outros aspectos da personalidade podem surgir e expandir o foco inicial para que o relacionamento se torne mais confortável, mais amplo e menos afetado pela deficiência. Só então cada pessoa pode emergir como multifacetada, inteira. Se, no entanto, as pessoas com deficiência buscam demais a normalização, correm o risco de negar as limitações e a dor para o conforto dos outros e podem cair na autotraição associada à "passagem".

Isso não quer dizer que todas as formas de deficiência sejam intercambiáveis ou que todas as pessoas com deficiência experimentem seus corpos ou negociem suas identidades da mesma maneira. De fato, é precisamente a variação entre os indivíduos que as categorias culturais banalizam e que a representação muitas vezes distorce. A deficiência é uma categoria abrangente e, de certa forma, artificial, que abrange diferenças físicas congênitas e adquiridas, doenças e retardos mentais, doenças crônicas e agudas, doenças fatais e progressivas, temporárias e permanentes em júris e uma ampla gama de características corporais consideradas desfigurantes, como cicatrizes, marcas de nascença, proporções incomuns ou obesidade. Embora o protótipo da pessoa com deficiência colocada nas representações culturais nunca saia de uma cadeira de rodas, seja totalmente cego ou profundamente surdo, a maioria dos cerca de 40 milhões de americanos com deficiência tem uma relação muito mais ambígua com o rótulo. As deficiências físicas que tornam alguém "deficiente" quase nunca são absolutas ou estáticas; são condições dinâmicas e contingentes afetadas por muitos fatores externos e geralmente flutuantes ao longo do tempo. Algumas condições, como esclerose múltipla ou artrite, são progressivas e crônicas; outras, como a epilepsia, podem ser agudas. Mesmo deficiências aparentemente estáticas, como a amputação, afetam as atividades de maneira diferente, dependendo da condição do resto do corpo.

Claro, todos estão sujeitos ao processo gradualmente incapacitante do envelhecimento.

Machine Translated by Google

O fato de que todos nós seremos deficientes se vivermos o suficiente é uma realidade que muitas pessoas que se consideram aptas relutam em admitir. 14 À medida que as habilidades físicas mudam, também mudam as necessidades individuais e a percepção dessas necessidades. A dor que muitas vezes acompanha ou causa a incapacidade também influencia tanto o grau quanto a percepção da deficiência. De acordo com Elaine Scarry, porque a dor é invisível, inverificável e irrepresentável, muitas vezes está sujeita a má atribuição ou negação por aqueles que não a estão experimentando. [15] A deficiência, então, pode ser dolorosa, confortável, familiar, alienante, vinculante, isoladora, perturbadora, cativante, desafiadora, irritante ou comum. Embutido na complexidade das relações humanas reais, é sempre mais do que a figura do deficiente pode significar.

O fato de qualquer pessoa poder se tornar deficiente a qualquer momento torna a deficiência mais fluida e talvez mais ameaçadora para aqueles que se identificam como normais do que identidades marginais aparentemente mais estáveis como feminilidade, negritude ou identidades étnicas não dominantes. 16 Além disso, a época e a forma como a pessoa se torna deficiente influenciam sua percepção, assim como a pessoa que incorpora a deficiência em seu senso de identidade ou resiste a ela. Por exemplo, a incapacidade gradual do envelhecimento ou uma doença progressiva pode não ser considerada uma deficiência. Em contraste, uma deficiência grave e súbita, como por acidente, quase sempre é sentida como uma perda maior do que uma deficiência congênita ou gradual, que não exige um ajuste tão abrupto. O grau de visibilidade de uma deficiência também afeta as relações sociais. Uma deficiência invisível, muito parecida com uma identidade homossexual, sempre apresenta o dilema de se ou quando assumir ou passar. Deve-se sempre antecipar o risco de manchar um novo relacionamento ao anunciar uma deficiência invisível ou o mesmo risco de surpreender alguém ao revelar uma deficiência anteriormente não revelada. A distinção entre aspectos formais e funcionais de uma deficiência também afeta sua percepção. As pessoas cuja deficiência é principalmente funcional, mas não visível, muitas vezes são acusadas de fingir ou de decepcionar as expectativas sobre suas capacidades físicas. No entanto, aqueles cujas deficiências são em grande parte formais são frequentemente considerados incapazes de coisas que podem fazer com facilidade. Além disso, condições formais, como desfiguração facial, cicatrizes, marcas de nascença, obesidade e deficiências visuais ou auditivas corrigidas com auxílios mecânicos, geralmente são socialmente incapacitantes, embora quase não impliquem em disfunção física. Além disso, como revela a história do freak sho\v que aparece no capítulo 3 , não existe nenhuma distinção firme entre deficiências principalmente formais e características físicas raciais consideradas atípicas pelos padrões brancos dominantes.

Although Embora categorias como etnia, raça e gênero sejam baseadas em traços compartilhados que resultam na formação da comunidade, as pessoas com deficiência raramente se consideram um grupo. Pouca semelhança somática existe entre pessoas com

Machine Translated by Google

diferentes tipos de deficiência porque as necessidades e situações são muito diversas. Um cego, um epiléptico, um paraplégico, um surdo e um amputado, por exemplo, não compartilham herança cultural, atividades tradicionais ou experiência física comum. Apenas a experiência compartilhada de estigmatização cria comunalidade.

Tendo sido aculturados de forma semelhante a todos os outros, as pessoas com deficiência também costumam evitar e estereotipar umas às outras na tentativa de normalizar suas próprias identidades sociais. Além disso, muitas pessoas com deficiência já se consideraram não-deficientes e podem ter tido contato muito limitado com pessoas com deficiência antes de ingressar em seu grupo. Como todas as categorias culturalmente impostas extrapoladas das diferenças biológicas, a identidade tem uma qualidade forçada que nivela as variações intragrupais. Por exemplo, a agora decadente instituição de educação "especial" representa esse impulso cultural rumo à guetização ao separar as pessoas com deficiência dos alunos sem deficiência, independentemente das necessidades individuais. Finalmente, a maioria das pessoas com deficiência está cercada por famílias e comunidades sem deficiência nas quais as deficiências são inesperadas e quase sempre percebidas como calamitosas. Ao contrário dos etnicamente agrupados, mas mais como gays e lésbicas, as pessoas com deficiência às vezes são fundamentalmente isoladas umas das outras, existindo muitas vezes como estranhas dentro de suas unidades sociais.

No entanto, a representação freqüentemente obscurece essas complexidades em favor do potencial retórico ou simbólico da figura prototípica com deficiência, que muitas vezes funciona como um pára-raios para a pena, medo, desconforto, culpa ou senso de normalidade do leitor ou um sentimento mais significativo. personagem. Pretendo aqui mudar desse quadro interpretativo usual de estética e metáfora para a arena crítica dos estudos culturais para desnaturalizar tais representações. Ao examinar a "figura deficiente", em vez de discutir o "grotesco" ou "aleijado" ou "deformado", espero catapultar esta análise de um contexto puramente estético para um político. Ao abrir uma lacuna crítica entre figuras deficientes como outros corpóreos moldados cujos corpos carregam significado social e pessoas reais com corpos atípicos em relações sociais do mundo real, sugiro que a representação informa a identidade - e muitas vezes o destino - de pessoas reais com corpos extracomuns.

Uma Visão Geral e um Manifesto

De certo modo, este livro é um manifesto que coloca os estudos sobre deficiência no contexto das humanidades. Embora os estudos sobre a deficiência tenham se desenvolvido como um subcampo de investigação acadêmica nos campos acadêmicos da sociologia, antropologia médica, educação especial e medicina reabilitativa, quase nenhum estudo nas humanidades situa explicitamente a deficiência dentro de um contexto politizado e construcionista social.

Machine Translated by Google

perspectiva. 18 Um dos meus objetivos neste livro, então, é começar a formular que os estudos da deficiência podem parecer um subcampo da crítica literária e dos estudos culturais. Vou, portanto, delinear com algum detalhe aqui o conteúdo e os argumentos que aparecem nos capítulos seguintes.

Este projeto envolve duas tarefas: primeiro, teorizar a operação da deficiência na representação cultural e literária; e segundo, focando em sites exemplares que constroem a deficiência na cultura e nos textos. Assim, a parte 1 do livro incorpora uma série de trabalhos teóricos de várias áreas acadêmicas, a maioria dos quais não aborda a deficiência diretamente, mas dança conceitualmente em torno de suas bordas. Tendo examinado nesta introdução como a figura com deficiência opera na representação literária e tendo também investigado as diferenças entre a deficiência na vida e na representação, exploro no capítulo 2 as formas como vários discursos abordam a construção da deficiência. Primeiro, detalho o entrelaçamento cultural de feminilidade e deficiência e recruto a teoria feminista como um discurso relacionado de alteridade que pode ser transferido para análises de deficiência. Em segundo lugar, recruto três teorias socioculturais, a noção de estigma de Erving Coffman, o conceito de sujeira de Mary Douglas e as ideias de Michel Foucault sobre particularidade e identidade, a fim de revelar os processos que constroem a deficiência.
Em terceiro lugar, critico o papel da figura deficiente dentro da ideologia do liberal no individualismo. Finalmente, analiso como a ideologia do trabalho construiu a figura do deficiente ao longo do tempo, à medida que o meio de lidar com a deficiência mudou de um modelo de compensação para um modelo de acomodação. Essas especulações teóricas estabelecem as bases para as análises que se seguem, cada uma das quais centrada em narrativas de alteridade corporal que levantam questões amplas sobre como a individualidade é representada na cultura americana.

A Parte 2 mostra como as ideologias de autossuficiência, autonomia, progresso e trabalho, bem como os processos de estigmatização e formação do sujeito moderno, influenciam como a figura deficiente e o eu cultural são representados em momentos específicos espaços literários e culturais. Como sugeri, esses locais específicos me permitem sondar as complexidades do uso cultural de figuras deficientes. Cada produção cultural e literária explorada aqui emprega figuras com deficiência de maneiras que às vezes reinscrevem sua alteridade cultural, mas também às vezes exploram o potencial da figura com deficiência para desafiar as instituições e políticas políticas que derivam e apóiam uma norma estreita. Essas narrativas de diferenças corpóreas/culturais confirmam e desafiam simultaneamente a definição recebida de deficiência física como inadequação corporal.

O capítulo 3 examina os freak shows americanos como rituais sociais populares que construíram e disseminaram uma figura cujo trabalho cultural crucial foi exibir para as massas americanas o que elas imaginavam não ser. Tais shows

Machine Translated by Google

coreografaram a variação humana em um espetáculo de alteridade corporal que uniu seu público em oposição à aberração das aberrações e garantiu aos espectadores que eles eram realmente "normais". Convenções de representação altamente estruturadas esculpiram "malucos" exóticos de pessoas que têm o que hoje chamamos de "deficiências físicas", bem como de outras pessoas cujos corpos poderiam ser feitos para significar visualmente a estranheza absoluta. Gigantes, anões, deficientes físicos visíveis, tribais não-ocidentais, contorcionistas, gordos, magros, seus maproditas, deficientes mentais e os muito hirsutos - todos compartilhavam a plataforma igualmente como esquisitices humanas. Sua única semelhança era ser fisicamente diferente de seu público. Pelo preço de um ingresso, o processo de v\That David Hevey chama ('enfreakment"19 ofereceu aos espectadores um ícone de alteridade física que reforçou a identidade americana comum dos espectadores, verificada por um corpo que de repente parecia comum em comparação, tratável e padrã

Sugiro também que os freak shows ofereciam ao mesmo tempo uma contranarrativa de peculiaridade como eminência, o tipo de distinção descrita pelas noções de Bakhtin e Foucault sobre o corpo pré-iluminista particularizado. Abrangendo as ideologias do tradicional e do moderno, o show de aberrações manifestou a tensão entre um modo mais antigo que lia a particularidade como uma marca de distinção empoderadora e um modo mais novo que achatava as diferenças para alcançar a igualdade. Nesse espaço liminar, a aberração domesticada incorporava simultaneamente a excepcionalidade como maravilha e a excepcionalidade como anomalia, colocando assim ao espectador a questão política implícita de como interpretar as diferenças dentro de uma ordem social igualitária.

O capítulo 4 centra-se em romances sentimentais de protesto social escritos por mulheres brancas de classe média de meados do século XIX, nos quais figuras deficientes funcionam como pára-raios discursivos para tensões sociais complexas. Argumento que Uncle Tonzs Cabin, de Harriet Beecher Stowe, Life in the Iron Mills, de Rebecca Harding Davis , e The Silent Partner, de Elizabeth Stuart Phelps, constroem figuras deficientes generificadas e racializadas como ícones de vulnerabilidade corporal em uma tentativa de destacar o conflito entre justiça social e individual. liberdade inerente à tradição liberal americana. Este conjunto de textos introduz o que chamo de modelo de compensação, no qual a deficiência é interpretada como uma falta que deve ser compensada pelo que chamo de "maternalismo benevolente" das mulheres de classe média. Enquanto os freak shows literalmente exibem os deficientes para confirmar o "normal", esses textos exibem figuras deficientes para mobilizar e validar agendas de reforma social. Embora as figuras deficientes invoquem uma retórica de simpatia para alcançar a reforma sociopolítica, elas também definem e legitimam o papel normalizado e generificado da benfeitora materna que esses romances promovem para mulheres da classe média emergente, que eram margina

Machine Translated by Google

dentro da ordem social em mudança. Os retratos cada vez mais negativos de figuras femininas deficientes à medida que o gênero se move de StoV\Te a Phelps compreende um subtexto ansioso que divide as mulheres deficientes e as benfeitoras, paralelamente ao deslocamento de mulheres brancas de classe média de trabalhos significativos. Essa renúncia crescente à figura deficiente testa os limites do roteiro doméstico de benevolência materna como solução para os problemas dos papéis femininos na América do final do século XIX.

O Capítulo 5 discute vários romances liberatórios afro-americanos centrados nas mulheres do século XX, que usam a figura deficiente e outros corpos extraordinários para elaborar uma identidade que insiste e celebra a diferença física. Nesses textos, o corpo extraordinário invoca um princípio de diferença sobre a mesmice que serve a uma política pós-moderna que é nacionalista em vez de assimilacionista. Enquanto os romances sentimentais do século XIX do capítulo anterior apresentam a figura deficiente como antitética ao papel feminino que buscavam delinear, esses textos nacionalistas negros incorporam tal figura em sua visão de identidade de oposição. O romance de Ann Petry, The Street, de 1946 , inicia provisoriamente esse tipo de representação, e é seguido pela versão pós-direitos civis da subjetividade feminina negra articulada pelos primeiros cinco romances de Toni Morrison e pela "biomitografia" de Audre Lorde Zami: A Nelli Spelling of My Nome. Sugiro que um objetivo retórico dessas obras é estabelecer uma narrativa do corpo particularizado como um local de inscrição histórica politizada em vez de desvio físico. Figuras deficientes como Eva Peace e Baby Suggs, de Morrison, por exemplo, revisam uma história de inferioridade corporal atribuída para que as diferenças corporais se tornem marcadores de excepcionalidade a serem reivindicados e honrados. Essa ideologia da identidade como particularidade rejeita a implementação cultural da democracia que normaliza a mesmice e estigmatiza a diferença.

Tal estratégia de formação de identidade valida o que chamo de modelo de acomodação de interpretação da deficiência, em oposição ao modelo de compensação anterior. Meu ponto final é que essa apropriação do corpo extraordinário reabilita a narrativa pré-moderna das aberrações maravilhosas ao lançar as mulheres deficientes como monstros maravilhosos politizados (no sentido medieval) cujos corpos singulares carregam as gravuras da história individual e coletiva.

Embora nenhum desses sites culturais ou textuais empregue o termo politizado "deficiência física" que está no centro deste estudo, o show de horrores, essa ficção de reforma sentimental e esses romances liberatórios de mulheres negras, todos participam de várias maneiras na cultura cultural. trabalho de definição do sujeito com deficiência como objeto de diferença visual. Este livro, portanto, inicia o que espero que seja uma conversa animada dentro das humanidades não apenas sobre a construção da deficiência por meio da representação, mas também sobre as consequências políticas decorrentes.

Machine Translated by Google

DOIS

.....

Teorizando a Deficiência

Teoria Feminista, o Corpo e a Figura Deficiente

O Corpo Feminino e o Corpo Deficiente

Muitos paralelos existem entre os significados sociais atribuídos aos corpos femininos e aqueles atribuídos aos corpos deficientes. Tanto o corpo feminino quanto o corpo deficiente são considerados desviantes e inferiores; ambos são excluídos da plena participação na vida pública e econômica; ambos são definidos em oposição a uma norma que se supõe possuir superioridade física natural. De fato, é comum a equação discursiva de feminilidade com deficiência, ora para denegrir as mulheres, ora para defendê-las. Os exemplos abundam, desde Freud delineando a feminilidade em termos de castração até os médicos do final do século XIX definindo a menstruação como um "eterno \Around" incapacitante e restritivo até Thorstein Veblen descrevendo as mulheres em 1899 como literalmente incapacitadas por papéis e figurinos femininos . Mesmo as feministas hoje invocam imagens negativas de deficiência para descrever a opressão das mulheres; por exemplo, Jane Flax afirma que as mulheres são "mutiladas e deformadas" por ideologias e práticas sexistas.[1]

Talvez a associação fundadora da feminilidade com a deficiência ocorra no quarto livro da Geração dos Animais, o discurso de Aristóteles sobre o normal e o anormal, no qual ele refina o conceito platônico de antinomias para que a variedade corporal se traduza em hierarquias do típico e do aberrante.

"[Qualquer um que não puxou aos pais", afirma Aristóteles, "é realmente de certa forma uma monstruosidade, pois nesses casos a Natureza de certa forma se desviou do formada tipo padrão. O primeiro começo desse desvio é quando uma fêmea é genérico . em vez de um homem." Aqui o filósofo, que poderíamos considerar o fundador

Machine Translated by Google

O pai da taxonomia ocidental idealiza corpos para produzir um "tipo genérico" definitivo e aparentemente neutro, juntamente com sua antítese, a "monstruosidade", cujo afastamento de tal "tipo" é um "desvio" profundo. A metáfora espacial de Aristóteles coloca uma certa figura humana, o "tipo genérico", no centro de seu sistema. Na margem externa está a "monstruosidadè", a consequência física de a Natureza ter "se desviado" para um caminho de desvio, cuja primeira parada é o corpo feminino. Aristóteles conjuga, assim, a "monstruosidade" -que hoje chamaríamos de "deficiente congênito"- e o feminino fora da norma definitiva. No Livro Dois, Aristóteles afirma essa conexão entre corpos deficientes e femininos ao afirmar que “a fêmea é como se fosse um macho deformado” ou – como aparece em outras traduções – “um macho mutilado”.

Mais significativo do que a simples fusão de deficiência e feminilidade de Aristóteles é sua declaração de que a fonte de toda alteridade é o conceito de uma norma, um "tipo genérico" contra o qual toda variação física aparece como diferente, derivada, inferior e insuficiente. Essa definição da mulher como um "homem mutilado" não apenas informa representações posteriores da mulher como homem diminuído, mas também organiza a diversidade somática em uma hierarquia de valor que atribui integridade a alguns corpos e deficiência a outros. Além disso, ao definir a feminilidade como desviante e a masculinidade como essencial, Aristóteles inicia a prática discursiva de marcar o que é considerado aberrante enquanto oculta o que é privilegiado por trás de uma afirmação de normalidade. Esta é talvez a operação original da lógica que se tornou tão familiar nas discussões de gênero, raça ou deficiência: a superioridade masculina, branca ou saudável parece natural, indiscutível e não observada, aparentemente eclipsada pela mulher, negra ou diferença d
O que esta passagem deixa mais claro, entretanto, é que sem o corpo monstruoso para demarcar as fronteiras do genérico, sem o corpo feminino para distinguir a forma do masculino, e sem o patológico para dar forma ao normal, as taxonomias do corpo o valor que fundamenta os arranjos políticos, sociais e econômicos entraria em colapso.3 Esse entrelaçamento

persistente de deficiência com feminilidade no discurso ocidental fornece um ponto de partida para explorar a relação da identidade social com o corpo. Como sugere o pronunciamento de Aristóteles, a categoria social da deficiência repousa no significado atribuído ao funcionamento e à configuração corporal, assim como a categoria social da mulher. Portanto, as investigações recentes da teoria feminista sobre o gênero como uma categoria, o papel do corpo na identidade e na individualidade e a complexidade das relações de poder social podem facilmente ser transferidas para uma análise da deficiência. Além disso, aplicar a teoria feminista à análise da deficiência a infunde com a insistência do feminismo na relação entre os significados atribuídos aos corpos pelas representações culturais e as consequências de

Machine Translated by Google

esses significados no mundo. Ao trazer o feminismo para os estudos da deficiência, também sugerirei como a categoria da deficiência pode ser inserida na teoria feminista de modo que as configurações corporais e o funcionamento que chamamos de "deficientes" sejam incluídos em todos os exames feministas de cultura e representação. Esta breve exploração visa, então, começar a alterar os termos dos discursos feJrlinista e da deficiência.

Teoria Feminista e Discurso da Deficiência

A teoria feminista contemporânea provou ser porosa, difusa e, talvez o mais significativo, autocrítica. Assim, não falamos de "feminismos", "conflitos I'4 Histori in feminism", hifenizados" e mesmo "pós-feminismo". Basicamente, o feminismo acadêmico "feminismos combina os direitos civis altamente políticos e os impulsos da política de identidade dos anos 1960 e 1970 com a crítica teórica do pós-estruturalismo à fé humanista liberal no conhecimento, na verdade e na identidade, muitas vezes acrescentando uma insistência na materialidade colhida de pensamento marxista. O foco da conversa feminista mudou dos primeiros debates entre os feminismos liberais e radicais, que se concentravam em alcançar a igualdade, para formulações posteriores de feminismos culturais e ginocêntricos, que destacavam e reabilitavam as diferenças femininas. Mais recentemente, o debate entre aqueles que minimizariam as diferenças para alcançar a igualdade e aqueles que elaborariam as diferenças para valorizar o feminino tem sido complicado por uma interrogação da própria construção de gênero e um reconhecimento de múltiplos eixos de identidade, ambos os quais desafiam profundamente a A própria noção de "mulher" como qualquer insistência de 5 Femin:sln nesse tipo de ponto de referência de política; que a identidade, a subjetividade categoria de identidade unificada. molda a e o corpo são construções culturais a serem questionadas; e que toda representação é política compreendem o meio teórico no qual desejo examinar a deficiência.

As vertentes do pensamento feminista mais aplicáveis aos estudos da deficiência são aquelas que vão além de um foco estreito apenas no gênero para empreender uma ampla crítica sociopolítica das relações de poder sistêmicas e desiguais baseadas em categorias sociais fundamentadas no corpo. O feminismo torna-se, assim, uma perspectiva teórica e uma metodologia que examina o gênero como uma categoria discursiva, ideológica e material que interage, mas não subordina outras identidades sociais ou as particularidades de incorporação, história e localização que informam a subjetividade. Resumindo, os objetivos muitas vezes conflitantes e sempre complexos do feminismo de politizar a materialidade dos corpos e reescrever a categoria da mulher combinam exatamente os métodos que devem ser usados para examinar a deficiência.

Quero estender em uma nova justaposição, então, a associação de deficiência

Machine Translated by Google

e feminilidade com que comecei esta seção. Mas, em vez de simplesmente confundir o corpo deficiente com o corpo feminino, quero teorizar a deficiência da mesma forma que o feminismo teorizou o gênero. Tanto o feminismo quanto minha análise da deficiência desafiam as relações sociais existentes; ambos resistem a interpretações de certas configurações corporais e funcionam como desviantes; ambos questionam as formas como as diferenças são investidas de significado; ambos examinam a aplicação de normas universalizantes; ambos questionam a política da aparência; ambos exploram a política de nomeação; ambos forjam identidades positivas. No entanto, o feminismo formulou esses termos e investigou essas preocupações muito mais profundamente

do que os estudos sobre deficiência.7 A distinção de Eve Kosofsky Sedgwick, por exemplo, entre uma visão "minoritária" e "universalizante" da diferença pode ser aplicada ao discurso De acordo com o híbrido de teoria feminista e queer de SedgV\Tick, minoriza-se a diferença ao imaginar sua importância e preocupações como limitadas a uma população ou área de investigação estreita, específica e relativamente fixa. Em contraste, uma visão universalizante vê as questões que envolvem uma diferença particular como tendo “importância contínua e determinante na vida das pessoas em todo o espectro de [identidades]”. estudos e feminismo para ser. A deficiência (ou gênero ou homossexualidade) seria então reconhecida como estruturando uma ampla gama de pensamento, linguagem e percepção que pode não ser explicitamente articulada como "deficiência". Estou propondo, então, uma visão universalizante da deficiência, mostrando como o conceito de deficiência informa ideologias nacionais como o individualismo liberal americano e o sentimentalismo, bem como identidades afro-americanas e lésbicas. Tais termos da teoria feminista podem ser utilizados para desafiar a suposição persistente de que a deficiência é uma condição auto-evidente de inadequação física e infortúnio privado, cuja política diz respeito apenas a uma minoria limitada.

Um discurso universalizado da deficiência que se baseie no confronto do feminismo com o sistema de gênero requer a compreensão do corpo como um texto cultural que é interpretado, inscrito com significados, de fato, construídos nas relações sociais. Tal perspectiva defende a equidade política ao desnaturalizar a suposta inferioridade da deficiência, lançando-a como diferença em vez de falta. Embora essa perspectiva construcionista faça o trabalho cultural vital de desestigmatizar as diferenças que chamamos de gênero, raça ou deficiência, a lógica do construcionismo ameaça obscurecer os efeitos materiais e históricos dessas diferenças e apagar as próprias categorias sociais que analisamos e reivindicamos como significativo. Assim, a lógica pós-estruturalista que desestabiliza a identidade pode libertar as pessoas marginalizadas da narrativa de inadequação essencial, mas ao mes

Machine Translated by Google

ao mesmo tempo, corre o risco de negar a particularidade de suas experiências.9 O vínculo teórico é que a desconstrução de categorias opressivas pode neutralizar os efeitos das diferenças reais.

Uma política de deficiência não pode, neste momento, no entanto, banir a categoria de deficiência de acordo com a crítica pós-estruturalista da identidade da maneira que algumas feministas defenderam o abandono do conceito de mulher como algo irremediavelmente aprisionador e abstrato. 10 O tipo de acesso a espaços públicos e instituições que as mulheres conquistaram no século XIX e expandiram desde a década de 1960 só foi totalmente obrigatório para pessoas com deficiência pelo Americans with Disabilities Act de 1990, uma ampla lei de direitos civis que está apenas começando ser implementado. E enquanto no movimento em direção à igualdade, raça e gênero são geralmente aceitos como diferenças em vez de desvios, a deficiência ainda é mais frequentemente vista como inadequação corporal ou catástrofe a ser compensada com pena ou boa vontade, em vez de acomodada por mudanças sistêmicas baseadas em direitos civis. Por um lado, então, é importante usar o argumento construcionista para afirmar que a deficiência não é insuficiência corporal, mas surge da interação de diferenças físicas com um ambiente. Por outro lado, a existência particular e histórica do corpo deficiente exige acomodação e reconhecimento. Em outras palavras, as diferenças físicas de usar uma cadeira de rodas ou ser surdo, por exemplo, devem ser reivindicadas, mas não consideradas como falta. 1 1 Tanto o construcionismo quanto o essencialismo, portanto, são estratégias

teóricas de enquadramento do corpo invocadas para fins específicos, como libertar psicologicamente pessoas cujos corpos foram definidos como defeituosos ou facilitar comunidades imaginadas das quais identidades positivas podem emergir. O construcionismo estratégico desestigmatiza o corpo deficiente, relativiza a diferença, desnaturaliza a chamada normalidade e desafia as hierarquias de aparência.

O essencialismo estratégico, ao contrário, valida a experiência e a consciência individual, imagina a comunidade, autoriza a história e facilita a autodenominação. A identidade "deficiente" opera neste modo como uma narrativa pragmática, o que Susan Bordo chama de "uma ficção que melhora a vida" que coloca a realidade de corpos e perspectivas individuais dentro de contextos sociais e históricos específicos.
12 textos.

Imaginando o Discurso Feminista da Deficiência

Mas se a categoria "deficiente" é uma ficção útil, o corpo deficiente inserido em um mundo estruturado para o corpo privilegiado não o é. A deficiência, talvez mais do que outras diferenças, exige um reconhecimento da confusão da variedade corporal,

Machine Translated by Google

com individuação literal correr solta. Como a deficiência é definida não como um conjunto de traços observáveis e previsíveis, como características raciais ou de gênero, mas sim como qualquer desvio de uma norma física e funcional não declarada, a deficiência destaca as diferenças individuais. Em outras palavras, o conceito de deficiência reúne um grupo altamente marcado e heterogêneo cuja única semelhança é ser considerado anormal. À medida que a norma se torna neutra em um ambiente criado para acomodá-la, a deficiência torna-se intensa, extravagante e problemática. A deficiência é o heterodoxo feito carne, recusando-se a ser normalizado, neutralizado ou homogeneizado. Mais importante, em uma era regida pelo princípio abstrato da igualdade universal, a deficiência sinaliza que o corpo não pode ser universalizado. Moldada pela história, definida pela particularidade e em desacordo com seu ambiente, a deficiência confunde qualquer noção de um sujeito físico generalizável e estável. O aleijado diante da escada, o cego diante da página impressa, o surdo diante do rádio, o amputado diante da máquina de escrever e o anão diante do balcão são provas de que a miríade de estruturas e práticas da vida material e cotidiana impõem a padrão cultural de um sujeito universal com uma faixa estreita de variação corporal.

A deficiência, como uma categoria de identidade formal, pode pressionar a teoria feminista a reconhecer a diversidade física de forma mais completa. Talvez o conceito mais útil do feminismo para os estudos da deficiência seja a teoria do ponto de vista, que reconhece o imediatismo e a complexidade da existência física. Enfatizando a multiplicidade de todas as identidades, histórias e corpos das mulheres, esta teoria afirma que as situações individuais estruturam a subjetividade a partir da qual mulheres particulares falam e, de acordo com o [13] receber. desafio do pós-modernismo do ponto de vista objetivo e não situado do Iluminismo, a teoria do ponto de vista feminista reformulou a identidade de gênero como uma matriz complexa e dinâmica de relações inter-relacionadas, muitas vezes contraditórias; experiências, estratégias, estilos e atribuições mediadas pela cultura e pela história individual. Essa rede não pode ser significativamente separada em entidades discretas ou ordenada em uma hierarquia. Reconhecer a natureza particular e complexa da identidade permite que características além de raça, classe e gênero surjam. A teoria do ponto de vista e a prática feminista de situar-se explicitamente ao falar permitem, assim, inflexões complicadas como deficiência ou, mais amplamente, configuração corporal – atribuições como gorda, desfigurada, anormal, feia ou deformada – para entrar em nossas considerações de identidade e subjetividade. Tal desmantelamento da categoria unitária \\Toman permitiu à teoria feminista abranger - embora não sem contestação - tais especializações feministas como, por exemplo, o "pensamento feminista negro" de Patricia Hill Collins ou minhas próprias explorações de um "estudos feministas da deficiência". ."14 Assim como a teoria feminista pode trazer para a teoria da deficiência estratégias para analisar os significados das diferenças físicas

Machine Translated by Google

e identificar locais onde esses significados influenciam outros discursos, também pode ajudar a articular a singularidade e a fisicalidade da identidade.

Uma práxis política feminista para mulheres com deficiência precisa, então, focar às vezes na singularidade e talvez na imutabilidade da carne, e ao mesmo tempo questionar a identidade que ela sustenta. Por exemplo, ao explorar a política de autodenominação, Nancy Mairs reivindica o título de "aleijado" porque exige que os outros reconheçam a particularidade de seu corpo. "Peo pie ... estremece com a palavra 'aleijado'", afirma Mairs. Embora ela retenha o que tem sido um termo depreciativo, ela insiste em determinar ela mesma seu significado: "Talvez eu queira que eles vincem. Eu quero que eles me vejam como um cliente difícil, alguém para quem o destino/deuses/vírus não foi gentil, mas pode enfrentar a verdade brutal de sua existência diretamente. Como aleijado, eu arrojo." Aqui, Mairs não está simplesmente celebrando o termo alteridade ou tentando reverter sua conotação negativa; em vez disso, ela quer chamar a atenção para a realidade material de sua deficiência, para sua diferença corporal e sua experiência disso. Para Mairs, o argumento construcionista social corre o risco de neutralizar o significado de sua dor e sua luta com um ambiente construído para outros corpos. 15

A deficiência, no entanto, é deixada de fora de vários pressupostos feministas convencionais. Por exemplo, enquanto o feminismo condena legitimamente a objetificação sexual das mulheres, as mulheres deficientes muitas vezes encontram o que Harlan Hahn chamou de "objetificação assexual", a suposição de que a sexualidade é inapropriada em pessoas deficientes. Uma mulher que usa uma cadeira de rodas, por exemplo, e também é muito bonita, relata que as pessoas muitas vezes respondem a ela como se essa combinação de características fosse uma notável e lamentável contradição. O julgamento de que o corpo da mulher com deficiência é assexuado e não feminino cria o que Michelle Fine e Adrienne Asch chamam de "ausência de papel", uma invisibilidade social e cancelamento da feminilidade que pode levar as mulheres com deficiência a reivindicar a identidade feminina que a cultura lhes nega. Por exemplo, Cheryl Marie Wade insiste em uma harmonia entre sua deficiência e sua sexualidade feminina em um poema que se caracteriza como "A mulher com suco". defenderia o direito das mulheres de definirem suas diferenças físicas e sua feminilidade por si mesmas, em vez de se conformarem com as interpretações recebidas de seus corpos.

O poema de autodefinição de Lade ecoa Mairs ao afirmar com firmeza que ela "não é uma das deficientes físicas". Em vez disso, ela afirma: "Sou o Gimp / sou o aleijado / sou a louca". Afirmando que seu corpo é ao mesmo tempo sexual e diferente, ela afirma: "Sou um beijo francês com língua fendida". Resistindo à tendência cultural não apenas de apagar sua sexualidade, mas de depreciar e objetificar

Machine Translated by Google

seu corpo, ela se caracteriza como "uma meia no olho com o punho nodoso". Essa imagem do corpo deficiente como um ataque visual, um espetáculo chocante para o olho normal, captura um aspecto definidor da experiência deficiente. Enquanto as feministas afirmam que as mulheres são objetos do olhar masculino avaliador, a imagem de Wade de seu corpo como "uma meia no olho" sutilmente nos lembra que o corpo deficiente é o objeto do olhar. Se o olhar masculino faz da mulher normativa um espetáculo sexual, então o olhar esculpe o sujeito deficiente em um espetáculo grotesco. O olhar é o olhar intensificado, enquadrando seu corpo como ícone do desvio. De fato, como sugere o poema de Wade, o olhar fixo é o gesto que cria a deficiência como uma relação social opressiva. E como toda pessoa com uma deficiência visível sabe intimamente, administrar, desviar, resistir ou renunciar a esse olhar faz parte do cotidiano da vida.

Além disso, as vvornen deficientes às vezes devem se defender contra a avaliação de seus corpos como inadequados para a maternidade ou de si mesmas como objetos infantilizados que ocasionam a virtude de outras pessoas. Enquanto a maternidade é muitas vezes vista como obrigatória para as mulheres, as mulheres com deficiência são muitas vezes negadas ou desencorajadas do papel reprodutivo que algumas pensadoras feministas consideram opressivo. A controversa ética feminista do cuidado também foi criticada por estudiosas feministas da deficiência por minar as relações simétricas e recíprocas entre mulheres deficientes e não deficientes, bem como por sugerir que o cuidado é responsabilidade exclusiva das mulheres. Tornar as mulheres deficientes objetos de cuidado corre o risco de considerá-las indefesas, a fim de celebrar a criação como agência feminina virtuosa. A filósofa Anita Silvers explica que "longe de derrotar os sistemas patriarcais, substituir a ética do cuidado pela ética da

igualdade ameaça um paternalismo ainda mais opressivo". “Os fetos destinados a tornarem-se deficientes devem ser eliminados. As preocupações das mulheres mais velhas, muitas vezes deficientes, também tendem a ser ignoradas pelas feministas mais jovens. 18 Uma das suposições feministas mais difundidas que prejudica a luta de algumas mulheres com deficiência é a ideologia liberal de autonomia e independência que alimenta o impulso mais amplo em direção ao empoderamento feminino. Ao incorporar tacitamente a premissa liberal que nivela as características individuais para postular um sujeito abstrato e desincorporado da democracia, a prática feminista muitas vezes não deixa espaço para as necessidades e acomodações que os corpos das mulheres com deficiência exigem. palavras pontiagudas refletem uma alienação não muito diferente daquela entre algumas mulheres negras e algumas feministas brancas: "Então eu entro em uma sala cheia de feministas, tudo o que elas veem é uma cadeira de rodas".

Machine Translated by Google

todos os outros, incluindo as próprias pessoas com deficiência, absorveram estereótipos culturais.

Feminilidade e Deficiência

Embora eu insista na identidade de mulheres com deficiência mesmo questionando suas fontes, também quero sugerir que uma fronteira firme entre mulheres "deficientes" e "não deficientes" não pode ser significativamente traçada - assim como qualquer distinção absoluta entre sexo e gênero é problemática. A feminilidade e a deficiência estão inextricavelmente entrelaçadas na cultura patriarcal, como ilustra a equação aristotélica de mulheres com homens deficientes. Não apenas o corpo feminino foi rotulado como desviante, mas historicamente as práticas da feminilidade configuraram os corpos femininos de forma semelhante à deficiência. Enfaixamento do pé, escarificação, clitoridectomia e espartilho foram (e são) formas culturais socialmente aceitas, encorajadas e até compulsórias de deficiência feminina que, ironicamente, são socialmente capacitadoras, ao aumentar o valor e o status de uma mulher em um determinado momento em uma sociedade particular. Da mesma forma, condições como anorexia, histeria e agorafobia são, em certo sentido, papéis femininos padrão ampliados para condições incapacitantes, obscurecendo a linha entre o comportamento feminino "normal" e a patologia.21

Os regimes disciplinares da beleza feminina muitas vezes obscurecem as categorias aparentemente evidentes do "normal" e do "patológico". Por exemplo, a prescrição euro-americana do século XIX para a beleza feminina da classe alta - pele pálida, corpo emaciado, olhos arregalados - era um paralelo preciso dos sintomas da tuberculose, assim como o culto à magreza promovido pela moda na indústria de hoje imita a aparência da mulher. doença.22 Em um exemplo semelhante, a iconografia e a linguagem que descrevem a cirurgia plástica contemporânea em revistas femininas persistentemente lançam o corpo feminino não reconstruído como tendo "anormalidades" que podem ser "corrigidas" por procedimentos cirúrgicos que "melhoram" a aparência, produzindo "anormalidades naturais". olhando" narizes, coxas, seios, queixos e assim por diante.23 Esse discurso denomina os corpos não modificados das mulheres como não naturais e anormais, ao mesmo tempo em que classifica os corpos alterados cirurgicamente como normais e naturais. Embora a cirurgia estética seja, em certo sentido, uma extensão lógica das práticas de beleza, como usar maquiagem, fazer permanente ou relaxar o cabelo, clarear a pele e remover o cabelo, ela difere profundamente dessas formas basicamente decorativas de auto-reconstrução: como clitoridectomias e escarificações, ela envolve a mutilação e a dor que acompanham muitas deficiências.

Todas essas práticas não podem, é claro, ser igualadas; no entanto, cada trans forma um corpo infinitamente plástico de maneiras semelhantes aos efeitos da deficiência. As mudanças de embelezamento são imaginadas como escolhas que vão esculpir o feminino

Machine Translated by Google

corpo para que esteja em conformidade com um ideal feminino. As deficiências, ao contrário, são imaginadas como transformações aleatórias que afastam o corpo das formas ideais. Em uma sociedade em que a aparência é o principal índice de valor para as mulheres (e cada vez mais para os homens), as práticas de embelezamento normalizam o corpo feminino e as deficiências o anormalizam. A feminização incita o olhar; deficiência solicita o olhar. A feminização aumenta o capital cultural da mulher; a deficiência a reduz.

Mas, como sugere a equação de Aristóteles de fêmeas com machos mutilados, mesmo o corpo feminino ideal é anormal comparado ao padrão universal do corpo masculino. O feminino normativo – a figura da bela mulher – é o oposto estritamente prescrito do masculino ideal. Se ele deve ser forte, ativo, grande, hirsuto, duro, então ela deve ser fraca, passiva, pequena, sem pelos, macia. O corpo feminino normativo ocupa, então, um papel cultural duplo e paradoxal: é o termo negativo que se opõe ao corpo masculino, mas também é simultaneamente o termo privilegiado que se opõe ao corpo feminino anormal.24 Por exemplo, a obsessão do século XIX com a quantificação produziu uma descrição detalhada da beleza absoluta, apresentada por Havelock Ellis, com uma classificação Darwiniana determinada inteiramente por características físicas e variando da "bela" mulher européia ao que era considerado seu oposto grotesco, a mulher africana. 25 Além disso, o discurso científico concebeu esta escala anatômica de beleza como simultaneamente uma escala de patologia. Quanto mais um corpo feminino se afastava da beleza absoluta, mais "anormal" ele se tornava. Os marcadores dessa patologia indubitável eram traços como pele escura e deficiência física, ou comportamentos como prostituição, muitas vezes ligados a características corporais. Dentro desse esquema, todas as mulheres são vistas como desviantes, mas algumas mais do que outras. Assim, a simples dicotomia de corpo feminino objetificado e sujeito masculino é complicada por outras oposições. De fato, o corpo não feminino e sem beleza define e é definido pelo corpo feminino ideal. Essa figura aberrante da mulher foi identificada de várias formas na história e no discurso como negra, gorda, lésbica, sexualmente voraz, deficiente ou feia. O importante aqui é que o desvio e a consequente desvalorização dessa figura são sempre atribuídos a alguma característica visível que funciona como emblema de sua diferença, assim como a beleza sempre esteve localizada no corpo da mulher feminina.

Como uma manifestação da mulher feia, então, a figura da mulher deficiente rompe paradigmas de oposição. Essa figura cultural da mulher com deficiência, e não a própria mulher com deficiência, é o objeto deste estudo. Como a representação estrutura a realidade, as figuras culturais que nos perseguem muitas vezes devem, como o Anjo da Casa de Virginia Woolf, ser combatidas até o fim.

Machine Translated by Google

chão antes mesmo de uma autodefinição modesta, sem falar na ação política, pode ocorrer. A figura da mulher com deficiência que aqui enfoco é produto de uma triangulação conceitual. Ela é um terceiro termo cultural, definido pelo par original da figura masculina e da figura feminina. Vista como o oposto da figura da linha masculina, mas também imaginada como a antítese da mulher normal, a figura da mulher deficiente é assim posicionada de forma ambígua dentro e fora da categoria de mulher.

Figuras de mulheres com deficiência

Meu propósito aqui é traçar as complexidades que surgem da presença dessas figuras ambíguas de deficientes físicos em textos culturais e literários nos quais, em sua maioria, ocupam posições marginais. Em quase todos os casos, a figura da mulher com deficiência funciona como um símbolo de alteridade, seja positiva ou negativa. A presença dessas figuras marginalizadas, muitas vezes multiplicadas, complica e desequilibra economias narrativas aparentemente estáveis nos textos. No relato de freak sho\vs no capítulo 3, por exemplo, exibições de mulheres deficientes de cor introduzem raça, gênero e etnia no discurso freak, que parece inicialmente se voltar para a simples oposição entre corpos "normais" e "anormais". . Freaks sempre apareceram não apenas como monstros, mas como monstros de gênero e raça.

A complicação provocada pela figura da mulher com deficiência talvez esteja mais clara, porém, nos textos literários aqui examinados. Mudar o foco analítico dos personagens principais e tramas centrais para as mulheres deficientes secundárias, ou mesmo incidentais, revela alinhamentos complexos e tensões ocultas em ação nos textos. No capítulo 4, por exemplo, o aglomerado de ficção sentimental do século XIX coloca uma voz narrativa feminina e uma perspectiva contra um ponto de vista masculino. Se, no entanto, reconhecermos o triângulo do eu cultural implicitamente masculino, a mulher feminina e a mulher deficiente, surgem novas perspectivas. Examinar a oposição que esses romances de reforma social postulam entre a mulher feminina adolescente e a mulher deficiente - entre a heroína de Elizabeth Stuart Phelps, Perley, e sua anti-heroína surda e muda, Catty, por exemplo - revela o emaranhado obscuro dos textos em lib. ideologia individualista geral. Da mesma forma, o discurso principal nos romances afro-americanos do século XX discutidos no capítulo 5 é o da raça. No entanto, como no grupo de textos anterior, examinar a função retórica das figuras deficientes complica a oposição primária entre a cultura negra e a branca sobre a qual giram os romances. Em Tar Baby, de Toni l\1orrison, por exemplo, o empoderamento narrativo da cega Therese deve ser contrastado \\ com o belo J a-

Machine Translated by Google

a perda de poder do jantar para que a crítica social do romance seja totalmente apreendida. Assim, a presença da figura da mulher com deficiência desafia qualquer leitura textual simples que organize posições dominantes e marginais ao longo de um único eixo de identidade, como gênero, raça ou classe.

Análises Socioculturais do Corpo Extraordinário

Teoria do Estigma de Erving Goffman

Como sugeri, a teoria contemporânea mais adequada para examinar a deficiência funde a política de identidade com a interrogação pós-estruturalista de identidade, verdade e conhecimento, coloca suas preocupações no contexto histórico e forma uma análise complexa da relação entre a sociedade e o corpo . . Embora a atenção da teoria feminista ao corpo e à identidade seja útil a esse respeito, para formular satisfatoriamente a teoria da deficiência é necessário invocar vários outros teóricos, embora seu foco principal não seja gênero nem deficiência. Para esclarecer como a representação atribui significado às diferenças físicas que denominamos deficiência, discuto aqui as interseções entre corpo e cultura investigadas por Erving Goffman, Mary Douglas e Michel Foucault, entre outros. Destes, apenas a teoria sociológica do estigma de Goffman aborda diretamente a deficiência; para utilizar o trabalho de Douglas, Foucault e outros, extrapolei como a deficiência poderia ser incluída em suas análises. Este breve levantamento destaca os aspectos das ideias desses teóricos que dizem respeito às formas como o corpo deficiente emerge da cultura.

A análise definitiva de Erving Goffman em 1963 , Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity, expõe uma teoria da estigmatização como um processo social que tenta dar conta de todas as formas do que o estudo anterior de Simone de Beauvoir sobre as mulheres chamou de "alteridade". 26 Apesar de seu título curiosamente insensível e tom perturbadoramente hostil em relação aos seus temas, talvez na tradição do trabalho de Freud-Goffman sustenta o campo nascente de estudos sobre deficiência nas ciências sociais. Como a teoria feminista, a teoria do estigma fornece um vocabulário útil para colocar a deficiência em contextos sociais. Enquanto termos como "alteridade" ou "alteridade" dominam a crítica literária, ambos são limitados para explicar identidades marginalizadas porque são substantivos. Em contraste, o termo "estigma", tomado por Goffman da prática grega de marcar ou marcar escravos e criminosos e de noções cristãs sobre as feridas dos santos, pode assumir muitas formas gramaticais para corresponder aos componentes de um processo social complexo. O verbo transitivo "estigmatizar", por exemplo, sugere um processo tanto com um sujeito quanto com um objeto. Essa flexibilidade semântica pode chamar a atenção

Machine Translated by Google

"estigmatizador", identifica uma instituição que é "estigmatizante", isola um "estigma" como apenas um aspecto de um indivíduo completo e complexo ou descreve pessoas ou características como "estigmatizadas". Alguns psicólogos sociais ampliaram a teoria de Goffman usando o termo "marca" para nomear um traço físico ou comportamental potencialmente estigmatizável. Essa distinção sutil enfatiza a separação entre características ou comportamentos reais e os processos de desvalorização deles.27 Os indivíduos são "marcáveis "por causa de traços particulares, e "marcadores" são aqueles que interpretam certos traços como desviantes. A teoria do estigma, portanto, fornece um meio de rastrear com precisão a produção de "minorias" culturais ou "outros". pessoas, suas características físicas, o que é feito com elas, quem o faz e o que isso significa.

Em essência, a estigmatização é um processo social interativo no qual traços humanos particulares são considerados não apenas diferentes, mas desviantes. É uma forma de comparação social aparentemente encontrada em todas as sociedades, embora as características específicas apontadas variem entre as culturas e a história. O mais importante é que essas desvalorizações sociais são coletivas, parte de um processo de aculturação comunal. A estigmatização cria uma concepção compartilhada, socialmente mantida e determinada de um indivíduo normal, o que antes chamei de normado, esculpido por um grupo social tentando definir seu próprio caráter e limites. Embora qualquer traço humano possa ser estigmatizado, o grupo dominante tem autoridade e meios para determinar quais diferenças são inferiores e perpetuar esses julgamentos.28 Assim, termos como "minoria", "etnia" e "deficiência" sugerem a infusão de certas diferenças com valor negativo. A estigmatização não apenas reflete os gostos e opiniões do grupo dominante, mas também reforça a autodescrição idealizada desse grupo como neutro, normal, legítimo e identificável ao denegrir as características de grupos menos poderosos ou considerados estranhos. O processo de estigmatização, portanto, legitima o status quo, naturaliza atribuições de inferioridade e superioridade inerentes e obscurece a qualidade socialmente construída de ambas as categorias.

Elaborações recentes da teoria do estigma por cientistas sociais investigam a motivação para esse processo social aparentemente universal. Uma explicação fenomenológica sugere que a estigmatização surge do impulso humano de categorizar as diferenças e impor algum tipo de ordem significativa na experiência. Todas as pessoas aparentemente precisam rotinizar suas vidas com esquemas interpretativos, ou o que Alfred Schutz chama de "receitas". que fazem seus mundos parecerem conhecíveis e previsíveis. Mas estigmatizar é mais do que organizar a experiência. No processo complexo, certos traços humanos tornam-se salientes, como as características fisiológicas que usamos para ancorar "sexo", "raça", "etnia" e "incapacidade". Goffman identifica três tipos de características físicas e comportamentais das quais

Machine Translated by Google

os estigmas são geralmente construídos por uma determinada unidade social: primeiro são deficiência física, deformidade ou anomalia; em seguida, estão os comportamentos individuais, como dependência, desonestidade, imprevisibilidade, falta de educação ou boas maneiras ou certos hábitos sexuais; finalmente, raça, religião, etnia ou gênero.29 Hierarquias complexas de status social atribuído são baseadas em tais ações e características.

Goffman refina ainda mais sua análise da estigmatização social ao reconhecer que a maioria das pessoas nesta sociedade possui algum traço estigmatizado em algum grau, tornando o grupo que atende aos critérios estreitos da norma idealizada uma minoria muito pequena. A figura prototípica que a sociedade ocidental constrói como seu ideal e sua norma é o remanescente da humanidade depois que todos aqueles que carregam traços estigmatizados foram removidos. A figura normal que Goffman reconhece - o "jovem, casado, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, pai de educação universitária, totalmente empregado, de boa compleição, peso e altura, e um histórico recente em esportes" que mencionei anteriormente - é uma versão atualizada do indivíduo autocontrolado delineado no discurso americano do século XIX. Ao apontar como poucas pessoas reais se ajustam a essa descrição, Goffman revela a natureza ilusória e ideológica da posição do sujeito normativo. É uma imagem que domina sem substância material, uma "maioria" fantasma oposta a uma "minoria" avassaladora e igualmente ilusória.

A questão implícita subjacente à teoria do estigma é por que as diferenças dentro dos grupos sociais não são simplesmente percebidas sem valores atribuídos. Enquanto a teoria pós-estruturalista postula que a oposição binária é sempre hierárquica, os cientistas sociais tendem a fundamentar as explicações em dados sobre as práticas sociais. Uma abordagem histórica, por exemplo, afirma que os pais, as práticas institucionais e várias formas de arte e meios de comunicação inculcam a estigmatização entre gerações e geografias. No nível individual, explicações motivacionais ou psicológicas sugerem que projetar sentimentos e impulsos inaceitáveis em membros de grupos menos poderosos estabelece identidade e aumenta a auto-estima. Independentemente da causa, uma prática humana tão difundida, se não universal, vai contra a ideologia da democracia liberal da modernidade.

A teoria do estigma é útil, então, porque desvenda os processos que constroem tanto o normativo quanto o desviante e porque revela os paralelos entre todas as formas de opressão cultural enquanto ainda permite que identidades desvalorizadas específicas permaneçam à vista. Ressitua essencialmente o "problema" da deficiência do corpo da pessoa com deficiência para o enquadramento social desse corpo. Finalmente, a teoria do estigma nos lembra que os problemas que enfrentamos não são deficiência, etnia, raça, classe, homossexualidade ou gênero; são, ao contrário, as desigualdades, atitudes negativas, deturpações e práticas institucionais que resultam do processo de estigmatização.

Machine Translated by Google

"Matéria fora do lugar": o conceito de sujeira de Mary Douglas

A antropóloga Mary Douglas também aponta para padrões culturais que mostram como a categoria de deficiência opera. Em seu estudo clássico, Pureza e perigo: uma análise dos conceitos de poluição e tabu, Douglas especula sobre a relatividade da sujeira de maneiras que podem ser aplicadas ao significado cultural da deficiência. Sujeira, ela observa, é "matéria fora do lugar... o subproduto de uma ordenação e classificação sistemática da matéria, na medida em que ordenar envolve rejeitar elementos apropriados". legitimações recentes para o conceito de sujeira como contaminante cultural. A sujeira é uma anomalia, um elemento discordante rejeitado do esquema que os indivíduos e as sociedades usam para construir um mundo estável, reconhecível e previsível.32 Pode-se combinar Douglas e Goffman para afirmar que os estigmas humanos funcionam como sujeira social.

Essa intolerância cultural da anomalia é um dos temas mais difundidos no pensamento ocidental. Um exemplo é a Poética de Aristóteles , documento fundador da crítica literária ocidental, em que os esquemas que chamamos de "probabilidade" e "racionalidade" delimitam a trama trágica, determinando quais elementos podem ser devidamente incluídos e quais não cabem. Para que a trama seja unificada, requisito essencial de Aristóteles, as anomalias devem ser excluídas. Outro exemplo particularmente vívido dessa antipatia pela diferença ocorre na teoria estética de Kant, "Crítica do juízo", em uma discussão extremamente abstrata sobre a beleza. Kant afirma que as cores são belas apenas se forem "puras", apenas se exibirem uma "uniformidade [que] é perturbada e interrompida por nenhuma sensação estranha". Consequentemente, Kant acredita que as cores simples são belas e as cores compostas não. Tal definição de beleza é paralela à concepção de pureza de Douglas como a ausência de sujeira, o elemento anômalo. Tais sistemas de valores abstratos que estruturam os elementos em puros e corruptos, legítimos e ilícitos, podem ser facilmente transformados na ideologia da pureza racial humana que considera algumas pessoas impuras, feias ou inadequadas. 33

A interpretação de Douglas da sujeira como anomalia, como o extraordinário, pode ser estendida ao corpo que chamamos de "deficiente", bem como a outras formas de marginalização social. Como a sujeira, toda deficiência é, em certo sentido, "matéria fora de lugar" em termos de estruturas interpretativas e expectativas físicas que nossa cultura compartilha. A deficiência física visível está fora do sistema de ordenamento normativo e só pode ser incluída e compreendida sob as classificações de Douglas de "aberrantes" ou "anômalas", categorias que acomodam o que não se encaixa no espaço do ordinário.34 Douglas não inclui a deficiência em sua a teoria, embora ela se refira ao infanticídio comum de recém-nascidos deficientes congênitos como um exemplo de como as culturas não lidam com a anomalia. No entanto,

Machine Translated by Google

especulações sugerem que a deficiência é a interpretação social sistemática de alguns corpos como anormais, em vez de quaisquer características físicas reais. Douglas reconhece que a cultura medeia toda a experiência individual, impondo sistemas de percepção que não são facilmente revistos. Ela observa ainda que todas as sociedades devem aceitar as anomalias que seus esquemas produzem. Porque as culturas não toleram tais afrontas às suas narrativas comunitárias de ordem, o que emerge de um dado contexto cultural como anomalia irremediável traduz-se não como diferença neutra, mas como poluição, tabu, contágio. Ao avaliar esse processo, Douglas discute cinco maneiras pelas quais as culturas lidam com o extraordinário. Essas estratégias correspondem geralmente à maneira como nossa cultura enquadra e responde à deficiência.

Primeiro, os grupos sociais podem reduzir a ambigüidade atribuindo o elemento anômalo a uma ou outra categoria absoluta. Semelhante a outros sistemas dualistas, como gênero e raça, a dicotomia deficiente/apto classifica as pessoas por meio da interpretação de características físicas que, na verdade, são menos facilmente categorizadas do que o sistema admite. Por exemplo, embora as deficiências reais geralmente afetem partes específicas do corpo ou funções físicas, uma diferença específica classifica uma pessoa inteira como "deficiente" mesmo que o resto do corpo e suas funções permaneçam "normais". De acordo com esse "status mestre" totalizante, a característica desviante supera todos os outros aspectos não marcados de uma pessoa. " ou um dos "deficientes".

Instituições como os sistemas jurídicos impuseram tais classificações dicotômicas em nome tanto da justiça quanto da discriminação. De fato, tão poderoso é o imperativo cultural de estruturar a experiência com categorias absolutas que figuras que aparentemente desafiam a classificação – como mulatos, malucos, travestis, bissexuais e outros híbridos – provocam ansiedade, hostilidade ou pena e são sempre rigorosamente policiadas. 36 A rigidez da ordem social atesta a ameaça desestabilizadora da ambigüidade, bem como a qualidade artificial e construída de todas as identidades sociais.

Douglas identifica a segunda solução cultural para a anomalia como eliminação. Ela observa com ironia que, se os pescoços dos galos que cantam à noite são "torcidos prontamente, eles não vivem para contradizer a definição de um galo como um pássaro que canta ao amanhecer". Esse princípio que Douglas oferece tão casualmente torna-se muito mais problemático quando aplicado a pessoas com deficiências. Tanto o movimento eugênico moderno, que surgiu na comunidade científica de meados do século XIX , quanto sua contraparte atual, a tecnologia reprodutiva projetada para prever e eliminar fetos "defeituosos", revelam a determinação de erradicar as pessoas com deficiência. Enquanto a retórica afirma que tais procedimentos

Machine Translated by Google

acabar com a deficiência, a realidade muitas vezes é que as pessoas com deficiência são eliminadas. A eugenia, "a ciência de melhorar o estoque", era um campo respeitado que promoveu com sucesso leis de esterilização obrigatória nos Estados Unidos, bem como a Lei de Restrição à Imigração de 1924, ambas as quais refletiam temores de que as "melhores" pessoas seriam superados em número por seus "inferiores" físicos ou mentais. A noção de aperfeiçoamento e seu conceito concomitante de degenerescência dependem dos valores de autonomia e produtividade incluídos no individualismo liberal, bem como do idealismo platônico que é nossa herança ocidental. De fato, Ronald Walters argumenta que o pensamento eugênico foi uma manifestação secular do esforço de reforma do século XIX para aperfei Eliminar as pessoas com deficiência como elementos sociais discordantes é a extensão lógica de uma ideologia que valoriza o progresso nacional e individual em direção à autossuficiência, autogestão e autossuficiência, um ponto ao qual

retornarei.37 Uma terceira resposta cultural que Douglas reconhece é "evitar coisas anômalas". Historicamente, as pessoas com deficiência foram, em sua maioria, segregadas individualmente ou em grupos. Grande parte da análise de Michel Foucault sobre o sujeito moderno revela a maneira como os indivíduos marginalizados – como as pessoas com deficiência – foram incluídos, excluídos e regulados. As sociedades codificam seus preconceitos coletivos na legislação de segregação, como as "leis feias" dos séculos XIX e XX que proibiam pessoas com deficiências visíveis de aparecerem em locais públicos.38 Da mesma forma, asilos e asilos que floresceram na América do século XIX forneciam custódia segregação como ajuda limitada para pessoas com deficiência. Talvez a forma mais duradoura de segregação seja a econômica: a história da mendicidade é virtualmente sinônimo da história da deficiência. IV1 Grande parte da legislação americana sobre deficiência tentou resolver essa confusão, denominada por Tom Compton de "complexo vagabundo/mendigo aleijado". tantas vezes coincidem e reforçam a marginalização baseada em características físicas.

A segregação, apesar de suas desvantagens, pode forjar o senso de comunidade do qual emerge a consciência politizada e o nacionalismo. Embora haja um intenso debate sobre os méritos e perigos do nacionalismo racial ou de gênero versus assimilação, a solidariedade resultante do separatismo estratégico muitas vezes leva ao ativismo político e desafia as atitudes sociais. Como as pessoas com deficiência tendem a se espalhar entre os não-deficientes, a unidade política e a conscientização surgiram principalmente como resultado da segregação tradicional ou da segregação autoimposta que muitas vezes acompanha a política de identidade positiva. A altamente politizada comunidade surda, por exemplo, surgiu da segregação

Machine Translated by Google

escolas fechadas para surdos. O movimento de vida independente também deve em parte sua existência à prática de educação segregada e institucionalização. 40 Douglas sugere que um quarto método que os grupos sociais usam para lidar com a anomalia é rotulá-la de perigosa. Tanto a segregação quanto a eliminação são práticas sociais e políticas baseadas em parte na interpretação da deficiência física como não apenas anômala, mas perigosa, de fato contaminante, como sujeira. Douglas aponta que, embora uma resposta individual à anomalia possa ser bastante complexa, as crenças públicas tendem a reduzir a dissonância entre as respostas individuais e a promover uma conformidade que encontra expressão em instituições sociais mais amplas. Conseqüentemente, a anomalia muitas vezes se torna sinônimo de perigo e mal. Em nenhum lugar isso é mais claro do que nos usos simbólicos da deficiência na literatura e no cinema. Esse ícone onipresente de anomalia física, o monstro , exemplifica a preocupação da cultura com a ameaça do corpo diferente. , Hop Frog de Poe e Dr. Strangelove de Stanley Kubrick. Como os monstros que são seus primos fantásticos, personagens deficientes com poder quase sempre representam uma força perigosa desencadeada na ordem social, como atestado pelo vilão armado de Flannery O'Connor, Tom Shiftlet, em "The Life You Save May Be Your Orn, O primo corcunda de Carson McCullers, Lymon Willis, de "The Ballad of the Sad Cafe", o aleijado Peter Doyle, de Nathanael vVest, de L'iss Lonelyhearts, e o corcunda Roger Chillingworth, de Hawthorne, de The Scarlet Letter. , perigo profundo, a resolução narrativa é quase sempre conter essa ameaça matando ou desempoderando o personagem deficiente. A lógica que rege essa narrativa cultural, então, é que eliminar a anomalia neutraliza o perigo.

A interpretação da deficiência como um sinal de mal ou pecado é explicada de outra maneira pela teoria do "mundo justo" de l\1elvin Lerner. De acordo com Lerner, a necessidade humana de ordem e previsibilidade dá origem a uma crença de que as pessoas recebem o que merecem ou que \Não as coisas são como deveriam ser. Tal teoria dá conta não apenas das normas que estabelecem a justiça, mas também do julgamento das diferenças. É a lógica da teodicéia: se algo "ruim" - como ter uma deficiência - acontece com alguém, então deve haver alguma razão "boa" - como justiça divina ou moral - para sua ocorrência. Essa forma perturbadora de pensar ganhou muita força e legitimidade com a pseudociência darwiniana social do século XIX, especialmente Herbert Spencer e a aplicação de seus discípulos americanos da evolução lamarckiana às relações sociais. Embora essa doutrina forneça uma salvaguarda psicológica contra a intolerável aleatoriedade da experiência, ela resulta na culpabilização da vítima e na criação de bodes expiatórios para aqueles “que são diferentes”.

Machine Translated by Google

diferente. Como a deficiência é uma condição tão contingente, ela pode inspirar o tipo de ansiedade que um conceito de "mundo justo" é mais adequado para aliviar. Não apenas qualquer pessoa pode ficar incapacitada a qualquer momento, mas a dor, o dano corporal ou a deficiência às vezes associada à deficiência fazem com que pareça uma ameaça incontida para aqueles que se consideram normais. A crença de que as pessoas com deficiência são simplesmente os perdedores em algum grande esquema competitivo ou a convicção outrora aceita de que a masturbação causava cegueira atestam a prevalência de suposições do mundo justo sobre a deficiência.43 Talvez a suposição atual mais infeliz do mundo justo seja que A AIDS é um julgamento moral sobre homossexuais e usuários de drogas intravenosas.

Corpos deficientes também podem parecer perigosos porque são percebidos como fora de controle. Eles não apenas violam as normas físicas, mas, por parecerem e agirem de forma imprevisível, ameaçam interromper o comportamento ritualizado sobre o qual giram as relações sociais.44 O corpo descontrolado não desempenha tipicamente as funções cotidianas exigidas pelos códigos elaboradamente estruturados de comportamento social aceitável. Cegueira, surdez ou gagueira, por exemplo, perturbam a complexa teia de trocas sutis da qual dependem os rituais de comunicação. vCadeira de rodas ou paralisia requerem diferentes coreografias ambulatórias. Além disso, o corpo deficiente transgride os códigos de trabalho e autonomia do individualismo ao adotar padrões que diferem da norma, outro ponto que discutirei com mais detalhes posteriormente.

O método do mundo secular moderno de rotular a deficiência como perigosa é denominá-la patológica, em vez de má ou imoral. O ensaio de Freud sobre "As exceções", por exemplo, rotula as pessoas com deficiência como psicologicamente patológicas. Confundindo os eus interior e exterior, Freud conclui que as "deformidades de caráter" são resultados da incapacidade física. De fato, a deficiência foi quase totalmente subsumida na América do século XX sob um modelo médico que patologiza a deficiência. Embora a interpretação médica salve a deficiência de suas associações anteriores com o mal, a diferença patologizada está repleta de suposições de desvio, relacionamentos paternalistas e questões de controle. 45 O quinto e último tratamento

cultural da anomalia observado por Douglas é incorporar os elementos anômalos em rituais “para enriquecer o significado ou chamar a atenção para outros níveis de existência”. do extraordinário. Mencionarei brevemente aqui dois dos vários teóricos que expandem a ideia de Douglas explorando o potencial da anomalia para alterar padrões culturais, embora nenhum deles discuta especificamente a deficiência. Em A estrutura das revoluções científicas, Thomas S. Kuhn revisa a narrativa da descoberta científica incremental traçando o papel da anomalia na compreensão científica. O que

Machine Translated by Google

Kuhn chama de "ciência normal" encontra coerência e unanimidade ao excluir o extraordinário de seus paradigmas, ao suprimir "novidades fundamentais porque são necessariamente subversivas de seus compromissos básicos". expectativas científicas e argumenta que, quando tais fenômenos excepcionais se acumulam ou se tornam tão atraentes que não podem mais ser descartados, sua presença força uma mudança nos paradigmas científicos, de modo que um novo conjunto de crenças emerge.

A visão de Kuhn sobre o poder do extraordinário para perturbar a ordem ascendente é ecoada pela noção de Mikhail Bakhtin de que o corpo grotesco como carnavalesco rompe o status quo e inverte as hierarquias sociais. Enquanto Kuhn vê a anomalia como uma subversão da classificação científica, Bakhtin postula o carnava lesque como um uso ritualístico do corpo extraordinário para perturbar a ordem social. De acordo com Bakhtin, a figura carnavalesca - talvez sua versão da figura deficiente - representa "o direito de ser 'outro' neste mundo, o direito de não fazer causa comum com nenhuma das categorias existentes que a vida disponibiliza; nenhum O conceito de Bakhtin do corpo desordenado como um desafio à ordem existente sugere o potencial radical que o corpo deficiente como signo para a diferença pode possuir dentro da representação. A figura carnavalesca bakhtiniana frequentemente aparece em análises críticas do grotesco como uma categoria estética liminar que permite representações radicais por categorias transversais e transgressoras.49 Imaginar a anomalia e o grotesco como agentes capazes de reconstituir discursos culturais sugere a possibilidade de interpretar tanto a sujeira quanto a deficiência não como anormalidades desconfortáveis ou ambigüidades intoleráveis, mas sim como portadores autorizados de uma nova visão da realidade. Além disso, como a figura do deficiente sempre representa o extraordinário, tais interpretações abrem caminho para que possamos imaginar narrativas de deficiência física diferentes do desvio e da anormalidade. De fato, argumento nos capítulos seguintes que, em locais específicos de representação, as figuras deficientes operam em vários graus como desafios ao status quo cultural, introduzindo questões e perspectivas com potencial para reconfigurar a ordem social.

Historicizando o corpo deficiente: os “corpos dóceis” de Michel Foucault

Enquanto Goffman e Douglas oferecem análises relacionais que nos ajudam a situar a deficiência em um contexto social, as especulações de Michel Foucault sobre a constituição do sujeito moderno trazem para a deficiência a noção de mudança histórica que tanto Coffman quanto Douglas omitem. A concepção de Foucault sobre as maneiras como o poder embutido nas práticas cotidianas estrutura os sujeitos sugere como

Machine Translated by Google

a classificação e a estigmatização – que podem de fato ser universais, como afirmam os sociólogos – são, no entanto, complicadas pela história. Enquanto a teoria do estigma de Coffman ilumina o contexto moderno da deficiência, a teoria de Foucault da mudança do século XVIII para um conceito de corpo moderno, iluminista e baseado na razão apóia outras leituras e tratamentos do corpo deficiente.

Argumentando que o sujeito moderno surgiu na era neoclássica, como discurso e instituições solidificadas para reproduzir novas relações sociais de dominação e subordinação, Foucault afirma em Vigiar e Punir que a sociedade feudal se transformou em um “regime disciplinar” que controlava sistematicamente o corpo como a preocupação com sua operação eficiente e sua utilidade final aumenta. Esse conceito de "corpos dóceis" produz as rígidas taxonomias tão fundamentais para o projeto da ciência e da medicina ocidentais dos séculos XIX e XX de distribuir as características humanas em relações discretas e hierárquicas umas com as outras. 50 Práticas arquitetônicas, pedagógicas e médicas manipulavam o corpo, gerando e reforçando a imagem cartesiana de um indivíduo como uma máquina separada, isolada e eficiente cujo objetivo era o autodomínio. Tal concepção utilitária do corpo, incitada pela crise econômica, levou, no século XVII, ao que Foucault chama em Loucura e Civilização o "Criativo Confinamento" de mendigos, pobres e ociosos em hospitais. Esses hospitais não eram, entretanto, instalações médicas, mas asilos de pobres, instituições estabelecidas pela aristocracia e pela burguesia para segregar, assistir e punir uma grande "massa indiferenciada" de pessoas economicamente improdutivas, os fracassos ostensivos de autodomínio. A preocupação em separar os "pobres doentes" dos mendicantes economicamente úteis deu origem, no século XVIII, a uma ideologia dominante de saúde e bem-estar físico como dever cívico e objetivo político. A medicina, então, administrada por médicos, impunha o que Foucault denomina em Poder/Saber uma “política de saúde”, racionalizada pela higiene e voltada não para a ajuda, mas para a contenção por meio da “cura”. corpo e o corpo patológico, focado em disciplinar todos os corpos em nome da melhoria. Essa visão instrumental do corpo como uma máquina produtiva e bem operante produziu a ideia de uma norma, que Foucault chama de "nova lei da sociedade moderna" e um "princípio de coerção", usado para medir, classificar e regular os corpos humanos . 52

A explicação histórica de Foucault da norma como um conceito exclusivamente moderno nos leva ao limiar da teoria do estigma, às hierarquias opressivas da aparência física. Enquanto os relatos transhistóricos e transculturais de Coffman e Douglas naturalizam a norma, Foucault apresenta agressivamente a norma como coerciva e punitiva ao conectá-la não apenas a desvalorizar atitudes sociais, mas a instituições sociais legitimadas por concepções históricas.

Machine Translated by Google

de desvio. Foucault, no entanto, nunca menciona especificamente as pessoas com deficiência em sua análise. Embora muitos indigentes tivessem deficiências físicas, ele nunca faz distinções entre eles. S3 VVe pode, no entanto, extrapolar da teoria de Foucault que a identidade social moderna dos "deficientes" emergiu das mudanças que ele mapeia e que surgiu em conjunto com seu oposto: o indivíduo abstrato, auto-suficiente e autônomo.

A sugestão de Foucault de que o indivíduo moderno é determinado por sua própria particularidade é o insight mais útil para meus propósitos aqui. Enquanto na sociedade pré-moderna, marcadores de individualização indicavam poder e privilégio, na sociedade moderna, uma norma não marcada é o ponto de referência. Os que mais se afastam do padrão normativo são os mais subordinados. A brancura, por exemplo, é oculta e neutra, enquanto a negritude carrega o fardo da "raça". Essas diferenças são marcantes também no vestuário dos homens aristocráticos pré e pós-iluministas. Antes do século XIX, uma série de detalhes ornamentados – coroas, cetros, insígnias, insígnias, perucas – distinguiam os indivíduos poderosos das massas inferiores indiferenciadas. Hoje, no entanto, o poder masculino é trajado em ternos e gravatas indistinguíveis e indistinguíveis, enquanto a alteridade é elaboradamente visível, seja marcada pelo terno listrado do prisioneiro, pela braçadeira com a estrela de David ou pelo vestido ornamentado e salto alto da mulher. A teoria de Foucault prevê, assim, a posição do poder e do privilégio no centro da teoria do estigma de Goffman: o S4 não marcado e cria a ilusão de meritocracia.No entanto, a prototípico. de neutralidade que visível não-particularidade do poder é seu marcador na sutil economia de exibição que sinaliza status na modernidade.

Embora a deficiência tenha sido historicamente vista como uma desvantagem ou uma maldição, nos tempos modernos, marcadores de individuação, como deficiência física, tornam a pessoa um "caso" sobre o qual . poder é exercido. Mas a deficiência poderia ter sido lida mais facilmente em uma sociedade pré-moderna como uma marca distintiva de poder e prestígio, enquanto na era moderna o desempoderamento é marcado por estigmas visíveis. De fato, Harlan Hahn oferece evidências arqueológicas sugerindo que as pessoas com deficiência podem ter tido grande consideração em culturas anteriores. As feridas estigmáticas dos santos, a claudicação de Édipo e Sócrates, a cegueira de Tirésias e Homero e a ferida de Filoctetes certamente parecem funcionar como marcas enobrecedoras, e não como sinais de uma anormalidade decrescente como as do "aleijado" moderno. A particularidade deslocada na modernidade, então, desafia a definição de deficiência como uma corrupção da norma. Tais especulações nos permitem vislumbrar interpretações do extraordinário corpo humano além do desvio e da inferioridade.

Machine Translated by Google

Tomados em conjunto, a análise de Coffman da deficiência conforme definida pelas relações sociais, as observações de Douglas sobre as respostas culturais à anomalia e o delineamento histórico de Foucault da norma moderna como não marcada revelam a figura do deficiente físico como uma construção social cultural e historicamente específica. Essa estrutura crítica ajuda a situar a figura deficiente dentro das ideologias americanas do individualismo liberal e do imperativo moral do trabalho e ilumina como a figura deficiente opera na literatura.

A Figura Deficiente e a Ideologia do Individualismo Liberal

O Inválido de Emerson e a Doutrina da Autossuficiência

Na inovadora etnografia do antropólogo Robert Murphy sobre sua própria deficiência, The Body Silent, ele enfatiza que a evitação, o desconforto e a desvalorização dos outros em relação a ele resultaram em uma perda de status e uma ferida em sua autoimagem tão devastadora quanto sua recente paraplegia. A deficiência, observa Murphy, "é uma doença social... Somos subversores de um ideal americano, assim como os pobres são traidores do sonho americano".56 lV1urphy vai além do simples reconhecimento das dimensões sociais da deficiência para examinar o papel crucial da figura deficiente em estabelecer os limites do eu americano normal.

Como os pobres, afirma lVlurphy, as pessoas com deficiência são feitas para significar o que o resto dos americanos teme que se tornem. Carregado de ansiedades sobre a perda de controle e autonomia que o ideal americano repudia, "os deficientes" tornam-se uma presença ameaçadora, aparentemente comprometida pelas particularidades e limitações de seus próprios corpos. Moldada por uma narrativa de inadequação somática e representada como um espetáculo de singularidade errática, a figura deficiente delineia a correspondente figura cultural abstrata do indivíduo padronizado e autogovernado que emerge de uma sociedade informada pelo consumismo e pela mecanização. Lançado como uma das figuras definitivas do "não eu" da sociedade, o outro deficiente absorve elementos rejeitados desse eu cultural, tornando-se um ícone de toda vulnerabilidade humana e permitindo que o "Ideal Americano" apareça como mestre tanto do destino quanto do eu. Ao mesmo tempo familiarmente humano, mas definitivamente outro, a figura deficiente no discurso cultural assegura ao resto da cidadania quem eles não são, ao mesmo tempo em que desperta suas suspeitas sobre quem eles poderiam se tornar.[57]

Testemunhe, por exemplo, uma breve, mas exemplar, invocação da figura deficiente na retórica de Ralph Waldo Emerson sobre a "autossuficiência". "E agora nós somos..." \vrites homens Emerson na versão de 1847 , "não menores e inválidos em um canto protegido, não covardes fugindo de uma revolução, mas guias, redentores e benfeitores, obedecendo ao esforço Todo-Poderoso, e avançando em

Machine Translated by Google

Chaos and the Dark." Usando a figura deficiente novamente em seu ensaio posterior "Fate", Emerson menospreza os conservadores ao caracterizá-los como "efeminados por natureza, mancos e cegos de nascença" e capazes "apenas, como inválidos, [de] agir na defensiva". Os estudiosos observaram que a elaboração de Emerson do individualismo liberal como uma forma desencarnada e neoplatônica de masculinidade depende de sua construção e fuga de uma feminilidade oposicional e denegrida sobre a qual ele projeta um medo não apenas de dependência e carência, mas também do que David Leverenz chama de "os perigos do corpo".58 O que passou despercebido, entretanto, é a invocação de Emerson de "inválidos" como uma categoria relacionada de alteridade que constitui mutuamente seu eu liberal. Ao contrário dos supostamente invioláveis "homens" reais, que agem como "guias, redentores e benfeitores" capazes de "avançar", os "inválidos" depreciados e estáticos de Emerson são banidos "em um canto protegido", junto com "menores" e , presumivelmente, \\70men. Os "cegos", os "parados" e os "inválidos" que Emerson convoca para definir o indivíduo liberal por oposição são, acima de tudo, ícones de vulnerabilidade corporal. O corpo "inválido" é a impotência manifestada. Ao excluir a figura deficiente de sua definição do "homem" universal, Emerson revela a suposição implícita de uma norma física excludente incorporada ao ideal de um eu individual autônomo. Com o espectro da vulnerabilidade física exilado em “um canto protegido junto com o feminino, o “homem” naturalizado de Emerson emerge como o “Ideal Americano” de Murphy, desimpedido pela limitação física que a história e a contingência impõem às vidas reais.

A justaposição de Emerson de um eu cultural irrestrito com um outro mudo frustrado por limites físicos expõe o problema do corpo dentro da ideologia do individualismo liberal. O "ideal americano" postulado pelo individualismo liberal é estruturado por um autoconceito de quatro partes que é profundamente ameaçado pelo que Richard Selzer chamou de "lições mortais" que a deficiência representa.59 Os quatro princípios ideológicos inter-relacionados que informam essa norma O eu pode ser caracterizado como autogoverno, autodeterminação, autonomia e progresso. Essa autoimagem é paralela ao ideal nacional em uma democracia igualitária individualista em que cada cidadão é um microcosmo da nação como um todo. Assim, um eu bem regulado contribui para uma nação bem regulada. No entanto, esses quatro princípios dependem de um corpo que é um instrumento estável e neutro da vontade individual. É essa fantasia que a figura deficiente perturba.

Para meus propósitos aqui, é útil separar esses princípios nacionais e individuais do eu para examinar como cada um confia na figura deficiente para absorver o que ela recusa.

A democracia igualitária exige autogoverno individual para evitar a anarquia. Um sistema no qual indivíduos fazem leis e escolhem líderes depende

Machine Translated by Google

sobre os indivíduos que governam suas ações e seus corpos, assim como eles governam o corpo social. Consequentemente, a figura deficiente é uma construção única e perturbadora entre os outros culturais opostos ao eu americano ideal. Talvez seja mais fácil estabelecer diferenças com base em marcadores corporais relativamente estáveis, embora altamente policiados, como características de gênero, etnia e raça, do que distanciar a deficiência. O caráter indiscutivelmente aleatório e imprevisível da deficiência traduz-se como uma terrível desordem e uma ameaça persistente em uma ordem social baseada no autogoverno. Além disso, a instabilidade física é a manifestação corporal da anarquia política, do impulso antinomiano que é a extensão ameaçadora, mas lógica, da democracia igualitária. A noção do corpo como instrumento complacente da vontade ilimitada e aparece na imaginação cultural como ingovernável, recalcitrante, ostentando sua diferença como que para refutar a fantasia de igualdade implícita na noção de igualdade. Ainda mais preocupante, a deficiência sugere que o outro cultural está adormecido dentro do eu cultural, ameaçando transformações abruptas ou graduais de "homem" para "inválido". A figura deficiente é o estranho em nosso meio, dentro da família e potencialmente dentro de si mesmo.

Assim como o princípio do autogoverno exige um corpo regulado, o princípio da autodeterminação requer um corpo complacente para garantir um lugar no reino socioeconômico ferozmente competitivo e dinâmico. A ideia de autodeterminação coloca uma pressão tremenda sobre os indivíduos para que se sintam responsáveis por suas próprias posições sociais, situações econômicas e relações com os outros. Entre as classes médias emergentes do século XIX, de quem as afiliações de grupos tradicionais foram cortadas, o desejo de identidade produziu uma conformidade que se expressou em uma intolerância às diferenças - precisamente aquelas distinções que a liberdade encorajava. Como a democracia impedia antigas alianças de classes e continuidades geracionais, as pessoas tinham apenas umas às outras para modelar a si mesmas. Em 1835, Tocqueville notou essa tendência de se conformar, observando que “todas as mentes dos americanos, foram formadas sobre um modelo, tão precisamente seguem a mesma rota”. encoraja uma uniformidade que estabiliza as ameaças de anarquia, reforçando a conformidade e punindo a diferença. Assim, o paradoxo da democracia é que o princípio da igualdade implica igualdade de condição, enquanto a promessa de liberdade sugere o potencial de singularidade. Esse potencial representou para muitos americanos um mandato de distinção - o tipo de inconformidade que Emerson e Thoreau exaltam com tanta veemência em seus esforços para formular um eu individual livre de todas as restrições.

Machine Translated by Google

O que muitas vezes não é declarado é o papel crucial do corpo nessa paradoxal ideologia de autodeterminação. Por exemplo, a preocupação do século XIX com a saúde, especialmente a obsessão com funções corporais como eliminação, limpeza e o que CJ Barker-Benfield chama de "retenção espermática" pode ser vista como uma expressão física de pressões para controlar o eu corpóreo. Além disso, a retórica do inconformismo e da antiautoridade coexistiu com o desenvolvimento de bens produzidos em massa e a padronização da aparência por meio de imagens reprodutíveis, incentivando a uniformidade do estilo de vida que serve ao consumo moderno e à cultura mecanizada.62 A figura deficiente fala dessa tensão entre singularidade e uniformidade. Por um lado, a figura deficiente é um signo para o corpo que se recusa a ser governado e não consegue realizar a vontade de autodeterminação. Por outro lado, o corpo extraordinário é a encarnação do inconformismo. Em certo sentido, então, a figura deficiente tem o potencial de inspirar com sua individualidade irreverente e ameaçar com sua violação da igualdade. De fato, argumento no próximo capítulo que parte do fascínio que o show de horrores exercia sobre os americanos do século XIX era essa duplicidade inerente ao corpo extraordinário.

Assim como o eu ideal da cultura dominante exige que as figuras ideológicas da mulher confirmem sua masculinidade e do negro assegurem sua branquitude, o eu atomizado de Emerson exige um gêmeo oposto para assegurar sua corporeidade capaz. A aberração, o aleijado, o inválido, o deficiente – como o quadroon e o homossexual – são produtos representacionais e taxonômicos que naturalizam uma norma composta por traços e comportamentos corporais aceitos que registram poder e status sociais. Assim traduzida, a diferença física produz um ícone cultural que significa integridade violada, incompletude ilimitada, particularidade não regulamentada, subjugação dependente, intratabilidade desordenada e suscetibilidade a forças externas. Com a ameaça de traição do corpo assim compartimentalizada, o eu mítico americano pode se desenvolver, desobstruído e irrestrito, de acordo com seu próprio destino manifesto.

Ahab de Melville: The Whale-lVlade Man

Essa demanda paradoxal e simultânea de individualidade e igualdade é talvez o que torna o capitão Ahab de Mohy Dick - talvez a figura deficiente por excelência da literatura americana - um personagem tão atraente. Embora certamente não seja o inválido impotente de Emerson, o Ahab de Herman Melville, no entanto, sugere o problema do corpo no grande experimento americano de individualismo liberal.63 Tanto o autogoverno quanto a autodeterminação requerem autonomia individual, o estado hipotético de independência que Emerson chama de -

Machine Translated by Google

liance. A figura deficiente ameaça profundamente essa fantasia de autonomia, não tanto porque é vista como desamparada, mas porque é imaginada como tendo sido alterada por forças externas ao self. Afinal, embora Ahab use a tripulação para realizar sua vingança, sua indignação é pessoal: a baleia colidiu com seu corpo. A autonomia pressupõe imunidade a forças externas junto com a capacidade de manter um estado de ser estável e estático, como o "individualismo possessivo" descrito por CP MacPherson. De acordo com essa lógica, as alterações físicas causadas pelo tempo ou pelo ambiente – as mudanças que chamamos de incapacidade – são incursões hostis de fora, contingências cruéis às quais um indivíduo não resiste efeitos de adequadamente. de forças estranhas, a figura deficiente aparece não como transformada, flexível ou única, mas como violada. Em contraste, o indivíduo autônomo é imaginado como tendo limites invioláveis que permitem a autodeterminação irrestrita, criando um mito de totalidade.65 Dentro de tal estrutura ideológica, a figura cujo corpo é um instrumento neutro da vontade autogovernada torna-se uma agente nas relações contratuais. Inversamente, a figura deficiente representa o corpo incompleto, ilimitado, comprometido e submetido, suscetível a forças externas: propriedade mal administrada, fortaleza mal defendida, um eu violado impotente. A indignação de Ahab compensa sua vulnerabilidade, tornando-o uma versão sublime e ameaçadora da figura deficien

Ahab é, talvez acima de tudo, diferente dos outros homens. Ao mesmo tempo convincente e repulsivo, ele representa tanto a liberdade prospectiva da inconformidade quanto a terrível ameaça do antinomianismo. A marca externa de sua diferença é sua perna de marfim, e a manifestação interna é sua fúria monomaníaca. Nem a perda de função nem a dor motivam a busca vingativa de Ahab tanto quanto seu profundo senso de violação pela baleia, uma força externa.66 Lançada como uma vontade externa intratável, a baleia violou os limites individuais de Ahab, alterou seu próprio ser e determinou o futuro dele. A baleia em passeio e seu poder sobre o destino de Ahab zombaram das ideias de autodeterminação e autonomia. Ahab não é um self-made man, mas um baleeiro; seu corpo deficiente testemunha a vulnerabilidade física do eu, o conhecimento sinistro que a ideologia do individualismo suprime. Por tal apostasia, o corpo de Ahab é violenta e definitivamente separado do resto da comunidade no Pequod enquanto a baleia puxa Ahab do navio com a corda do arpão, controlando-o tanto na morte quanto na vida.67 A nobreza de Ahab, como sua ameaça , surge de sua diferença física, o símbolo da limitação corporal e vulnerabilidade que ameaça a noção do eu autônomo e inviolável. Ahab, juntamente com outras figuras deficientes, coloca a questão preocupante de saber se qualquer pessoa é independente de limitações físicas, imune a forças

Machine Translated by Google

necessidade de assistência e cuidado dos outros.68 O corpo deficiente expõe a ilusão de autonomia, autogoverno e autodeterminação que sustenta a fantasia da total capacidade corporal.

A vida de um homem bem governado e autodeterminado é imaginada como uma narrativa de progresso da qual dependem o perfeccionismo protestante, a doutrina do sucesso e o conceito de autoaperfeiçoamento. As nações democráticas, observa Tocqueville, são particularmente investidas na noção de perfectibilidade humana e provavelmente "expandi-la além da razão". e, ao mesmo tempo, apresentando o desafio final à perfeição e ao progresso.

Fenômenos tão diversos como cura pela fé, cirurgia estética, separação médica de gêmeos siameses e os teletons de Jerry Levivis testemunham não apenas a demanda cultural pela normalização do corpo, mas também nossa intolerância ao lembrete da figura deficiente de que a perfeição é uma quimera. Como emblema cultural do eu restrito, o corpo deficiente resiste teimosamente ao aperfeiçoamento voluntário, tão fundamental para a noção americana do eu. De fato, escondido atrás da figura fisicamente apta está o conhecimento negado, e talvez intolerável, de que a vida acabará por nos transformar em eus "deficientes". No final, o corpo e a história dominam a vontade, impondo limites ao mito de um eu fisicamente estável progredindo sem restrições em direção a algum estado material superior.70

A Figura Deficiente e o Problema do Trabalho

O Mendigo Adequado

Como sugeri, muitas vezes as pessoas com deficiência são imaginadas como incapazes de serem produtivas, dirigir suas próprias vidas, participar da comunidade ou estabelecer relações pessoais significativas, independentemente de suas capacidades ou conquistas reais. Na verdade, as limitações que as pessoas com deficiência experimentam resultam mais frequentemente da interação com um ambiente social e físico projetado para acomodar o corpo normal. Em outras palavras, as pessoas consideradas deficientes são impedidas de exercer a cidadania plena porque seus corpos não estão em conformidade com as convenções arquitetônicas, atitudinais, educacionais, ocupacionais e legais baseadas em suposições de que os corpos aparecem e atuam de determinadas maneiras.

Em nenhum lugar a figura deficiente é mais problemática para a ideologia e história americana do que em relação ao conceito de trabalho: o sistema de produção e distribuição de recursos econômicos no qual os princípios abstratos de autogoverno, autodeterminação, autonomia e progresso são mais manifestos. completamente. Trabalho, o credo definitivo do Puritano através da contemporaneidade

Machine Translated by Google

América, transforma a necessidade em virtude e iguala o trabalho produtivo ao valor moral, a ociosidade à depravação. A figura do self-made american man sempre teve muita autoridade cultural, especialmente no século XIX, embora a pobreza fosse generalizada e a industrialização rapidamente convertesse o trabalho em formas irreconhecíveis. Os conceitos de autonomia e dependência essenciais à ética do trabalho tornaram-se distorcidos à medida que o trabalho assalariado suplantava o autoemprego, a frágil economia subia e descia e as máquinas começavam a prejudicar os trabalhadores em uma nova escala. À medida que a modernização avançava, a figura deficiente suportou de novas maneiras a ansiedade da sociedade sobre sua incapacidade de manter o status e os antigos significados do trabalho em face da industrialização e do crescente caos econômico e social.

O individualismo americano se manifesta mais claramente na convicção de que a autonomia econômica resulta do trabalho árduo e da virtude, enquanto a pobreza decorre da indolência e da inferioridade moral. sociedade democrática cada indivíduo era um agente livre autodeterminado em uma narrativa de progresso do destino econômico manifesto. No entanto, surge um dilema moral e uma contradição \\Então este credo é aplicado aos "deficientes", pessoas cujos corpos são diferentes ou transformados pela vida. O que acontece com a ligação entre virtude e trabalho quando o corpo de uma pessoa, por vontade de ninguém, repentina ou gradualmente não se adapta mais ao ambiente de trabalho? Como, em suma, uma cultura alicerçada e comprometida com os valores do individualismo liberal pode lidar com a deficiência física?

Em um mundo cada vez mais visto como livre do determinismo divino e sujeito ao controle individual, a figura deficiente põe em questão conceitos como vontade, habilidade, progresso, responsabilidade e livre arbítrio, noções em torno das quais as pessoas em uma sociedade liberal organizam suas identidades. Além disso, o pensamento secular e uma compreensão científica mais precisa da fisiologia e da doença impediram os americanos do século XIX de interpretar a deficiência como o castigo divino que havia sido rotulado em épocas anteriores. O problema de como formular a deficiência como categoria social surge de um conflito entre a necessidade de preservar uma hierarquia social ligada à condição econômica individual e a necessidade de reconhecer a liberdade da intervenção divina que torna sustentável a realização individual. A existência da figura deficiente exige que a sociedade considere em que circunstâncias uma pessoa deve ser responsabilizada por "ganhar a vida" e, inversamente, quando alguém deve ser liberado dessa expectativa por causa de circunstâncias fora de seu controle. A categoria social "deficiente" é uma admissão relutante da vulnerabilidade humana em um mundo que não é mais visto como determinado por Deus, um mundo onde o autogoverno e a

Machine Translated by Google

o progresso individual supostamente prevalece. Tal classificação suscita muita ambivalência de uma consciência nacional empenhada em equiparar a virtude à indústria dependente, especialmente durante os períodos em que se formulam políticas públicas voltadas para aqueles que estão fora da força de trabalho.72 Essa ambivalência se expressa como estigmatização social e como rigor, supervisão às vezes excludente de pessoas obrigadas a se juntar às fileiras dos "deficientes".

A nascente transformação industrial da América pré-guerra forçou o sistema jurídico dos EUA a abordar a questão da deficiência física como contingência, em vez de punição divina, à medida que os acidentes industriais começaram a aumentar e comunidades estáveis e formas de produção mais antigas começaram a se dissolver. Por exemplo, como o poder estava sendo transferido dos pais do sexo masculino para os juízes do sexo masculino durante a primeira metade do século XIX, uma decisão definidora escrita por Lemuel Shaw em 1842 enquadrou legalmente a categoria social deficiente de acordo com os preceitos do individualismo econômico contratualista. Shaw reverteu o precedente do direito consuetudinário que tornava os patrões responsáveis pelas ações de seus empregados, formulando a regra do conservo que definia a negligência em favor dos empregadores, servindo assim aos interesses comerciais às custas dos trabalhadores deficientes, tornando muito difícil para os trabalhadores feridos para processar por compensação.73 Esta decisão interpretou tanto o empregador quanto o empregado como agentes autônomos celebrando livremente um contrato no qual o salário de mercado compensou o risco de júri. O fato de essa formulação legal não ter seguido o precedente, estabelecido anteriormente, de indenizar soldados feridos pode ter representado um esforço para o livre desenvolvimento econômico, aparentemente separando questões de justiça privada da justiça estatal. No entanto, os trabalhadores recém-incapacitados tinham poucos recursos além da caridade ou assistência aos pobres. Enquanto os recursos econômicos da esfera pública não estivessem igualmente disponíveis para os trabalhadores feridos, eles não apenas perderam seus empregos, mas também desapareceram em uma esfera privada de caridade, onde o mercado e o estado não eram mais responsáveis por seus problemas econômicos. situações. O fato

de um homem poder ser um trabalhador virtuoso um dia e um indigente indolente no dia seguinte sem dúvida levantou questões inquietantes sobre a capacidade individual de autodeterminismo ilimitado. ser assiduamente delineado e monitorado, tão grande é sua ameaça à crença dos americanos na ligação entre "trabalho duro" e sucesso econômico e social. Para que o mito da autonomia e da autodeterminação permaneça intacto, aqueles cujas situações o questionam devem ser divididos em uma categoria social di
De fato, pelo menos desde o início das Leis dos Pobres inglesas em 1388, o Estado e outras instituições preocupadas com o bem-estar comum moldaram a

Machine Translated by Google

definição política e cultural do que hoje conhecemos como "deficiência física" em um esforço para distinguir entre "aleijados" genuínos e fingidos, aqueles considerados incapazes de trabalhar e aqueles considerados sem vontade de trabalhar. 75 Embora "capacidade" e "vontade" sejam certamente conceitos complicados e questionáveis na relação social chamada "ganhar a vida", é claro que, ao distribuir recursos, o Estado e a população insistem em tentar traçar uma fronteira firme entre esses dois grupos de pessoas.[76]

Da compensação à acomodação

Embora a história social das pessoas com deficiência tenha geralmente permanecido consistentemente de estigmatização e baixo status, a resposta do estado à "deficiência" na América ampliou-se e mudou de reembolso antecipado e contínuo, como pensões de veteranos para o serviço público, para compensação de trabalhadores por trabalhadores civis na América industrial, ao mandato do Americans \ with Disabilities Act de 1990 de que a adaptação, em vez da restituição, é a resposta apropriada à deficiência. A noção de compensação que caracterizou a política de invalidez antes de 1990 implica uma norma, cujo afastamento ou perda requer restituição. Visto desta forma, a deficiência é uma perda a ser compensada, ao invés de uma diferença a ser acomodada. A deficiência então se torna uma falha pessoal, e as pessoas com deficiência são os "corpos aptos" que deram errado. A diferença, portanto, se traduz em desvio. Além disso, o foco em guerras e acidentes industriais como deficiências definitivas apóia uma norma física estreita, limitando os benefícios econômicos àqueles que antes se qualificavam como "trabalhadores fisicamente aptos", impedindo pessoas com deficiências congênitas e mulheres deficientes de acessos econômicos. compensação" porque não podiam perder uma vantagem hipotética que nunca tiveram. De acordo com a lógica da compensação, então, "desabilitado" não significa variação fisiológica, mas a violação de um estado primário de totalidade putativa. A lógica da acomodação, por outro lado, sugere que a deficiência é simplesmente uma das muitas diferenças entre as pessoas e que a sociedade deveria reconhecer isso ajustando seu ambiente de acordo.

Os mitos gêmeos da integridade corporal e da falta corporal que sustentam um modelo de compensação da deficiência estruturam a história da política pública voltada para o corpo extraordinário. O conceito de capacidade física e seu oposto teórico, deficiência, foram continuamente reformulados à medida que o Estado tentava distinguir qualitativamente entre pessoas cujas condições físicas ou mentais legitimamente as impediam de obter trabalho assalariado e pessoas que simplesmente se recusavam a trabalhar. À medida que a deficiência tornou-se cada vez mais medicalizada com o surgimento da ciência e da tecnologia, os métodos para distinguir entre o "doente

Machine Translated by Google

pobres" que mereciam ajuda e as "fraudes" que mereciam punição e desencorajamento tornaram-se os princípios orientadores do estado. No entanto, mesmo como ideologia exigia a separação dos "aptos" dos "deficientes" para preservar os mitos da autonomia e do eu -governança como chaves para o sucesso econômico, os impulsos conflitantes para confortar e castigar os pobres muitas vezes se fundiram em políticas públicas e atitudes sociais, de modo que nenhum dos dois foi realizado de forma eficaz. com o punitivo e o paternalista, bem como com o compassivo e o justo.

A ciência e a medicina prometeram à América de meados dos séculos XIX e XX os meios para isolar o grupo de pessoas que precisava classificar como incapazes de trabalhar para que os supostos preguiçosos pudessem ser reabilitados. A tecnologia médica, como o estetoscópio e o raio X, finalmente forneceu o que a sociedade acreditava ser uma medida objetiva e quantitativa da capacidade física de uma pessoa para o trabalho. Além disso, uma nova compreensão de agentes causadores de doenças específicas atribuiu doenças incapacitantes e deficiências menos à falta de responsabilidade pessoal e mais ao destino. A validação médica da incapacidade física resolveu o problema da simulação ao contornar o testemunho do indivíduo. Sob esse esquema de confirmação, o médico buscava uma comunicação direta com o corpo sobre sua condição, eliminando a capacidade do paciente de se revelar e, em última instância, de se autodeterminar.77 Em vez de preencher a lacuna entre o ambiente de trabalho e o corpo excepcional , a compensação legal alienou ainda mais os trabalhadores deficientes ao separar seus corpos de suas experiências conscientes com eles. Como resultado, "deficientes" tornou-se, no estado de bem-estar social do século XX, uma categoria medicalizada pela qual o estado poderia administrar ajuda econômica de maneira aparentemente objetiva e equitativa.78 Além disso, ao construir esse grupo social legal, condições bastante distintas ções se fundem em uma única identidade administrativa e social. Assim, uma figura deficiente cuja configuração corporal foi anteriormente lida como retribuição divina por algum pecado sem nome foi exonerada. No entanto, a nova categoria clinicamente deficiente definia a pessoa com deficiência como uma figura excluída das oportunidades econômicas e, portanto, sem livre arbítrio, autodeterminismo e autodomínio, atributos nobres do indivíduo liberal americ

Construir social e legalmente uma categoria de "pobres adequados" cujos corpos extraordinários os excluem dos fardos e privilégios do trabalho é aliviar parcialmente as ansiedades sobre a vulnerabilidade física ao deslocá-los para um grupo identificável de outros corpóreos. Além disso, conceder isenção de trabalho devido a uma "deficiência física" é, em certo sentido, considerado um ato adequado de misericórdia, se não generosidade moral - o reconhecimento simultâneo da condição humana

Machine Translated by Google

limitação e obrigação humana. Embora os muito jovens e os muito velhos sejam liberados do trabalho oficial por lógica semelhante, a categoria social deficiente é mais difícil de escapar e muito mais estigmatizante do que a juventude ou a idade, que são vistas mais como etapas da vida de pessoas produtivas do que como identidades imutáveis. Por outro lado, ser oficialmente ou simpaticamente dispensado da obrigação de trabalho produtivo - expulso da esfera econômica pública para a esfera privada da caridade - é também ser excluído do privilégio de trabalhar em uma sociedade que afirma o trabalho como \;Vchat Daniel Rodgers chama de "o cerne da vida moral , " [79] Assim, a generosidade moral que procura compensar as diferenças físicas faz párias culturais de seus destinatários ao assumir que os corpos individuais devem se conformar aos padrões institucionais, ao invés de reestruturar o ambiente social para acomodar a variedade física.

Machine Translated by Google



Anunciado como "O Volnan mais feio do mundo", bem como "Urso \t\1on1an", "i\pe \Von1an" e "Híbrido indiano", Julia Pastrana, uma j \ 1exican-indiano) cantou e dançou diante do público de 1 8 54 até sua morte em 1 8 60. Esta fotografia de seu cadáver esquelético, que foi exibido em espetáculos e circos por mais de cem anos após sua morte, ilustra que o o corpo da aberração é igualmente valioso, vivo ou morto.

Machine Translated by Google



IVI iss] ulia Pastrana, "The Nondescript", é anunciado aqui em seus vários artigos,

Uma grande convenção de exibição de aberrações foi exagerar a combinação do ordinário da aberração, como a figura feminina, voz e vestimenta de Pastrana, com o extraordinário, como sua barba e feições supostamente pecaminosas ,

Harvard Theatre CollectioJl, The ÿI(J uglzton Lihmry

Machine Translated by Google

ne Most .Remarkable B'UtlUlft Bdflll

SEMPRE NASCIDO

BORN TO LIVE

T:H:E'IV O:NDE R FUL

Seventeen Years Old.



In perfect Health

ÿÿ-ÿ .

TWO HEADED GIRL!

.. Ninguém como eu desde os tempos da ETe.
Nono snoh pet-ha.ps nunca viverá.'"

Essa garota notável tem agora 17 anos de idade, nascida escrava no condado de ColurrWmJ. Carolina do Norte, é mulato direito (:compleição, com

Duas cabeças separadas e bem desenvolvidas Heads

--E--

TID SIPA81Tf E DISTINCT SIRS OF IBMS IND SHOllOIBS f

Ali se misturam em One Oedy.

E na verdade forma apenas uma pessoa. fisicamente falando.rei. Ela FALA, CANTA. COME e BEBE com as duas bocas, ambos desejando levantar a mesma coisa ao mesmo tempo. Ela tem quatro pés e anda em todos eles, ou pode andar sobre dois deles com facilidade. 'VIII C(>ll verso com. duas pessoas sobre assuntos diferentes ao mesmo tempo. Cante muito bem duas partes de uma ária ao mesmo tempo. ou converse e cante juntos. Ela é inteligente e agradável na conversa, e. nne, disposição feliz. ELA NÃO É MONSTROSIDADE, não tem nenhuma aparência rpLusiyc sobre ela no mínimo , mas pelo contrário é MUITO INTERESSANTE. Ela foi examinada criticamente, por 3th física e anatomicamente, pelos principais médicos da Jefferson Medical College. at Philadelphia.. que sem hesitar pronunciou sua gravata MAIS SURPREENDENTE. NOTÁVEL e INTERESSANTE

FR ID AK DE NATURE

BVIIB SDDN' ON SAB TJI desde a criação

de nossos primeiros pais. Muito mais surpreendente e maravilhoso do que os 'I'wins siameses. Ninguém deve deixar de vê -la; uma visão de que em a. o tempo de vida nunca será esquecido .

This remarkable girl will be on Exhibition at

T :El.:EM ÿ 0 N" TTE ÿ:P I.... .E OIJ{'n troul 9 h> 1:), ,i., in.. 2 to i>, nnd 7 to U, PM I>eriornance .

iÿnÿl'l<' ÿO lU inulf's.

O discurso dos aberrações classificou o corpo extraordinário como "maravilhoso", "surpreendente" e "notável". , e inflado

O lvlassach usa a Sociedade Histórica

Machine Translated by Google



O freak shov exibiu outros raciais exóticos a fim de definir por contraste visual encenado o sujeito masculino da democracia como civilizado, autocontrolado e racional. JIarnlrd TheC1ter Collectio1l, The Houghton Library

Machine Translated by Google



O contraste entre este ubangivomano e este euro-americano estabelece os termos de beleza e feiúra na cultura americana. Discos labiais, um cachimbo e um traje andrógino tornam este VI/Onlan africano o oposto grotesco do \vhite, apresentado em trajes, cabelos e maquiagem femininos padrão e sexualizados .

\\'(H11an

Circ lls \ FuriLI i'\[use ll lll, BamlJOo, vFiscmlsill

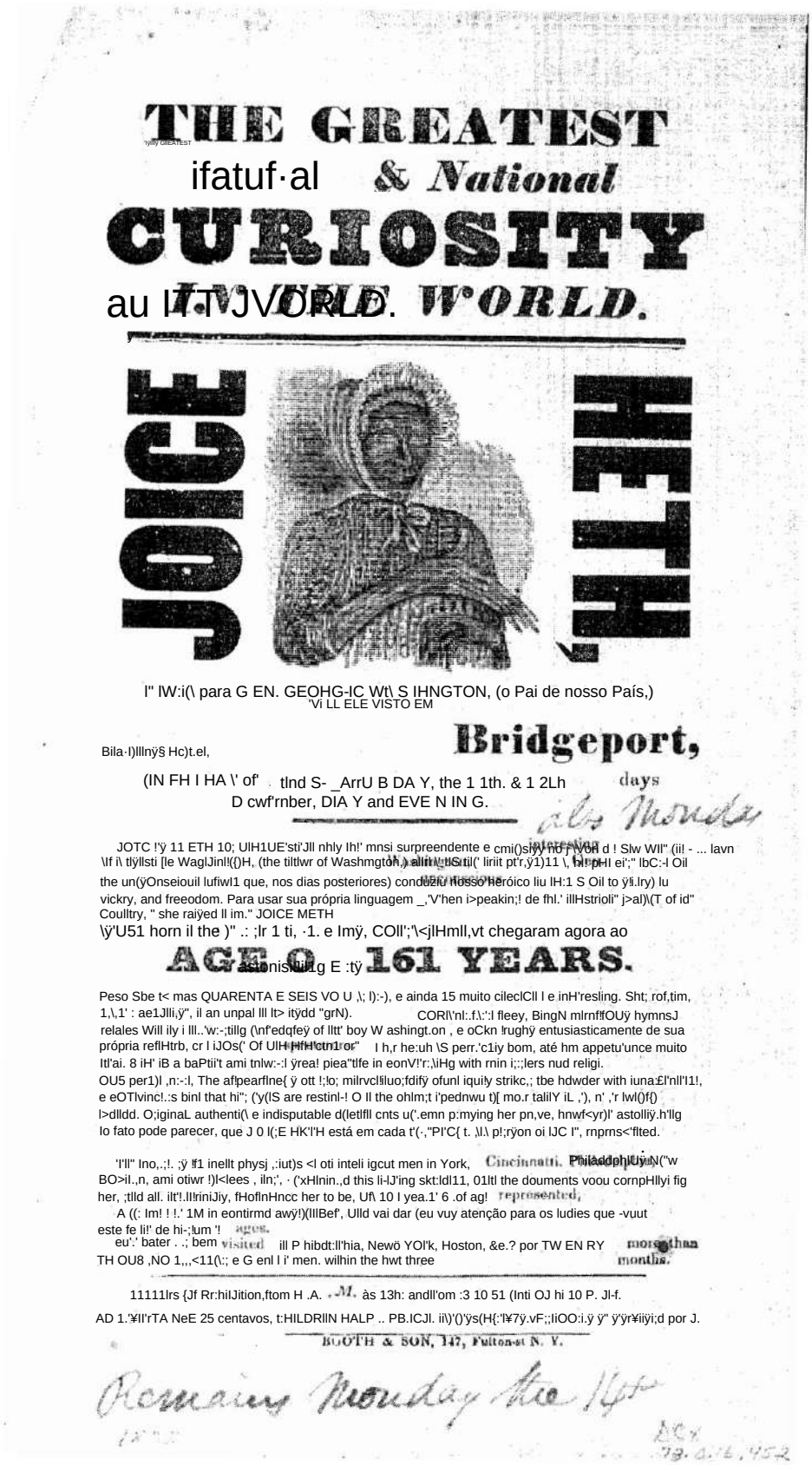
Machine Translated by Google



PT B arnUITI 'S "vVhat Is It?" , criado a partir de um tTIicrocephalic preto [nan, desafiou os vivv'ers a determ1ine vvhethc r este "lTIOst rnarvc loLls crc Clture hY ing" \VdS a "lo\ver ord r of 111<1 n" ou d " ordem superior de lTlonkcy." Freqüentemente, as aberrações são encenadas como híbridas , a fim de fornecer ao seu público uma oportunidade de exercitar sua experiência na definição da verdade .

S/zelLm rilL' I\I ll se u HI, S/lellm nze, \ enwJll t. Pll0t()g,fLl 1711 por [(ell B II rri.\

Machine Translated by Google



THE GREATEST

ifatuf·al & National

CURIOSITY

au I·TJVORLD. WORLD.

JOICE HETH,

l" lW:i(\ para G EN. GEOHG-IC Wt\ S IHNGTON, (o Pai de nosso País,)

'Vi LL ELE VISTO EM

Bila·I)lllnÿ§ Hc)t.el, Bridgeport,

(IN FH I HA \' of' tlnd S- _ArrU B DA Y, the 1 1th. & 1 2Lh days

D cwf'rnber, DIA Y and EVE N IN G.

JOTC !'ÿ 11 ETH 10; UlH1UE'sti'Jll nhly Ih!' mnsi surpreendente e cmi()sÿÿ nd r York d ! Slw WII" (iil - ... lavn

\lf i\ tlÿllsti [le WaglJinl!{)H, (the tiltlwr of Washmgton,) alin \ tlSt il(' liriit pt'r,ÿ1)11 \, hlr pHI ei';" lbC:-I Oil

the un(ÿOnseiouil lufiwl1 que, nos dias posteriores) conduzid nosso heróico liu IH:1 S Oil to ÿi.lry) lu

vickry, and freeodom. Para usar sua própria linguagem _,'V'hen i>peakin;! de fhl.' illHstrioli" j>al)\(T of id"

Coulltry, " she raiÿed ll im." JOICE METH

\ÿ'U51 horn il the)" .: ;lr 1 ti, ·1. e lmÿ, COll';'\<jlHmll,vt chegaram agora ao

AGE O 161 YEARS.

Peso Sbe t< mas QUARENTA E SEIS VO U ,\; l):-), e ainda 15 muito cileclCll l e inH'resling. Sht, rof,tim,

1,\,1' : ae1Jlli,ÿ", il an unpal lll lt> itÿdd "grN). CORl\'nl:.f.\:':I fleey, BingN mlrnfffOUÿ hymnsJ

relales Will ily i lll..'w:-;tillg (\nf'edqfeÿ of lltt' boy W ashingt.on , e oCkn !rughÿ entusiasticamente de sua

própria reflHtrb, cr I iJOs(' Of UlH HfHH'ctn1 or" I h,r he:uh \S perr.'c1iy bom, até hm appetu'unce muito

ltl'ai. 8 iH' iB a baPtii't ami tnlw:-:l ÿrea! piea"tlfe in eonV!'r:,\iHg with rnin i;:;lers nud religi.

OU5 per1)l ,n:-:l, The af!pearfln{ ÿ ott !;lo; milrvcl!iluo;fdifÿ ofunl iquiıy strikc,; tbe hdwder with iuna:£l'nll'l1!,

e eOTlvincl.:s binl that hi"; ('y(lS are restinl-! O Il the ohlm;t i'pednwu t)[mo.r talilY iL ,'), n' ,'r lwl()f{)

l>dlldd. O;iginaL authenti(\ e indisputable d(letlfll cnts u('.emn p:mying her pn,ve, hnwf<yr)l' astolliÿ.h'llg

lo fato pode parecer, que J 0 l(;E HK'l'H está em cada t'(·,"Pl'C{ t. ,\l.\ p!;rÿon oi IJC I", rnprns<'flted.

'I'll" Ino,.;!. ;ÿ lf1 inellt physj ,:iut)s <l oti inteli igcut men in York, Cincinnati, Philadelphia, N("w

BO>iI.,n, ami otiwr !)l<lees , iln;', · ('xHlnin.,d this li-lJ'ing skt:ldl11, 01ltl the douments voou cornpHllyi fig

her, ;tlld all. ilt'!.IlIriniJiy, fHoflnHncc her to be, Uf\ 10 I yea.1' 6 .of ag! represented,

A ((: Im! ! !.' 1M in eontirmd awÿ!)(lllBef', Ulld vai dar (eu vuy atenção para os ludies que -vuut

este fe li!' de hi-;tum '! ages.

eu'.' bater . .; bem visited ill P hibdt:ll'hia, Newö YOl'k, Hoston, &e.? por TW EN RY more than

TH OU8 ,NO 1,,,<11(\:; e G enl l i' men. wilhin the hwt three months.

11111lrs {Jf Rr:hiIJition,ftom H .A. .M. às 13h: andll'om :3 10 51 (Inti OJ hi 10 P. Jl-f.

AD 1.'¥II'rTA NeE 25 centavos, t:HILDRllN HALP .. PB.ICJl. ii\)'()'ÿs(H{:'l¥7ÿ.vF;;liOO:i.ÿ ÿ" ÿ'ÿr¥iiÿi;d por J.

BOOTH & SON, 147, Fulton-st N. Y.

Remains Monday Nov 16th

A primeira aberração PT Barnum exibiu \rvas Joice Heth, a suposta babá de 161 anos de George \Vashington. Ela, uma escrava negra, velha, desdentada, cega e aleijada, era uma versão doIT1esticada e banalizada do que o eu americano ideal não era, garantindo assim a identidade de seu público .

Somers Historicrd Societ) Somers, I\Jew Yorh

Machine Translated by Google



Nos espetáculos circenses, os discursos textuais, espaciais e orais compostos de estandartes lúgubres, letreiros, mostras em estandes, música, garotos-propaganda e palcos enquadravam as figuras aberrantes como extraordinárias e exageraram sua estranheza.

CirClfS \Vorld 1\1 USelf1Jl, Barul)()o, \;Visconsin

Machine Translated by Google

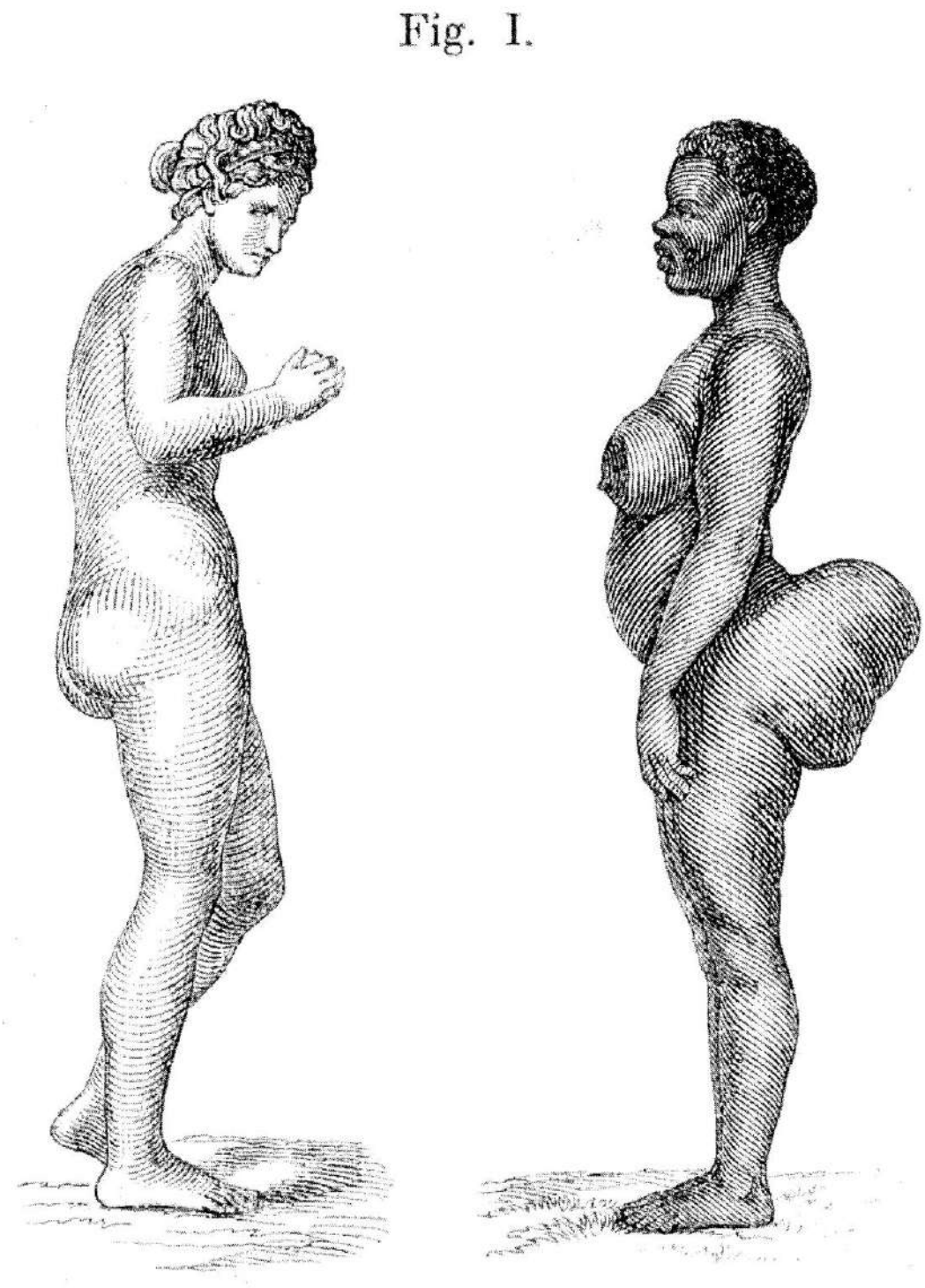
/u/ /(ylju-/ 1 lell'r" wir e',1 l'yU 1,l]Mlr J1l rlo J tP l'IH' U lt') ou dt l1, /'A"



Sartjee, "'The I-lottentot \Tenus," é flanqueado aqui por 3 dÿ7arf e um albino ,;voman . Os malucos da Fen1ale foram criados exibindo publicamente homens com corpos extraordinários para estabelecer, por contraste , os contornos do Euro ideal Americano", Toman, que permaneceu em privado .

Biblioteca do Colégio de Médicos da Filadélfia

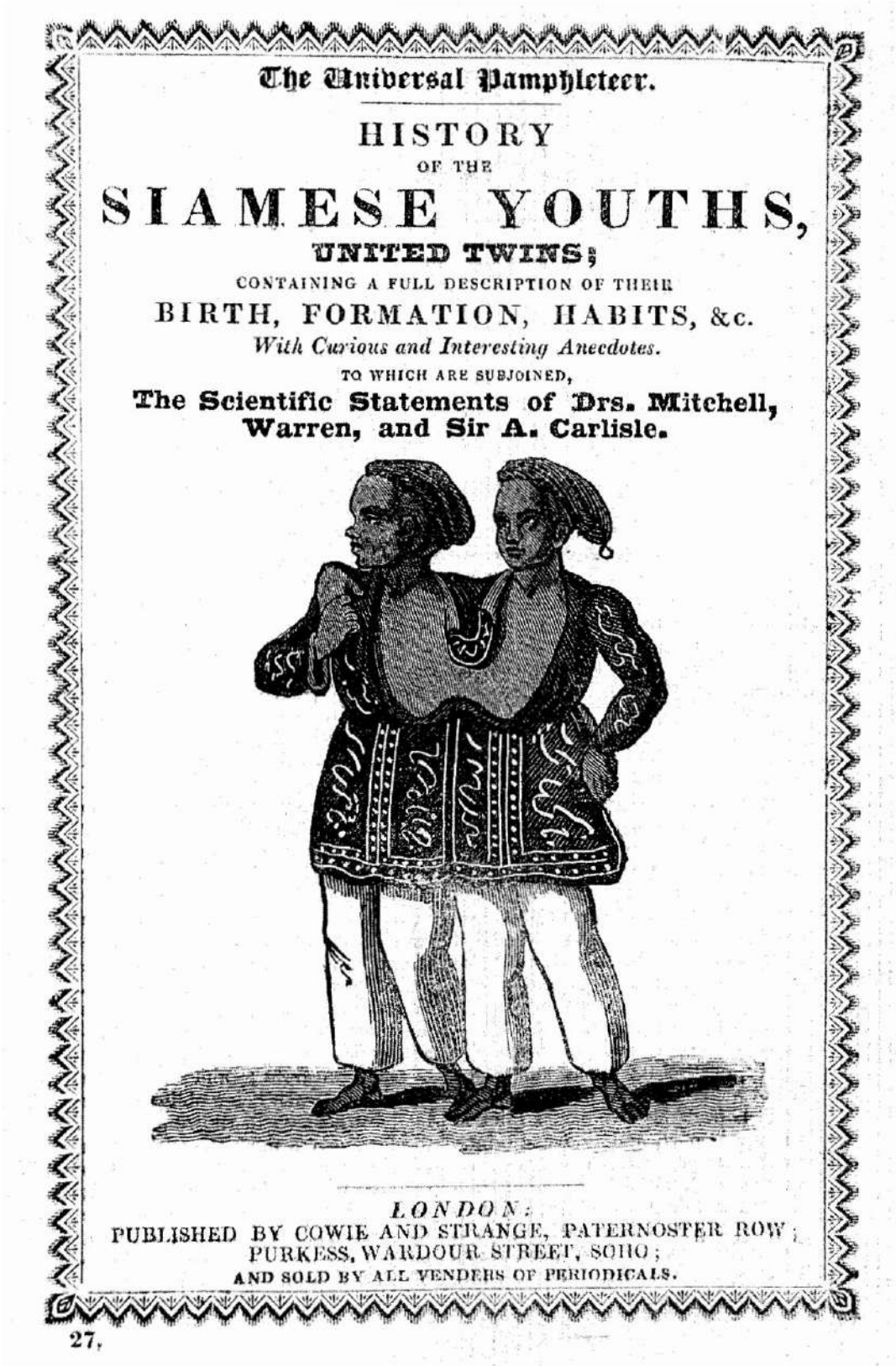
Machine Translated by Google



Ilustrações científicas como esta de uma "caucasiana" felina e sua contraparte definitoriamente definidora, uma "Hotentote" \\'Olnan, tentaram biologizar as diferenças culturais e estabelecer uma referência irrefutável hierarquia de e n1bodirne nt, Lna r os pólos da hu111anidade para a mente do século XIX \ Ves tern . Os cientistas recrutaram "Hotentotes" como Sar tje B aart rna n to e nl body uma inferioridade que afirmava a superioridade européia .

Literatura Britânica

Machine Translated by Google


The Universal Pamphleteer.

HISTORY
OF THE
SIAMESE YOUTHS,
UNITED TWINS;
CONTAINING A FULL DESCRIPTION OF THEIR
BIRTH, FORMATION, HABITS, &c.
With Curious and Interesting Anecdotes.
TO WHICH ARE SUBJOINED,
The Scientific Statements of Drs. Mitchell, Warren, and Sir A. Carlisle.

LONDON:
PUBLISHED BY COWIE AND STRANGE, PATERNOSTER ROW;
PURKESS, WARDOUR STREET, SOHO;
AND SOLD BY ALL VENDERS OF PERIODICALS.

27.

Narrativas de vida de lembrança vendidas em pás fundiam discursos médicos com entretenimento. Esses panfletos aumentavam as exibições visuais, fornecendo descrições detalhadas e autenticações científicas do corpo extraordinário, bem como relatos exagerados da vida das aberrações.

Lihrmy (do Colégio de Médicos da Filadélfia

Machine Translated by Google



Os interiores de di1l1 C
111 U SeU 1l1S e sidesho \vs

geralmente exibiam uma série de malucos, cada um cercado

por um ambiente
hiperbolizante
projetado para produzir
a maior ilusão de
diferença e distância dos vencedores.

(;i rC llS H'odd 1V1 use11171,

BuraiJoo, H/iscOl1sin

Machine Translated by Google



O palco do show de aberrações reunia pessoas cujos corpos podiam significar o enorme, o ausente, , a miniatura , o exótico, o excessivo , o profuso, o indeterminado ou o estranho para produzir um coro variado de diferenças físicas que faziam os corpos dos espectadores parecerem comuns e banais em comparação.
Circo \Vorld Museu11ÿ, Baraboo, VVisconsin

Machine Translated by Google



Freaks [nade de pessoas com deficiências congênitas geralmente executavam 111 tarefas u ndanas em Inodes alternativos coreografados para analizar o público. Aqui Cÿharles Tripp , um fanlous Ann I<.:'ss \\'onder, \\'hittles com os dedos dos pés \yh ile cercado \com outros adereços, como uma xícara de chá e \\Titing e cortando ilTIplernents, todos de \;Vh1Ch ele usa com os dedos dos pés como parte ou exposição .

C i rells \Vorld /\lzhC 11 111, Buml}()() , VliSC(Jl1si 11

Machine Translated by Google



B: 'justapondo os muito grandes com os muito pequenos , exibições bizarras crated maravilhoso gigantes e pequenos, figuras que nunca desapareceram - "curadas" pelo tratamento médico moderno . Circus 'Vorlet i\lllseu l1z, Rn rulJOo, tbsconsin

Machine Translated by Google

PA RT II

.....

Construindo figuras deficientes: Locais culturais e literários

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

TRÊS E

.....

A obra cultural da América

Freak Shows, 1 8 3 5- 1 940

O Espetáculo do Corpo Extraordinário

Em 1822, uma nativa brasileira chamada Tono Maria foi exibida na Bond Street de Londres como "a Vênus da América do Sul". Seu corpo tinha quase cem cicatrizes, cada uma representando ostensivamente um ato de adultério. De acordo com seu vendedor, o código social de sua cultura permitia no máximo 104 dessas cicatrizes, mas punia a centésima quinta transgressão sexual com a morte. Assim, sua sexualidade teria atingido o limite até mesmo dos padrões ostensivamente selvagens de sua própria sociedade. Complementando a exibição das cicatrizes significativas dessa "Vênus" estava sua performance, que consistia em comer até a saciedade, apesar dos estorvos de um grande aparelho para alongar os lábios e da falta de dentes. Um jornalista contemporâneo a resumiu como "preguiçosa" e "desagradável", descrevendo em detalhes "o espetáculo emético" de sua realização sibarítica. Independentemente de seu desgosto, o observador extraiu do show de Tono Maria uma lição útil: tendo anteriormente falhado em apreciar plenamente as mulheres inglesas, ele para sempre "prestaria a homenagem devida às mais belas obras da criação, valorizadas por tão maravilhosas contraste."1

Despojado de seu próprio contexto cultural e enquadrado pelas interpretações sinistras do inglês e sua sociedade, o corpo de Tono lVlaria tornou-se uma imagem maleável sobre a qual seu público projetou características culturais que eles

Machine Translated by Google

eles mesmos negaram. Seguindo convenções de exibição e interpretação do corpo extraordinário que remontam ao início da história humana, esse espetáculo ritual combinava e exagerava características femininas para aguçar a distinção entre a inglesa ideal e seu oposto físico e cultural. A performance de Tono lVlaria testemunhou um inerente desvio sexual feminino, indolência, carnalidade e apetite temperado apenas pela civilização ocidental. Personificando a aberração cultural e sexual, Tono Maria não apenas confirmou o senso de autodomínio físico do inglês, mas também forneceu um conto preventivo sobre o apetite feminino natural, não controlado por sanções socia

Na América, a livre iniciativa e a ascensão de uma classe média democratizada e fluida fomentaram a proliferação de exibições como a de Tono Maria em shows institucionalizados que floresceram e depois desapareceram entre 1840 e 1940.2 Parte integrante dos museus e circos da época, o freak show americano - fenômeno que hoje é quase sinônimo de mau gosto - descende de uma tradição de leitura do corpo extraordinário que remonta às primeiras representações humanas. Desenhos rupestres da Idade da Pedra registram o nascimento dos corpos misteriosos e maravilhosos que os gregos e os primeiros cientistas mais tarde chamariam de "monstros", a cultura de PT Barnum chamaria de "aberrações" e agora chamamos de "deficientes físicos congênitos". Nosso fascínio incessante pelo extraordinário, especialmente conforme manifestado em nossos próprios corpos, é evidente em explicações que começam já no século VII a . em tratados acadêmicos como "Julia Pastrana, the Nodescript: An Example of Congenital, Generalized Hy pertricosis Terminalis with Gengival Hyperplasia", no volume de 1.993 do The American Journal of Medical Genetics.

Escrupulosamente descritos, interpretados e exibidos, os corpos dos deficientes congênitos graves sempre funcionaram como ícones sobre os quais as pessoas descarregam suas ansiedades, convicções e fantasias. De fato, a palavra latina monstra, “monstro”, também significa “sinal” e forma a raiz de nossa palavra demon strate, que significa “mostrar”. Rho lança seu olhar sobre o mundo natural, começando com a ligação de Cícero de nascimentos monstruosos à adivinhação e culminando hoje com a admiração de Oliver Sacks por homens que confundem suas esposas com seus chapéus. Cada época histórica reinterpreta a figura do monstro prodigioso ou capricho da natureza, a aberração. Plínio cataloga anomalias corporais como prova da maravilhosa abundância da natureza, e Agostinho se delicia com corpos curiosos e inexplicáveis como sinais do propósito benevolente de seu deus cristão e da constante intervenção no universo. Em notável contraponto ao pré-mode

Machine Translated by Google

narrativas de admiração e admiração inspiradas por corpos que desafiavam a suposta "lei natural", Aristóteles inicia na Ética a Nicômaco a desvalorização reconhecível hoje, afirmando que uma norma que depende de um meio representa virtude e superioridade, ""enquanto um excesso de ou o afastamento desse padrão constitui vício.4 John Block Friedman nos diz que durante a Idade Média um monstro era um prodígio, "uma manifestação da vontade divina... uma ruptura da ordem natural, um mau presságio [e no cristianismo] eles eram um sinal do poder de Deus sobre a natureza e Seu uso dela para fins didáticos." Por volta do século XIII, rnonstra começou a mudar de significado, de presságio para maravilha, designando o que Friedman chama de "parte do exotismo padrão da literatura de entretenimento". Canards franceses, chapbooks ingleses, livros de maravilhas e a balada comum que frequentemente acompanhava exibições de malucos na rua. O comércio - precursor do capitalismo - e a curiosidade - precursora da ciência - trouxeram o corpo prodigioso para a vida secular, enriquecendo as interpretações exclusivamente religiosas. Por volta do século XVIII, o poder do monstro de inspirar terror, admiração, admiração e adivinhação estava sendo corroído pela ciência, que procurava classificar e dominar, em vez de reverenciar o corpo extraordinário. Os gabinetes de curiosidades do cientista e do filósofo foram transformados na mesa de dissecação do médico. O outrora maravilhoso corpo que era tomado como mapa do destino humano passou a ser visto como um corpo aberrante que marcava as fronteiras entre o normal e o patológico.

Corpos deficientes físicos qualificados como prodígios – os gêmeos siameses, os espetacularmente deformados, os hirsutos, os chifrudos, os gigantescos e os escamados – sempre foram apresentados por padres, pais gananciosos ou desesperados, agentes, filósofos, cientistas, showmen e médicos. . Consequentemente, as preocupações e carreiras desses mediadores determinaram as narrativas e os destinos dessas pessoas únicas. De fato, corpos extraordinários têm sido tão atraentes e valiosos - como corpos ao longo da história humana que, se eles estavam vivos ou mortos, teve pouca importância. Se a exibição ao vivo era aprimorada por animação e performance, a exibição de um prodígio morto embalsamado como espetáculo, escolhido como espécime ou textualizado como um desenho anatômico derivado de dissecação era igualmente lucrativa e frequentemente mais legíve Aberrações e prodígios eram apenas corpos, sem a humanidade que as estruturas sociais conferem às pessoas mais comuns. Esses corpos não eram apenas uma fonte de lucro, mas as narrativas de patologia derivadas de corpos monstruosos construíram reputações na Royal Society e na Academie des Sciences. Por exemplo, o corpo embalsamado de Julia Pastrana, conhecida como "A mulher mais feia do mundo", foi exibido no circuito de shows de horrores por mais de 100 anos depois

Machine Translated by Google

sua morte em 1860. Tais práticas levaram Robert Wadlow, o homem mais alto do mundo, que resistiu durante sua vida ao que David Hevey chamou de "enfreakment", a solicitar em sua morte em 1940 que ele fosse enterrado em uma prisão reforçada. laje de concreto para desencorajar os ladrões de túmulos que poderiam tentar exibir seu esqueleto.6 O apogeu centenário dos shows de aberrações americanos representou um dramático ressurgimento da tradição de exibir publicamente e ler corpos extraordinários. Impulsionadas pelo desenvolvimento do espírito empreendedor, pela dramática instabilidade social e pela crescente mobilidade, essas exposições itinerantes institucionalizaram formas e convenções anteriores a serviço das preocupações atuais desde a Era Jacksoniana até a Era Progressista. Mesmo enquanto o show de aberrações crescia na América como uma espécie de versão democrática do gabinete de curiosidades do cientista do século XVIII, ele estava sendo desacreditado pela própria instituição da ciência que o moldara desde a Renascença. Embora ainda um oráculo, o corpo extraordinário foi transferido do olhar público para o escrutínio isolado de especialistas em meados do século XX. Assim, os maravilhosos monstros da antiguidade, que se tornaram as aberrações fascinantes do século XIX, transformaram-se nas pessoas deficientes do final do século XX.7 O corpo extraordinário passou de presságio para patologia. Hoje, a noção de um show de aberrações que exibe os corpos de pessoas com deficiência para fins lucrativos e entretenimento público é tanto repugnante quanto anacrônica, rejeitada, mas mesmo assim recente e convincente na memória.

PT Barnum, a apoteose do empreendedorismo americano, levou o show de aberrações ao seu auge no século XIX, capitalizando a fome dos Estados Unidos por extravagância, conhecimento e maestria, junto com sua busca simultânea por auto-apreensão. Como Neil Harris apontou, os shows de aberrações de Barnum eram testes populares de conhecimento que se comparavam e cruzavam o surgimento hesitante da quantificação científica como o método dominante e de elite de subjugar o mundo material, nomeando-o e medindo-o. Além de sua propensão para a informação, especialmente o cálculo numérico, o século XIX foi uma era de exibição. A "verdade" precisava ser demonstrada e. entendido objetivamente: ciência medida e contada; o que Thorstein Veblen chamou de "consumo conspícuo" provou status; a fotografia capturou o "real"; e shows de aberrações definiam e exibiam o "anormal". identidade coletiva. Com mulheres barbadas, por exemplo, Barnum e seus seguidores exigiam que o público americano resolvesse essa afronta à rígida categoria.

Machine Translated by Google

gories de masculino e feminino que sua cultura impôs. Com Eng e Chang, os famosos gêmeos "siameses", o show de horrores desafiou os limites do indivíduo, perguntando se essa entidade era uma pessoa ou duas. Tanto com anões quanto com "maravilhas" sem braços e sem pernas, os vendedores incumbiam seu público de determinar os parâmetros precisos da integridade humana e os limites da liberdade de ação. O show de horrores prosperou em uma era de confiança ilimitada na capacidade humana de perceber e agir de acordo com a verdade. Esses rituais culturais coletivos forneciam dilemas de classificação e definição sobre os quais a multidão de espectadores poderia aprimorar as habilidades necessárias para domar o mundo e o eu no ambicioso projeto de autoconstrução americana. Além disso, os shows de aberrações eram para as massas o que a ciência era para a elite emergente: uma oportunidade de formular o eu em termos do que não era.

A primeira aberração que Barnum exibiu foi Joice Heth, uma mulher negra que já estava em exibição na Filadélfia em 1835 como a babá de George Washington de 161 anos e "A Maior Curiosidade Natural e Nacional do Mundo". Bar num comprou o direito de mostrá-la por mil dólares, quinhentos dos quais ele tomou emprestado, transformando sua nova posse no primeiro ato de uma longa e lucrativa carreira. mistura de desgosto e orgulho pelo próprio Barnum, Joice Heth é, no entanto, a aberração americana por excelência. Uma escrava negra, velha, desdentada, cega e aleijada, ela funde uma combinação de características que o eu americano ideal rejeita. Joice Heth representa, assim, o outro físico composto da América, a reversão domesticada e banalizada da auto-imagem da América. Por mais engraçada e mundana que essa velha possa parecer, seu corpo funciona como o monstro que se manifesta no ordinário, e não no extraordinário. Ela se torna uma aberração não em virtude da singularidade de seu corpo, mas sim por exibir os estigmas da desvalorização social. De fato, Joice Heth é a antítese direta da figura masculina branca e corpulenta sobre a qual se baseou a noção em desenvolvimento do americano nor mate. Essa mulher negra e deficiente transformada em mercadoria como uma diversão bizarra testemunha a necessidade da América de ratificar uma identidade dominante e normativa, exibindo ritualmente em público aqueles percebidos como a personificação do que a América coletiva considerava não ser .

Como a exibição inaugural da Era de Ouro dos Freak Shows da América, Joice Heth exemplifica o princípio fundamental do enfreakment: que o corpo envolve e oblitera a humanidade potencial da aberração. Quando o corpo se torna puro texto, uma aberração foi produzida a partir de um ser humano com deficiência física. Tal acúmulo e exagero de detalhes corporais distingue a aberração do corpo comum não marcado e não notado que reivindica por meio de sua própria

Machine Translated by Google

obscuridade como universal e normativa. IO Em Struggles and Triumphs, a autobiografia de Bar num, a descrição de Heth pelo showman exemplifica esse acréscimo de detalhes corporais que gera a narrativa bizarra:

> Joice Heth "certamente era uma curiosidade notável, e ela parecia ser muito mais velha do que a idade anunciada. Ela estava aparentemente com boa saúde e bom humor, mas devido à idade ou doença, ou ambos, era incapaz de mudar seu estado de espírito. posição; ela podia mover um braço à vontade, mas seus membros inferiores não podiam ser esticados; seu braço esquerdo estava sobre o peito e ela não podia removê-lo; os dedos de sua mão esquerda estavam puxados para baixo quase para fechá-lo, e eram fixas; as unhas daquela mão tinham quase dez centímetros de comprimento e estendiam-se acima do pulso; as unhas dos dedos grandes dos pés tinham crescido até a espessura de um quarto de polegada; sua cabeça estava coberta por um espesso arbusto de cabelos grisalhos; mas ela era desdentada e completamente cega e seus olhos haviam afundado tanto nas órbitas que desapareceram completamente.[11]

A história de Joice Heth ilustra de outra forma esse processo de redução ao corpo puro por meio da representação. Como a medicina estava ansiosa para estabelecer sua autoridade e como Barnum buscava polêmica e também publicidade, o showman prometeu a David L. Rogers, o respeitado cirurgião de Nova York, que poderia dissecar Heth após sua morte. Quando ela morreu em 1836, uma autópsia muito divulgada e contestada foi realizada diante de uma grande multidão de médicos, estudantes de medicina, clérigos e editores, cada um dos quais pagou cinquenta centavos para observar. Embora cobrar para assistir às autópsias fosse comum, os telespectadores ficaram consternados quando Rogers anunciou que Heth provavelmente ainda não tinha oitenta anos. Os assessores de Heth ganharam setecentos dólares com a autópsia e dez a doze mil dólares com todo o caso, tudo discutido ativamente nos jornais. Como esse relato deixa claro, as aberrações são criadas quando certos corpos servem de matéria-prima para fins ideológicos e práticos tanto dos mediadores quanto das audiências.

Freak mostra diferenças corporais emolduradas e coreografadas que agora chamamos de "raça", "etnia" e "deficiência" em um ritual que representava o processo social de fazer alteridade cultural a partir da matéria-prima da variedade física ção. humana. , uma performance cultural que dá primazia à apreensão visual na criação de códigos simbólicos e institucionaliza 13 Nos freak shows, a relação entre o espectadores. o corpo exposto tornou-se um texto escrito em espetáculo e os negrito para ser decifrado de acordo com as necessidades e desejos dos espectadores. As convenções de exibição do show situavam o corpo extraordinário tanto espacial quanto narrativamente. Por exemplo, a plataforma elevada – às vezes, particularmente em circos, era um fosso – mantinha o olhar do observador como um ímã, não apenas antecipando

Machine Translated by Google

fundamentando o corpo em exibição, mas expondo-o de tal forma que os traços físicos apresentados como extraordinários dominassem toda a pessoa em exibição.

No palco do freak show, uma única característica destacada circunscrevia e reduzia a inerente complexidade humana de figuras como o Anão, o Gigante, a Mulher Barbuda, a Maravilha Sem Braços ou Pernas e a Mulher Gorda.

Showmen ladrou adjetivos embelezadores como "selvagem" ou "maravilhoso" e títulos de pseudo-status anacrônicos e irônicos como "Rei", "Rainha" ou "General" (como no caso de Charles Stratton, o famoso "General Tom Thumb") que enfatizavam as extraordinárias qualidades do corpo em exibição. Cartazes e cartazes proclamavam extravagantemente a peculiaridade do corpo da aberração, provocando a curiosidade dos espectadores com provocações como "O que é isso?" isso acentuava a diferença entre o observador comum e o corpo maravilhoso. Se afirmações hiperbólicas como "The Most l\1arvelous Creature Living" aumentavam as expectativas, as ilustrações toscas nos anúncios distorciam imaginativamente os corpos das aberrações em caricaturas grotescas. uma (história da "vida real" e testemunhos médicos que serviram tanto como propaganda quanto como lembrança, aumentando o discurso oral do vendedor. Essas narrativas de lembrança embelezavam a história exótica da aberração, endossavam a veracidade da exposição e descreviam a condição física da aberração de um ponto de vista científico ou médico perspectiva, como deixam claro títulos como "História e descrição de Abomah, a gigante africana da Amazônia" e "Biografia, descrição médica e canções de Miss Millie/Christine, o rouxinol de duas cabeças". , por exemplo, teria sido em um contexto mundano um "darkkey deformado" comum na "Besta de Bornéu". figura de alteridade sobre a qual os espectadores poderiam deslocar ansiedades e incertezas sobre suas próprias identidades. Bordado por convenções tão elaboradas, a aberração do show secundário foi feita para exceder descontroladamente as expectativas comuns e familiares estabelecidas pelo próprio corpo comum do espectador.

15

A nova tecnologia da fotografia ajudou a transformar corpos extraordinários em exibições de aberrações, seu desenvolvimento se entrelaçando com a evolução do espetáculo. Extremamente populares durante a era vitoriana, os retratos fotográficos de aberrações representavam o corpo extraordinário de uma forma semelhante à "sala de palestras" de Barnum, onde as aberrações eram exibidas. Ambas as convenções reivindicavam prova de autenticidade enquanto produziam significado por meio de imagens visuais e contextos estudados. Em uma descrição surpreendentemente evocativa do modo de apresentação do show de horrores, John Tagg caracteriza as imagens fotográficas usadas no

Machine Translated by Google

século XIX para documentar e identificar a "verdade" de "casos" como prisioneiros, mendigos e loucos: "Começamos a ver um padrão repetitivo [nessas fotografias]: o corpo isolado; o espaço estreito; a subjugação a um olhar irreversível; o escrutínio de gestos, rostos e feições; a clareza da iluminação e a nitidez do foco."16 Como métodos culturais duais de produzir o corpo legível testemunhando seu próprio desvio, tanto a fotografia freaks-criaram uma iconografia da alteridade situada em um contexto manipulado, mas naturalizado, de fato objetivo. Por exemplo, o retrato de estúdio vitoriano individual ou familiar convencional, muitos dos quais foram feitos por Matthew Brady e Charles Eisenmann em seus estúdios Bowery, destacou a incongruência do corpo extraordinário da aberração justapondo-o com a propriedade social formal e a vida familiar comum. 17 Uma conjunção particularmente interessante entre fotografia e shows de aberrações ocorreu nas cartes de visite, retratos fotográficos extremamente populares e amplamente coletados entre as décadas de 1860 e 1880. Forma e conteúdo colidiram em uma impressionante ironia quando as cartelas populares de aberrações célebres disseminaram uma imagem iterada e produzida em massa de um ícone que representava precisamente o reverso da impressão infinitamente reproduzível: o corpo singular e surpreendente da

O show de aberrações conseqüentemente criou uma "aberração" ou "curiosidade humana" de uma pessoa comum que tinha uma deficiência física visível ou um corpo atípico exagerando a diferença ostensiva e a distância percebida entre o espectador e a obra-prima na plataforma. . O arranjo espacial entre público e aberração ritualizou a relação entre o eu e o outro cultural. Como nas relações sociais de dominação e subordinação baseadas em raça e gênero, também aqui os estigmas diferenciadores literalmente ocuparam o centro do palco, ampliados e intensificados, enquanto a posição não marcada de poder, agência e voz permaneceu velada. A aberração simultaneamente testemunhava a normalidade física e ideológica do espectador e testemunhava o acordo implícito atribuindo um desvio coercitivo ao espetáculo. Essa relação determinante entre observador e observado era mutuamente definidora e, no entanto, não recíproca, pois impunha à aberração o silêncio, o anonimato e a passividade característicos da objetificação. O que o espectador presumia ser uma "aberração da natureza" era, na verdade, como observa Susan Stewart, uma "aberração da cultura" cujo corpo havia sido alistado e pago à custa do engolfamento por sua própria estigmatização, a fim de confirmar a identidade do espectador. [18] estatuto e identidade.

Talvez o efeito mais notável do freak sho'v tenha sido erradicar distinções entre uma ampla variedade de corpos, fundindo-os sob o signo único do freak-como-outro. relação em que aqueles que controlam o so-

Machine Translated by Google

o discurso social e os meios de representação recrutam a aparente verdade do corpo para reivindicar o centro para si e banir os outros para as margens.

Nada ilustra melhor isso do que o fato de que os dois principais tipos de pessoas apresentadas como aberrações eram os não-ocidentais "normais" e os ocidentais "anormais". Como nas tradições antigas e medievais de imaginar raças estrangeiras como monstruosas, todas as características corporais que pareciam diferentes ou ameaçadoras para a ordem dominante fundiram-se em uma espécie de linha de coro heterogênea de diferença física no palco do show de horrores. Na verdade, chamados de "shows negros" no jargão circense, shows de aberrações negociados indiscriminadamente em outros ness. 19 Conseqüentemente, culturais e corporais, uma pessoa de cor não deficiente anunciada como o "Fiji Canibal" era equivalente a um deficiente físico, euro-americano chamado de "Legless Won der". " Gigantes, anões, deficientes físicos visíveis, tribais não-ocidentais, contorcionistas, gordos, magros, hermafroditas, gêmeos siameses, deficientes mentais e os muito hirsutos - todos compartilhavam a plataforma igualmente como "estranhezas humanas", desempenhando o papel designado. papel de outro aberrante para seu público. No entanto, as aberrações mais bem-sucedidas mesclavam diferenças corporais e culturais. Por exemplo, o exotismo estrangeiro aparentemente intensificou a excepcionalidade física de "Chang, o Gigante Chinês" ou "Piramal e Sami", os gêmeos siameses anunciados como o "Enigma Hindu". Chang e Eng, os "Siamese T\\Tins" originais, foram provavelmente as aberrações mais famosas, notórias por seus corpos extraordinários fundidos e misteriosa estranheza. Da mesma forma, dois nativos microcefálicos da América Central foram encenados e fantasiados como "O Último dos Antigos Astecas", sua aparência física atípica e características não europeias combinadas para criar a antítese da auto-imagem ideal americana e provocando debates sobre a capacidades comparativas de seus cérebros e os estados relativos de suas almas. 20 Em uma era de transformação social e reorganização econômica, o show de aberrações do século XIX era um ritual cultural que dramatizava a hierarquia física e social da época, destacando estigmas corporais que podiam ser coreografados como um contraste absoluto com a personificação americana "normal" e autenticados como verdade corpórea.

Constituindo o Homem Médio

A aberração construída ocupa o espaço alarmante e caótico nas fronteiras do homem " cian Adolphe 'médio", conceito formulado pelos estatísticos belgas que delimitam o Quetelet em 1842. Adotado com entusiasmo - embora não incontestado - na América, a noção de l ' ho11'zme moyen physique e a questão mais complicada de l'homme moyen moral formalizaram matematicamente a ideia política igualitária do homem comum jacksoniano e lançaram as bases teóricas

Machine Translated by Google

base para as normas científicas que definem nosso conceito moderno de desvio.21 O dilema cultural referente à medida em que as variações individuais poderiam ser toleradas dentro de uma sociedade baseada na liberdade e na igualdade foi resolvido com a instalação do homem médio - uma versão comum da Repreção de Emerson Homem sentativo - na posição anteriormente ocupada pelo homem excepcional destronado, o aristocrata ou o rei. Uma construção abstrata imposta pela ideia de democracia, o homem médio medido de forma múltipla personificava a regularidade e a estabilidade da humanidade, em torno da qual as particularidades giravam em uma coleira curta. A prevalência do show de horrores após cerca de 1840 pode ser vista, então, como servindo para consolidar uma versão da individualidade americana que era capaz, racional e normativa, mas que se esforçou em direção a uma igualdade ontológica sobre a qual a noção de igualdade democrática é baseada. . Extravagante em seu repúdio ao típico, a aberração exibida achatava as peculiaridades dos espectadores e as alinhava com o familiar.

O show de aberrações suprimiu assim uma série de ansiedades que acompanhavam a desordem social nos Estados Unidos. A grande experiência da América em democracia postulou um sistema social livre da estratificação estagnada do patriarcado europeu, mas exigiu uma nova base de organização social consoante com o individualismo igualitário e oportunidades geográficas e econômicas ostensivamente ilimitadas. Esse nivelamento ideológico das distinções de classe preparou o terreno para uma nova hierarquia social baseada na habilidade – expressa, por exemplo, na ideia jeffersoniana de liderança natural – e produziu uma distinta aristocracia do corpo. O eu ideal americano no topo dessa hierarquia era um produtor autônomo - autogovernado e autocriado - um indivíduo genérico capaz de criar seu próprio eu aperfeiçoado.

Mas reconhecer essa construção ideológica abstrata em si mesmo ou no próximo era impossível sem marcadores materiais. Uma vez que identificar e reivindicar status é talvez a maior ansiedade em uma ordem moderna teoricamente igualitária e volátil, os limites do poder devem ser claros. A autoridade material do corpo fornece um fundamento aparentemente irrefutável sobre o qual as relações de poder predominantes podem ser erguidas. A figura da aberração é, portanto, o complemento cultural necessário para o americano ganancioso e capaz que reivindica a posição normal de masculino, branco, sem deficiência, sexualmente inequívoco e de classe média. Como sugeri no capítulo 2, esse eu idealizado e exclusivo se desenvolve dentro de uma economia de mercado em expansão como um indivíduo autocontrolado, responsável por moldar seu destino e a ordem social, manipulando com competência seu corpo padrão aquiescente, juntamente com habilidades pessoais e tecnologias. ferramentas. Os shows de aberrações representavam um relacionamento no qual deficientes exóticos e pessoas de cor funcionavam como

Machine Translated by Google

opostos do americano idealizado explicitamente e implicitamente delineados em representações culturais como o homem intelectual de Emerson em "Self-Reliance", o independente Thoreau de Walden e o herói popular Davy Crockett.

Domesticado com segurança e limitado pelas formas e convenções do show, a aberração acalma a dúvida dos espectadores aparecendo como sua antítese. O americano produz e atua, mas a aberração do palco é ociosa e passiva. O americano olha e nomeia, mas a aberração é olhada e nomeada. O americano é móvel, entrando e saindo do espetáculo à vontade e circulando pela ordem social, mas o freak é fixo, confinado pelas estruturas materiais e pelas convenções da encenação e socialmente imobilizado por um corpo desviante. O americano é racional e controlado, mas a aberração é carnal e contingente.

Dentro dessa fantasia, o eu do americano determina a condição de seu corpo, assim como o corpo da aberração determina a condição de seu eu. Essa gramática da corporificação normaliza culturalmente o americano e anormaliza a aberração. No show de aberrações, o eu cultural e o outro cultural pairam silenciosamente por um instante histórico, face a face em um vago reconhecimento de sua simbiose tácita.

A imensa popularidade dos espetáculos entre as Eras Jacksoniana e Progressiva sugere que os espectadores precisavam constantemente reafirmar a diferença entre “eles” e “nós” em uma época em que a imigração, a emancipação dos escravos e o sufrágio feminino confundiam as estruturas físicas anteriormente confiáveis. índices de status e privilégio, como masculinidade e características da Europa Ocidental. Quanto mais heterogêneos se tornavam os traços corporais dos emancipados, menos claramente marcado era o poder na ordem social igualitária. Aqueles cuja posição social era mais tênue - imigrantes, a classe trabalhadora urbana e a população rural menos próspera - freqüentavam os shows, que estavam sempre à margem da respeitabilidade e muitas vezes eram veementemente condenados por ícones do status quo como Henry \i\ 1ard Beecher em suas Lectures to Young Men.22 A extravagante e indiscutível alteridade da fisionomia da aberração tranqüilizou aqueles cujos corpos e roupas não combinavam com o ideal americano plenamente emancipado e indubitável.

Pode-se especular ainda que a popularidade do show de horrores nessa época também foi uma resposta a várias situações históricas específicas. Tanto a Guerra Civil quanto os crescentes acidentes industriais causados por máquinas produziram muitas pessoas deficientes entre as classes trabalhadoras. Talvez a ansiedade intensificada de incapacidade real ou possível entre aquele grupo os tenha levado a um encontro com o outro físico como distanciado e domesticado ou a uma identificação simpática com o corpo estigmatizado. Além disso, atos expansionistas como a remoção de índios e a Guerra do México, bem como a escravidão, exigiam a propagação de uma ideologia de supremacia branca que o show de horrores encenou em seu

Machine Translated by Google

exibição de outros culturais. As classes trabalhadoras brancas que competiam com imigrantes e pessoas de cor por recursos escassos durante esse período também se beneficiaram da autoimagem de corpo saudável e normalidade racial que o show de aberrações fornecia a seus espectadores.23

Os shows de aberrações afirmavam seu público recém-democratizado em outras maneiras também. Os malucos personificavam a ameaça da individuação correndo desenfreada para o caos - o medo da lógica antinomiana que espreitava sob a superfície otimista da ardente democracia igualitária americana. O corpo da aberração zombava dos limites e semelhanças que uma sociedade democrática bem ordenada exigia para evitar a anarquia e criar a unidade nacional. Ao exotizar e banalizar os corpos que eram fisicamente inconformistas, o show de horrores continha simbolicamente a ameaça potencial de que a diferença entre os membros da comunidade política pudesse irromper como anarquia. Aumentada pelos modos de exibição, a extraordinariedade da aberração invocava as tensões entre singularidade e uniformidade, particularidade e generalidade, aleatoriedade e previsibilidade, exceção e regra, estendendo a primeira a ponto de interromper a segunda. O espectador foi imediatamente abalado pelas possibilidades ilimitadas desencadeadas pelo corpo anárquico da aberração e apaziguado por ter sua aparente normalidade verificada e o perigo da diferença contido. Assim, domesticar a aberração para entretenimento e lucro tornou-se uma forma de dissipar as suspeitas de que o mundo pode realmente ser intratável, caótico e opaco. significando o potencial árquico da individualidade contida e dominada.

Identificação e o desejo de distinção

Embora a ideologia americana encorajasse o cidadão a se tornar l'homme moyen, a aberração como l'homme extraordinaire claramente exercia muita atração sobre aqueles que entusiasticamente acorriam para ver os desfiles e comprar as fotografias. As aberrações eram tanto celebridades quanto espetáculos, e sua popularidade sugeria que o público simultaneamente se identificava e sentia repulsa pelos artistas. anacronismos em uma democracia do século XIX. Como vimos no capítulo 2, ocorreu uma inversão cultural no significado da individualidade por volta do Iluminismo, quando a sociedade ocidental passou de uma ordem feudal para uma ordem moderna. 26 Na era pré-moderna, as marcas de individuação realçavam e identificavam o poder pessoal. Trajes cerimoniais, genealogias e até mesmo os estigmas dos santos cristãos testemunhavam um status excepcional; por exemplo, os aristocratas eram

Machine Translated by Google

altamente marcados por rituais e decorações - cro\Nns, perucas e símbolos diferenciadores semelhantes. Criminosos, hereges e bruxas eram rotineiramente forçados a aparecer em público com uma camisa penitencial comum que simbolicamente os despojava de todos os marcadores de personalidade e status individuais .27 No movimento gradual de uma forma altamente estratificada e estável de organização social para a ordem moderna caracterizada por indivíduos isolados e relações sociais fluidas, a singularidade passou a ser lida como desvio, enquanto o comum tornou-se a base da normalidade. A preocupação cultural \Nestern do século XIX \com a medição e quantificação das diferenças humanas ilustra parte da ansiedade provocada por essa inversão cultural. Essa validação do comum também está em consonância com a ascensão da democracia igualitária masculinista e o desaparecimento do patriarcado hierárquico político e religioso. Tomando-se como a apoteose do impulso igualitário moderno, a América jacksoniana, por exemplo, se opôs profundamente às cerimônias, insígnias e linhagem que separavam a corrupta aristocracia européia das massas indiferenciadas que ela esperava fortalecer.28

Junto com essa desconfiança do excepcional, no entanto, veio um fascínio aparentemente insaciável pelo extraordinário que tornou homens como Barnum ricos. Por exemplo, a obsessão da América vitoriana com o curioso, o grotesco e o anômalo está bem documentada. coisas. A exibição do corpo extraordinário formalizou a relativamente recente inversão dos marcadores de prestígio e poder nas relações entre cidadãos comuns e incomuns. O show de horrores oferecia àqueles que se identificavam como o homem comum americano uma paródia banalizada da velha ordem, bem como uma trégua nostálgica das pressões modernas em direção à padronização. As marcas físicas indeléveis da aberração zombavam das insígnias e convenções - os estigmas sagrados, por assim dizer - que distinguiam o homem extraordinário do comum na hierarquia social fixa à qual a América imaginava resistir. Pseudônimos de títulos como "Rei", "Rainha", "Príncipe" e "Princesa", bem como nomes artísticos que soam aristocráticos e a pretensão de atividades de elite, como escrever poesia e falar muitas línguas, pretendiam sugerir que as aberrações eram luminares ou aristocratas perversos.30 Como uma celebridade irônica, a aberração parecia ao mesmo tempo burlescar, viciar, reproduzir e curvar-se a uma aristocracia que a América retoricamente denegriu durante sua fase edipiana cultural.

Freak shows assim confundiam reis e tolos em uma extravagância satírica espalhafatosa que inverteu o antigo espetáculo cerimonial de pompa e poder real ao exibir ritualmente uma pessoa estigmatizada pela particularidade corporal, silenciada pela narrativa imposta pelo homem do campo e administrada pelo showman.

Machine Translated by Google

Esse ritual cultural, portanto, servia a propósitos mais complexos e convincentes do que simplesmente dissipar as dúvidas de seus patronos. Como a figura deficiente discutida no capítulo 2, a aberração forneceu um local onde um paradoxo fundamental no cerne da democracia igualitária poderia ser sondado. Enquanto a ideologia da liberdade recomenda cultivar as diferenças individuais, a ideologia da igualdade encoraja a mesmice de condição e expressão entre os cidadãos democráticos. Assim, mesmo quando a voz representativa de Emerson definia o indivíduo como independente e exortava seus compatriotas a resistir à conformidade, Toc queville observou que uma conformidade notável era o jeito americano. Apesar da retórica do individualismo tão básica para nossa autoimagem nacional, o indivíduo, como observou John W. Meyer, "alcança liberdade e poder apenas sob a condição de se tornar isomórfico, ou semelhante em forma, a todos os outros indivíduos". na sociedade."31 Atracados pela contradição entre liberdade e igualdade, os americanos aparentemente tinham a liberdade de se tornarem extremamente parecidos; despojados das tradições e desdenhosos da autoridade, eles tinham apenas uns aos outros como exemplos. Assim, embora a conquista de uma identidade nacional exigisse que os americanos se imaginassem como indivíduos independentes e autodeterminados, a própria cultura padronizou cada vez mais os indivíduos por meio de uma série de instituições: educação universal, produção em massa, peças intercambiáveis, reprodução mecânica de imagens, publicidade, e cultura impressa de massa. Evidentemente, a democracia na prática não tolera a dissimila

Assim, embora o corpo anárquico da aberração domesticada assegurasse ao público sua semelhança, ao mesmo tempo o corpo extraordinário simbolizava um potencial de liberdade individual negado pelas pressões culturais em direção à padronização. Uma explicação para a imensa popularidade do freak shov do século XIX poderia ser que ele oferecia uma oportunidade segura e ritualizada para democratas banais se identificarem voyeuristicamente com o inconformismo. Todos os espectadores que foram incapacitados por guerra ou acidente ou excluídos por etnia foram, sem dúvida, atraídos para essas exibições por uma identificação com a extraordinariedade da aberração. Simpatia e afiliação certamente fluíam junto com presunção e diferenciação, já que alguns espectadores provavelmente usaram os shows para explorar os limites da variação humana. Se o século XIX foi uma época de crise de identidade para os americanos, foi em parte porque a intensificação do imperativo capitalista de se distinguir economicamente e marcar essa distinção colidiu com o imperativo social igualitário e antiaristocrático de emular o homem comum idealizado ou o agricultor pequeno. 32 No entanto, como sugere a retórica persistente de inconformismo de Thoreau e outros, alcançar alguma diferenciação significativa pode ter sido difícil, apesar de seus esforços ansiosos para se distinguirem economicamente de seus vizinhos. O repúdio da autoridade, a recusa de

Machine Translated by Google

seguir as tradições, e a negação da linhagem sugerida pelo corpo extravagantemente diferente da aberração pode ter fascinado o espectador cuja igualitaridade ou dinaridade parecia trair a promessa de distinção inerente ao conceito de liberdade individual. Assim, o espectador investiu entusiasticamente seu centavo no show de horrores não apenas para confirmar sua própria superioridade, mas também para concentrar com segurança um anseio identificatório nessas criaturas que personificavam a promessa ilusória e ameaçadora da liberdade de não ser como todo mundo.

Não apenas a imagem do homem comum independente em quem Jefferson, Crevecoeur e Whitman depositaram tanta fé foi ameaçada pela padronização provocada pela cultura de massa e pela reprodução mecânica, mas sua suposta autonomia foi minada pela divisão do trabalho que cedeu a autoridade. thoridade aos especialistas e peritos da nova classe média. O corpo esquisito funcionava como uma espécie de santuário igualitário onde a subclasse e os imigrantes podiam por um centavo ou um quarto exercer sua autoridade como leitores desse fenômeno extraordinário. A fixação da América no corpo extraordinário revisitou a noção do prodígio, o corpo ambíguo no qual as pessoas durante séculos encontraram os significados e explicações que confirmavam suas perspectivas. espaço liminar onde categorias ontológicas se misturavam. O corpo da aberração confundiu os sistemas de classificação que organizam as percepções culturais coletivas, produzindo exibições híbridas como “O Homem Sapo” e “A Garota Camelo”. -Jo, o menino com cara de cachorro." Esses nomes artísticos ilustram como uma grade interpretativa os colocou em referência a categorias sociais ansiosamente fixadas, como humano e animal.

Hermafroditas como Bobby Kirk, o "meio-a-meio", eram compelidos porque violavam os rígidos limites culturais entre masculino e feminino. Vários homens negros deficientes físicos e mentais foram exibidos sob o título "O que é isso?", um nome que expressava a ambiguidade da aberração e desafiava os espectadores a resolver a disparidade entre esse corpo e suas expectativas. O pôster publicitário de Barnum desafiava os espectadores a fazer a distinção: "É uma ordem inferior de MAN? Ou é uma ordem superior de MACACO? Ninguém pode dizer! Talvez seja uma combinação de ambos." Anunciados como "elos perdidos", os números "O que é isso?" um homem microcefálico negro, como um "O que é isso? , descrevendo-o como "o animal mais singular" que não era nem humano nem besta, mas "uma mistura de ambos - o elo de ligação entre a humanidade e a criação bruta".

Machine Translated by Google

fundada na ambigüidade, forneceu ao público um rico ícone de significado direcionado. Talvez ainda mais provocantes fossem gêmeos siameses. Enquanto Eng e Chang eram dois corpos completos unidos pelo peito, posturas mais transgressoras do que o mundo médico agora chama de "major terata" transtornaram os limites do corpo humano comum. Os irmãos Tocci, por exemplo, eram da cintura para cima dois meninos e da cintura para baixo apenas um, enquanto a Sra. "B" era da cintura para baixo dois corpos e da cintura para cima apenas um. assim como vários.outros monstros registrados desde os tempos medievais em diante, tinham gêmeos parasitas em miniatura crescendo de seus abdomes.

Tais seres inadvertidamente ostentam o errático e desprezam o estável, tornando-se emblemas da anarquia física e cultural e ímãs para as ansiedades e ambições de seu tempo. Investidos com a liminaridade que \lictor Turner sugere ameaça tanto transformar quanto perturbar a ordem social, corpos extraordinários carregam uma série de significados culturais atribuídos projetados sobre eles por espectadores atônitos. últimos locais onde o cidadão comum poderia exercer a autoridade para interpretar o mundo natural, um direito concedido pela Reforma que estava sendo gradualmente revogado pela divisão de classes do trabalho - o que Barbara Ehrenreich e Deirdre English chamaram de "a ascensão dos especialistas". “37 A instabilidade da vida tradicional minou a crença do leigo na autoridade de seus próprios sentidos, tornando as pessoas comuns mais receptivas ao controle profissional de cientistas e médicos. Na verdade, a consolidação da autoridade médica ocorreu durante a era do show de aberrações.38 Existir como exemplos definitivos do "não eu" emersoniano tornou as aberrações maleáveis às especulações dos espectadores. Os shows foram a última oportunidade de especulação epistemológica disponível em um contexto leigo. Em 1940, o corpo prodigioso havia sido completamente absorvido pelo discurso da medicina, e os shows de aberrações praticamente desapareceram.

De Freak a Specimen: HA Vênus Hotentote" e HA Mulher Mais Feia do Mundo "

Para traçar o desenvolvimento dos shows de aberrações ao longo do século XIX até sua virtual extinção em meados do século XX, podemos nos concentrar em duas aberrações cujas imagens culturais perturbadoras e histórias pessoais exemplificam e esclarecem o processo de estranheza. A construção como aberração tanto do agora relativamente conhecido Sartje Baartman quanto da muito mais obscura Julia Pas trana estava inextricavelmente ligada às produções culturais de gênero e raça. Lançado em oposição ao eu americano ideal - que é, entre outras coisas, masculino por definição - a aberração é representada de forma muito parecida com a mulher: ambos são possuídos,

Machine Translated by Google

gerenciado, silenciado e mediado por homens; ambos são socialmente definidos como desvios do corpo masculino ideal; ambos são marginalizados na esfera da produção econômica; ambos são apropriados para exibição como óculos; ambos são vistos como subjugados pelo corpo. As exibições de Sartje Baartman, anunciada como "A Vênus Hottentot" e Julia Pastrana, anunciada como "A Mulher Mais Feia do Mundo", funcionavam como concursos de beleza invertidos e paródicos. A exposição enquadrava os corpos dessas mulheres como ícones grotescos de feminilidade desviante que confirmavam a versão ocidental da feminilidade. A exibição de "A mulher mais feia do mundo" sugeria a seus espectadores como a mulher mais bonita do mundo deveria ser, enquanto o desfile de "A Vênus hotentote" instruía seu público sobre como a sexualidade feminina apropriada deveria aparecer. A feminilidade sancionada foi ao mesmo tempo velada e elaborada por meio de seu espetáculo de oposiç

Os títulos dessas mulheres testemunham o papel essencial que o padrão físico sexualizado que chamamos de "beleza" desempenha na definição do feminino. Em ambos os títulos, um termo perverte o outro: "Hotentote", que significava para a mente ocidental selvageria e irremediável inferioridade fisiológica, é emparelhado com "Vênus", a apoteose ocidental da feminilidade; "A mais feia" cancela a beleza, a essência definidora do sujeito "Mulher". As apresentações de Baartman e Pastrana como versões grotescas da feminilidade recebida amplificaram esse paradoxo, desestabilizando a própria categoria de mulher, mesmo ao validar a noção padrão de feminilidade. As exibições forçaram seu público extasiado a explicar como essas criaturas podiam gesticular ao mesmo tempo para a feminilidade familiar e seu oposto perturbador e ameaçador. Fazer essa pergunta deu aos espectadores que se aglomeraram em tais exibições a autoridade para fornecer respostas especulativas.

As vidas e mortes públicas, na verdade os órgãos públicos , de Sartje Baartman e Julia Pastrana expõem como gênero, sexualidade, colonização, raça e patologia se inter-relacionam no processo de construção de ícones culturais. Baartman era uma criada nativa africana trazida da África do Sul em 1810 para ser exibida com fins lucrativos em Londres e depois em Paris até sua morte por varíola, complicada pelo alcoolismo, em 1815.40 Embora membro de uma tribo San, ela Vãs faturava um hotentote, o rótulo exótico que representava tudo o que o inglês considerava não ser. O discurso científico emergente identificou os hotentotes como a espécie humana mais primitiva, o "elo perdido" na cadeia do ser que a ciência estava reforjando e mais tarde manifestada no pensamento darriniano. A obsessão da ciência com a medição e a classificação serviu à supremacia branca e legitimou a exploração colonial, com sua poderosa lente avaliativa localizando os hotentotes no limite da humanidade, igualmente humanos e bestiais. um macaco humanoide ou um humano simiesco - ela também era um corpo feminino

Machine Translated by Google

viant por definição, e duplamente em sua configuração feminina particular, patologizada como uma condição chamada "esteatopigia". A característica definitiva de Sartje, a marca da aberração, eram suas nádegas, que tinham um formato bem diferente e consideravelmente maiores do que as mulheres europeias comuns. Como outras aberrações, Baartman foi recrutado e administrado por uma série de homens vvhite que lucraram com suas apresentações. Uma agia como sua "guardiã" durante as apresentações em que ela era "produzida como uma fera, e ordenada a mover-se para frente e para trás, e entrar e sair de sua jaula, mais como um urso acorrentado do que humano", de acordo com um relatório contemporâneo. como um urso. um ser pitchman do freak show, mediado entre o espetáculo mudo e os telespectadores pagantes, cobrando uma taxa adicional para que eles também a tocassem. Embora as nádegas de Baartman fossem exibidas com destaque por uma roupa justa e cor de pele, sugerindo nudez, sua área genital, amplamente divulgada como sua anomalia secreta e mais dramática, estava escondida, impedindo a gratificação dos espectadores voyeuristas. Na tradição da visão aristotélica das mulheres como machos mutilados, a genitália feminina - para a cultura ocidental que mais tarde produziu Freud - eram os estigmas que marcavam a suposta ausência que definia a falta feminina. Em contraste, as notórias nádegas e genitália de Baartman tornaram-se um ícone da sexualidade feminina perigosamente excessiva e grotesca, simultaneamente incorporando o oposto da sexualidade feminina europeia supostamente domesticada e alertando sobre o que essa sexualidade pode se tornar se não for rigorosamente gerenciada. Sua jaula dramatizava tanto a urgência quanto a realidade da contenção feminina.

Enjaular Baartman para inspeção pública de seus órgãos genitais "superdesenvolvidos" representava ritualmente uma das formas mais flagrantes de etnocentrismo de nossa cultura. Os modos de representação do freak show revelam que um ícone da alteridade cultural era intercambiável com um ícone da alteridade física. Nessas exposições, não havia absolutamente nenhuma distinção entre essa mulher africana, cuja forma corporal era típica de seu grupo, e as gêmeas siamesas, amputadas congênitas ou anãs \u2014 que também escapavam das fronteiras estreitas e culturalmente construídas que distinguem o normal do anormal. A exibição de Baartman como uma aberração nos força a reconhecer a relatividade de todos os padrões físicos e a reconhecer que categorias aparentemente auto-evidentes, como "anormais" ou "deficientes físicos", surgem de um contexto sociopolítico historicamente mutável que interpreta as variações humanas para seus próprios fins.

A contraparte americana de Baartman, Julia Pastrana, também representou simultaneamente para seu público ocidental a alteridade cultural, física e sexual. Um membro de uma tribo indígena mexicana caracterizada em seu panfleto de exibição como "semi-humana" com características "muito parecidas com as de um urso".

Machine Translated by Google

e Orange Outang," Pastrana foi exibida pela primeira vez em Nova York em 1854 quando ela tinha cerca de vinte anos 01d.43 Como Baartman, ela teve uma breve e sinistra carreira como uma aberração, morrendo no parto durante uma turnê na Rússia em 1860 Claramente, tanto a etnia não-ocidental de Pastrana quanto a de Baartman foram essenciais para sua destruição, sugerindo que a prática medieval de imaginar grupos étnicos alienígenas como monstruosos persistiu até o século XIX. sexualidade, o corpo de Pastrana tornou-se esquisito um pouco diferente: ele violou as dicotomias homem/mulher e homem/animal, duas de nossas construções culturais mais sagradas. a partir do qual uma aparência simiesca poderia aparentemente ser interpretada.

Uma descrição do Dr. JZ Laurence em uma edição de 1857 da revista médica britânica Lancet descreve-a com a mesma atenção aos detalhes corporais usada por Barnum em seu relato de Joice Heth e sugere a liminaridade perturbadora projetada sobre seu corpo:

> [Sua] principal peculiaridade consiste em possuir pelos em quase todo o corpo, e mais especialmente nas partes que normalmente são cobertas por pelos no corpo. .. Ela tem bem um metro e sessenta e cinco de altura, é atarracada e extremamente masculina. proporcionado no tronco e membros, as principais peculiaridades residindo na face. Ela tem um grande tufo de cabelo caindo do queixo - um ouvido, contínuo com crescimentos menores de cabelo no lábio superior e nas bochechas - bigode e bigodes. Suas sobrancelhas são grossas e espessas; o cabelo em sua cabeça é notavelmente abundante ... O resto do rosto é coberto por cabelos curtos semelhantes. De fato, todo o corpo, exceto as palmas das mãos e as plantas dos pés, é mais ou menos revestido de pelos. A esse respeito ela concorda, em grau exagerado, com o que não é incomum observar no sexo masculino... Em outros aspectos, ela concorda com a mulher. Seus seios são notavelmente cheios e bem desenvolvido. Ela menstrua regularmente. [44]

Nesta primeira parte de sua descrição, Laurence revela que o comportamento de Pastrana está na combinação de marcadores masculinos e femininos de seu corpo, na preocupante coincidência de "barba" e "bigode e bigode" com seios "notavelmente cheios" e menstruação. . Essa interpretação do intermediário foi incentivada por títulos de exposições, tanto animais quanto humanos, como "Mulher Urso", "Mulher-Macaco", "Indefinido", "Mulher Babuíno" e "Índia Híbrida", todos aparentemente destinados a inflamar a imaginação. e desafiar as percepções dos espectadores.

O estilo antropológico e médico do discurso textualiza o corpo que se fixou sob o olhar de Laurence:

Machine Translated by Google

> Seu rosto é peculiar: as asas do nariz são notavelmente achatadas e expandidas, e tão macias que parecem destituídas de cartilagens; a boca é grande e os lábios evertidos [sic] - acima por um espessamento extraordinário da borda alveolar da mandíbula superior na frente - abaixo, por um crescimento verrucoso e duro que surge da gengiva.
> A dentição inferior é perfeita; mas no conjunto superior os dentes da frente são quase deficientes, apenas os molares sendo adequadamente desenvolvidos. Suas orelhas são extraordinariamente longas. A fisionomia não é a do negro: o ângulo facial é bem pequeno. Sua pele é de uma cor marrom-amarelada. A voz é de uma mulher, como é especialmente destacado em suas notas mais agudas quando ela canta.45

Repleto de palavras como "extraordinário", "perfeito", "deficiente" e "excepcional", esse relato muito detalhado do corpo de Pastrana é, na verdade, mais uma comparação do que uma descrição; é assombrado pela figura implícita da mulher européia normativa, o padrão neoplatônico e ideologicamente flexionado em relação a quem Pastrana parece ao mesmo tempo hediondo e menos humano. No entanto, apesar de toda a sua estranheza física no olhar europeu, seus seios "notavelmente cheios" e sua adorável voz cantante - sobre a qual seus cronistas comentam repetidamente - são remanescentes da figura ideal esperada. Assim, o papel de Pastrana como aberração e seu fascínio pelo público não depende de sua alteridade absoluta, mas sim da presença conflitante de diferenças radicais e traços familiares.

De fato, os manipuladores de Pastrana amplificaram essa coincidência do reconhecível e do não identificável, assim como todas as exibições de aberrações. Assim como Baartman se movia para frente e para trás em sua jaula e usava roupas que realçavam seu corpo extraordinário, Pastrana deu um show elaborado no qual cantou canções em espanhol e inglês e dançou flings e Pepitas. Ela usava vestidos bordados elaboradamente desenhados para acentuar seu corpo feminino comum e enfatizar, por contraste, seu rosto extraordinário, descrito pelo naturalista Francis Buckland em 1888 como "simplesmente hediondo". No entanto, Buckland continuou, na mesma linha de Laurence, a se maravilhar com a justaposição daquele rosto com sua "voz fria" e sua "figura [que] era extremamente boa e graciosa, e seu pé minúsculo e bem torneado tornozelo, bien chausse, a própria perfeição." 46 Como ilustram as exibições de Pastrana e Baartman, o poder de atração das aberrações está em sua aparente abrangência das categorias que sustentam a racionalidade ocidental. Como tantos tapas na cara da razão, as aberrações eram figuras perigosas e sedutoras que precisavam ser contidas. O discurso do assombro havia acomodado uma visão de mundo pré-iluminista que colocava a vontade inescrutável de Deus no centro, mas essa leitura do corpo extraordinário não conseguia articular o domínio do mundo natural que o homem moderno via como seu destino. Assim, à medida que o século XIX avançava, a sempre preocupada aberração foi lançada menos na linguagem do maravilhoso e explicada cada vez mais no ascendente discurso científico da patologia.47

Machine Translated by Google

Embora as narrativas de circo e entretenimento definissem a aberração na sociedade ocidental do século XIX, esse meio popular e transitório não era páreo para o discurso científico emergente, autoritário e duradouro que enquadrava essas pessoas de acordo com um modelo médico. Na década de 1940, os shows americanos desapareceram em parte porque os cientistas transformaram a aberração em um espécime médico. As convenções do show de aberrações derivaram de práticas culturais anteriores que fixavam o desvio individual por meio do espetáculo ritualizado, como execuções públicas e outras exibições comunitárias de degradação social, como a cena do cadafalso e a marca estigmatizada em torno da qual Hawthorne criou A Letra Escarlate . A mente antiga traduziu a extraordinária hibridez e excesso do corpo no sobrenatural, muitas vezes sagrado, panteão de ciclopes, sátiros, centauros, minotauros e hidras. Mas a mente moderna traduziu oficialmente essas qualidades para a ciência em 1822, quando Isidore Geoffroy Saint Hilaire cunhou o termo "teratologia" para significar o estudo dos monstros. Em vez de responder com medo ou admiração, como no passado, o médico moderno competiu com Deus, produzindo peixes e mamíferos monstruosos para descobrir a etiologia do que veio a ser conhecido no século XX como "defeitos congênitos". Mudando gradualmente a admiração e a superstição para uma explicação racional, a ciência dedicou-se intensamente a projetos como a classificação da variação humana e a criação de fendas palatinas em porcos.48

O discurso do corpo extraordinário como espécime médico finalmente eclipsou o tradicional show de horrores em meados do século XX. Embora os discursos científicos e secundários tenham sido emaranhados durante a era do freak show, eles divergiram para extremos opostos de um espectro de prestígio e autoridade com o passar do tempo. Freak shows sempre fizeram parte da cultura popular ou baixa, enquanto a ciência médica tornou-se cada vez mais elitizada e poderosa nos tempos modernos. As igrejas do século XIX nos Estados Unidos, por exemplo, visavam shows de aberrações para reformar a legislação e censurar porque eram considerados imorais e encorajavam a ralé, não porque exploravam aberrações.49 Em meados do século XX, médicos e cientistas, em vez de do que o público e o empresário, governavam a produção de aberrações. No período de transição, os cientistas invadiram shows de horrores em busca de observações e espécimes e promoveram debates paralelos, enquanto o show de horrores explorava a racionalização científica para autenticar suas exibições. Por exemplo, o panfleto narrativo que anuncia a exposição de Julia Pastrana no Horticultural Hall de Boston em 1855, anunciando-a como "A chamada Mulher Ursa", também contém relatos médicos que soam oficiais extraídos de exames físicos do corpo de Pastrana. O Dr. Alex Mott proclama que ela é uma "híbrida", enquanto o Professor Brainerd, que examinou "o cabelo do espécime", declara que não há "NENHUM TRAÇO

Machine Translated by Google

DE SANGUE NEGRO", e o anatomista Samuel Kneeland - nada menos - da Sociedade de História Natural de Boston testemunha que ela é de fato humana. 50 Enquanto o discurso de elite do médico era influenciado pela ideologia positivista do progresso científico e preocupação humanitária, o o discurso popular do showman apelava para a noção de empreendedorismo igualitário e o empoderamento do homem comum.No entanto, tanto o médico quanto o showman competiam pelo controle do corpo extraordinário do qual suas carreiras e músicas dependiam.

Como vimos anteriormente no caso da lucrativa dissecação pública de Joice Heth, a aberração era igualmente valiosa na vida e na morte. Essa textualização extrema do corpo humano demonstra como a representação tenta converter as pessoas em coisas. controle do corpo extraordinário, bem como a transformação desse corpo de espetáculo impressionante em especialidade médica

homens.

Quando Baartman morreu em 181 5 , o eminente zoólogo francês Georges Cuvier dissecou seu corpo, assegurando assim sua continuação da aberração ao torná-la literal e discursivamente um espécime médico. Cuvier autorizou uma fundição de gesso e uma pintura do corpo nu de Baartman antes de dissecá-lo; ele então apresentou à comunidade científica um relatório escrito e seus órgãos genitais extirpados, "adequadamente preparados" em uma jarra que permanece até hoje em uma prateleira no NIusee de l'Homme em Paris. 52 Tanto seu esqueleto preservado quanto o molde de seu cadáver ainda estão entre as coleções do museu. Mas a ideia de uma Vênus hotentote moldou a consciência cultural muito depois de o corpo de Baartman ter sido feito para representar esse roteiro.

53 Sander Gilman observa que a história do homem Baart influenciou as descrições científicas das mulheres hotentotes ao longo do século XIX, concentrando-se nas descrições de seus órgãos genitais em um esforço para estabelecer a diferenciação biológica de uma raça separada que era mais próxima dos animais do que dos europeus. Por volta de 1877, os genitais hotentotes eram descritos nos manuais ginecológicos como um "erro congênito" envolvendo uma "malformação" do clitóris associada à sexualidade excessiva que levava ao lesbianismo. 54 Assim, de 1810 a 1877, a interpretação física de Sartje Baartman mudou de bizarramente fascinante para clinicamente anormal, fundindo inextricavelmente o culturalmente extraordinário e o fisicamente extraordinário em uma narrativa moderna de patologia.

Como os corpos de Baartman e Joice Heth, o corpo de Julia Pastrana também foi transformado em texto e letras maiúsculas. Pastrana era administrada por um homem que se casou com ela depois que ela se tornou extremamente lucrativa, talvez para garantir o controle dele.

Machine Translated by Google

sobre sua exposição. Quando Pastrana morreu em uma turnê em 1860, vários dias depois de dar à luz diante de uma multidão curiosa um menino natimorto que se parecia muito com ela, seu empresário e marido vendeu seu corpo, junto com o filho morto, ao professor J. Sokolov, do Instituto de Anatomia. da Universidade de Moscou para que Sokolov pudesse usar seu novo método para embalsamar os corpos. O procedimento de embalsamamento de Sokolov foi tão bem-sucedido que o marido/empresário de Pastrana resgatou seu cadáver por trezentas libras a mais do que havia recebido. Ele continuou a exibir o corpo de Pastrana e o de seu filho e a alugá-los para museus até sua morte em 1884. Os corpos viajaram pela Europa, mudando de mãos, desaparecendo e reaparecendo em público, sendo roubados e recuperados. Eles viajaram pelos Estados Unidos com um circo recentemente, em 1972. Agora, o corpo devastado pelo tempo de Pastrana, uma vergonha para o governo norueguês que o possui, está guardado no porão do Instituto de Medicina Forense de Oslo. Embora os propósitos empresariais do showman pareçam ter prevalecido na textualização do corpo de Pastrana, o discurso da patologia teve de fato a última palavra. Persiste um debate acadêmico que exige exame radiográfico do crânio de Pastrana e microfotografias de suas amostras de cabelo para determinar se sua "condição" é "hipertricose terminal congênita e generalizada" ou "hipertricose lan guinosa generalizada e congênita". sua dentição é "normal" ou "anormal". Tudo isso está documentado no volume de 1993 do American Journal of Medical Genetics. Como foi o caso de Baartman, o processo social de enlouquecimento transformou o corpo de Pastrana em um ícone da patologia, restando apenas um traço do ser humano.

A patologização de outros culturais e corporais começou com a fé iluminista na racionalidade como meio de prever e regular um universo intratável. O sucesso de tal positivismo depende do estabelecimento de categorias absolutas e do encaminhamento dos paradoxos perturbadores da contingência, indeterminação, ambigüidade e impureza. Se a ciência justifica as relações de poder dominante, como muitos têm argumentado, ela também legitima o corpo dominante, que é tanto o marcador do poder cultural quanto o bilhete de admissão a esse poder. Cientistas do século XIX estabeleceram obsessivamente taxonomias físicas hierárquicas, eventualmente reforjando a grande cadeia do ser de Deus na de Darwin e criando a ideia da norma, o que Foucault chama de "a nova lei da sociedade moderna". desafiava o sistema de classificação, mais ameaçava o empreendimento científico, fazendo com que os cientistas se concentrassem nos corpos mais paradoxais. Assim, as aberrações mais maravilhosas, como gêmeos siameses (uma ou duas pessoas?) ou africanos deficientes mentais (humanos ou macacos?)

Machine Translated by Google

mais dilemas científicos. 57 No final do século, a medicalização, em vez da aberração, legitimou noções como supremacia branca e práticas políticas como colonialismo, legislação eugênica e institucionalização ou esterilização compulsória. O corpo extraordinário mudou de sua posição pública visível anterior como espetáculo estranho, terrível e sinistro para sua posição privada posterior como doente, oculto e vergonhoso, produzindo finalmente a aberração totalmente medicalizada que depois de 1940 foi removida da plataforma do palco. ao anfiteatro do hospital universitário, ao texto médico e à instituição especial. Este é o papel que os ativistas da deficiência de hoje estão tentando descartar. 58

As trajetórias de vida para a morte dos corpos de Sartje Baartman e Julia Pastrana mostram como a autoridade consolidada da ciência e da medicina ocidentais transmutou aberrações secundárias em casos patológicos durante o século XIX. Sartje em sua jaula e Julia em seu palco se transmutaram em diagramas e microfotografias em textos científicos, e desafios para cirurgias reconstrutivas ou estéticas, sugerindo o discurso totalizante que agora medicaliza todos os corpos extraordinários. Não apenas a apresentação de Cuvier dos órgãos genitais de Baartman e o embalsamamento de Solokov do corpo de Pastrana criaram o que Sander Gilman chama de "sumário patológico" dessas mulheres, mas essas sinédoques literais fundem os eixos raciais, de gênero e de classe de outras culturas ness. culturais. corpo hirsuto, circulando por mais de 130 anos sob o olhar curioso, e esse pedaço de carne em uma jarra na estante do museu evoca todo um complexo sistema cultural, histórico e político.

O Fim do Corpo Prodigioso

A era do show de horrores, então, marca uma mudança de prodigioso para patológico na construção cultural do corpo extraordinário: As rápidas mudanças sociais após 1830 permitiram que a antiga prática de ler corpos monstruosos prosperasse na forma revigorada do show de horrores americano. Um conjunto de condições culturais se encaixou para produzir o clima no qual o freak sholl floresceu: imigração, reposicionamento de classe e aumento da estratificação social pressionaram uma política insegura a inventar um outro corpóreo cuja diferença aliviou suas apreensões sobre status. Acidentes industriais, ferimentos de guerra e maior preocupação com a aparência podem ter intensificado uma identificação ansiosa com o corpo extraordinário, enquanto a padronização, a produção em massa e a cultura de massa produziram a noção de um corpo normativo não marcado como o sujeito dominante da democracia. Ferrovias, educação de massa, fotografia, publicações populares e uma mobilidade inquieta tornaram as aberrações altamente visíveis e criaram o gosto pela novidade. A ciência como um conceito ideológico encorajou a explicação

Machine Translated by Google

nação e estimulou a curiosidade. O trabalho assalariado e o investimento de profissionais com autoridade ameaçavam o senso de domínio e autonomia do cidadão comum. O empreendedor emergente capitalizou tudo isso. No entanto, essas mesmas condições eventualmente expulsaram o showman do palco e varreram suas aberrações para as instituições, hospitais e livros de medicina. Por volta de 1940, as aberrações tornaram-se inadequadas aos olhos do público, apresentadas como "casos" privados, cercadas e definidas por um aparato profissional de médicos, conselheiros e especialistas em reabilitação.

Tanto a narrativa do espetáculo quanto a narrativa do espécime objetivavam o corpo extraordinário, servindo, em última análise, aos interesses dos mediadores. O sucesso social e econômico do showman e do cientista dependia igualmente de quão esquisitos os corpos de seus outros culturais/físicos poderiam ser. No entanto, cada um trouxe algum benefício para o espécime/aberração: o showman oferecia independência econômica às custas da normalidade cultural; o médico oferecia procedimentos de normalização que muitas vezes exigiam submissão à intrusão corporal e reconstrução dolorosa. Para colher os benefícios do showman, a pessoa com um corpo extraordinário tinha que concordar com a imersão total no papel de aberração. Mas a normalização do médico requer a negação de aspectos do próprio corpo individual, bem como a negociação dos riscos e compromissos psíquicos da "passagem".

O modelo médico que rege a interpretação atual da deficiência pressupõe que qualquer traço somático que fique aquém da norma idealizada deve ser corrigido ou eliminado. De fato, um de nossos tabus culturais mais fortes proíbe o corpo extraordinário, como atestam a defesa e a prática geralmente incontestáveis da cirurgia reconstrutiva, do aborto de fetos "defeituosos" e de outros procedimentos de normalização. Corpos extraordinários são vistos como desvios a serem padronizados, e não como aspectos únicos e até mesmo enriquecedores de indivíduos que podem ser aceitos.60 Ironicamente, a tecnologia do modelo médico realmente facilita a sobrevivência de muitos deficientes ao mesmo tempo em que os patologiza. Grupos inteiros que teriam morrido até trinta anos atrás - como pessoas com espinha bífida ou paraplegia - existem agora, muitas vezes apenas esperando serem "consertados". fetos para provável eliminação é uma alta prioridade médica.62 Assim, a mudança fundamental nas percepções culturais não tem sido claramente progresso nem regressão, mas apenas uma conversão de monstros sinistros e maravilhosos pré-iluministas em aberrações fascinantes em palcos de circo e, finalmente, , a casos médicos que desaparecem em hospitais, textos médicos e prateleiras de espécimes.

Nos Estados Unidos do século XIX e início do século XX, os shows de aberrações produziam

Machine Translated by Google

um ícone generalizado da alteridade corporal e cultural que verificava o status quo sócio-político e a figura do normado não marcado, o sujeito ideal da democracia. O show de aberrações deu ao cidadão americano um fórum cultural cerimonial para examinar as apreensões sobre o grande experimento democrático e a relação do cidadão com ele. As taxas de admissão eram bons investimentos para aqueles que podiam sair do show de aberrações com sua autoimagem afirmada, embora uma vaga identificação com as aberrações e um desejo de testemunhar novamente sua individuação anacrônica e extravagante pudessem persistir. O extraordinário ícone humano neste drama sociopolítico, no entanto, foi negado a validação cultural que tal ritual fornecia ao espectador comum. Em vez disso, a necessidade cultural transformou o corpo extraordinário da aberração em um manto envolvente e oneroso que parecia ao mesmo tempo prodigioso e patológico para espectadores cativados.

Machine Translated by Google

QUATRO

.....

Maternalismo Benevolente e o Mulheres com deficiência em Stowe, Davis e Phelps

A benfeitora materna e suas irmãs deficientes

Enquanto os freak shows discutidos no capítulo 3 exibem corpos extraordinários como entretenimento e maravilha, o sentimentalismo usa figuras deficientes em um espetáculo paralelo para gerar simpatia. Embora a ficção sentimental pareça validar figuras deficientes enquanto o show de horrores as sensacionaliza, na verdade ambos os modos de representação apropriam-se de figuras deficientes a serviço da ideologia individualista. Ambas as convenções constroem a figura deficiente como oprimida pelas limitações e incertezas da corporeidade individual, deslocando essas cargas do indivíduo liberal para aquele outro distante marcado por diferenças corporais visíveis. Em outras palavras, shows de aberrações, sentimentalismo e as figuras opostas de Emerson do "cego", do "parado" e do "inválido" discutidos no capítulo 2 eram todos elementos de um projeto mais amplo do século XIX que tornava um mundo abstrato e incorpóreo. auto o ideal cultural.

De fato, podemos encontrar a figura deficiente emaranhada com a ideologia liberal em uma surpreendente coleção de textos cujo propósito anunciado é a defesa das mesmas figuras que Emerson exclui da individualidade liberal. Três romances - Uncle Toms Cabin (1852), de Harriet Beecher Stowe , Life in the Iron Mills (1861), de Rebecca Harding Davis, e The Silent Partner (1871) , de Elizabeth Stuart Phelps - empregam como essência figuras femininas deficientes na tradição sentimental. -

Machine Translated by Google

elementos retóricos essenciais em seus argumentos para a reforma social humanitária. 1 Explorarei aqui as complexas interconexões nessas obras entre o individualismo liberal e um programa, que chamo de "maternalismo benevolente", que revisa e replica o liberalismo. Além disso, ao traçar a mudança na forma como esses romances apresentam figuras deficientes, sugerirei que o maternalismo benevolente não apenas reafirma os termos do individualismo liberal, mas também, passando da identificação simpática com as figuras deficientes para um repúdio distanciado a elas, em última análise, dramatiza as contradições internas mais irritantes do individualismo.

Uncle Tom's Cabin, Life in the Iron Mills e The Silent Partner , todos giram em torno de relacionamentos entre benfeitoras maternais brancas idealizadas e figuras femininas marginalizadas que exigem redenção espiritual e material por meio de seus esforços. Diferenciar cada uma dessas figuras subordinadas, mas que se definem mutuamente, é o que hoje chamaríamos de deficiência física visível. Essa marca funciona como um distintivo de inocência, sofrimento, deslocamento e impotência, tornando a mulher deficiente uma figura simpática e alarmante de vulnerabilidade que clama da narrativa por resgate. Como Stowe lamenta a separação desumana das famílias pela escravidão, como Davis revela a cruel vitimização dos trabalhadores da siderúrgica e como Phelps censura o abuso das moças da fábrica pela indústria têxtil, cada escritor destaca heroínas ou narradores sem deficiência que prevalecem ou até triunfam. Suas irmãs deficientes, no entanto, permanecem nas margens narrativas, degradadas por instituições opressoras e, por fim, sacrificadas aos problemas sociais que os romances atacam. Das mães escravas de Stowe, apenas as menos úteis Prue e Hagar, que são "aleijadas" por práticas escravas abusivas, são espancadas até a morte ou vendidas; Deb 'olfe de Davis, cujo "corcunda" simboliza seu destino miserável como um moinho explorado ÿTorker, se aposenta e é cuidado por outros; e a cega, surda e feroz Catty Garth de Phelps é arrastada para uma conclusão apocalíptica. Enquanto as várias benfeitoras maternais irradiam virtude, arbítrio e poder transcendentes, as mulheres deficientes tornam-se cada vez mais subjugadas, desesperadas e impotentes.

Esmagadas pela moralidade laissez-faire do capitalismo, Prue, Hagar, Deb e Catty são ícones de vulnerabilidade que ajudam a gerar uma retórica de simpatia e escândalo destinada a impulsionar os leitores da complacência à convicção. Apesar de seus papéis secundários ou mesmo menores nas narrativas reais, esses homens deficientes cumprem papéis retóricos importantes ao despertar a indignação simpática que ativa o maternalismo benevolente. Esse impulso foi o trampolim a partir do qual as mulheres brancas de classe média puderam se lançar em um papel público prestigioso e influente que capturou alguns dos elementos da individualidade liberal. Cada romance expõe e castiga severamente as instituições exploradoras que

Machine Translated by Google

Voar no mercado em detrimento da justiça social e das conexões humanas, estendendo às mulheres com deficiência uma ponte de simpatia, aceitação e identificação além das fronteiras sociais e raciais. Ao mesmo tempo, porém, esses romances diminuem as próprias figuras pelas quais defendem, lançando-as fora do programa exclusivo da individualidade liberal feminina que o mapa da narrativa. Como encarnações das injustiças flagrantes que os romances condenam, essas figuras deficientes constituem um apelo crescente - sutil em Sto\\Te, queixoso em Davis e estridente em Phelps - pelo programa moral, social e espiritual das narrativas de empoderamento feminino. através da reforma humanitária.2 Os personagens funcionam como o que Paul Longmore chama de "desviantes carismáticos", cuja presença evoca questões complexas e sentimentos fortes.3

No entanto, à medida que essas relações complexas e ambivalentes entre a benfeitora materna e o destinatário deficiente de seus generosos empreendimentos se desenvolvem de Stowe a Davis e Phelps, esse programa de empoderamento feminino nega cada vez mais os objetos de sua benevolência à medida que idealiza mais ansiosamente suas figuras humanitárias. Ao longo de mais de vinte anos e duas gerações, a representação das mulheres com deficiência registra uma tensão crescente sobre o lugar do homem branco e de classe média em uma ordem social em mudança. repugnante, passando de vítimas solidárias menores a proscritos patéticos e repudiados. Nessa progressão, Stowe inicia uma cisão entre a mulher deficiente e sua benfeitora materna idealizada, enquanto a Deb de Davis, e especialmente a Catty de Phelps, aumentam essa bifurcação. Essa divisão pode ser lido como uma tentativa de resolver as apreensões sobre o lugar do corpo feminino em uma esfera socioeconômica em evolução, o surgimento de construções científicas opressivas das mulheres e preocupações sobre a eficácia do discurso da domesticidade - que era cada vez mais incapaz de fornecer um estrutura sustentável tanto para a identidade feminina individual quanto para as reformas sociais.Como resultado, os romances revogam de forma incremental e paradoxal o foco insistente nos problemas da personificação feminina que eles iniciam. Essa progressão culmina quando Phelps separa o eu feminino ideal e benevolente do outro feminino perigosamente corpóreo, a fim de celebrar a mulher benevolente como indomável e triunfante, segura em sua beleza desencarnada e transcendente.

Portanto, embora Emerson dispense seus inválidos enquanto Stovve, Davis e Phelps simpatiza com o deles, cada um emprega o corpo marcado como diferente como "deficiente" - como um emblema da alteridade definitiva. Enquanto Emerson usa suas figuras cegas, mancas e inválidas para estabelecer os limites do indivíduo liberal, Stowe, Davis e Phelps paradoxalmente estigmatizam alguns dos personagens que procuram ajudar em seu discurso de protesto e empoderamento.

Machine Translated by Google

Como os leitores devem sentir simultaneamente simpatia pelas vítimas e horror por sua exploração insensível, essa estratégia narrativa tende a confundir práticas antiéticas com seus efeitos, projetando o medo de se tornar deficiente na pessoa com deficiência e confundindo a vítima com o crime. Os corpos dos personagens tornam-se assim manifestações semióticas de males sociais, evocando um emaranhado de empatia e repulsa. A ressonância narrativa entre corpo e situação deriva e joga com a crença amplamente inquestionável de muitas pessoas não deficientes de que a deficiência é o maior infortúnio da vida e uma fonte perpétua de sofrimento. A deficiência ficcional torna-se, então, um tropo conciso para uma ampla gama de miséria e corrupção humanas.5 Desvinculada do personagem, a deficiência é um significante flutuante para o mal e a desgraça que envolve e diminui as figuras de modo que elas tendem a se tornar gestos da miséria humana, em vez de personagens com os quais os leitores possam se identificar.

A figura do deficiente como apelo à justiça: A Cabana do Tio Toms de Harriet Beecher Stowe

Para investigar completamente a complexa relação entre maternalismo benevolente e figuras deficientes, devemos examinar a crítica do individualismo liberal que Stovve, Davis e Phelps lançam. Os romances clamam por uma sociedade mais justa na qual as necessidades e conexões humanas, em vez da produtividade econômica e das proezas físicas, determinem o valor social. Para conseguir isso, exclusões e injustiças surgem em relevo ousado em cenas de sofrimento e vitimização centradas em figuras que exibem sinais visíveis de violações e limitações do corpo.6 As cicatrizes de Prue, a deficiência de Hagar, a corcunda de Deb e a mudez e cegueira de Catty simbolizam a incompetência física e diferença irrefutável, produzindo personagens que são simpaticamente humanos, mas incapazes de representar com sucesso essa humanidade. Tais números desafiam a primazia da produtividade e acumulação de riqueza como medidas de valor humano. Distinguidas por suas deficiências, essas mulheres são ícones de vulnerabilidade que convocam um choque entre direitos e responsabilidades - entre sistemas de distribuição econômica baseados no trabalho e baseados nas necessidades - ao expor a negação do individualismo

liberal das necessidades e responsabilidades do corpo. 7 Os romances lançam as figuras deficientes na lacuna entre os credos conflitantes do liberalismo de individualismo laissez-faire e igualdade democrática. As dificuldades das mulheres revelam a disjunção material e ideológica entre um sistema de valores - retratado como feminino - que alocaria recursos e atribuiria privilégios equitativamente de acordo com as necessidades humanas, e um sistema de mercado - associado nos romances à masculini

Machine Translated by Google

baseada em vantagens e esforços individuais. As mulheres com deficiência são devidamente orientadas a exemplificar aquelas cujas necessidades de cuidado e apoio superam sua capacidade de realizar tarefas socialmente valorizadas. Stowe, Davis e Phelps pretendem expor a falência moral do modelo do individualismo liberal de um indivíduo autônomo, interessado em si mesmo, saudável, livre de limitações corporais e da necessidade de cuidado dos outros. Apontando para o paradoxo do liberalismo, os romances atacam as instituições que oprimem as mulheres com deficiência ao mesmo tempo em que proclamam, e qualificam de feminina, a afirmação do liberalismo de igual valor para todos os indivíduos, independentemente de configurações físicas ou capacidades.

Uma cena de Uncle Ton'l's Cabin exemplifica como os romances usam personagens femininas deficientes para censurar a visão do corpo do individualismo liberal. Os vilões de Stowe, os traficantes de escravos Haley e Marks, trocam histórias ostensivamente provando a natureza ilógica e intratável das escravas. Marks oferece o exemplo de "uma prostituta forte e provável" que ele comprou uma vez "que também era" consideravelmente inteligente ", mas cujo "jovem" era "doentio e miserável; tinha as costas tortas " . t era doentio e zangado" indica sua incapacidade de compreender a devoção materna que, para Stowe, humaniza o escravo. Haley segue com um conto semelhante sobre uma mãe escrava cujo filho "cego como uma pedra" ele "bem trocado por um barril 0 ' uísque." Para espanto de Haley, a mãe defendeu a criança "brincadeira como um tigre", finalmente "arremessar a cabeça primeiro, jovem un e tudo, no rio" (UTC 1 2 5) .

Com essas duas crianças, Stowe inicia a estratégia crítica seguida por Davis e Phelps: usar figuras deficientes para retratar o conflito entre a preocupação igualitária com o valor igual para todas as pessoas e o laissez-faire empresarial no individualismo. A lógica da liberdade econômica desimpedida da escravidão equipara o valor humano com a produtividade potencial, julgando as crianças deficientes inúteis e defeituosas, seus corpos passivos em vez de ativos em uma economia de trabalho intensivo. De acordo com o ideal liberal – representado e exagerado por Marks e Haley – de indivíduos autônomos e egoístas competindo livremente no mercado, essas crianças fisicamente deficientes não são totalmente humanas. Tal suposição viola a crença na igualdade humana inerente que sustenta o romance de reforma social de Stovve.

Essas crianças deficientes - como suas contrapartes mais desenvolvidas, as mulheres deficientes - introduzem o dilema da diferença corporal nos romances. Eles defendem o caso daqueles cujos corpos os impedem de representar o papel do self-made man que busca livremente riqueza, status e poder.
De fato, Stowe, Davis e Phelps invocam persistentemente os deficientes físicos

Machine Translated by Google

corpo para significar sujeição a forças externas às quais a corporificação de fato condena todas as pessoas. As instituições impessoais ou a autodeterminação alheia condicionam o destino e controlam o corpo de cada mulher com deficiência. A escravidão separa Prue e Hagar de seus filhos; a hegemonia econômica dos patrões das fábricas zomba da débil tentativa de Deb de aproveitar uma chance de riqueza para Hugh; A vida e a morte de Catty são ditadas pelas condições desumanas e mecanizadas de trabalho nas fábricas têxteis. Além disso, o sistema jurídico desinteressado impõe cada situação injusta. As instituições que esses romances castigam literalmente moldam os corpos dessas mulheres, causando a debilidade de Prue devido aos espancamentos de seu mestre e a cegueira de Catty devido à exposição a resíduos de algodão. Como emblemas da inferioridade imposta e inata, os corpos dessas mulheres não são apenas produtos de sua opressão, mas também veículos de seus destinos miseráveis. Seus corpos subjugados exigem o reconhecimento de que o ideal liberal de autonomia e autodeterminação nega diferenças físicas e limitações para criar um mito do corpo como um instrumento aquiescente da vontade in

Se a cena de Stove entre os traficantes de escravos e as mães escravas é a representação prototípica da perturbadora contradição do liberalismo, Uncle Toms Cabin também oferece uma resolução: devoção materna como meio de fortalecimento pessoal. As mães escravas de Stowe se recusam a depreciar seus filhos imperfeitos e indefesos, ressaltando o princípio da aceitação universal e incondicional de todos os seres humanos que apóia a condenação da escravidão no romance. Como Jesus, a mãe considera seus filhos igualmente dignos, independentemente de suas circunstâncias materiais e físicas. Sem respeitar hierarquias sociais mundanas, o afeto materno distribui seus recursos de acordo com a necessidade, não com o mérito. Como tipos para os subestimados e desamparados, a necessidade dessas crianças deficientes de aceitação e amor excede em muito sua capacidade de inspirá-lo; nas cenas de Stowe, o amor materno compensa a prática da sociedade de classificar as pessoas de acordo com noções de adequação física, em vez de valor inerente. Um reino feminizado de igualdade ideal surge assim - mesmo que apenas momentaneamente e em princípio - em oposição à moralidade dominante e masculina do mercado. Ignorados pelo ethos de autonomia e produtividade do individualismo liberal, essas crianças deficientes e suas mães dedicadas ocupam o degrau mais alto na escada de consideração que esses romances oferecem como uma visão alternativa do valor humano. O corpo deficiente, então, é um distintivo de indignidade na economia de mercado e de valor supremo na economia moral. sistema de valores centrado no ser humano e um reconhecimento mais completo das necessidades físicas.

Essa agência materna é o veículo narrativo para o que Philip Fisher chama

Machine Translated by Google

"o romantismo do objeto", que estende a humanidade plena a figuras das quais foi anteriormente negado.9 Com esse "romance", Stowe acrescenta à sua retórica de protesto a sugestão de que a devoção materna em nome do outro vulnerável e desvalorizado produz um eu feminino que lembra o indivíduo liberal cujos excessos Stowe condena tão ardentemente. A tentativa equivocada de Haley de "trocar" o bebê deficiente provoca uma resposta vigorosamente ofensiva da mãe escrava, que "se levanta em um fardo de algodão, como um gato, pega uma faca de um dos marinheiros do convés e... [faz] todos voarem por um minit" antes que ela reconheça a futilidade da resistência e se afogue e a criança, privando Haley de seu investimento nela (UTe 1 2 5). Nesta "minit" narrativa, a escrava presumivelmente dócil afirma sua vontade, ataca seu opressor, arma-se e corajosamente determina seu próprio destino - assim como Eliza faz ao cruzar o Ohio, resgatar Harry e iludir seus captores, e como Cassy faz ao escapar de Legree após a chegada de Emmeline. A mãe se transforma de peão passivo do traficante de escravos em uma figura assertiva carregada de vontade independente, desafiando as forças externas por pelo menos um momento na tentativa de moldar seu próprio destino. O empoderamento materno que Stowe sugere aqui cria uma figura semelhante ao eu liberal idealizado que associamos a Emerson - autoconfiante, obstinado, desimpedido por limitações físicas. Mas essa individualidade feminina difere da individualidade individualista porque não reivindica desapego ou interesse próprio, mas em vez disso admite a necessidade de um objeto dependente para sua realização. De fato, a extensão de Stowe aos escravos dessa versão humana e feminizada da individualidade liberal reforça sua argumento abolicionista: porque os escravos são capazes de tal sentimento, eles são de fato totalmente humanos e dignos de emancipação.

10 mento.

Se o projeto abolicionista de Stowe concede total dignidade e agência às suas mães negras, ele simultaneamente escreve um roteiro comparável para as mulheres brancas. Como benfeitoras maternas, elas são para as mulheres subestimadas e vitimizadas o que as mães escravas são para seus filhos ameaçados. Stowe reitera esse padrão em vários níveis de complexidade ao longo de seu romance: a Sra. Shelby defende Tom e Harry; A Sra. Bird protege a perseguida Eliza; Rachel Halliday é mãe de Eliza. No entanto, as principais figuras femininas brancas que ganham autoridade pessoal dessa maneira são a angelical Eva e a ardente voz narrativa de Stowe, cuja presença convincente e controladora permeia o romance. Enquanto as mulheres escravas exibem as qualidades valorizadas do individualismo liberal por meio de seus papéis humanizadores como mães, as mulheres brancas acumulam dignidade, arbítrio e autodeterminação ao agirem maternalmente em relação aos membros de um grupo desvalorizado. Embora tanto o narrador de Eva quanto o de Stowe atuem em nome de uma ampla gama de personagens em perigo, concentro-me aqui na relação entre Eva e Prue e aquela entre o narrador de Stowe.

Machine Translated by Google

narrador e Hagar, pois aqui Stovve apresenta o modelo para a relação entre uma benfeitora materna empoderada e sua contraparte deficiente que Davis e Phelps adotam mais tarde. É importante, no entanto, examinar primeiro como a figura da benfeitora materna opera nesses romances.

Capacitando a Benfeitora Materna

Por trás da reforma social explícita que esses romances exigem está a tarefa implícita de enquadrar um papel semipúblico, social e moralmente fortalecido para heroínas, narradores e leitores. Essa reformadora branca, benevolente e maternal era uma nova posição social para as mulheres de classe média que, à medida que os domínios privado e público na América do século XIX se tornavam cada vez mais separados, foram excluídos da produção econômica e do status pelo gênero do status de indivíduo liberal, as mulheres de classe média cultivaram esse papel em parte para se lançar na vida pública, pois seu programa negociava as tensões emergentes da imposição da domesticidade em um mundo que cada vez mais marginalizava o fazer. du afetivo esfera mística.[12]

1.1 Excluídas

laços e apropriando-se da ética cristã, o maternalismo benevolente ganhou virtude e legitimidade ao se concentrar nas necessidades e sofrimentos dos outros e advogar publicamente em seu nome. Os narradores indicam, e as heroínas brancas de classe média representam, uma identidade feminina liberal que combina a nobreza tradicional, o afeto maternal, a afiliação sororal, o otimismo milenar, o fervor evangélico, a resistência ao patriarcado e a salvação pessoal. Alienadas das esferas econômica e política, essas escritoras domésticas consolidam e disseminam o que Nancy Cott chama de a ampliação retórica da ocupação doméstica feminina. para estender sua influência do lar para o mundo do trabalho humanitário.

O papel de benfeitora materna, separada de sua receptora por raça e classe, poderia gerar para as mulheres de classe média do século XIX um eu feminino que possuía muitas qualidades do indivíduo liberal, embora ainda em conformidade com os principais princípios da ideologia doméstica. A benevolência materna cumpre o mandato da mesticidade de que a identidade feminina seja fundada na abnegação. Impedidas de buscar status ou poder em seu próprio nome, as mulheres de classe média só podiam afirmar uma forma de individualidade liberal identificando-se, cuidando e agindo em nome de outras pessoas. Se a benevolência materna está de acordo com a demanda da domesticidade pela auto-renúncia feminina, ela também depende de uma noção de si que se aproxime da figura autodeterminante e autopropulsora do 14 Tal estratégia permite que a benfeitora materna inveje o empreendedor.

Machine Translated by Google

sion, ela mesma responsável pelos problemas de estranhos e capaz de aliviá-los, usando uma imaginação e vontade individuais que podiam ir longe no tempo e no espaço, esculpindo e subjugando o mundo. No entanto, onde o capitalismo postula uma economia de mercado baseada em relações contratuais entre indivíduos em relação ao trabalho e aos recursos materiais, a benevolência postula uma economia moral de obrigações contratuais baseada na promessa de simpatia humana inerente ao cristianismo. A benevolência materna, então, equivale a um contrato social promulgado por uma mulher que vê a si mesma, seus convênios com Deus e seus semelhantes, e suas capacidades de ação inovadora que se estendem muito além do reino das necessidades diárias e dos círculos de parentesco. Assim, a matrona benevolente assegura uma identidade feminina liberal que mantém as conexões emocionais e a aparência de auto-sacrifício tão essenciais ao ideal da verdadeira feminilidade.

As mulheres deficientes não apenas ativam seus salvadores, mas também autorizam a passagem da mulher benevolente do lar confinante para a esfera pública. Se a verdadeira feminilidade concedeu às mulheres o potencial de serem exemplos morais que emanavam o amor cristão salvífico, também as abrigava em cabanas que as abrigavam da própria corrupção para a qual possuíam a cura. Os romances posicionam cada mulher com deficiência, não em casa - onde as pessoas com deficiência eram geralmente encontradas na sociedade do século XIX - mas em Hagar no leilão das instituições culinárias risco dentro do mas 1 5 Stowe coloca que os romances criticam. bloquear e Prue sob o chicote de um mestre cruel; Davis situa a pobre, ingênua e órfã Deb sozinha na siderúrgica; Phelps permite que a órfã Catty vagueie pelas ruas da cidade industrial. Apresentar essas personagens como crianças e avós em perigo exige intercessão na esfera pública e convida as leitoras a responder como mães ou filhas adultas às mulheres deficientes em perigo. As figuras deficientes, portanto, legitimaram a mudança da mulher de classe média para fora do lar isolado enquanto permaneciam no papel materno.

Se o contrato moral-social de benevolência materna exige uma receptora dependente de seu mantenedor, a figura deficiente vista como inapta tanto para o trabalho quanto para a sociedade se encaixa exatamente nesse roteiro. Esses personagens despertam a compaixão da leitora e a convidam a lutar "brincadeira como um tigre" em nome do outro sofredor e vulnerável, trabalhando para a mudança social e assegurando o eu liberal dentro do papel doméstico. Replicando a relação de poder desigual entre mãe e filho, as conexões entre mulheres com deficiência e suas benfeitoras maternas são cimentadas por gênero compartilhado, mas desequilibradas por diferenças de raça e classe. Figuras maternais brancas e benevolentes, como a Eva de Stowe, a mulher Quaker de Davis e a Perley de Phelps alcançam a liberdade, a dependência e a autodeterminação por meio de um relacionamento com

Machine Translated by Google

cuja dependência é garantida por deficiência, negritude e/ou status de classe baixa: Eva tem Prue; Perley tem Catty; a mulher Quaker tem Deb; os narradores têm Hagar, Prue e Deb. E os leitores têm todos eles. 16

Esse eu liberal feminino ganha força em parte porque as figuras desprovidas de direitos e vulneráveis são forçadas a ocupar a posição que os homens tradicionalmente ocupam em relação aos homens. A diferença, claro, é que o eu liberal feminino admite dependência do outro, nomeando-o como simpatia e identificação, enquanto o eu liberal masculino reivindica autonomia, negando a confiança no apoio feminino e os limites definidores que ele fornece à masculinidade. No entanto, a presença de figuras deficientes simpáticas e marginalizadas cria um triângulo entre o eu masculino liberal, a benfeitora materna branca e a mulher deficiente negra ou de classe baixa. Como um terceiro termo na oposição de gênero tão fundamental para esses romances, a figura deficiente desvincula parcialmente a benfeitora materna de seu status de subordinada aos homens brancos, fornecendo outra relação social em torno da qual ela pode organizar uma identidade mais empoderada e prestigiada. 17 Essa relação discursiva, portanto, garante à mulher branca uma forma de ganhar um pouco do status de indivíduo liberal, que a ideologia patriarcal e o capitalismo industrial negavam às mulheres.

Legitimada, como o homem ideal de Emerson, pela presença definidora de um inferior, a benfeitora adquire arbítrio, status e invencibilidade, tudo garantido pela passividade, marginalização e vulnerabilidade da mulher deficiente.

A Fuga do Maternalismo Benevolente do Corpo: A Cabana do Tio Toms de Harriet Beecher Stowe

O corpo feminino, degradado ou ideal, torna-se o cenário desse drama de empoderamento e agência. A virtude que as benfeitoras maternais brancas de Stowe derivam de suas relações com as mulheres deficientes se manifesta em uma beleza etérea e idealizada e em uma autoridade transcendente que nunca é tão plenamente alcançada pelas mães escravas. Embora o aparente auto-sacrifício da devoção maternal torne todas as heroínas maternas de Stowe belas em sua retidão, nenhuma figura benevolente é mais resplandecente do que Eva. 18 Como "a perfeição da beleza infantil", o corpo moribundo de Eva é apresentado como estranhamente incorpóreo - na verdade, como um anjo. Um modelo de "pequena senhora", ela tem um "passo semelhante a uma nuvem", "uma figura flutuante" e "uma visionária cabeça dourada", que faz da "bela Eva" a "imagem de algum anjo brilhante curvando-se para reclamar um pecador". " (UTe 230-3 2, 263, 410). Eva não apenas está "sempre vestida de branco", mas sua associação com a pureza privilegiada, bela e branca da benevolência se fortalece à medida que sua influência sobre os outros se expande, culminando com sua morte e transform

Machine Translated by Google

em uma figura angelical e idealizada. Eva é mãe de todos, tornando-se a apoteose da devoção materna, literalmente sacrificando-se para aliviar o sofrimento físico de Prue e Tom e o paganismo de Topsy, e tornando-se exaltada e liberta do corpo no processo. Enquanto Tom e Topsy inspiram um amor salvífico em Eva, o conto horrível de Prue sobre miséria física e vulnerabilidade torna Eva "pálida e uma sombra profunda e séria passa sobre seus olhos", acentuando sua brancura beatífica, que é completa em sua dramática, branco drapeado tableau mourant "sob uma figura de anjo" (UTe 32 5, 429).

Em oposição direta à beleza etérea progressivamente idealizada de Eva, está a inescapável horribilidade física de Prue. Uma "criatura baixa" cujos "grunhidos", "carrancudo" e "ranzinza" confirmam sua própria convicção de que "eu sou feia, sou perversa", Prue é "uma pobre, velha e mal-humorada criatura", uma - alcoólatra abusada e suicida, sofrendo de forma tocante por seu filho perdido (UTC 319-23). O corpo de Prue é uma responsabilidade da qual ela não pode escapar. É o meio de sua vitimização, produzindo a criança que ela não pode defender, tornando-se o instrumento de sua embriaguez, comprometendo seu trabalho e, finalmente, provocando seu mestre a espancá-la até a morte. Embora as mães escravas não deficientes - como Eliza, Cassy e as escravas anônimas de Haley e Marks - sejam humanizadas e ganhem autodeterminação por meio da maternidade, os terríveis destinos de Prue e Hagar reconhecem o quão potencialmente vulnerável a maternidade torna as mulheres sob o sistema patriarcal escravista.

A voz narrativa desencarnada do maternalismo benevolente de Stowe oferece Ha gar aos leitores como o epítome trágico da impotência feminina diante da subjugação masculina. Hagar é "parcialmente cega e um tanto aleijada de reumatismo", de modo que responde com "mãos trêmulas", "trepidação intensa" e "soluços" quando confrontada com a vontade de outras pessoas (UTe 1 94-9 5, 1 97) . No leilão onde é arrancada de seu filho adulto porque não pode mais trabalhar, Hagar é uma "pobre vítima", uma "velha mãe desesperada, cuja agonia [é] lamentável" e cuja deficiência resume sua incapacidade e derrota (UTe 1 9 7). Tanto Prue quanto Hagar são vítimas de suas próprias condições corporais, seu aviso desconfortável retratado desconfortavelmente por Stowe algumas páginas após as apresentações dos personagens.

As aparições breves, mas retoricamente vitais, dessas mães escravas deficientes compõem uma contranarrativa em Uncle Tom's Cabin que enfraquece a proclamação de Stowe de que o lar e a maternidade podem redimir um mundo corrompido por atividades seculares e econômicas. A maternidade não liberta Prue e Hagar, mas, ao contrário, as mantém reféns de seus apegos e emoções, ao mesmo tempo em que as humaniza. As deficiências dessas personagens significam exatamente o que as heroínas maternas conseguem escapar: uma vulnerabilidade física que mina a vontade

Machine Translated by Google

atrás da autodeterminação. Enquanto Eliza cruza milagrosamente o Ohio no gelo, o tremor, o choro e a súplica de Hagar não mudam nada; e a bebida de Prue, embora seja desculpada, apenas a destrói. Se Stowe deixa seus leitores momentaneamente com o coração partido e cautelosos com o destino de Hagar e Prue, ela rapidamente se move além de seu desamparo para o heroísmo encorajador de Eliza e Cassy. Enquanto as indomáveis benfeitoras maternais brancas e as escravas não deficientes aqui se tornam donas de seus destinos, as figuras deficientes carecem da agência e da autodeterminação que regulam e neutralizam a vulnerabilidade do corpo. Envolvidas por forças que não podem controlar, Hagar e Prue carecem da vontade de resistir e da capacidade de antecipar as consequências do presente no futuro, ambos traços da individualidade liberal essenciais à benevolência materna. Os corpos incapazes e impotentes das mulheres com deficiência operam não como instrumentos neutros de vontades soberanas, mas como impedimentos sujeitos a destinos inexoráveis ou forças irresistíveis, ambos moldados como masculinos. Se Prue e Hagar - ou mais tarde, Deb e Catty - agissem em seu próprio nome, o quadro narrativo de uma luta pelo poder entre a invencível benevolência materna e as práticas masculinas do mercado entraria em colapso. Sua vulnerabilidade – marcada por uma deficiência que ao mesmo tempo justifica e reforça sua miséria material e psicológica – ativa retoricamente o maternalismo benevolente que o romance procura inspirar nos leitores.

O corpo feminino como responsabilidade

Como sugere o nítido contraste entre Eva e Prue, o corpo feminino provoca muita ansiedade nesses romances. A mudança na representação das mães escravas deficientes, simpáticas, mas prontamente apagadas, de Stowe, para a repulsiva, mas comovente Deb e a bestial e patética Catty, sugere uma inquietação crescente sobre o corpo feminino e o roteiro do maternalismo benevolente. Embora o corpo feminino sempre tenha sido, em certo sentido, considerado uma desvantagem, isso se tornou especialmente verdade para as mulheres de classe média, que em meados do século XIX foram pressionadas a novos papéis e culturalmente restritas pelas instituições que criaram o que Gerda Lerner chama de o “culto da dama” da classe média. , e a escalada do consumismo interagiram para produzir uma ideologia de feminilidade que exigia que o corpo feminino branco de classe média fosse ocioso, frágil e bonito. 20 Cada um desses desenvolvimentos culturais encontrou um lugar ideológico no recém-configurado corpo feminino de classe média. Por exemplo, como a fábrica, o sweatshop e o

Machine Translated by Google

O sistema de terceirização do trabalho por peça substituiu a casa independente como o principal local de produção, as mulheres de classe média, agora excluídas da economia de mercado transformada, tornaram-se ornamentos e consumidoras, marcadores do status que seus maridos e pais lutavam para alcançar. O banimento do \Norkplace, um mandato para consumir e um foco na aparência criaram assim o padrão da beleza frágil e ociosa. Esse padrão era policiado por um discurso médico-científico autoritário que não apenas patologizava a própria feminilidade, mas reforçava as restrições da domesticidade da classe média ao declarar educação, trabalho e criatividade além da reprodução como fisicamente perigosos e destrutivos da feminilidade. Como tais demandas socioeconômicas e relações de poder foram literalmente inscritas nos corpos das mulheres de classe média, as mulheres devem ter lutado contra um senso aguçado de sua própria vulnerabilidade à medida que o corpo feminino ideal mudava de uma mãe vigorosa e trabalhadora para um corpo delicado, caro, ornamento indolente mal adequado para reprodução.21

Muitas mulheres se rebelaram, é claro. Localizando a questão diretamente no corpo feminino, Stowe respondeu desenhando um nítido contraste entre uma figura idealizada, mas perdida, de produtividade doméstica e o sucessor atual e denegrido que era inadequado para o trabalho físico útil. Lamentando em um ensaio de 1864 as "garotas frágeis, facilmente fatigadas e lânguidas da era moderna", ela recorda nostalgicamente as "garotas fortes, resistentes e alegres... dos velhos tempos" que podiam "lavar, passar, fermentar, assar, atrelar um cavalo e conduzi-lo", bem como "trançar palha, bordar, desenhar, pintar e ler inúmeros livros". A atividade criava uma visão muitas vezes defensiva e desesperadora da personificação feminina. A ansiedade sobre as mudanças econômicas que tornaram o corpo feminino de classe média essencialmente um ornamento decorativo em vez de um instrumento produtivo pode ter contribuído para os colapsos periódicos, distúrbios nervosos e surtos crônicos de problemas de saúde que esses autores e muitos de seus contemporâneos experimentaram. O exemplo de Phelps ilustra a resposta esquizóide que a ambição poderia produzir em mulheres aculturadas para um papel doméstico limitado. Phelps afirma em um ensaio de Harper de 1886 que "a noção de que as mulheres são feitas para serem cuidadas, para depender de alguém, para serem trabalhadas, para brincar entre as rosas da vida enquanto seus maridos e pais estão em sua batalha - campos, é degradante ao último grau." No entanto, depois de escrever The Silent Partner, ela suportou uma doença de cinco anos que provavelmente foi uma reação à desaprovação e antifeminismo de seu pai.24 Ser excluída de ganhar a vida em

uma sociedade que iguala a virtude ao trabalho é profundamente redutora. No entanto, a imagem da mulher "frágil" na posição "degradante" de precisar "ser cuidada" porque está fora

Machine Translated by Google

a produção significativa é precisamente a das figuras deficientes nesses romances e dos homens de classe média. Assim, enquanto os romances estendem uma mão narrativa de simpatia através de um abismo de diferença para as figuras deficientes, as distinções reais entre Hagar "dependente" e "degradada", Prue, Deb e Catty e suas irmãs de classe média podem não ter parecido tão claro para os autores ou seus leitores. Redundantes e deslocados no mercado em transformação, vistos como dependentes e frágeis, vistos como vítimas de seus úteros, vulneráveis à subjugação institucional e possuidores de corpos cada vez mais considerados inúteis, os \\Tomen de classe média estavam em uma posição paralela àquela de pessoas com deficiências físicas.25 Essa

efígie cultural da feminilidade era exatamente o que mulheres articuladas, ardentes e ambiciosas como Stowe, Davis e Phelps estavam tentando derrubar. Estar em uma posição paralela à sua contraparte deficiente produz tanto uma compaixão convincente quanto uma ameaça potente que gera uma ambivalência crescente e desconfortável que culmina em uma ruptura representacional entre a benfeitora materna e seu beneficiário deficiente. Cada vez mais divergentes em sua figuração, os dois grupos personificam os pólos em uma narrativa de corporificação feminina na qual as mulheres deficientes oferecem um conto de admoestação, enquanto as mulheres não deficientes permanecem como apoteoses da fisicalidade feminina. Começando com Stowe, e mais completamente com Davis e Phelps, esses romances oferecem dois roteiros possíveis para mulheres, uma deficiente e outra habilitada, para instruir os leitores sobre os perigos e o potencial de ser mulher na América de meados do século XIX. Enquanto as benfeitoras maternas são empoderadas com voz, autodeterminação e agência, as figuras vulneráveis definham nas margens narrativas, enredadas pelas limitações de seus próprios corpos. Os romances simultaneamente abraçam com compaixão e resistem com pavor esses lembretes de impotência corporal e vitimização. As mulheres com deficiência tornam-se pára-raios discursivos para uma crescente sensação de vulnerabilidade feminina que os autores não ousam admitir totalmente. Seus destinos sombrios e terríveis constituem uma contra-narrativa muda de subjugação feminina e responsabilidade corporal que as benfeitoras maternas fogem.

Dois roteiros opostos da personificação feminina: A vida de Rebecca Harding Davis nos moinhos de ferro

À medida que essa narrativa de reforma se desenvolve, as figuras deficientes tornam-se progressivamente mais proeminentes e degradadas, enquanto as benfeitoras maternas tornam-se mais idealizadas e desencarnadas. À medida que Davis e Phelps expandem e complicam o uso retórico de Stowe de figuras deficientes para mobilizar

Machine Translated by Google

maternalismo, eles intensificam o conto preventivo da vulnerabilidade feminina nas histórias de Deb Wolfe e Catty Garth. Os corpos marcados de Deb e Catty funcionam primeiro como instrumentos degradados de vontades ineficazes e, em segundo lugar, como passivos que os condenam a situações desesperadoras. As mulheres deficientes representam precisamente a possibilidade que o individualismo liberal se recusa a admitir: que o corpo possa impedir, em vez de implementar, o desenvolvimento da individualidade. Em total contraste, as benfeitoras maternais - o narrador aparentemente cheio de culpa de Davis e sua etérea mulher Quaker, bem como a bela e idealizada Perley Kelso de Phelps - estão livres da vulnerabilidade que põe em perigo as figuras deficientes.

Ao centrar sua representação da feminilidade no corpo vulnerável da simpática, mas miserável e inepta "corcunda" Deb Wolfe, Life in the Iron Mills inverte o foco de Stowe nas heroínas para destacar as vítimas. Davis converte a hierarquia racial do sul de Stowe em uma preocupação mais do norte com a diferenciação de classe, sua voz narrativa menos otimista de maternalismo benevolente expondo o fracasso da domesticidade em impor ordem moral.26 Enquanto o lar perdura como um local de salvação no mundo de Stowe, Davis aponta explicitamente como o capitalismo industrial divide os brancos em uma hierarquia de classes que dizima as famílias da classe trabalhadora, esmaga a realização individual e torna a vida doméstica irrelevante. Um remanescente estéril da família idealizada de Stowe, os Wolfes subsistem em um casebre de miséria impotente e miséria. A órfã Deb é uma das crianças deficientes e desvalorizadas de Stowe, crescida e rejeitada como Hagar e Prue, indefesa diante de seus opressores. Embora ela sirva como zeladora, Deb é negada a maternidade, que conduz à dignidade, identificação e simpatia pelos escravos de Stowe. Mais forte na crítica cultural do que na solução doméstica, Life in the Iron Mills concentra-se na fábrica e na prisão, apagando tanto o lar de classe média quanto a comunidade quaker da qual brotam as benfeitoras maternas.

Enquanto Sto\ve se concentra em uma Eva idealizada, Davis obscurece suas benfeitoras, embora ela conceda a elas o único poder positivo da história. Tanto o narrador quanto a mulher quaker são surpreendentemente insubstanciais, em comparação com os miseráveis trabalhadores da fábrica cujo sofrimento corporal nos inunda com detalhes vívidos. Como a voz narrativa de Stowe antes dela, o narrador de Davis não é inequivocamente uma mulher; no entanto, o tom de ambas as vozes está tão fortemente alinhado com a benevolência feminina que parece feminino. Enquanto a narradora molda as respostas dos leitores com descrições provocativas e incitando julgamentos, ela não revela quase nada sobre si mesma, particularmente os detalhes de seu próprio corpo. Aprendemos apenas que ela conhece a comunidade desde a infância, embora pareça estar bem distante dela, narrando de uma janela acima da "massa massiva, vil, viscosa" dos trabalhadores.

Machine Translated by Google

vidas" (LIM 1 3). Somente no final é a presença que nos guiou através da "terrível história do pobre puddler galês ['J" revelada como a de um escritor cuja biblioteca agora abriga a estátua korl da mulher de Hugh, culpadamente " escondido atrás de uma cortina" (LIM 64) . Uma vasta disparidade retórica paira entre o escritor de classe média, presumivelmente branco, cuja caracterização consiste inteiramente em atos de vontade como "eu abro", "eu posso detectar", "eu percebo", "eu quero", "eu escolhi", "eu" seria, e - o mais importante - "eu escrevo", e os trabalhadores da fábrica, cujas vidas materiais miseráveis e corpos degradados, na "névoa e lama, e eflúvios imundos", ela descreve com tanta franqueza (LIM 1 1-14).

A benevolente quaker sem nome que aparece no final da prisão de Deb é tão eficaz quanto, e mais corporificada do que o narrador. No controle total de si mesma e da trágica situação, este "corpo caseiro grosseiramente vestido de cinza e branco", com um "braço forte" e um "coração forte", aparece para resgatar Deb e transportar o cadáver de Hugh para um enterro adequado entre os colinas e árvores (LIM 62-63). Nessa mulher quaker idealizada - tão semelhante à Rachel Halliday de Stowe - não existe dissonância entre corpo e vontade; seu corpo funciona com eficiência e capacidade para que ela chegue, limpe, conduza, enterre e comece "seu "trabalho" de redimir Deb sem o menor obstáculo (LIM 64) . corpo e as consequências de suas ações, ela é o oposto de Deb, o eu feminino liberal livre das responsabilidades da corporificação feminina.

Deb, ao contrário, está presa a um corpo que frustra – e até mesmo perverte – a vontade, assim como obstrui a realização de seus desejos. "[AJ tipo de classe dela," ela é a miserável vida do moinho que se fez carne (LIM 21) . Uma versão degradada de Hugh, cujo compromisso artístico redime suas restrições corporais, Deb simboliza o corpo não redimido e subjugado que impede sua vontade. Enquanto a "natureza mais refinada" de Hugh permanece imaculada por causa de sua "paixão tateante por tudo que é belo e puro", Deb, reduzida a um corpo estragado pelo destino e pelo desfavor da sociedade, é "[m] miserável ... - ainda não é uma figura inadequada para coroar a cena de desconforto desesperador" (LIM 2 1-23). Enquanto mestres cruéis frustram Prue e Hagar, o próprio corpo de Deb é seu principal opressor, sua característica definidora, resumindo para Hugh e o narrador tudo o que é feio, revoltante e limitador na vida dos trabalhadores da fábrica. Descrições como "cão de guarda" e fiel "spaniel" relegam Deb ao status de um animal à mercê de mestres dominadores, de seus próprios instintos cruéis e de um ambiente hostil (LIM 61, 23).

Embora a única motivação de Deb ao longo da história seja amar e ser amada por Hugh, ele está "nojo de nojo de sua deformidade" e ela é patética com todos os outros (LIM 23) . Rejeitada e com pena de seus esforços para ganhar o amor de Hugh,

Machine Translated by Google

ela representa a ameaça final à individualidade feminina do século XIX: um corpo que a impede de se apegar a um homem, 'o canal de Nomen para o poder e o status. Repulsivo para o olhar masculino, o corpo sitiado de Deb testemunha a precária dependência do eu doméstico de um corpo que deve ser aprovado e preenchido pela seleção masculina. Ainda mais alarmante, o único momento de ousadia de Deb, o ato abnegado e essencialmente feminino de roubar o dinheiro de Mitchell para Hugh, ironicamente não o salva nem o agrada, mas o leva à morte. Assim, Deb alerta para a pior traição possível do corpo feminino: que ele impede que todos os desejos e necessidades sejam realizados. Uma figura para toda a vulnerabilidade, aberração, rejeição e impotência atribuídas às mulheres, Deb, vitimizada por e por causa de sua "forma de mulher frustrada", é ao mesmo tempo simpática e monstruosa, finalmente contida, em vez de fortalecida, pelo refúgio Quaker. (LIM 21) . Com Deb, então, esta novela continua o processo de Stowe de selar a figura deficiente que significa vulnerabilidade feminina em um espaço narrativo de diferença corporal intransponível, libertando a benfeitora materna de uma variedade crescente de limitações do corpo feminino em agência e vontade. 27 Davis e Phelps intensificam a beleza e a feiúra como significantes opostos da virtude feminina. Em Stowe, a dicotomia segue

linhas raciais, mas em Davis e Phelps as diferenças na aparência física refletem discrepâncias de classe. Enquanto Stowe usa a experiência materna para nivelar as diferenças fisiológicas entre Prue e Hagar e Eliza e Rachel, Davis e Phelps eliminam a maternidade e diferenciam seus conjuntos de mulheres ao alinhar beleza com status social. Na geração que separa Davis e Phelps de Stowe, as distinções de classe entre as mulheres continuaram a se solidificar, e a beleza feminina como indústria e ideologia se intensificou.28 Em meados do século, os padrões de vida das mulheres de classe média e baixa eram muito diferentes, exceto que eram igualmente marginalizadas e desprovidas de direitos.29 Essa disparidade é representada aqui pela beleza, uma mercadoria que estava muito mais disponível para as mulheres de classe média do que para suas irmãs da classe trabalhadora. Por exemplo, embora as benfeitoras maternas de Davis sejam fisicamente vagas demais para serem consideradas bonitas, o romance enfatiza obstinadamente a feiúra dos trabalhadores da fábrica: "deformada" Deb é a apoteose do grotesco da classe trabalhadora, "ainda mais medonha, seus lábios mais azul, seus olhos mais lacrimejantes" do que o repelente bêbado, Old Wolfe (LIJ\;1 16-1 7) .

Assim, enquanto Hagar tem apenas "apertos de mão" e é apenas "lamentável de se ver", Deb é uma "desgraçada fraca e flácida", cuja feiúra é claramente uma marca e produto não apenas de inferioridade física, mas também de distinção de classe (UTe 1 9 7, LIM 1 7).

A Janey de Davis também figura nessa economia que equipara beleza física com

Machine Translated by Google

valor feminino, virtude e poder.30 Embora subjugada pela vida do moinho que tornou Deb tão feia, a beleza de Janey transparece o suficiente em seus "olhos azuis escuros e corpo ágil" que Hugh a ama em vez da repugnante Deb (LIM 23) . . O reconhecimento de Deb de que Hugh ama a beleza frágil e decadente de Janey produz em Deb um "ciúme" que o narrador usa para encorajar o leitor a se identificar com Deb, apesar dos limites de classe. "A dor e o ciúme são realidades menos selvagens aqui neste lugar para onde estou levando você", acusa o benevolente narrador, "do que em sua própria casa ou em seu próprio coração [?] ... A nota é a mesma, imagino, ser a oitava alta ou baixa" (LIM, 23). Essa alusão à dependência de todas as mulheres da aprovação masculina para realização e status sugere que a ameaça do corpo feminino "feio" não pode ser isolada com segurança atrás do muro que Davis constrói entre garotas da fábrica e mulheres de classe média. Assim, com a introdução da beleza física e seus vínculos com as diferenças de classe como um sistema de valores imposto aos corpos femininos, o eu feminino liberal afirmado pelo materialismo benevolente torna-se ainda mais vulnerável e deve ser reforçado repetidamente pela ansiosa oposição entre a figura deficiente e sua benfeitora.

O Triunfo da Bela Heroína Encarnada:

O Parceiro Silencioso de Elizabeth Stuart Phelps

Aparecendo em 1871, quase vinte anos depois de Uncle Tom's Cabin, The Silent Partner parece aceitar como premissa a afirmação de Codey's Lady's Book de 1852 de que "é da mulher ser bonita" e amplificar essa afirmação tanto com o uso doméstico proposição de que a beleza é igual à virtude e a proposição feminista de que as mulheres podem viver independentemente dos homens e do casamento. capacidade é contrastada com a feiura e inaptidão do miserável Catty Garth. Tal como acontece com Davis, as distinções de classe manifestam-se quando a beleza e a feiúra separam a heroína definitiva de Phelps, Perley, e a vítima final, Catty. Uma mulher autodidata na economia feminina da benevolência, a indomável Perley repudia o casamento, em vez disso, usa sua herança para estabelecer um lar exclusivamente feminino centrado na afeição sororal, supostamente descomprometida pelo patriarcado ou pelas divisões de classe. 32 Aberta aos trabalhadores da fábrica, a casa de Perley serve como um palco no qual uma hierarquia baseada em classes igualando beleza e virtude é repetidamente exibida. Capaz de moldar seu próprio destino, Perley é "uma mulher superior", dedicada aos menos capazes e menos atraentes, uma "figura ágil, forte e prestativa" com um "rosto feminino maravilhoso", cuja virtude e perfeição física aumentam em proporção. ao seu generoso-

Machine Translated by Google

idade para com os trabalhadores da fábrica (SP 1 63, 217, 302). Ela é uma versão adulta e fortalecida de Eva, cuja beleza e bondade a tornam invulnerável e útil, um anjo terrestre em vez de celestial. Vários tableaux vivants justapõem o corpo idealizado e capaz de Perley com o corpo degradado e inepto de Catty: "Eles eram um par surpreendente para ficar lado a lado ... O sorriso fino e acabado de Perley parecia apagar essa figura miserável", que é habitualmente caracterizada como "uma garota feia" com um rosto "repulsivo" (SP 86-88, 190). Fazendo eco a Eva, Perley, como seu nome sugere, é repetidamente associada ao branco: "O ele da Srta .).

Phelps complica esse contraste, entretanto, ao criar um triângulo composto por Perley, a herdeira humanitária; Sip Garth, a irmã mais velha de Catty e uma mocinha sem deficiência; e Catty, a mulher deficiente cujo desamparo desperta sua devoção e enfatiza seu poder. Sip está alinhada com Catty pela classe social baixa e sua consequente falta de beleza, e com Perley pela autodeterminação com a qual ela supera as deficiências do corpo ao qual Catty sucumbe. Como se sugerisse tanto os limites quanto as possibilidades para a mobilidade social ascendente, Sip fica no meio do caminho entre a capacidade de Perley - personificada como beleza - e a inaptidão de Catty - personificada como deficiência. Apesar dessa sugestão de permeabilidade de classe, as distinções de classe aparecem principalmente como diferenças biológicas semelhantes às categorias raciais: Sip é "apenas uma garotinha morena rude" com um "rosto comprimido", enquanto o precioso Perley tem um rosto radiantemente branco, "bom". , face rara" (SP 294, 85, 302). No entanto, a obstinação e o autocontrole de Sip permitem que ela se torne a substituta de Perley em seu mundo ambicioso e autocriado de benevolência cristã, independente da influência masculina. Em contraste, Catty fica cega e ensurdecida pelo trabalho na serraria e, finalmente, varrida por uma inundação apocalíptica de toras, o efeito destrutivo final da serraria em seu corpo. Com essa triangulação, então, Phelps molda o modelo de relações de Stowe entre a figura deficiente e a benfeitora materna em uma hierarquia baseada em classes que se correlaciona com o sistema de valores comportamentais do individualismo liberal e está ligada a características físicas.

A beleza de Perley não é apenas a manifestação visível de sua virtude; funciona também como sinônimo do autocontrole que falta a Catty. Assim como o corpo de Perley é o produto "acabado" e "sem falhas" da utilidade moral feminina, o corpo de Catty é "mal controlado" e "incontrolável" (SP 85) . O ascetismo de Perley contrasta com os vícios de 'Nith Catty: a garota surda e muda bebe, corre loucamente nas ruas e, "pior" - provavelmente é sexualmente promíscua (SP 84). Totalmente física, sem vontade restritiva, ela constantemente se arrisca à exploração e à apropriação sexual. Como a Deb de Davis, Catty é "uma criatura miserável", um tipo de

Machine Translated by Google

o mundo de onde ela surgiu " (SP 277-78). Como seu nome indica, Catty também é bestial, se encolhendo e "ganindo ... como um bruto ferido" e "rosnando como um animal irritado" (SP 1 88, 1 50). Sugerindo uma visão darwinista social de classe e deficiência, o rosto de Catty parece simiesco: não tendo conseguido "aquela difícil evolução do cérebro da besta", ela é "uma garota com testa baixa, com olhos errantes, com uma curvatura opaca na cabeça, ... [e] um lábio inferior espesso e caído" (SP 86).33

Catty é o corpo encarnado que frustra e oblitera a narrativa individual liberal de progresso em direção ao domínio físico. Em vez de funcionar como, por exemplo, o implemento complacente que liberta Thoreau de uma ordem social restritiva, o corpo de Catty é uma responsabilidade, colocando-a em perigo e provocando o comportamento selvagem implícito em seu nome. Suas andanças e apetites sugerem um comportamento masculino prototípico que é autodestrutivo para uma mulher sem direitos masculinos. Catty é a mulher que Perley deve salvar, mas também nunca deve se tornar. Ao retratar Perley como a vontade soberana no corpo complacente, enquanto Catty é o corpo soberano que evita a vontade individual autônoma, Phelps prende todas as restrições físicas e perigos ao corpo de Catty, deixando Perley como alma pura e voz ligada a um implemento tratável e transcendente de

autodeterminação feminina.34 O parceiro silencioso, no entanto, não se concentra nesses aspectos negativos do retrato de Catty. A ladainha repetida de simpatia incrustada de emoção pela "pobre" mulher deficiente obscurece a ameaça implícita de Catty, obscurecendo os perigos físicos que ela representa. A qualidade defensiva, quase maníaca, do retrato erguido de Perley também silencia, até banaliza, a ainda assim insistente ameaça que o corpo vulnerável de Catty representa para o eu feminino benevolente de Pl
A estratégia narrativa de dividir as personagens femininas em figuras carnais e incorpóreas só fica clara se o foco for deslocado da narrativa de solidariedade de classe entre Perley e Sip para a justaposição da horribilidade de Catty com a idealização de Perley, ambas veladas por constantes reivindicações de "amor". De fato, sua obsessão com a vulnerabilidade de Catty assegura o vínculo entre Sip e Perley, sua morte apocalíptica libertando-os e inspirando-os - assim como os leitores - para um trabalho benevolente desimpedido e sua concomitante autoconstrução feminina.

Com essa mudança na figuração das mulheres com deficiência e de suas benfeitoras maternas, Davis e Phelps testemunham uma ansiedade crescente, expressa pela primeira vez por Stowe, sobre o lugar do corpo feminino em uma sociedade que passa por mudanças no trabalho, arranjos de gênero, classe relações, consumo e franquia. Embora a narrativa de progresso da América possa ter aumentado em meados de

Machine Translated by Google

As expectativas da jovem classe média, o desenvolvimento do papel da beleza branca, frágil e ociosa encerrada no lar da classe média e separada de suas irmãs trabalhadoras representava uma ameaça paradoxal registrada por essas escritoras. As mesmas frustrações e sensação de restrições entre as mulheres de classe média que iniciaram o movimento pelos direitos das mulheres, lançado oficialmente em 1848, insinuam-se nas representações que examinamos aqui. as mães escravas, mas também cria no maternalismo benevolente um padrão em que os termos da celebração tendem a minar o próprio projeto.

A benfeitora materna se transforma através de Life in the Iron Mills e The Silent Partner em uma biologização defensiva da beleza como a localização física do poder e prestígio feminino e da feiúra como sua ausência. Apesar do desejo de construir um modelo retórico de individualidade feminina socialmente valorizada, esses romances só poderiam modificar o roteiro disponível e dominante do eu masculino liberal, inclinando-o para o direcionamento para o outro e a autonegação exigidos pelo papel doméstico feminino. Apesar de seus objetivos elogiosos, essas obras refletem as limitações da negação do individualismo liberal quanto à limitação e dependência corporal. Ao refazer ambiciosamente o mundo e a si mesmos, esses escritores revelam uma suspeita de que a corporificação feminina da classe média era um impedimento crescente. No entanto, essa suspeita inadvertidamente desencadeia uma narrativa que trai as próprias irmãs que pretende apoiar. Os romances banem para as figuras deficientes questões preocupantes como a exploração sexual feminina, o fracasso da domesticidade, a patologização das mulheres, a dependência econômica feminina e a equação da feminilidade com a infância. Ao projetar as responsabilidades da feminilidade nas mulheres deficientes, os romances abrem um espaço narrativo seguro onde a benfeitora materna pode criar uma sociedade moral e um eu feminino liberal sem restrições pelos limites da corporeidade.

A renúncia triunfa sobre a identificação nesses romances porque o corpo deficiente significa uma vulnerabilidade física tão perturbadora que parece minar as ambições dos escritores em relação às mulheres brancas de classe média. Recusando-se a ser reformados, resistindo obstinadamente à reabilitação, os corpos deficientes desafiam noções como autoaperfeiçoamento, autoconfiança, autodeterminação e até mesmo o próprio progresso - todos valorizados, embora ilusórios, princípios do individualismo liberal. Eventualmente uma ameaça muito grande para o projeto de maternalismo benevolente, as mulheres deficientes são simpática mas definitivamente expulsas do esquema de empoderamento que os romances promovem para as mulheres. Se apresentar uma visão de justiça social que reconhece as limitações físicas é a conquista desses romances, seu desapontamento é que a crítica vacila ao aplicar essa visão à figura da individualidade feminina que eles promovem. Enfrentar os problemas do corpo que são

Machine Translated by Google

imerso em um maternalismo benevolente e criado por mulheres com deficiência exigiria confrontar a disparidade entre o ideal e o real que esses romances evitam. Embora seja abraçada, a figura deficiente é, antes de tudo, o que a benfeitora materna se recusa a ser. Esses romances ao mesmo tempo reivindicam e repudiam a identificação entre os dois grupos de mulheres, oferecendo a compaixão como um compromisso ambivalente.

Machine Translated by Google

F I V E

.....

Mulheres deficientes como poderosas Mulheres em Petry, Morrison e Lorde

Revisando a Subjetividade Feminina Negra

Como vimos no capítulo 4 , , o discurso de simpatia do sentimentalismo necessariamente enquadra a deficiência como uma falta que a benevolência feminina da classe média corrige. Enquanto o foco do maternalismo benevolente em raça, gênero, beleza e deficiência parece insistir no corpo como fundamento da identidade, os romances de Stowe, Davis e Phelps acabam fugindo de sua própria ênfase no corpo para construir uma persona feminina que está em conformidade com as noções abstratas do indivíduo liberal e as restrições da verdadeira feminilidade. Se o trabalho cultural do maternalismo benevolente do século XIX está introduzindo o corpo no discurso literário politizado, esse trabalho é continuado por várias escritoras afro-americanas do século XX, que também usam figuras deficientes em estratégias de empoderamento que reformulam a versão positiva do maternalismo benevolente. de feminilidade.

Talvez o objetivo fundamental da escrita de ""rOmen" afro-americano seja construir um sujeito feminino negro que desloque as imagens culturais negativas geradas pela história agregada de racismo e sexismo da América. Tal projeto coletivo de revisão cultural desafia a escritora afro-americana a produzir uma narrativa de si mesma que autentique a história opressiva das mulheres negras e, ao mesmo tempo, ofereça um modelo para transcender as limitações dessa história.

Machine Translated by Google

Em outras palavras, o escritor deve reformular as representações dominantes da feminilidade negra sem trair a experiência histórica de ser uma mulher negra na América. Sua tarefa é, portanto, tornar a opressão sem reescrevê-la: construir uma figura da individualidade feminina negra no espaço estreito entre a vitimização e a assimilação, de modo que ela não repudie sua história nem abrace os roteiros convencionais de feminilidade que a excluíram.

Na narrativa explicitamente revisionista de si mesma de Audre Lorde, Zami: A Netv Spelling of My Name, a narradora Audre/Zami imediatamente coloca esse problema e sugere uma solução:

> Minha mãe era uma mulher muito poderosa. Isso acontecia em uma época em que a combinação de palavras de 'mulher e poderosa era quase inexprimível na língua comum americana [sic], exceto ou a menos que fosse acompanhada por algum adjetivo explicativo aberrante como cego, ou corcunda, ou louco, ou negro . Portanto, quando eu estava crescendo, a mulher poderosa era igual a outra coisa bem diferente da mulher comum, de simplesmente "mulher". Por outro lado, certamente não era igual a "homem". O que então? Qual foi a terceira designação?

Reconhecendo que a definição dominante de “mulher” exclui o poder pessoal, Lorde busca aqui uma linguagem para expressar sua experiência da oxi-idiota “mulher poderosa”. ocupando uma "terceira designação" distinta das duas únicas opções normativas disponíveis. Este \NOman, portanto, cai fora das categorias padrão e necessariamente no reino do "aberrante", inteligível apenas se flexionado por "adjetivo explicativo [sJ" invocando aquilo que está fora do que conta como normal. Para Lorde, as designações "cego", "corcunda", "louco" e "negro" tornam-se os únicos veículos semânticos disponíveis no espaço ontológico seguro do extraordinário, onde formas alternativas de ser podem ser articuladas e validadas. Usando esses adjetivos, Lorde equipara a forma do corpo com a identidade subjetiva. De fato, Lorde usa as características corporais desvalorizadas associadas à raça e à deficiência para representar qualquer estado ou sentimento que difira da norma privilegiada. A experiência material de ser sempre extraordinária, de nunca coincidir com os requisitos normativos da condição feminina ou masculina é o fato da existência que molda a identidade que Lorde cria em sua "biomitografia". O corpo é a fonte tanto da liberdade quanto da condenação de onde emerge o eu mítico de Lorde, sua própria “terceira designação”.

O que fica claro nessa passagem e em toda a "biomitografia" de Lorde é que a diferença, não a igualdade, é seu princípio de identidade. Estar fora da or-

Machine Translated by Google

Dinária é essencial e emancipatória em sua autodefinição: ela é lésbica e também "gorda, negra, quase cega e ambidestra", um conjunto de atribuições ao mesmo tempo excluindo e afirmando para ela (Zami 240) . Ao reivindicar seu corpo extraordinário como a base da identidade, ela repudia as normas de "mulher" e "homem". A assimilação à norma seria para ela um ato de auto-anulação que a tornaria uma pretendente desviante. Em vez disso, Lorde se considera inassimilável, tão única em corpo, nascimento, história e comportamento que a distinção se torna o princípio de sua identidade e poder.

A "terceira designação" de Lorde é uma manifestação de uma figura espalhada pelos escritos de mulheres afro-americanas, uma figura cujo corpo carrega as marcas que consideramos "deficiências". O corpo extraordinário dessa figura a desqualifica das restrições e benefícios da feminilidade convencional, liberando-a para criar uma identidade que incorpore um corpo diferenciado pelas marcas algumas dolorosamente infligidas, outras congênitas – de sua história individual e cultural. Essas figuras deficientes apresentam uma versão da subjetividade feminina negra que insiste e celebra a diferença física. Ao exibir, em vez de obscurecer, as diferenças físicas dessas figuras, os autores estabelecem o corpo extraordinário como um local de inscrição histórica, e não de desvio físico, e simultaneamente repudiam narrativas culturais mestras como normalidade, totalidade e o ideal feminino.

Traço aqui uma genealogia dessa figura deficiente - que poderia ser mais precisamente chamada de extraordinária - desde seu início como 1\;lrs. Hedges no romance de Ann Petry, The Street, de 1946 ; através de manifestações mais desenvolvidas nos primeiros cinco romances de Toni Morrison, The Bluest Eye (1970), Sula (1973), Song of Solotnon (1977), Tar Baby (1981) e Beloved (1987);2 e finalmente a Audrel Zami na "biomitografia" de Audre Lorde de 1982, Zami: A New Spelling of My Name. Juntas, essas figuras femininas deficientes gesticulam em direção a uma retórica antiassimiladora e politizada da diferença nascida dos direitos civis e dos movimentos das artes negras da década de 1960. Personagens como Eva Peace de l\1orrison, Baby Suggs e Pilate Dead, e Zami de Lorde oferecem um eu feminino afro-americano fundamentado no corpo singular que carrega as gravuras da história e cuja validação, poder e identidade derivam da diferença física e resistência às normas culturais. Essas mulheres permitem que seus autores representem um eu particular que incorpora e transcende a subjugação cultural, reivindicando a diferença física como excepcional, em vez de inferior. Começando com a Sra. Hedges de Petry, uma precursora ambígua na tradição grotesca modernista, examino aqui onze figuras e seus papéis retóricos. Seguindo a Sra. Hedges estão as mulheres deficientes de l\1orrison, Eva Peace, Marie Therese Foucault, Baby Suggs, Nan e Pauline Breedlove; as figuras fisicamente r

Machine Translated by Google

Dead, Sula, Sethe e sua mãe; e, finalmente, a figura central multiplamente distinta de Audre no Zami de Lorde. Em graus variados, cada uma dessas figuras ocupa a posição de sujeito radical que Lorde chama de "terceira designação". Nessas narrativas revisionistas da feminilidade negra, o corpo como local de história e identidade é ao mesmo tempo um fardo e um meio de redenção.[3]

Personagens com deficiência física aparecem com certa frequência, mas geralmente de forma periférica, na literatura afro-americana. Concentro-me aqui nas figuras criadas por Petry, Morrison e Lorde para revelar a mudança na representação literária afro-americana de um modo modernista para um pós-moderno, uma mudança que acompanha o movimento ideológico de grupos minoritários da assimilação para a afirmação de valores culturais e diferenças étnicas.[4] O romance de Petry, The Street, oferece uma representação modernista da deficiência que serve como uma transição entre os romances sentimentais do século XIX que examino no capítulo anterior e a representação pós-moderna e pós-direitos civis de figuras deficientes em Morrison e Lorde. Enquanto a ficção sentimental emprega uma retórica de simpatia, o modo modernista invoca uma retórica de desespero, e a ficção pós-moderna lista uma retórica de celebração ao representar a deficiência. pressão, defendendo a justiça social e apoiando grupos aos quais ela foi negada.

Os usos anteriores e mais tradicionais da figura deficiente - o de Emerson em válido, o Ahab de Melville, os recipientes do maternalismo benevolente - exploram a diferença física como um traço desqualificador, significando vulnerabilidade e sujeição a forças externas. Como sugiro no capítulo 2, a deficiência é caracterizada como falta, perda ou diferença excludente para a qual a compensação é necessária para alcançar as promessas de justiça de igualdade. Nesse quadro, a igualdade exige uma mesmice que conceba a deficiência não como variação, mas como desvio; a compensação, portanto, requer defesa por aqueles que têm status normativo para aqueles que não têm. A troca simpática que produz a benevolência materna só pode existir, então, se a deficiência for lida como uma condição que deve ser compensada.

Em contraste, a representação da deficiência que encontro em Morrison e Lorde e até certo ponto em Petry reflete uma mudança no significado atribuído à diferença corporal que é consoante com a política de identidade positiva característica da era pós-direitos civis, na qual variações raciais e de gênero são reinterpretadas como diferenças a serem acomodadas ou celebradas, em vez de apagadas ou compensadas. Essa mudança de perspectiva sobre a diferença corporal pode ser rastreada historicamente desde a legislação inicial que compensava a deficiência no local de trabalho e nas forças armadas, até a legislação posterior exemplificada pela Lei Americana de 1990

Machine Translated by Google

latas vvith Disabilities Act exigindo que as deficiências sejam acomodadas.6 Com suas figuras deficientes, Petry começa e Morrison e Lorde desenvolvem uma perspectiva pós-moderna de particularidade na qual diferenças físicas - raciais, de gênero, culturais ou sexuais - são vistas como marcas politizadas de variação que devem ser reconhecidos e acomodados dentro de uma sociedade democrática. O enquadramento retórico da diferença corporal, portanto, move-se de uma política de defesa solidária para uma política de identidade afirmativa.

A Mulher Extraordinária como Mulher Poderosa: A Rua de An n Petry

As convenções do naturalismo estruturam a narrativa primária de The Street , , criar uma representação modernista da alienação e do desespero.7 A "rua" de Petry é um mundo neutro e até mesmo hostil, desprovido de significados transcendentais, sem as ideologias tradicionais de unidade e significado que poderiam fornecer ferramentas adequadas para viver. Enraizada no racismo e no sexismo, a retórica do desespero do romance transforma todos os personagens, exceto a heroína Lutie, em grotescos modernistas, dos quais a Sra. Hedges é o paradigma. Concentrando-se na jornada inabalável de Lutie em direção ao desastre, The Street traça o fracasso das versões dominantes de True ou New Womanhood em chegar a um acordo com o racismo e o sexismo

institucionalizado e moderno.8 Uma contranarrativa moderada pode ser extraída deste romance, no entanto, lendo com imaginação A anti-heroína com deficiência física de Petry, a Sra. He Essa personagem antecipa a política de identidade positiva que a escrita de mulheres afro-americanas articula após a década de 1960 e começa a forjar uma nova figura de feminilidade, especificamente negra. O modelo de subjetividade feminina negra que a Sra. Hedges inaugura recusa o roteiro cultural derivado do homem patriarcal e, em vez disso, reconhece as violações e exclusões do corpo oprimido. Definindo-se fora do modelo convencional de feminilidade do qual ela foi excluída para sempre, lVlrs.

Hedges e suas herdeiras reivindicam extravagantemente a autoridade de seus corpos, bem como suas histórias individuais e coletivas como base de suas identidades.

Esta versão do ÿTomanhood negro é totalmente desenvolvida nas figuras deficientes físicas criadas quarenta anos depois por Morrison e Lorde Como seu protótipo, a Sra. do eu feminino negro na cultura americana moderna.

A Sra. Hedges funciona como um elemento ameaçador e ameaçador do ambiente determinista que derrota a corajosa e séria protagonista de Petry, Lutie Johnson. Uma (mulher 'muito negra' de ((enorme volume," a Sra. Hedges é ((tão

Machine Translated by Google

enorme que as pessoas [em sua cidade natal] nunca se acostumaram a vê-la" (Rua 5, 242). Uma precursora assustadora da "mulher poderosa" de Lorde, ela é "uma montanha de mulher" com "mãos poderosas", cuja força e tamanho violam o estereótipo diminuto e delicado da feminilidade e desafiam a categorização. A Sra. Hedges é um monstro inexplicável que parece a Lutie como "uma criatura que se desviou de outro planeta" (Rua 237, 236) .

Se a Sra. A imensidão de Hedges exclui a feminilidade da qual Lutie é o tipo negro, é sua deficiência física que definitivamente torna a sra. Hedges Lutie o oposto "rotesco". O leitor sabe desde o início que a Sra. Hedges tem alguma condição corporal misteriosa e terrível que ela esconde usando um ban danna e ficando em casa, sentada em sua janela acima do resto da humanidade na rua. Ela opera como um quase-monstro sinistro que evoca o gótico e incorpora o grotesco, convenções que criam a sensação de destino iminente, ameaçador e impessoal, característico tanto da narrativa naturalista quanto da moderna.

Somente na metade do romance Petry humaniza a Sra. Hedges, revelando a história de sua deficiência, a "massa de cicatrizes - cicatrizes terríveis" cobrindo a maior parte de seu corpo depois que ela escapou de um incêndio em um cortiço espremendo-se em um porão minúsculo. \vindow (Rua 237) . Quando Petry muda brevemente a narração onisciente típica do naturalismo para a perspectiva da Sra. Hedges para explicar sua deficiência, o romance permite ao leitor alguma empatia e compreensão, mas recusa a Sra. Hedges qualquer piedade. Contando o incidente que determinou a vida e a identidade da Sra. Hedges, o romance esconde seu interior, assim como a Sra. Hedges esconde suas cicatrizes da vista do público. Aprendemos o que ela faz para sobreviver, mas não como ela se sente sobre isso. Ela aparece principalmente através de uma perspectiva normativa:

> Quando ela entrou em [agências de emprego], havia uma repulsa incontrolável nos rostos dos brancos que olhavam para ela. Eles olharam espantados para seu tamanho enorme, para a escuridão de sua pele. Eles se entreolharam, tentaram em vão controlar seus rostos ou nem se preocuparam em tentar, simplesmente deixaram-na ver que monstruosidade eles pensavam que ela era (Rua 24 1).

A Sra. Hedges permanece ao longo do romance resolutamente diferente, aparentemente impassível e finalmente inescrutável. Como a personificação grotesca e endurecida da vida brutal ditada pela rua, ela inspira principalmente "desânimo" ou "horror", levando Lutie a concluir que "[i] t nunca seria possível desenvolver qualquer gosto real por ela" (Street 247, 239) .

No entanto, uma notável ambigüidade na figuração da Sra. Hedges sugere um possível subtexto de oposição no qual ela é a antepassada literária da

Machine Translated by Google

heroínas negras pós-modernas. Comentários narrativos como "todos aqueles anos [Lu tie tinha] ido direto como uma flecha para aquela rua", indicam que The Street é concebido principalmente como uma narrativa de determinismo social em que o "fechamento murado" do racismo e suas instituições finalmente envolve a heroína (Rua 426, 430) . Essas restrições genéricas exigem que a Sra. Hedges funcione como o produto perturbadoramente grotesco do racismo e da pobreza. Representando o destino inaceitável que a infeliz heroína deve suportar se quiser prosperar na rua, a Sra. Hedges, que oferece a Lutie a alternativa da prostituição, faz parte do ambiente social opressivo de Lutie. Como vítima da rua e sua ameaça, IVIrs. Hedges lembra Deb na obra sentimental pré-naturalista de Davis, Life in the Iron Mills, que também incorpora a condição que o romance critica.9 No entanto, ao contrário da ineficaz Deb, a sra. precisamente porque ela é a antítese da Lutie convencional. 10 A justaposição de Lutie e Mrs. Hedges faz de The Street não apenas uma visão fatalista de uma sociedade racista e sexista, mas uma crítica feminista da feminilidade convencional influenciada por questões raciais. Além disso, vista dessa perspectiva, a Sra. Hedges nos permite explorar seu potencial como uma heroína radicalmente revisada.

A Sra. Hedges é exatamente o que Lutie não é: a dama perfeita, uma versão da heroína doméstica do século XIX, expulsa do lar patriarcal para o qual foi criada e abandonada no Harlem durante a Segunda Guerra Mundial.
Órfã de mãe e sem sorte, Lutie deve abrir seu caminho no mundo, na tradição das heroínas da ficção feminina do século XIX. II Armada com beleza, moralidade, uma diligência corajosa, autoconfiança, fé na narrativa de sucesso americana e o que Nancy Cott chamou de "falta de paixão", Lutie é neta da Mulher Verdadeira, a versão feminina tradicional da I2. O modelo cultural disponível para a vida é Ben um mantra Franklin, self-made man. a quem ela destemidamente invoca em paradoxal de auto-culpa e auto-pronta para se sacrificar pela masculinidade de da maternidade [13] seu filho e encorajamento. seu marido, Lutie, é a encarnação republicana. Nesse sentido, ela é uma versão moderna da Eliza de Stowe e aparentada com a exultante Perley Kelso de Phelps.
Escrevendo em 1 8 52 e 1 8 71, Stowe e Phelps ardentes sugerem que seu modelo de feminilidade equipará Eliza e Perley com os recursos individuais para triunfar sobre todos os obstáculos. Lutie, no entanto, nunca pode triunfar no reino de racismo e sexismo implacável de Petry. A visão de Petry quase cem anos depois, em 1946, é muito menos otimista, refletindo a impotência e a alienação universalizadas tão características da estética modernista.

Cada um dos ativos femininos convencionais de Lutie acaba sendo uma responsabilidade desastrosa no contexto da "Rua" do século XX. Ao invés de evocar

Machine Translated by Google

respeito e admiração, a beleza de Lutie atrai a luxúria de todos os homens que ela conhece, incitando os homens a lutar pela posse dela como se ela fosse um pedaço de carne.
Sua falta de paixão idealizada torna o desejo e o poder sobre ela uma ameaça maior do que o necessário. Por exemplo, Boots, a quem ela espanca até a morte em um momento autodestrutivo de raiva liberada, poderia ter sido um amante adequado se Lutie tivesse sido capaz de aceitar de alguma forma sua sexualidade e evitar sua coerção. Sua autoconfiança emersoniana e o medo da contaminação moral de si mesma e de seu filho a impedem de se relacionar com mulheres como a Sra.
As "garotas" de Hedges ou qualquer outra pessoa que possa ajudá-la a negociar a vida na rua. O modo de feminilidade adotado por Lutie é tão ineficaz em um mundo moldado pelo racismo e sexismo que ela literal e metaforicamente não consegue nem mesmo ler os sinais na cena de abertura de Petry. Cada ato, cada decisão vem da sensibilidade individualista que parece a Lutie a única narrativa coerente de si, mas que a conduz inexoravelmente à ruína.

Enquanto a rua e seus perigos são ilegíveis para Lutie, a Sra. Hedges é quase onisciente. Em vez de recuar por causa de sua deficiência, ela ativamente envolve o mundo em seus próprios termos de sua janela, recusando-se a "expor-se aos olhos curiosos e indiscretos do mundo" (Rua 247) . O oposto de Lutie sexualmente objetificada, 1\1rs. Hedges tem o olhar, a voz e a agência - os elementos de fortalecimento pessoal que a cultura nega persistentemente às mulheres.
Com sua "voz rica" e "doce", ela gentilmente, mas com autoridade, aconselha, envelhece e se conecta com as pessoas na rua (Rua 5, 8). Seu "sem pestanejar", "olhar ansioso" claramente apreende e compreende tanto a sordidez da rua quanto seu potencial (Rua 24 5, 68). Sem emoção, mas com muita generosidade, ela é a poderosa "senhora com olhos de cobra" que parece penetrar nas pessoas, lendo seus pensamentos (Rua 8). Tanto malévola quanto benevolente, a Sra. Hedges usa seu corpo poderoso para resgatar o indefeso Lutie de seu senhorio predatório e para regular sua agressão sexual a partir de então.

Ver sem ser visto, saber sem ser conhecido, encenar ", sem ser encenado, agir sem ser influenciado, a figura da Sra. Hedges in verts a coreografia cultural de gênero tão concisamente descrita por John Berger: "os homens agem e as mulheres aparecem. "14 Em contraste, a inocente e exposta Lutie é incessantemente vítima de suas tentativas inadvertidas e deliberadas de capturar o olhar masculino - por exemplo, quando ela vai ao bar Junto para relaxar ou audições para trabalhos de canto. O corpo da Sra. Hedges pode ser violada e moldada por sua história de instituições racistas e sexistas duradouras, mas também é o instrumento com o qual ela é capaz de se definir à parte do roteiro cultural de feminilidade que destrói Lutie. Ao justapor essas duas mulheres, The Street efetivamente desaloja o o mito do sistema de gênero do poder e ad-

Machine Translated by Google

vantagem da beleza feminina e as recompensas da devoção masculina, sugerindo formas alternativas de empoderamento feminino.

Antecipando o apelo de Lorde para uma "terceira designação", a Sra. Hedges repudia o roteiro dominante da feminilidade sem cair em um modo masculinizado. Em vez disso, ela estabelece uma vida centrada na mulher e mantém uma espécie de trégua com o poder masculino coercitivo que controla a rua. No ambiente brutal de racismo, sexismo e pobreza, a Sra. Hedges forja uma comunidade de mulheres que figurativa e literalmente nutre seus membros, mesmo quando é circunscrita por uma hierarquia de poder inescapável que não concederia a ela nada além de desprezo. Fora da própria economia sexual, a Sra. Hedges montou uma família de "garotas" que manipulam o sistema de troca sexual para satisfazer suas próprias necessidades materiais. Acima de tudo, a figura da Sra. Hedges insiste nas exigências, restrições e obrigações do corpo. Porque, como ela observa com ironia, "Mary e eu não vivemos aqui no ar", ela começa a cobrar dos rapazes que aparecem para fazer sexo (Rua 2 50). No entanto, suas relações com essa prostituição e com Junto, o onipotente homem branco que controla a rua, são muito ambíguas. A Sra. Hedges é, em certo sentido, totalmente cúmplice da ordem dominante que os oprime a todos e é a maior ameaça à liberdade de Lutie. No entanto, suas ações são uma adaptação à adversidade brutal que permite que ela e as meninas construam uma vida para si mesmas em seus próprios termos: escolhendo seus clientes, cuidando dos doentes, cuidando das crianças depois da escola e cuidando umas das outras. Apesar de ser - da perspectiva de Lutie - perversamente comprometedora, ameaçadora e repulsiva, a Sra. Hedges, no entanto, testemunha com sua corporeidade indomável a grandeza e a autoridade de "uma vontade absolutamente incrível de viver" (Street 24 5) . Enquanto o eu inviolável de Lutie se mostra frágil e vulnerável, a Sra. Hedges recusa a vitimização, testemunhando com seu corpo extraordinário o poder permanente do eu violado de suportar a injustiça e ainda assim prevalecer.

Do grotesco ao ciborgue

Embora o retrato que Petry faz da Sra. Hedges seja de um empoderamento positivo qualificado, o tratamento que The Street dá a essa personagem parece, no entanto, ser ditado predominantemente pelas convenções do grotesco modernista. Tal leitura implica que vale a pena explorar o grotesco como uma forma problemática, mas potencialmente sugestiva, de representar a deficiência física. O problema ocorre quando empregamos uma categoria estética como o grotesco em um projeto crítico inerentemente politizado. \i\1então o quadro interpretativo das fantasias e extravagâncias visuais do grotesco é traduzido para o domínio

Machine Translated by Google

1 1 2 ..... Construindo figuras deficientes

Convenções nativamente realistas de representação e crítica literária, o grotesco é equiparado a personagens com deficiência física. Portanto, usar o grotesco como estratégia analítica convida tanto os críticos quanto os leitores a ver as representações da deficiência por meio de uma estética e não de uma estrutura política. Estetizar a deficiência como algo grotesco tende a impedir a análise de como essas representações apóiam ou desafiam as relações sociopolíticas que fazem da deficiência uma forma de alteridade cultural.

Uma consideração completa desse dilema representacional requer o exame da convenção do grotesco, uma categoria estética que aparece já no século XV e se refere a desenhos ornamentais modelados em afrescos romanos encontrados em cavernas subterrâneas, ou grotte . Princípios opostos, como humano e animal, se fundem para produzir formas sobrenaturais que confundem categorias e violam limites. Manifestações góticas do grotesco são fusões fantásticas como gárgulas, quimeras ou sereias. Hieronymus Bosch, é claro, é o mestre do grotesco demoníaco e maravilhoso. Mas a categoria estética específica do grotesco sobrenatural acabou se tornando tão generalizada que Wolfgang Kayser a caracterizou em 1957 como qualquer coisa capaz de evocar o “estranhamento” humano, a “alienação radical” ou o “absurdo essencial” do mundo. e nas artes visuais, o grotesco foi apropriado como um conceito fundamental na crítica e na literatura modernista, onde é um tropo apropriado para a alienação e desorientação que definem o modernismo. Na verdade, a crítica modernista com o grotesco como figura para o estranhamento existencial e a ruptura de significado avançada implacavelmente por seu cânone era tão aceita que William Van O'Connor argumentou em 1962 que era a essência da literatura americana . 16 As restrições da figuração mimética transformam assim o grotesco fantástico no grotesco "anormal". A gárgula modernista é a figura com deficiência física, uma metáfora para a depravação, desespero e perversão. Despolitizado e estetizado pela moldura crítica autoritária do grotesco, o corpo deficiente é perpetuamente lido como um sinal de uma alma degenerada ou de um universo falido.

17 A noção do grotesco, portanto, desencoraja críticos literários e autores de uma perspectiva politicamente consciente que pode examinar personagens deficientes em termos de questões culturais minoritárias.

O grotesco como um modo de liminaridade que obscurece as categorias aceitas é, no entanto, sugestivo para meus propósitos, como indiquei com a discussão do conceito de anomalia de Mary Douglas no capítulo 2. Geoffrey Galt Harpham define a figura grotesca como "estar [ing] em a margem da consciência entre o conhecido e o desconhecido, o percebido e o não percebido, colocando em questão a adequação de nossas formas de organizar o mundo, de di-

Machine Translated by Google

dividindo o continuum da experiência em partes conhecidas." Tal sentido do grotesco como "algo ilegitimamente em outra coisa" tende a neutralizar a alienação e a repugnância e a destacar o potencial para uma liminaridade iconoclasta que pode acomodar novas formas de identidade. precisamente o projeto das escritoras afro-americanas que considero aqui. O antropólogo Victor Turner afirma que as figuras liminares ocupam "um reino de pura possibilidade de onde novas configurações de ideias e relações podem surgir". The Body Silent explicitamente reconhece a categoria deficiente como um estado social liminar. Mas enquanto a liminaridade social de Murphy rouba-lhe status e papéis defensáveis, a noção de liminaridade de Turner como "pura possibilidade" pode produzir formas representacionais afirmativas, como a "mulher poderosa, " que não são limitados por categorias convencionais. Enquanto a ideia de liminaridade de Murphy é restritiva, a liminaridade expansiva de Harpham e Turner prevê figuras como o corpo desordenado bakhtiniano da tradição carnavalesca e as mulheres deficientes que discuto aqui.

Ao recusarem-se a conformar-se com as regras e categorias sociais, as mulheres com deficiência operam como alternativas corporificadas ao status quo. Sua oposição à ordem dominante não é intelectual; ao contrário, é um estado ontológico imutável.

A percepção da falta corporal, diferença e marginalização é reformulada aqui como um estado afirmativo radical de configuração física alternativa aparecer uração particularizada 19 Quando uma figura que normalmente pode pela história. meramente como IVIrs grotescos. Hedges-é assim reformulado através da liminaridade, uma perspectiva sociopolítica começa a emergir.

A figuração da Sra. Hedges como um grotesco modernista ambíguo abre caminho para uma representação pós-moderna de figuras deficientes que explora mais plenamente o potencial de terceiras designações e identidades liminares. O aspecto mais fundamental do pensamento pós-moderno para os propósitos desta análise é sua disposição - talvez sua exigência - de abrir mão dos princípios de unidade e uniformidade na interpretação do eu e do mundo. O que estou chamando de pós-moderno aqui são narrativas alternativas e afirmativas que não dependem de uma fé na unidade ou de uma gama de conceitos valorizados, como totalidade, pureza, autonomia e limitação - características da ideologia da unidade que sancionam o eu normativo e gerar seu oposto, o outro corpóreo. As figuras deficientes nesses romances exploram narrativas do corpo em um mundo pós-normal, semelhante ao '(mundo pós-gênero' às vezes invocado por feministas, que perturba a dicotomia tradicional normal/anormal.20 O princípio da

unidade sustenta o discurso dominante do normal/anormal, expresso em ideias como o darwinismo social e a concepção estatística da norma, ambas surgidas no século XIX.

Machine Translated by Google

uma norma humana - l'homme moyen de Quetelet, discutida no capítulo 3 - que policia a variação física humana gera uma comunidade unificada cujas diferenças são apagadas e define um exterior e um interior. O conceito de norma que Foucault encontra emergindo no século XVIII, portanto, caracteriza os corpos com as diferenças que chamamos de deficiências como desviantes em vez de distintivas.

Assim, enquanto corpos prodigiosos ou "monstruosos" sempre foram um foco de interesse humano, a dicotomia normal/anormal da mente moderna limita a explicação das diferenças à patologia. Embora a ideia de anormalidade como um quadro interpretativo para a deficiência física tenha deslocado lógicas como punição divina ou corrupção moral, a dicotomia normal/anormal, no entanto, desvaloriza a deficiência em vez de defini-la em seus próprios termos. Como "mulher poderosa", o termo "pessoa com deficiência" é oximorônico porque "deficiente" anula a versão dominante de personalidade expressa, por exemplo, no indivíduo autocontrolado emersoniano.
21 A noção popular de ciborgue de Donna

Haraway pode servir como um protótipo teórico para a construção de um eu que pode negociar a incompatibilidade entre "deficiente" como fato físico e identidade social e "pessoa" como membro da comunidade humana. Semelhante ao grotesco como liminar, mas livre de suas conotações negativas, o ciborgue é "um híbrido de máquina e organismo, uma criatura da realidade social e também uma criatura da ficção" que Hara Tay oferece como um modelo para si mesmo em um mundo pós-moderno. Como híbrido, o ciborgue quebra uma profusão de distinções fundamentais para o eu moderno, transgredindo as fronteiras entre animal e máquina, orgânico e mecânico, eu e não-eu. O ciborgue torna possível imaginar uma entidade coerente caracterizada pela "parcialidade permanente", mudando identidades múltiplas que Haraway chama de "afinidades" e o tipo de "fusões ilegítimas" sugeridas pela "mulher poderosa" de Lorde ou a categoria de autocancelamento "pessoa com deficiência."22

Enquanto a noção de um eu híbrido pode atuar como uma metáfora orientadora para aqueles que se consideram não-deficientes, para as pessoas com deficiência essa hibridação é muitas vezes consoante com a experiência real. A pessoa com deficiência ahNays funde o fisicamente típico com o fisicamente atípico. O corpo deficiente também é frequentemente mesclado com próteses como cadeiras de rodas, aparelhos auditivos ou bengalas brancas.23 A deficiência também é às vezes experimentada como uma transformação ou uma violação de si mesmo, criando dilemas de classificação, status ambíguo ou questionando suposições sobre a totalidade . Todas as pessoas com deficiência física incorporam, assim, a “fusão ilegítima” das categorias culturais “normal”, que qualifica as pessoas para o status humano, e “anormais”, que as desqualifica. Dentro desse espaço liminar, a pessoa com deficiência deve constituir algo semelhante à identidade. De acordo com o princípio da unidade, a pesso

Machine Translated by Google

torna-se grotesco, seja no sentido de uma gárgula, rompendo fronteiras, seja no sentido de um eunuco, aquele que é incompleto, não completo. Mas se a unidade não é mais o princípio organizador do mundo e do eu - como os modernistas lamentavam e os pós-modernistas celebram - então o grotesco abandona suas implicações distorcidas, repugnantes e carregadas de desespero e se torna um ciborgue: o sobrevivente afirmado da alteridade cultural, pronto para enfrentar o mundo pós-moderno em seus próprios termos. Os paradoxos do corpo, do eu e do mundo que o positivismo procurou desembaraçar com taxonomias e que o modernismo lamentou com grotescos tornaram-se o material com o qual uma sensibilidade pós-moderna se explica e – paradoxalmente – constrói seu significado.

O Corpo Extraordinário como o Corpo Historizado: As mulheres deficientes de Ton i Morrison

Essas figuras híbridas aparecem repetidamente nos primeiros cinco romances de Toni Morrison, publicados entre 1970 e 1987. Entre outras coisas, cada romance elabora modos alternativos de identidade para o homem afro-americano. As sucessoras da Sra. Hedges de Petry, as mulheres deficientes e marcadas de Morrison mudaram, podemos dizer, de grotescas para ciborgues. Cada personagem discutido aqui funciona como o que Morrison chamou de "a figura do pária":

> Existem vários níveis da figura do pária trabalhando em minha escrita. A comunidade negra é uma comunidade pária. Os negros são párias. A civilização do povo negro que vive separada, mas em justaposição a outras civilizações, é uma relação de párias... Mas uma comunidade contém párias dentro dela que são muito úteis para a consciência dessa comunidade.2

Marginalizadas pela hierarquia excludente da aparência comumente conhecida como "beleza" ou "normalidade", Eva Peace, Marie Therese Foucault, Baby Suggs, Nan, Pilate Dead, Sula Peace, Sethe e sua mãe são todas figuras párias cujo lugar na "consciência da comunidade" é sondar as inter-relações de identidade, história e corpo. Cada mulher é excluída do centro cultural por causa de suas marcas ou configurações corporais desviantes, bem como por ser negra, pobre, mulher e, em alguns casos, velha. Enquanto algumas dessas mulheres são personagens centrais e outras periféricas, todas elas possuem um poder narrativo, muitas vezes associado ao sobrenatural, que supera em muito o status social marginal que lhes é conferido pela ordem dominante. Suas "deformidades", "incapacidades" e "anormalidades" são as marcas corporais e os julgamentos da estigmatização social - rejeição, isolamento, expectativas reduzidas, pobreza, exploração, escravidão, assassinato, estupro. Excluídos por causa de sua

Machine Translated by Google

corpos de todas as categorias privilegiadas, as figuras párias de Morrison exploram o potencial de ser e agir fora dos espaços culturalmente sancionados.25

Esses personagens permitem que os romances de Morrison representem uma narrativa de si que simultaneamente abrange e transcende a história individual e coletiva de opressão. Embora os romances de Morrison certamente celebrem a cultura negra americana, eles também insistem em que sua própria forma e espírito foram moldados pelas instituições, injustiças e consequências retumbantes e devastadoras do racismo. No entanto, os personagens de Morrison não são vitimados ou desmoralizados, nem levam vidas diminuídas. Uma cena de Amada ilustra sucintamente como Morrison representa a tensão entre a necessidade de incorporar a experiência da opressão e superá-la. A jovem heroína Sethe, recém-saída da escravidão, consegue olhar com horror os jovens negros mortos pendurados nos sicômoros e, precisamente no mesmo momento, reconhecer a beleza cativante daquelas árvores. Abstendo-se de reconciliar essas imagens e, assim, atenuar a força da contradição, Sethe incorpora a desarmonia em sua memória por toda a vida. A recusa de Sethe em permitir que um dos espetáculos anule o outro, seu aguçamento desse paradoxo que potencialmente ameaça todo significado e coerência, exemplifica o modo de ser e saber que Morrison representa como fundamental para o eu afro-americano. Esse eu afirma a capacidade humana de sobreviver à dor, à perda e à negação de si mesmo e da cultura sem abreviar as experiências de paixão, beleza, apego e alegria. Como testemunhas físicas de violações e opressão, os corpos extraordinários dessas mulheres agem como uma consciência coletiva ao testemunhar o poder e a dignidade inerentes a essa narrativa de si especificamente afro-americana.

O protótipo para todas as oito mulheres é Eva Peace, a avó matriarcal que permeia o romance de Morrison de 1973 , Sula. A perna de Eva foi amputada, talvez por sua própria iniciativa, para que ela pudesse receber o dinheiro do seguro que alimentaria seus filhos. Como a Sra. Hedges forçando seu corpo imponente através da janela do porão para escapar do incêndio, o ato de desespero de Eva remodela seu corpo e garante sua sobrevivência. Todos os protagonistas de Morrison estão em situações semelhantes: eles literalmente se constituem com uma agência de alcance livre cujos termos são tragicamente circunscritos por uma ordem social adversária. A autoviolação, no entanto, não é uma concessão para Eva ou para a Sra. Cerca; ao contrário, é um ato de autoprodução que ao mesmo tempo resiste à dominação e testemunha a virulência da opressão. Eva difere de seu companheiro amputado, o capitão Ahab de Melville, porque a amputação de Ahab o escraviza em uma busca obsessiva por Moby Dick, enquanto a amputação de Eva a liberta da pobreza. A transformação de Ahab é operada por forças externas totalmente incontroláveis,

Machine Translated by Google

enquanto a de Eva é encenada como uma escolha limitada. De fato, a deficiência física não diminui nem corrompe as mulheres extraordinárias de Morrison; em vez disso, afirma o eu no contexto. A deficiência de Eva aumenta seu poder e dignidade, inspirando admiração e tornando-se uma marca de superioridade, um resíduo de uma história enobrecedora.

Morrison representa Eva como uma personagem de deusa/rainha/criadora, rica em alusões e proporções míticas, embora ela seja, pelos padrões dominantes, apenas uma mulher velha, negra e de uma perna só que dirige uma pensão. Eva é uma Eva negra reescrita, caminhando pelos reinos do comum e do extraordinário, uma versão feminina do malandro afro-americano cujas pernas assimétricas sugerem presença tanto no mundo material quanto no sobrenatural e sinalizam poder em vez de inadequação. O trapaceiro é a ambivalência personificada, violando normas comportamentais com travessuras ultrajantes e invertendo categorias culturais que dão sentido à ordem social.26 Como uma figura trapaceira, Eva transgride a ordem social existente, abrindo a possibilidade de uma narrativa sustentável do eu corporificado como único em vez de norma. Revisando também o mito bíblico do pecado original de Eva, Eva cria uma narrativa mítica do maternal fundamentada na existência física - comer, defecar, morrer e as demandas materiais e mundanas da sobrevivência terrena. Seu poder abrange o nascimento e a nutrição, bem como a morte: ela corta a perna para sustentar seu "bebê amado", Plum, a quem ela mais tarde imola, quando seu vício em heroína embota a vida que ela lhe deu (Sula 34) . Morrison reescreve a maçã de Eve como as escassas três beterrabas vermelhas que restam para Eva alimentar seus filhos depois que seu marido a abandona à pobreza. Em suma, Eva é uma deusa, não da ordem espiritual ocidental, mas da carne tornada extraordinária não pela idealização, mas pela história. Seu corpo duradouro é tanto sua identidade quanto seu objetivo final.

fonte.

O legado de Eva para seu mundo é sustento. Nem sempre benevolente e nunca sentimental, Eva fornece comida e abrigo, as necessidades materiais da vida. Eva é a "criadora e soberana" de uma pensão peculiar, desconexa e incoerente, cheia de vida, canto, vício e amor casual (Sula 29) .

Esta "casa de lã" está repleta de árvores que carregam peras semelhantes a um omblé no quintal e "uma panela com alguma coisa sempre cozinhando no fogão" (Sula 29-30). Dirigindo seus filhos, bem como um fluxo contínuo de amigos, pensionistas e animais de rua adotados, Eva reina - muito como a Sra. Hedges - sobre uma família comunitária pouco ortodoxa de seu trono incongruente, uma carroça em seu quarto no terceiro andar, onde ela lê sonhos. e distribui "goobers do fundo de seus bolsos" para bandos de crianças (Sula 29). Nomeando seus próprios filhos e renomeando outros com uma visão mística e determinante, Eva possui, como Adão, o poder negado a Eva: nomear, e assim definir. Por exemplo, ela renomeia

Machine Translated by Google

três meninos abandonados muito diferentes, ela adota "Dewey King", aparentemente reconhecendo que o vínculo de um nome compartilhado os capacitaria a emergir da rejeição e do isolamento e sobreviver (Sula 39). Assim, no espaço liminar do que Michelle Fine e Adrienne Asch chamaram de "ausência de papel" social das mulheres deficientes, lVlorrison erige uma rica contra-mitologia narrativa em torno da figura pária Eva, investindo-a com o poder e a autoridade que a ordem dominante lhe daria. fortaleza.27

A personagem quase sobrenatural Marie Therese Foucault, do romance Tar Baby de Morrison de 1981 , lembra Eva Peace. O papel narrativo de Teresa é essencial, embora ela ocupe pouco espaço no romance. Conhecida em Dominique por seus "seios mágicos", a cega Therese é uma ex-ama de leite para bebês brancos e lavadeira para os brancos ricos que controlam uma ilha próxima (TB 92) .

Como Eva, Therese tem poderes misteriosos; ela é uma zeladora, uma trapaceira e uma figura de Eva a quem o narrador chama de "uma velha mentirosa com desejo por maçãs" (TB 93) . Como o vidente cego Tirésias, Teresa tem o conhecimento associado ao olhar, mas sem o sentido da visão. Com uma onisciência reminiscente da da Sra. Hedges, Therese sente a presença de Son, o protagonista do romance, semanas antes de qualquer um dos personagens que enxergam perceber sua presença. Como Eva e a Sra. Hedges, Therese administra discretamente os personagens principais de sua posição à margem da sociedade. Ela deixa comida para Son, permite que ele roube as provisões dos brancos e, finalmente, o acompanha no escuro até seu destino ambíguo. Uma mentora espiritual também, Therese convence tanto o filho quanto seu sobrinho a se reconectarem com sua cultura negra, suas "propriedades antigas", depois de terem sido atraídos pela cultura branca (TB 263) . Personificando o elemento mítico e sobrenatural do romance, Therese é suspeita de ser "uma da raça cega" que escapou da escravidão e atualmente vaga livremente pela ilha a cavalo, vendo com "o olho da mente" (TB 1 30-31) . .

Therese ilustra vividamente um aspecto essencial de todas as míticas mulheres deficientes nesses romances: seu prestígio e poder narrativos - tanto mágicos quanto materiais - são exatamente o oposto da posição que o mundo real atribui a essas figuras. O extraordinário conhecimento e autoridade de Therese dentro da mítica cultura negra contrastam fortemente com sua posição impotente, inconseqüente e até invisível dentro da cultura dominante. Para os brancos, ela é uma criada intratável, pobre, velha, cega, sem instrução, arrogante, supersticiosa, ingrata e ruim em inglês. Demitida repetidamente, ela é simplesmente recontratada por seus empregadores, que nem a reconhecem. No entanto, estar resolutamente fora da ordem dominante dá autoridade a Teresa. Ela não falará com os respeitosos servos negros, ou "reconhecerá a presença dos americanos brancos em

Machine Translated by Google

seu mundo", ou incluí-los em suas histórias imaginativas, ou mesmo simplesmente olhá-los (TB 94). Tais negações a libertam da perspectiva cultural que a obliteraria. o passo para a comunidade negra que Morrison celebra.Ao elevar a figura mais baixa na escala dominante de valor humano a poder e status, o romance inverte essa hierarquia.

Amada, a exploração ficcional de 1987 do eu feminino sob a escravidão, apresenta duas figuras deficientes, mancando Baby Suggs e Nan maneta, cujos corpos testemunham as violações do racismo e sua própria sobrevivência. 28 Baby Suggs e Nan, seguindo Eva, Therese e a Sra. Hedges, cuidam, orientam e atendem às necessidades materiais da comunidade negra a partir de uma posição de autoridade apagada. Após seu filho comprá-la da escravidão, "Baby Suggs, santa" estabelece uma espécie de ministério materno e centro de bem-estar comunitário, semelhante ao de Eva, em sua casa feminina intergeracional, onde "duas panelas ferviam no fogão", "a lâmpada queimou a noite toda", e ela "amou, advertiu, alimentou, castigou e acalmou" todo homem, mulher e criança negra que passava (Beloved 87). Até que ela seja desgastada pela vida, Baby Suggs também é uma sacerdotisa da carne, liderando a comunidade em cerimônias neopagãs ao ar livre, ricas em dança, choro e canto, nas quais ela faz sermões potentes e comoventes implorando ao povo para amam profundamente sua carne O\Nn, seus corpos fortes e dignos que são quebrados, atormentados e desprezados por outros. Depois, ela "dança [s] com o quadril torcido o resto do que seu coração tem a dizer" (Beloved 89). Baby Suggs sabe o significado do corpo para as mulheres negras: sua carne pertenceu a outra pessoa, seus oito filhos foram roubados dela e seu quadril deficiente literalmente reduziu seu valor na economia perversa da escravidão.

Menos desenvolvida que Baby Suggs, Nan, a primeira cuidadora de Sethe, também tem o poder de sobreviver, nutrir e se conectar. Como Therese, Nan é ama de leite; como Eva, ela é amputada. Nan também é uma preservadora da cultura e da história, contando à jovem Sethe-Amada protagonista - em sua língua africana em extinção a história do nascimento de Sethe, revelando que ela era a única filha que sua mãe escravizada valorizava, a única que não nasceu de um estupro e jogado ao mar. Embora Sethe nunca o reconheça explicitamente, parte do legado de sua mãe é a capacidade moral certamente ambígua de cometer infanticídio, um poder paradoxal compartilhado com Eva Peace.

lV10rrison cria outro grupo de mulheres cujos corpos são extraordinários, não por limitação funcional, mas por particularidade formal, a outra manifestação da "deficiência".29 A primeira é Pilatos Dead, nascido sem umbigo, sacerdotisa e tia rebelde de Milkman Dead, Canção de Salomão

Machine Translated by Google

protagonista. Como a Sra. Hedges, Eva e Baby Suggs, Pilatos é a matriarca de uma família pouco ortodoxa, "uma coleção de lunáticos".

Na casa de Pilatos reinam três gerações de mulheres como as três graças ou Eumênides, deusas negras que buscavam vingança por crimes contra familiares (55 20) . Autodenominada, Pilatos pendura cerimoniosamente no lóbulo de sua orelha seu nome bíblico guardado em uma pequena caixa de latão. Assim como Therese atrai Son de volta às suas raízes negras, Pilatos e suas donas de casa atraem Milkman com suas canções de sereia, mas em vez de destruição, ele encontra uma conexão revitalizante com sua história e ancestrais.

O corpo extraordinário de Pilatos a diferencia dos outros personagens, marcando-a em um espaço liminar, muitas vezes mágico, de possibilidades. lVlorrison descreve esse efeito em uma entrevista:

> Eu estava tentando desenhar o personagem de uma irmã para um homem, uma irmã que era diferente, e parte de minha visualização dela incluía que ela não tinha umbigo. Então aconteceu uma coisa enorme para ela. Também tinha que vir no início do livro para que o leitor soubesse ! esperar nada dela. Tinha que ser algo muito poderoso em sua ausência, mas sem importância em sua presença. Não poderia ser nada grotesco, mas algo para diferenciá-la, para fazê-la literalmente desabafar.30

Morrison sugere aqui que a diferença corporificada de uma personagem permite que ela "se invente", para realizar uma identidade distinta à parte do corpo canônico que representa roteiros brancos convencionais. Todas essas mulheres literalmente incorporam um princípio de formação de identidade baseado no extraordinário e não no comum. Assumindo grande significado narrativo, os corpos dessas mulheres resistem à assimilação em uma categoria estreita de humanidade e desafiam todos os padrões físicos excludentes nos sistemas raciais e de gênero. Ao ver todas as formas de assimilação ou tolerância como condescendência, eles insistem que não há nada em que desejem assimilar e não há nada em si mesmos que deva ser tolerado.

Semelhante a Pilate Dead, a neta de Eva Peace, Sula, é diferenciada por uma marca de nascença facial escura que dá "a seu rosto simples uma excitação quebrada e uma ameaça de lâmina azul" (Sula 52) . A marcação física de Sula é tanto a causa quanto a manifestação de sua alteridade. Sugerindo sua posição ambígua dentro da comunidade, a marca de nascença de Sula é interpretada por outros como uma cobra, um girino, as cinzas de sua mãe ou uma rosa, dependendo da posição de cada personagem. Como uma rosa, a marca de nascença alude às flores na pele que os primeiros cristãos interpretaram como marcas estigmatizadas da graça e alude à deusa africana da

Machine Translated by Google

com , Erzulie, cujo signo é uma rosa.31 A serpente, é claro, associa o amor de Sula a Eva bíblica e com sua avó, a Eva negra revisada. A maneira como a marca de nascença de Sula se torna a âncora para o significado narrativo de outra pessoa captura a essência de como a alteridade cultural é produzida. O que a ordem dominante percebe como diferenças corporais atuam como depositários de significado que servem às perspectivas psicológicas e políticas desse grupo.

Como os corpos monstruosos dos tempos antigos e medievais, o corpo de Sula é um texto hiperlegível do qual sua comunidade lê suas próprias preocupações, medos e esperanças. O aspecto extraordinário de seu corpo faz dela um espetáculo entre os espectadores, o ponto de referência para as fronteiras sociais. O corpo que viola a norma torna-se um pária marcado e desregulador da ordem social.

Em tal papel, Sula permite que "outros [se] definam" ao oferecer suas diferenças para que o grupo possa se esclarecer (Sula 95). Como as outras mulheres extraordinárias, seu corpo serve como "a consciência do] comunidade,"32

Tanto Sethe quanto sua mãe anônima, escravizada, rebelde e enforcada têm marcas que mapeiam suas histórias em seus corpos, ao mesmo tempo impondo identidade e diferenciando-os dos não marcados. A condição de escrava da mãe de Sethe é literalmente integrada à sua carne, marcada nela como um novilho ou uma escrava grega. Sua boca também foi permanentemente fixada em um "sorriso" medonho e irônico, moldado pela mordida punitiva do mestre , e não por seus próprios sentimentos (Beloved 203). único encontro direto com sua filha, brande seus estigmas diante de Sethe como meio de identificação, levando a criança inocente a implorar: "Marque a marca em mim também" como um vínculo com sua mãe (Amado 61), respondeu 'Nith um tapa de sua mãe indignada, Sethe finalmente descobre que o legado da escravidão forneceu a ela sua própria inscrição, uma cicatriz profunda e intrincada em suas costas devido ao espancamento brutal que foi o preço de sua liberdade. Lembrando a marca de nascença diferenciada de Sula, a cicatriz de Sethe é interpretada por outros, alternadamente como uma cerejeira e um labirinto de ferro forjado. A própria Sethe deve decifrar esta inscrição carregada de memória, carregada em suas costas e escondida de sua própria visão, a fim de compreender sua história e acalmar seus fantasmas. Este distintivo ambíguo, ao mesmo tempo uma maldição e um presente de sua mãe, representa seu vínculo, bem como a redenção de Sethe do destino de sua mãe. Como acontece com cada personagem feminina marcada, a reconfiguração corporal de Sethe é paradoxal, incorporando simultaneamente o terrível preço cobrado e o caráter extraordinário produzido por sua história e identidade. O papel das mulheres extraordinárias é preservar a alteridade e seus significados com as próprias formas de seus corpos e sustentar o corpo comunitário por meio da nutrição e do cuidado. Seus corpos marcados testemunham o vínculo compartilhado criado pela escravidão e a diferenciação de cada história individual

Machine Translated by Google

tem forjado. Os corpos dessas mulheres rememoram: rememoram e reconstituem a história e a comunidade.

As mulheres extraordinárias de Morrison emergem mais claramente quando contrastadas com uma personagem feminina final com deficiência física, que desempenha uma função retórica bastante diferente das outras. Pauline Breedlove, mãe e esposa da brutalizada e brutal família Breedlove no primeiro romance de Morrison, The Bluest Eye, carrega o rótulo de desvio corporal e as marcas da história, assim como seus sucessores. Mas Pauline não exibe a autoridade, a dignidade ou os poderes quase supernaturais de figuras como Eva, Teresa ou Pilatos. Embora Pauline seja uma lavadeira e cuidadora de crianças brancas como Therese, tenha um pé deficiente e manque como Baby Suggs, e tenha sobrevivido à pobreza, abuso, privação e animosidade, ela nunca é uma sacerdotisa ou figura de deusa mítica. Em vez de capacitar outros membros de sua comunidade, ela os devasta. Na verdade, Morrison despoja Pauline precisamente do que ela dota as outras mulheres deficientes. Enquanto eles são empoderados, Pauline é diminuída, pois ela se profanou por sua cumplicidade com a opressão. Ao internalizar o julgamento de inferioridade que lhe foi transmitido, Pauline trai sua própria carne e, consequentemente, a de seus filhos, marido e comunidade racial. O estigma de ser negro em uma cultura branca, ser toman em um mundo de homens, ser pobre em uma sociedade rica ou mesmo mancar em um mundo que idealiza a capacidade física não diminui Pauline e destrói sua filha, Pecola. Em vez disso, a convergência de circunstâncias, caráter e escolha que fazem Pauline abraçar "feia" e seu papel de "serva ideal" sem questionar nem desafiar roubam dela a dignidade, a graça, a beleza e o amor concedidos ao outro extraordinário. mulheres (BE 34, 1 00) .

Pauline é o estudo compreensivo de Morrison sobre as violações da alma e as versões do potencial perpetradas pelo racismo e sexismo. Suas prioridades equivocadas a afastam da comunidade de apoio de outras mulheres negras, de modo que Pauline nunca ouve sermões de nomes como Baby Suggs, come em cozinhas como a de Eva ou mesmo sente a solidariedade validadora das prostitutas que moram no andar de cima. Desprovida de tal sustento, ela é tragicamente seduzida pela auto-aversão, desperdiçando seu potencial ao encontrar elogios e satisfação em manter a casa de uma rica família branca e amar sua garota de olhos azuis e cabelos loiros em vez de sua própria filha. Sem fontes de resistência, Pauline acede às ideologias destrutivas do martírio feminino, da respeitabilidade burguesa, da negação cristã da carne e do amor romântico. Tais crenças a levam a aceitar a deficiência como imperfeição, a idealizar a beleza física como igual à virtude e a abraçar o papel do servo negro ideal embalado por elogios em uma luxuosa casa branca. Assim como a Lutie de Petry, Pauline abraçou os roteiros culturais que todas as outras mulheres marcadas rejeitaram. Sua fé nesses pecados ideológicos

Machine Translated by Google

contra a negritude, a feminilidade e o eu funcionam no romance como uma apostasia que anula sua filha, Pecola. Por essa violação, Morrison nega a Pauline um de seus principais emblemas retóricos de empoderamento: o lar negro inclusivo, centrado na mulher, onde ela poderia ter reinado como uma sacerdotisa da carne.

Por meio da resistência, as mulheres marcadas e deficientes de Morrison negam os padrões dominantes que invalidariam seus seres enquanto criam simultaneamente sua própria ordem psicológica e física alternativa de autoautorização. Esses personagens sugerem uma ordem social transformada, que reconfigura hierarquias de valor, normas e estruturas de autoridade. Este domínio alternativo emerge de uma justaposição retórica de realismo e mito. Su san Stewart sustenta que o realismo depende das regras da experiência cotidiana e de uma estrutura interpretativa compartilhada; além das leis físicas, ele reconhece e até certo ponto concorda com as normas, expectativas e comportamentos sociais dominantes.34 Por exemplo, a cena inicial de Song of Solo1'1'lon, na qual o Sr. Robert Smith tenta voar, refere-se e é interpretado por uma imagem cultural compartilhada de pessoas suicidas perturbadas empoleiradas em saliências acima de multidões absortas. Tal apresentação, junto com o respingo do Sr. Smith na calçada, confirma a experiência cotidiana comum, o status quo. No entanto, o realismo dessa cena é prejudicado por Pilatos, que começa a cantar enquanto ela se agarra por baixo. Violando as regras sociais da situação, Pilatos interrompe o fluxo do esperado. Pilatos é uma figura de duplicidade aqui: uma figura de mendiga cuja ação louca provoca as risadinhas "realistas" da multidão e o "poderoso contralto" cujas palavras estão em itálico e destacadas do resto do texto, sugerindo sua autoridade e estado oracular (S5 5).

Embora o realismo domine esta cena, diferentes regras sociais alcançam um ponto de apoio. O romance oferece uma realidade alternativa povoada pelos excêntricos e esquisitices da ordem social dominante, aqueles chamados de Pilatos e Violão, em vez de nomes comuns como Robert Smith. O mito, de acordo com a teoria narrativa de Stewart, é uma estratégia ficcional que está a um passo do realismo em sua relação referencial com a experiência cotidiana. No entanto, está próximo o suficiente da representação realista para sustentar nossa identificação e nossa crença voluntária no reino ficcional de uma forma que a ironia e a metaficção, por exemplo, não o fazem.35 Estigmatizado dentro do sistema social vigente ao qual o realismo se refere, Pilatos no entanto, reina na ordem mítica contrapontística que Song of Solo1'1'lon profere e valida. De fato, o protagonista do romance caminha para esse domínio onde, possuidor de sua herança negra, desafia a ordem social e física aprendendo a voar. O contexto mítico iniciado pela canção de Pilatos torna o gesto final de fuga de Milkman uma revisão do splat do Sr. Smith e uma liberação das regras sociais que governavam a cena de abertura e apagariam a cultura negra. As convenções da representação mítica nos roman

Machine Translated by Google

leitores distantes apenas o suficiente para reconhecer e questionar a ordem social ascendente como apenas um sistema para interpretar, definir e ordenar a experiência. O mito permite que os romances deixem de lado a perspectiva dominante e estabeleçam um espaço - como as casas de Eva, Pilatos ou Baby Suggs - onde as coisas acontecem de maneira diferente. Morrison apresenta as mulheres deficientes e marcadas duplamente, como rainhas do reino mítico que os romances privilegiam e como forasteiras na ordem dominante.36 Como Eva como trapaceira, cada mulher é uma figura liminar mediadora com um pé em cada ciborgue espiritual e físico equipado para negociar um mundo fragmentado.

As inversões, afirma Stewart, convertem em absurdo o senso comum, o mundo cotidiano.37 Por exemplo, vários nomes invertidos nos romances de Morrison sugerem uma incoerência perceptiva: em Sula, as colinas onde os negros vivem acima do vale dos brancos são chamadas de " o fundo;" em Amada, a fazenda onde os personagens centrais são escravos é chamada de "Doce Lar"; em Song of Solomon, "Not Doctor Street" e "No Mercy Hospital" são nomes absurdos que também parodiam a licença dominante para nomear e assim definir (SS 1, 1 3, 4). Uma vez que o presumido mundo cotidiano do senso comum está repleto de perspectivas, valores, hierarquias e normas dominantes e excludentes, as inversões narrativas minam o status quo tornando-o ininteligível.

O fato de esse contradomínio mítico ser governado por mulheres pobres, negras, sem homem e deficientes é, obviamente, uma inversão fundamental da estrutura de poder baseada em privilégios e status normativos. Eva Peace talvez ilustre melhor o efeito retórico de tais reversões. O humilde trono de Eva é uma cadeira de rodas instalada em um carrinho de criança, tão baixo que os adultos devem desprezá-la; no entanto, a narrativa inverte essa perspectiva, dando ao público "a impressão de que eles estavam olhando para ela, para as distâncias abertas de seus olhos, para o preto suave de suas narinas e para a crista de seu queixo"
(Sula 31) . Neste reino mítico, as coordenadas confiáveis de cima e baixo, alto e baixo não se aplicam. Em vez disso, o extraordinário tem direito e o ordinário é impotente.

Esse domínio mítico também inverte as hierarquias dominantes. Por exemplo, o mundo dessas mulheres afirma todos os aspectos da carne, como se para desfazer a negação do corpo e a abstração de uma alma distinta da cultura V\tTestern. O sermão de Baby Suggs sobre amar a própria carne é o discurso sagrado; os cuidadores do corpo são poderosos; a sexualidade é natural; a nutrição é santificada; e até mesmo o fantasma em Amada tem um corpo. Além disso, escravidão, pobreza e estupro aparecem não como questões econômicas ou mesmo morais, mas, acima de tudo, como violações do corpo, nunca mitigadas por ideologias de martírio, ascetismo ou abnegação. Este domínio também subverte as ideias tradicionais do self como um indivíduo autônomo.

Machine Translated by Google

ual. O poder pessoal tende a não seguir o modelo senhor-escravo de domínio ou controle sobre os outros, mas opera principalmente para capacitar, alimentar, abrigar, nutrir e ministrar aos membros do grupo. Cooperação, comunidade e conexão substituem a ênfase na realização individual, competição e posse. Finalmente, um sistema de parentesco matrifocal e intergeracional substitui a estrutura doméstica nuclear e patriarcal.

Mas esse domínio mítico alternativo não é uma utopia. Mesmo que os romances autorizem e validem esse mundo, eles cercam a vida das mulheres por uma ordem social realista e adversária que circunscreve tanto suas ações quanto seus relacionamentos. Embora alguns personagens realmente ocupem a posição de sujeito normal, ela é, no entanto, penetrante, uma força onipresente que implacavelmente perturba e limita os personagens negros. O proprietário de escravos, Schoolteacher, por exemplo, aparece apenas brevemente em Amada; ainda assim, as terríveis consequências de seus atos reverberam por todo o romance, rompendo e distorcendo relacionamentos em todos os lugares dentro da comunidade negra. Mesmo os indiscutivelmente homens brancos benevolentes, como Valerian em Tar Baby, Mr. Garner em Beloved e o empregador agradecido de Pauline em The Bluest Eye infligem danos involuntariamente porque sua perspectiva e valores normais são incompatíveis com o O cruel paradoxo fundamental para os romances de Morrison é que o entrelaçamento destrutivo de racismo, sexismo, capacitismo e classismo governa seus personagens, mesmo quando os personagens têm poder para agir dentro desses sistemas. Vemos essa limitação do arbítrio, por exemplo, em Sula , quando Eva corta a perna para salvar Plum da fome e depois o queima para salvá-lo da fome espiritual, e ainda mais fortemente em Amado , quando Sethe repele o mestre de escravos cortando garganta de seu bebê.

Ao insistir que o corpo historicizado informa a identidade, Morrison relembra "Survivor Cripple" de Leonard Kriegel, cujo princípio é que "a autocriação é limitada pelos próprios acidentes que lhe dão forma" e que a agência reside "no poder de manipular aquilo que o manipulou [sic]." As deficiências e marcas das mulheres são traços materiais de racismo e sexismo ou variações congênitas sobre as quais a alteridade cultural é construída. Esses traços físicos são um discurso inscrito pela história na carne dos seres humanos, o que Paule Marshall chama de "feridas da vida". ções de singularidade corporal e história pessoal. O corpo é um texto que as próprias mulheres insistem em interpretar, mesmo que resistam às fantasias e medos que os outros projetam sobre elas. Recordando a Sra. Hedges, as histórias individuais e comunitárias dessas mulheres estão gravadas em sua carne, evidência de resistência digna e profunda vitalidade.

Machine Translated by Google

O Assunto Extraordinário: Lami de Audre Lorde: Uma Nova Ortografia do Meu Nome

Enquanto as mulheres deficientes de Petry e Morrison tendem a ocupar as margens de sua ficção, a "biomitografia" de Audre Lorde de 1982 , Zami: A New Spelling of My Name, coloca a mulher marcada e as reivindicações de seu corpo no centro da "realmente a a narradora. Descrevendo Zami como elementos da ficção" que "tem o poder, tornando- biografia e da história do mito", Lorde conscientemente constrói um eu narrativo, evitando intencionalmente a referencialidade ingênua por trás da ideia de narrar objetivamente uma vida.39 Seu gênero híbrido , "biomitografia", funde as categorias discursivas opostas de "mito" e "biografia", sinalizando o projeto mático de Zami de criar uma identidade corporificada que transgrida todos os limites. O Prólogo descreve a preocupação fundamental da obra com a ponte entre classificações dicotômicas e estritamente restritivas do eu:

> Sempre quis ser homem e mulher, incorporar as partes mais fortes e ricas de minha mãe e meu pai dentro de mim - compartilhar vales e montanhas sobre meu corpo da mesma forma que a terra faz em colinas e picos (Zami 7) .

Zami, portanto, começa com a premissa de que a experiência vivida e sentida de Audre está em desacordo com as categorias normativas de identidade. Ela fala de si mesma como "crescendo gorda, negra, quase cega e ambidestra em uma casa das Índias Ocidentais" (Zami 240) . Embora essa descrição frustre auto-representações valiosas, Lorde desafiadoramente a reivindica. Das páginas de Ebony, à expressão de "desperdício" de ""bites ao favorecimento da pele clara em sua família, à sala de aula especial para crianças "com várias deficiências graves de visão", Audre aprende desde cedo que seu corpo não é apenas diferente, mas errado (Zami 5, 24). A missão de Zami é reconstruir a narrativa de desvio carregada por "gordo", "cego", "lésbica" e "negro" para criar um eu discursivo que incorpore os traços e experiências corporais nos quais esses termos são baseados, mas infunda as palavras com valor, poder e novo significado.

Para Lorde, categorias oposicionais rígidas como homem/mulher, eu/outro, normal/ anormal e superior/inferior são a camisa de força vivida por ela, experiência física. Zami resiste vigorosamente a tais definições impostas do eu, recusando-se a capitular ao auto- apagamento como Pecola Breedlove faz em The Bluest Eye, de Morrison. A forma autobiográfica elimina a dinâmica da simpatia e o potencial de objetificação que muitas vezes surgem quando um narrador faz a mediação entre o leitor e uma personagem marginalizada como Audre. Ao estabelecer uma perspectiva subjetiva centrada na sexualidade lésbica e cultivar a marginalidade, Zami desnaturaliza o ponto de vista normativo e protesta contra seu domínio.

Machine Translated by Google

Invocando e reformulando a forma e o conteúdo autobiográficos, Zami molda uma alteridade cultural e corporal multifacetada em uma subjetividade coerente, fundamentando sua narrativa de si no tipo de "terceira designação" discutida no início deste capítulo (Zami 1 5). Para fazer isso, Lorde intensifica as diferenças de seu sujeito em relação à norma dominante, em vez de silenciá-las, e destaca essas diferenças no texto. Assim, o que poderíamos chamar de "intensamente outro" torna-se o self na narrativa de Audre, desafiando as normas culturais que a colocariam à margem. Representar explicitamente a sexualidade lésbica em um contexto cultural onde a heterossexualidade é a norma torna-se um método para contestar a própria normalidade. Zami estende as explorações de Petry e Morrison sobre novas formas de identidade feminina negra ao basear ainda mais intensamente sua definição de si no extraordinário e não no ordinário, na exceção e não na regra. Se sua diferença física é a fonte de sua alienação social, ela também faz dela a fonte de sua afirmação poética e erótica. Essa autoautorização, insiste Lorde, é um ato político e pessoal de sobrevivência, uma "transformação do silêncio em linguagem e ação" que alcança um trabalho cultural significativo.40 Assim, Zami ilustra que a identidade dessas mulheres extraordinárias segue o impulso pós-moderno de repudiar as narrativas mestras normativas, conjugando a subjetividade com as diferenças corporif

Audre/Zami baseia-se nas formas convencionais do Bildungsroman, Kun stlerroman, picaresco e autobiografia para construir uma auto-representação positiva como uma poetisa negra e lésbica. Seu desenvolvimento progride através de uma série de relacionamentos com mulheres, começando com suas antepassadas e culminando com Afrekete, a figura negra da deusa do amor com quem Audre se afirma como uma poetisa carriacouana, amante de mulheres. Ao representar essas relações com as mulheres, incluindo sua mãe, como eróticas e constitutivas de si mesma como poetisa, Lorde conecta 'Nord e corpo. uma resposta às questões iniciais e estruturantes da obra: "A quem devo o poder por trás da minha voz, que força me tornei...?" e "A quem devo os símbolos de minha sobrevivência?" (Zami 3). A declaração final de Zami revela que o eu composto de Audre inclui aspectos dela mesma reconhecidos em outras mulheres. A biomitografia molda esses encontros em uma identidade de patch work desenhada a partir da experiência vivida e aberta à alteração por relacionamentos subseqüentes:42

> Cada mulher que já amei deixou sua marca em mim, onde amei uma parte inestimável de mim mesmo - tão diferente de mim - tão diferente que tive que me esticar e

Machine Translated by Google

> crescer para reconhecê-la. E nesse crescimento chegamos à separação, aquele lugar onde o trabalho começa. Outra reunião (Zami 255).

Lorde imagina essa autocriação como uma renomeação - o que Claudine Raynaud apropriadamente chamou de "denominação ferozmente ativa" . Audrey, e o completa invocando o fato biológico de que o corpo se regenera a cada sete anos. Essa reformulação é lançada como uma reformulação somática: as letras são amputadas e os amantes deixam marcas em Audre.

O corpo que muda de Audrey para Zami tem limites flexíveis; ela se transfigura e é transfigurada por sua história em uma dialética entre corpo e experiência que lembra as mulheres deficientes de Morrison, cujos corpos são literalmente suas histórias.

Além disso, a narrativa de Lorde se afasta da narrativa principal do indivíduo autônomo e autodeterminado. O eu de Audre, produzido pela afiliação com uma série de mulheres, contrasta fortemente com o eu cultural articulado em "Self-Reliance" de Emerson ou Walden de Thoreau, por exemplo, que repudia todos os antepassados e influências, buscando desenvolver a identidade por meio da diferenciação. A profunda separação física de Audre do tipo dominante talvez torne essa afiliação necessária e segura de uma forma que pode não ser para alguém mais próximo da norma. Em outras palavras, a mesmice com os entes queridos poderia se tornar uma afirmação em vez da ameaça de apagamento indiferenciado. Talvez a negação quase obsessiva da conformidade em Emerson e Thoreau seja o medo de ser obliterado pela normalidade.

Lorde emprega um esquema de estruturação semelhante ao de Morrison, entrelaçando uma narrativa mítica de si com uma narrativa realista de eventos de vida selecionados. Por exemplo, a voz do poeta em itálico fala o relato mítico do texto em passagens líricas como: "Velocidade de caracol na subida da noite, mas a noite chega; eu sonho com você. Este pastor é um leproso aprendendo a fazer coisas bonitas enquanto espera meu tempo de desespero. " Essa poesia se entrelaça com crônicas prosaicas de educação, trabalho, tensão familiar, adolescência torturada e iniciação sexual, como "Eu tinha sessenta e três dólares no bolso. Cheguei a Stamford no bairro de New Haven na tarde de quinta-feira. Fui para o Centro Comunitário Negro cujo endereço eu obtive em uma visita anterior na semana anterior" (Zami 1 90, 1 22). O último e mais afirmador encontro sexual de Audre tece conscientemente as perspectivas míticas e realistas, retratando seu amante alternadamente como a poética "Afrekete" e a prosaica "Kitty". Kitty, "ainda esbelta e de linhas curtas, mas com um sorriso mais solto e muito menos maquiado" - é do mundo real, enquanto Afrekete vem " de um sonho para mim" trazendo "coisas vivas de o silêncio, e

Machine Translated by Google

de sua fazenda plantada em inhame e mandioca", conjurando a deusa em cada uma das mulheres (Zami 244, 249). Assim, da menina desvalorizada, Audrey, emerge o mítico, "Zami. Um nome Carriacou para mulheres que trabalham juntas como amigas e amantes" (Zani 255). A justaposição de realismo e mito combina uma crítica social robusta \iCom um impulso utópico, alcançando em Zami precisamente o mesmo fim que na obra de Morrison: a perspectiva mítica desaloja o ponto de vista dominante, abrindo um espaço discursivo para imaginar novas formas de ser.

A "biomitografia" de Lorde realiza plenamente o uso experimental de Petry da diferença física como um meio para uma política de identidade positiva. Enquanto The Street's Mrs. Hedges possui visão e voz, o ponto de vista de Zami confere a Audre um olhar e uma voz produzidos através da forma autobiográfica, não apenas como um efeito de conteúdo. Como a consciência de i\udre determina a perspectiva narrativa, Zami não apenas gera um eu discursivo, mas também cria um mundo inteiro apreendido, falado e legitimado por esse eu. Considerando que a Sra.

Hedges deve se proteger dos olhares intrusivos de outros, incluindo o leitor, para onde seu corpo parece desviante, Audre não pode se tornar um espetáculo de alteridade porque sua voz e perspectiva constituem o texto. Assim, uma Audre narradora pode resistir a tornar-se um espetáculo grotesco e ainda assim desfilar sua diferença como marca de distinção, de identidade: "Eu era gorda e negra e muito bonita. Estávamos sem igual nem categoria e naquele dia eu tinha consciência de ser muito orgulhoso disso" (Zami 223). Em Sister Outsider, Lorde fala comovente sobre o problema da exposição, o risco de se tornar um espetáculo quando se intensifica a diferença. Discutindo a auto-revelação, ela menciona o medo do desprezo ou da censura, mas afirma que "temos a visibilidade sem a qual não podemos viver verdadeiramente"; a "visibilidade que nos torna mais vulneráveis é também a fonte de nossa maior força". simultaneamente se desvinculam da dinâmica exploradora do espetáculo. Assim, a autoexibição de Audre/Zami exalta o corpo extraordinário e bane todos os mediadores, insistindo em uma relação direta e íntima com seus leitores.

A poética da particularidade

A Sra. Hedges de Petry, as mulheres marcadas como párias de l\10rrison e Audre de Zami exploram um modelo politizado de individualidade corporificada flexionada pela história coletiva e individual. Esse eu definido pela distinção revisa o modelo do eu uniforme previsto pela premissa de igualdade da democracia. Como discuti no capítulo 2, em uma sociedade pós-iluminista, o poder ideológico da norma

Machine Translated by Google

desfila o corpo marcado como desviante, subordinado e particular e concede ao corpo não marcado status, privilégio e universalidade. Se o princípio da igualdade encoraja a uniformidade, enquanto o princípio da liberdade convida à distinção, a individualidade americana é equilibrada na tensão entre o desejo de igualdade e o desejo de singularidade. Conseqüentemente, na sociedade moderna, a tirania da norma transforma corpos extraordinários em corpos bizarros, que tanto compelem quanto repelem a sensibilidade normativa.

Quero sugerir aqui que alguns escritores influenciados pelo movimento pelos direitos civis dos negros e pelo movimento das mulheres encontraram no corpo extraordinário precisamente a estratégia retórica para expressar uma noção de si que literalmente incorporou ao corpo as distinções essenciais implícitas por raça e identidade. identidade de gênero.45 O problema da representação em uma era pós-black power era que, para o negro ser bonito, ele tinha de ser distinguido da branquitude padronizada. A figura da mulher marcada oferece um veículo para representar o corpo extraordinário que contradiz, até mesmo insulta, o corpo normativo privilegiado que reivindica neutralidade, mas goza de status superior e constitui o centro cultural. Assim, as escritoras negras pós-década de 1960, como Morrison e Lorde, usam o corpo extraordinário no discurso da diferença positiva, tão integrado à sua perspectiva ficcional, enquanto o retrato muito mais ambivalente de Petry da Sra. Hedges, escrito em 1946, foi criado antes que uma política de identidade positiva fosse lugar-comum. Para esses escritores, o corpo extraordinário é um testemunho físico da experiência individual e coletiva. Ao mesmo tempo, essas figuras são absolutamente diferenciadas de personagens cujos corpos indistintos lhes conferem a cobertura de um status normativo banal, muitas vezes fraudulento. Em termos políticos, esses corpos extraordinários exigem acomodação, resistem como assimilação e desafiam as normas dominantes que apagam distinções como diferenças raciais, de gênero e sexuais e as marcas da experiência.

Essas escritoras negras não apenas se apropriam de figuras marcantes para trabalhos culturais nacionalistas; eles também resgatam o corpo extraordinário de sua encarnação moderna e desviante. As mulheres deficientes não são apenas os corpos racializados da política de identidade positiva, mas também a inconformidade encarnada, a qualidade louvada nas visões de Emerson e Thoreau de um eu independente. Essas figuras recuperam o poder subjugado pela suposição de igualdade de igualdade na cultura de massa padronizada. Em outras palavras, Petry, l\10rrison e Lorde recuperam a figura da aberração, que fascinou a cultura ocidental em geral e a americana em particular. Mas enquanto o freak show colonizava corpos extraordinários para estabelecer os limites da normalidade dos espectadores, essas escritoras negras transformam as figuras femininas marcadas em prodígios, cujos corpos detêm a identidade

Machine Translated by Google

cretos de uma identidade empoderadora. Como prodígios politizados, essas figuras são moldadas nos moldes dos maravilhosos monstros pré-iluministas cujos corpos não eram vistos como imperfeitos, mas como distintos e inspiradores.

Não é de surpreender que o trabalho cultural empreendido pelas escritoras afro-americanas esteja reformulando o modelo dominante de self, particularmente o self feminino. Em sua história sobre as mulheres afro-americanas, Paula Giddings enfatiza o relacionamento difícil das mulheres negras com versões dominantes de feminilidade, desde a ideologia da verdadeira feminilidade no século XIX, a imagem da Nova Mulher na virada do século, a dona de casa de classe média dos anos 50 , e a feminista dominante contemporânea. As mulheres negras sempre foram, como grupo, excluídas desses papéis pela ideologia e pela economia, mas simultaneamente julgadas de acordo com eles. Já em 1861, por exemplo, Harriet Jacobs apontou para esse duplo padrão em sua narrativa sobre a exploração sexual de mulheres escravas: “a escrava não deve ser julgada pelos mesmos padrões que as outras”. a beleza, baseada em características caucasianas, fizeram com que a inferioridade física atribuída às mulheres negras parecesse uma característica inerente. Elencadas principalmente como escravas, presas sexualizadas e trabalhadoras domésticas, os corpos das mulheres negras tradicionalmente se opõem aos das mulheres brancas, mesmo "Embora sejam elogiadas ou condenadas pelos mesmos padrões. Como se em reconhecimento a essa armadilha paradoxal, todos os três escritores desdobrar as figuras femininas extraordinárias em resposta ao julgamento do desvio que foi imposto ao corpo feminino negro.

Por exemplo, os romances de Morrison - o corpo de trabalho mais extenso examinado aqui - continuam e revisam significativamente a tradição de protesto e defesa social à qual pertence a ficção do século XIX de StO\Ne, Davis e Phelps. Especificamente, os romances de Morrison revisam Uncle Tom's Cabin, de Stowe. O objetivo retórico de ambos os escritores é conceder igualdade socioeconômica e política, bem como status, a um grupo excluído pela cultura dominante. Morrison tanto estende quanto corrige essa tradição, substituindo a subjetividade pela advocacy, neutralizando assim o problema do maternalismo benevolente que molda os personagens negros de Stowe de maneiras controversas. narrativa abolicionista ao coração da perspectiva centrada no afro-americano no núcleo político e estético de sua ficção. Topsy, a criança selvagem indisciplinada acusada em Uncle Tom's Cabin de "brincadeira" e "feitiçaria", que afirma ter um "coração perverso" e ser "uma menina má" (UTe 20) , torna-se em Sula, a protagonista pária que apresenta o mal não como uma “força alienígena”, mas simplesmente – como diz Morrison – “uma força diferente”.

Machine Translated by Google

Hagar, que é vendida de seu filho amado e desaparece da narrativa, reaparece como a Baby Suggs de Amada , a mãe escrava deficiente cujo filho compra sua liberdade e que estabelece um ministério e uma família centrada na mulher. Uma das heroínas negras de Stowe, Cassy, que confessa a Tom que deu a seu bebê láudano porque "nunca mais poderia deixar uma criança viver para crescer" (UTe 52 1) reaparece como Sethe, cujo ato de infanticídio é o incidente em torno do qual Morrison constrói Beloved. Tia Chloe, a devotada esposa e serva que Stowe celebra como uma figura da domesticidade cristã, torna-se Pauline Breedlove, que em The Bluest Eye revela as consequências do bom papel de serva. A serva má de Stowe, a humanizada mas vitimada Prue, aparece miticamente fortalecida como a Therese de Tar Baby . Finalmente, a mais dura das transfigurações de Morrison reformula a heroína infantil redentora central de Stowe, Eva, como as figuras intercambiáveis de The Bluest Eye de "cu-ute Shirley Temple" e "Lovely Mary Jane", com o "Smiling white face. Blond cabelos em suave desordem, olhos azuis parecendo... saídos de um mundo de puro conforto" (BE 1 9, 43). O potencial destrutivo da adorável Eva fica claro quando a figura de Eva também aparece em The Bluest Eye como "a garotinha rosa e amarela" da família Fisher, a quem Pauline Breedlove se dedica enquanto abandona sua própria filha, Pecola (BE 87) . . A menina branca idealizada mina e obceca a dócil Pecola Breedlove, que passa a se identificar com a imagem aparentemente inocente que a condena. Tais transformações constituem uma crítica cultural pontual que surge quando a subjetividade e a centralidade são deslocadas da consciência branca para a negra. Assim, Morrison ao mesmo tempo continua e questiona o trabalho cultural dos romances de reforma social do século XIX.

Assim como os personagens de Morrison aludem e recontextualizam radicalmente os de Stowe, as mulheres extraordinárias invocam a imagem da aberração maravilhosa enquanto a remodelam fundamentalmente. Tanto as aberrações quanto as mulheres marcadas inspiram admiração com a profusão de diferenças que seus corpos ostentam. Ambos surpreendem espectadores comuns e talvez complacentes, desafiando o status supostamente superior de seus espectadores ao banalizá-lo. Mas enquanto o palco do freak show descontextualiza o corpo atípico para intensificar o espetáculo da alteridade, essas representações literárias acentuam o contexto histórico do corpo marcado, infundindo o corpo material com significado social ao invés de significado metafórico, envolvendo-o com vida ao invés de adereços. Ao conectar o ser físico com a história e a cultura individual, as extraordinárias figuras femininas definem o eu em termos de sua singularidade, e não de sua conformidade com a norma.

Mas mesmo quando os homens extraordinários se apropriam da maravilhosa diferença da bizarrice, eles repudiam a objetificação visual que faz da aberração um espetáculo grotesco. A interpretação ambígua de Petry da Sra. Hedges sugere

Machine Translated by Google

sugere que o espetáculo é produzido pela perspectiva e pelo contexto. Ao tematizar tanto a recusa da sra. Hedges em ser um espetáculo quanto sua insistência na condição de espectador e agência, Petry começa a mover o corpo deficiente de objeto para sujeito. Morrison continua o processo usando a representação mítica carregada de poder e gênero sobrenaturais para mostrar as diferenças corporais como vestígios da história e marcas da experiência racial. A forma autobiográfica de Lorde, no entanto, desvincula totalmente a dinâmica do espetáculo grotesco Sua "biomitografia" é uma espécie de autoexposição textual que enfatiza "a fonte de [sua] maior força", os traços físicos que a cultura dominante mais desvaloriza: "gorda", "cega", "lésbica" e "negra". ." 49 Lorde se apropria do exagero de desvio do show de horrores para reformulá-lo como distinção. No entanto, enquanto a distinção da aberração a separa do resto da humanidade, a distinção de Audre opera como eminência encorajada pela identificação inerente à forma autobiográfica. Podemos dizer que Lorde convida o espectador do freak show a deixar a platéia e ficar ao lado da aberração na plataforma para que possam olhar juntos para os normais abaixo com divertida superioridade e leve desprezo. Petry, Morrison e Lorde, assim, infundem o espetáculo tradicionalmente mudo e estático da alteridade com voz, olhar e poder de agir sem normalizar o corpo extraordinário.

Em Sister Outsider, seu manifesto de radicalismo feminista e poético, Lorde afirma que "as ferramentas do mestre nunca desmantelarão a casa do mestre".50 Desde então, descobrimos que a propriedade do poder é muito mais complexa do que sugere a declaração de Lorde. Eu diria que Petry, Morrison e Lorde improvisam, remodelando o que está à mão para seus próprios usos, aludindo ao monstro tradicional, a figura prodigiosamente corporificada que foi eclipsada e banalizada pela figura moderna e padronizada de l'homme moyen . Talvez porque o discurso racista tenha alinhado tão intimamente os corpos das mulheres negras com o monstruoso e o bizarro, essas figuras extraordinárias são para esses escritores o material encontrado para forjar os prodígios politizados que eles capacitam. Como protótipos de heroínas pós-modernas, as mulheres extraordinárias que elas criam não são nem boas meninas, nem damas, nem beldades, mas figuras ciborgues cujas mães anteriores são as aberrações maravilhosas, ainda não diminuídas pelos discursos contidos da modernidade. Aludindo à diferença física essencial e absoluta da aberração, as figuras das mulheres marcadas resistem a assimilações e compensações que apagariam sua especificidade histórica. Mantendo o temor da diferença, mas rejeitando a objetificação da encenação, Petry repete a feroz "gigante amazona" do show de horrores enquanto a sra. Hedges se volta contra os predadores do Harlem. Morrison continua reconfigurando "The Legless Wonder" como Eva Peace-régia, comandando e tota

Machine Translated by Google

A "Maravilha Sem Braços" de Barnum torna-se a Nan Amada , que transmite histórias sagradas e distribui nutrição. Morrison também transforma "The Amazing Tat tooed \\Toman" em Sethe e Sula, sua carne inscrita com sinais misteriosos e inescrutáveis de sua singularidade. E a exótica "Beleza Circassiana" é, nos romances de Morrison, o sedutor Pilatos Morto, guiando os homens a um destino nacionalista minúsculo. Julia Pastrana, dançando Pepitas diante de seu público embasbacado em uma paródia grotesca de feminilidade, torna-se a Baby Suggs de Morrison, liderando sua congregação renegada em uma dança sagrada celebrando sua carne extraordinária. Finalmente, Lorde traduz "The Hottentot Venus" como Audre/Zami: "gorda", "negra", "lésbica" e humanizada pela voz, subjetividade, comunidade, agência e sexualidade - ainda totalmente corpórea e extraordinária em todos os sentidos .

Machine Translated by Google

C ONCLUSÃO

.....

Da Patologia à Identidade

Este livro pretende ampliar e mudar nossa conversa acadêmica atual sobre produção de identidade e diferenças físicas. Embora seu objetivo principal tenha sido explorar as formas como a cultura representa e as práticas sociais constroem a deficiência, um objetivo relacionado foi destacar o papel do corpo nessas representações e construções. Introduzir a ideia de deficiência nas discussões sobre as construções do corpo exige confrontar a relação entre particularidade corporal visível e identidade. Isso não requer atribuir categorias de diferença física a um essencialismo ingênuo, nem permitir que o construcionismo apague a materialidade do corpo. Em vez disso, o foco nas representações culturais da deficiência revela uma política de aparência na qual alguns traços, configurações e funções se tornam os estigmas de uma inferioridade ou desvio vividamente incorporado, enquanto outros desaparecem em uma norma neutra, desincorporada e universalizada. Tais leituras do corpo são as coordenadas de um sistema taxonômico que distribui status, privilégios e bens materiais de acordo com uma hierarquia ancorada na visível variação física humana.

A deficiência, é claro, não é o único marcador somático nesta economia. Incluir a deficiência nos discursos que constituem raça, gênero, etnia, sexualidade e classe complica a construção cultural do corpo e reconhece que toda existência física é influenciada por múltiplas narrativas de identidade, sentidas ou atribuídas, denegridas ou privilegiadas. Ao focar nas interseções dos vários sistemas que ordenam e demarcam as diferenças físicas visíveis, não pretendo sugerir que as identidades sejam intercambiáveis – que gênero e distinção

Machine Translated by Google

habilidade são construtos sinônimos, ou que deficiência é uma forma de etnia. Em vez disso, proponho que gênero, etnia, sexualidade e deficiência sejam produtos relacionados dos mesmos processos e práticas sociais que moldam os corpos de acordo com as estruturas ideológicas. \\O que tentei descobrir aqui são algumas das complexidades desses processos, pois eles simultaneamente criam e interpretam a deficiência.

Como sugeri ao longo deste livro, a figura deficiente opera como um código para insuficiência, contingência e abjeção – para particularidade desviante, estabelecendo assim os contornos de um corpo canônico que acumula as prerrogativas e privilégios de uma normalidade supostamente estável e universalizada. A figura do eu cultural, então, em sua recusa a ser concretizada, é o tema gêmeo deste estudo. Além disso, dentro dessa coreografia cultural, o corpo deficiente é um espetáculo simpático, grotesco, maravilhoso ou patológico - em uma relação complexa entre observador e visto, entre as posições de sujeito opostas do objeto intensamente corporificado, reificado e silenciado e o abstrato, norma sem marca e desencarnada. Também tentei historicizar essa dinâmica entre espectador e espetáculo examinando a figura deficiente no contexto do individualismo liberal americano, a ética do trabalho e o gênero representacional específico.

Ao analisar três locais genéricos de produção de identidade deficiente – o show de horrores, a ficção sentimental e os romances liberatórios de mulheres negras – espero realizar três coisas. Primeiro, tentei revelar como as interconexões entre várias formas de alteridade física operam nas representações reais. Meu objetivo aqui é demonstrar a complexidade fundamental das formações sociais por meio da historicização e contextualização dessas representações. Em particular, quero complicar qualquer dicotomia simples de categorias sociais dominantes e marginais. Por exemplo, ao considerar a dinâmica interna da alteridade em textos que já reivindicam uma posição fora do discurso dominante, espero levar nossas análises para além das concepções dualistas de identidade e desencorajar a prática atual de balcanizar categorias analíticas em uma espécie de conflito cultural e crítico. separatismo, a fim de garantir a legitimidade.

Em segundo lugar, o show de horrores, a ficção sentimental e os romances liberatórios de mulheres negras são gêneros nos quais a representação de corpos deficientes é especialmente ambivalente e instável. É fácil relatar os usos estereotipados da deficiência. No entanto, concentrando-me no enquadramento do freak show do corpo extraordinário como ao mesmo tempo maravilhoso e repulsivo, e na combinação de defesa e repúdio do sentimentalismo, pretendo destacar outras complexidades nas relações entre aqueles que assumem a posição de sujeito normado e aqueles cujos corpos são alistados para definir as fronteiras dessa identidade. Com este estudo, então, não apenas exponho a narrativa principal da deficiência física como a

Machine Translated by Google

marca da alteridade corporificada, mas também desvendo uma contranarrativa da diferença física como a marca da história individual ou coletiva distinta que questiona a própria definição do eu americano ideal.

Finalmente, minha afirmação de que os romances liberatórios de mulheres negras revisam as representações ambivalentes de figuras deficientes tanto do show de horrores quanto da ficção sentimental sugere um viés que desejo reconhecer. Embora eu tenha historicizado minha análise dos usos de Morrison e Lorde de figuras deficientes, reconhecendo o impulso pós-direitos civis em direção à política de identidade positiva em seus retratos comemorativos da diferença, devo confessar que minha própria política é paralela às tentativas dessas mulheres negras de tornar o físico diferença como distinção, desacoplada da desvalorização do atípico pela modernidade. Este livro imagina ver corpos deficientes de novas maneiras: como extraordinários em vez de anormais. O impulso retórico deste livro, então, é criticar a política da aparência que governa nossa interpretação da diferença física, sugerir que a deficiência requer acomodação em vez de compensação e mudar nossa concepção de deficiência da patologia para a identidade.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

NO TA S

.....

1. Deficiência, Identidade e Representação: Uma Introdução

1. Por exemplo, dois livros recentes que analisam "raça" e "gênero", respectivamente, como construções históricas e ideológicas legitimadas por diferenças físicas são Thomas Laqueur, Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud (Cambridge: Harvard University Press , 1 990) e Kvvame Anthony Appiah, In My Father's House (Nova York: Oxford University Press, 1 992), uma exploração da "ideia do negro, a ideia de uma raça africana" (p. x). A deficiência foi reconhecida em estudos americanos pelo estudo de Douglas C. Baynton sobre a construção metafórica da surdez no século XIX, "A Silent Exile on This Earth: The Metaphorical Construction of Deafness in the Nineteenth Century" em A.merican Quarterly 44 (2): 216-43; por David A. Gerber, "He roes and Misfits: The Troubled Social Reintegration of Disabled Veterans in The Best Years of Our Lives" em American Quarterly 46 (1994): 545-74; e por Martin Norden em The Cinema of Isolation: i\ History of Physical Disability in the Movies (New Bruns/vick, NJ: Rutgers University Press, 1 994). Os estudos da deficiência são um subcampo reconhecido e articulado da sociologia que tende a enfatizar a antropologia médica, a política social e a medicina reabilitadora, embora as vozes dos críticos culturais também estejam surgindo aqui. Vários estudos importantes da história social, política e jurídica das pessoas com deficiência tratam a deficiência como uma construção social; por exemplo, ver Deborah Stone, The Disabled State (Philadelphia: Temple University Press, 1 984); Richard Scotch, From Good Will to Civil Rights: Transforming Federal Disability Policy (Filadélfia: Temple University Press, 1 984); Nora Groce, Todos aqui falaram linguagem de sinais: Surdez hereditária em Martha's Vineyard (Cambridge: Harvard University Press, 1 985); Stephen Ainlay et al., eds., The Dilemma of Difference: A Multidisciplinar View of Stigma (Nova York: Plenum Press, 1 986); Robert Bogdan, Freak Show: Presenting Human Oddities for Diversão e Lucro (Chicago: University of Chicago Press, 1 988); David Hevey, The Creatures That Time Forgot: Photography and Disability hnagery (Nova York: Routledge, 1992); Claire Liachowitz, Disability as a Social Construct: Legislative Roots (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1 988); Iris Marion Young, Justice and the Politics of Difference (Princeton: Princeton University Press, 1 990

Machine Translated by Google

Fazendo toda a diferença: inclusão, exclusão e direito americano (Ithaca: Cornell University Press, 1 990); Robert Murphy, The Body Silent (Nova York: Holt, 1987); Lennard J. Davis, Enforcing Normalcy: Disability, Deafness, and the Body (Nova York: Verso, 1995); e Joseph Shapiro, No Pity: People with Disabilities Forging a New Civil Rights Movement (Nova York: Times Books/Random House, 1993). Muitos teóricos e historiadores chegam perto de encarar a deficiência como um produto cultural, mas não questionam a categoria, talvez porque a deficiência seja tão amplamente naturalizada na cultura ocidental. Essa omissão motivou meu próprio estudo. Ver, por exemplo, Michel Foucault, Birth of the Clinic: An Archaeology of Medical Perception, trad. AM Sheridan Smith (Nova York: Pantheon, 1 973); Mary Douglas, Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo (Nova York: Praeger, 1966); Geoffrey Galt Harpham, On the Grotesque: Strategies of Contradiction in Art and Literature (Princeton: Prince ton University Press, 1 982); e David Rothman, The Discovery of the Asylum: Social Order and Disorder in the New Republic (Boston: Little, Brown, 1971).

2. Congresso dos EUA, Lei dos Americanos com Deficiência de 1 989, 101ª Cong. , 1ª sess., S. Res. 933 (Washington, DC: GPO, 1 989), p. 6.

3. Veja o estudo de Nora Groce sobre a prevalência de surdez hereditária em Martha's Vineyard (Everyone Here Spoke Sign Language).

4. Marcia Pearce Burgdorf e Robert Burgdorf Jr., "A History of Unequal Treatment: The Qualifications of Handicapped Persons as a 'Suspect Class' Under the Equal Protection Clause," Santa Clara Lauryer 15 (1975): 863.

5. Meu uso repetido do termo "figura" destina-se a indicar uma importante distinção entre pessoas com deficiência reais e as posições de sujeito "deficiente" e "corpo apto" que a cultura atribui e que deve ser negociada em vidas e relacionamentos. Como produtos da representação cultural, as figuras revelam atitudes e pressupostos sobre a deficiência que compõem o ambiente ideológico. Como sugiro mais tarde, há sempre uma lacuna entre a experiência subjetiva e a identidade cultural de ter uma deficiência, entre qualquer vida real e qualquer categoria social imposta. Dessa lacuna surge a alienação e o sentimento de opressão com os quais as pessoas rotuladas como diferentes devem lutar. Deve ficar claro que este estudo se concentra nas representações da deficiência que produzem identidades coletivas estigmatizadas, não nas histórias de pessoas reais que têm deficiências físicas.

6. Este termo foi sugerido em tom de brincadeira por meu colega, o sociólogo Daryl Evans, em uma palestra informal proferida na Conferência Anual da Society for Disability Studies de 1989 em Denver.

7. Erving Goffman, Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity (Engle Wood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1 963), p. 1 28.

8. Paul Robinson, "Responses to Leslie Fiedler," Salmagundi 57 (outono de 1982): 78. Para um exemplo de deficiência analisada como uma metáfora apolítica, ver Peter Hays, The Limp ing Hero: Grotesques in Literature (New York: New York University Press, 1971).

9. Schutz é citado em Ainlay et al., eds., The Dilemma of Difference, p. 20.

10. Ainlay et al., eds., The Dilemma of Difference, p. 20; Sander Gilman, Diferença

Machine Translated by Google

and Pathology: Stereotypes of Sexuality, Race) e 1\1adness (Ithaca: Cornell University Press, 1 98 5), p. 1

6. 1 1 . A discussão de Marianna Torgovnick sobre o Polifemo de Homero como um dos primeiros tropos ocidentais do discurso primitivista é sugestiva aqui (Gone Primitive: Savage Intelects) Modern Lives [Chicago: University of Chicago Press, 1 990], p. 8). De acordo com Torgovnick, Odisseu se torna uma espécie de fundador da etnografia ao ler a alteridade do Ciclope como incivilizada e selvagem. Baseada na fisionomia, a alteridade de Polyphemus é representada como o estado monstruoso de ser ciclóptico (os fetos ciclópticos sempre nascem mortos). Torgovnick não observa que a forma física aberrante de Polifemo, não apenas sua estranheza, determina sua alteridade. Na verdade, esse estigma físico visível é talvez a característica mais saliente da história. Além disso, o tratamento de Polifemo por Odisseu parece ser justificado porque o Ciclope é desumano, e ele é desumano porque é fisicamente diferente de Odisseu. Eu acrescentaria à observação de Torgov nick, então, que a representação de Polifemo também pode ser lida como um exemplo inicial e definitivo de deficiência física como um sinal de desumanidade.

1 2. Como a maioria das deficiências na literatura são necessariamente manifestas, discuto aqui as deficiências visíveis. No entanto, as deficiências ocultas se apresentam de maneira um pouco diferente e, em alguns casos, mais estressantes. A pessoa com deficiência controla a exposição da deficiência para evitar surpresas indevidas. Além disso, uma pessoa sem deficiência pode revelar preconceitos ou expectativas antes de saber da deficiência, fazendo com que ambas as pessoas se sintam desconfortáveis posteriormente. Uma deficiência oculta simplesmente introduz mais imprevisibilidade em um encontro. Às vezes, uma pessoa realmente anuncia uma deficiência oculta para evitar essa incerteza. Para uma discussão sobre as interações entre deficientes e não deficientes, consulte Fred Davis, "Deviance Disavowal: The Management of Straind Interaction by the Visably Handicapped", Social Problems 9 (1 96 1): 1 20-32.

1 3 . Murphy, The Body Silent, capítulos 4 e 5.

1 4. Um termo muito utilizado no movimento pelos direitos das pessoas com deficiência esclarece bem esse ponto: as pessoas que se consideram não-incapacitadas costumam ser chamadas de TABS, um acrônimo que significa "temporariamente aptos".

1 5 . Elaine Scarry, The Body in Pain: The Making and Unmaking of the World (1\ Nova York: Oxford University Press, 1985), pp. 3-10.

1 6 . A propensão cultural para marcar e vincular ainda mais essas classificações atesta sua fluidez e caráter socialmente construído. Leis de miscigenação, definições legais de escravos, leis que definiam deficiência para assistência econômica, códigos de vestimenta de gênero e costumes como marcar escravos, criminosos e indigentes estabelecem limites em torno de categorias sociais para manter e reforçar as distinções pretendidas aqui no corpo. A estrela amarela e a letra escarlate são marcas familiares de desvio socialmente obrigatórias que testemunham a necessidade de marcar absolutamente o que é de fato biologicamente instável.

1 7 . As exceções importantes a esse retrato generalizado das situações das pessoas com deficiência são as comunidades que surgem da institucionalização. Como guetos étnicos, essas comunidades costumam ser locais tanto de solidariedade quanto de exclusão. escolas de surdos e

Machine Translated by Google

suas comunidades vizinhas, baseadas em linguagem comum, parecem funcionar mais como comunidades étnicas na construção de identidades e autoconceitos positivos. Talvez isso se deva à diferença entre o profundo isolamento que os surdos experimentam em uma população falante e as oportunidades contrastantes disponíveis em uma comunidade de sinalizadores. Para discussões sobre comunidades de deficientes, ver Irving Kenneth Zola, Missing Pieces: A Chronicle of Living with a Disability (Philadelphia: Temple University Press, 1 982); Oliver Sacks, Seeing Voices: A Journey into the World of the Deaf (Berkeley: University of California Press, 1989); Tom Humphreys e Carol Paden, Deaf in America: Voices from a Culture (Cambridge: Harvard University Press, 1 988).

1 8. The Cinema of Isolation , de Martin Norden, explora imagens de deficiência em filmes; ensaios de estudos culturais sobre deficiência também são reunidos em Lennard J. Davis, ed., The Disability Studies Reader (Nova York: Routledge, 1996). O Enforcing Normalcy de Davis apresenta uma teoria da deficiência baseada em humanidades.

1 9. Hevey, As Criaturas Que o Tempo Esqueceu, p. 53.

2. Teorizando a Deficiência

1. Veja Patricia Vertinsky, "Exercise, Physical Capability, and the Eternally Wounded Woman in Late Nineteenth-Century North America," Journal of Sport History 14 (1):7; Thorstein Veblen, The Theory of the Leisure Class (1899; reimpressão, Boston: Houghton Mifflin, 1 973); Jane Flax, Thinking Fragments: Psychoanalysis, Feminism, and Postmodernism in the Contemporary West (Berkeley: University of California Press, 1990), p. 1 36.

2. Aristóteles, Geração de Aninzals, trad. AL Peck (Cambridge: Harvard University Press, 1 944), Livro II, p. 1 7 5 e Livro IV, p. 40 1. Para discussões sobre a fusão de feminilidade com monstruosidade e deformidade feita por Aristóteles, ver Maryanne Cline Horowitz, "Aristóteles e Mulheres", Journal of the History of Biology 9 (1 976): 1 83-213; Nancy Tuana, The Less Noble Sex: Scientific, Religious, and Philosophical Conceptions of Woman's Nature (Bloomington: Indiana University Press, 1993); e Marie-Helene Huet, Monstrous Imagination (Cambridge: Harvard University Press, 1993). Edwin Schur examina a atribuição do desvio em Labeling Women Deviant: Gende1ÿ
Estigma e Controle Social (Filadélfia: Temple University Press, 1 983).

3. Para discussões sobre a noção de mulher como uma versão inferior do homem, veja Thomas Laquer, Making Sex, e Nancy Tuana, The Less Noble Sex. Para uma discussão sobre brancura, ver David Roediger, The Wages ofvVhiteness (Nova York: Verso, 1991) e Richard Dyer, The Matter of Images: Essays on Representation (Nova York: Routledge, 1993). Para uma discussão seminal da dicotomia normal-patológico, ver Georges Canguilhem, The Normal and the Pathological, trad. Carolyn R. Fawcett com Robert S. Cohen (Nova York: Zone Books, 1989).

4. Exemplos são Diane Price Herndl e Robyn Warhol, Feminisms (New Brunswick: Rutgers University Press, 1 991); Marianne Hirsch e Evelyn Fox Keller, eds., Conflicts in Feminism (Nova York: Routledge, 1 990). ((Feminismo hifenizado" é

Machine Translated by Google

usado por Judith Grant, Fundamental Feminism: Contesting the Core Concepts of Feininist Theory (Nova York: Routledge, 1993), p. 3; Brigitta Boucht et al., Postfeminism (Esbo, Finlândia: Draken, 1 991).

5. Uma boa visão geral da história da teoria feminista acadêmica é Elizabeth Weed, "Introduction: Terms of Reference", em Elizabeth Weed, ed. , Coming to Tenns: Fe1ni nism, Theory, Politics (Nova York: Routledge, 1989), pp. ix-xxxi. Para discussão desses debates e bifurcações no feminismo, veja Linda Alcoff, "Cultural Feminism Versus Post-Structuralist Feminism: The Identity Crisis in Feminist Theory", Signs 13 (3): 405-36; Hester Eisenstein, Contemporary Feminist Thought (Boston: GK Hall, 1 983); e Josephine Donovan, Feminist Theory (Nova York: Continuum, 1992). As primeiras análises da identidade de gênero incluem Elizabeth V. Spelman, Inessential Woman: Problems of Exclusion in Feminist Thought (Boston: Beacon, 1 988) e Monique Wittig, "The Straight Mind," Fe11linist Issues 1 (1): 101-10. Diana Fuss, Essentially Speaking: Fetni nism, Nature, and Difference (Nova York: Routledge, 1989) desconstrói a oposição entre o essencialismo, frequentemente associado ao feminismo cultural, e o construcionismo, frequentemente associado ao feminismo radical. Judith Butler's Gender Trouble: Fe1ninism and the Subversion of Identity (N e\v York: Routledge, 1 990) and Bodies That Matter: On the Discursive Limits of USex" (Nova York: Routledge, 1 993) articula mais plenamente o con abordagem construcionista de gênero.

6. Textos feministas que se anunciam como pós-modernistas e materialistas frequentemente assumem as posições que estou delineando aqui; alguns exemplos são Susan Bordo, Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body (Berkeley: University of California Press, 1993); Rosemary Hennessy, Materialist Feminism and the Politics of Discourse (Nova York: Routledge, 1993); Jennifer Wicke, "Celebrity Material: Materialist Feminism and the Culture of Celebrity", South Atlantic Quarterly 93 (4): 7 5 1-78; Judith Grant, Feminismo Fundamental; Linda Nicholson, ed., Feminism/Postmodernism (Nova York: Routledge, 1990). 7. A

maioria dos teóricos da deficiência a naturaliza enquanto protesta contra a exclusão e a opressão das pessoas com deficiência, ou adota uma perspectiva estritamente construcionista social para reivindicar a igualdade enquanto afirma a diferença para estabelecer a identidade. Para um exemplo do primeiro, veja a coleção de ensaios de Harold E. Yuker, ed. Attitudes Toward Persons with Disabilities (Nova York: Springer, 1 988); um exemplo deste último pode ser encontrado em Harlan Hahn, "Can Disability Be Beautiful?" Política Social (Outono de 1988): 26-31.

8. Eve Kosofsky Sedgwick, Epistemology of the Closet (Berkeley: University of Cali fornia Press, 1990), p. 1.

9. Para discussões sobre esse problema, ver Susan Bordo, "Feminism, Postmodernism, and Gender Skepticism", em Unbearable Weight, pp. 2 1 5-43; Judith Butler, corpos que importam; e Betsy Erkkila, "Ethnicity, Literary Theory, and the Grounds of Resistance," American Quarterly 4 7 (4): 563-94.

1 O. Para um exemplo, ver Monique Wittig, "The Straight Mind".

1 1. Para histórias de legislação de direitos civis para pessoas com deficiência, ver Joseph Shapiro, No Pity; Claire Liachowitz, Deficiência como uma construção social; e Ricardo

Machine Translated by Google

Scotch, da boa vontade aos direitos civis. Uma anedota ilustra que as pessoas com deficiência só agora estão obtendo acesso físico: em 6 de setembro de 1995, a sede da Modern Language Association em Nova York concluiu a construção de uma rampa para cadeiras de rodas minutos antes da chegada de uma delegação de membros convidados para discutir problemas de deficiência com o diretor executivo do l\1LNs. Embora o MLA seja uma instituição muito progressista, disposta a reconhecer as questões da deficiência, aparentemente o problema fundamental da acessibilidade nunca havia sido abordado antes. Para mais discussões sobre a deficiência como uma questão de direitos civis e não como uma questão de piedade, veja Paul Longmore, "Conspicuous Contribution and American Cultural Dilemmas: Telethons, Virtue, and Community", a ser publicado em David Mitchell e Sharon Snyder, eds., Storylines and Lifelines: Narrativas de Deficiência nas Humanidades. O problema de como acomodar a diferença é abordado em muitas áreas da teoria feminista. Na maioria das vezes, aparece como uma crítica ao liberalismo, como a apresentada mais adiante neste capítulo. Para uma discussão concisa desse problema, veja a introdução e conclusão de Carole Pateman e Elizabeth Gross, eds., Feminist Challenges: Social and Political Theory (Boston: Northeastern University Press, 1 986); ver também, por exemplo, Carole Pateman, The Sexual Contract (Stanford: Stanford University Press, 1988); Jean Bethke Elsthain, Public lVIan, Private Woman: \t\'Omen -in Social and Political Thought (Princeton: Princeton University Press, 1 981); Iris Marion Young, Justiça e Política da Diferença; e Martha Minow, fazendo toda a diferença.

1 2. Diana Fuss em Essencialmente Falando examina essa tensão entre os conceitos construcionistas e essencialistas de identidade, concluindo que desconstruir identidade não é negar categorias, mas expor sua ficcionalidade ao usá-las para estabelecer comunidade. Benedict Anderson sugere o aspecto estratégico de tais comunidades para fins políticos e psicológicos em Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism (Nova York: Verso, 1991). Apoio aqui também o ponto sutil, mas significativo, de Judith Butler em Bodies That Matter de que a construção social do corpo não apenas sobrepõe significado às entidades físicas, mas que a cultura realmente cria corpos. Ver também Susan Bordo, Unbearable Weight, citação na p. 229.

. Esse questionamento da identidade e o foco na diferença foram analisados usando 1 3 os modos epistemológicos feministas chamados de perspectivismo em Ellen Messer-Davidow, "The Philosophical Bases of Feminist Literary Criticism," New Literary History: A Journal of Theory and Interpretation 19 (1): 6 5- 1 03; teoria do ponto de vista em Patricia Hill Collins, Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (Boston: Unwin Hyman, 1 990) e Bettina Aptheker, Tapestries of Life: \;Vomens Work, Women's Consciousness, and the Meaning of Experiência Diária (Amherst: University of Massachusetts Press, 1 989); e posicionalidade em Linda Alcoff, "Cultural Feminism Versus Post-Structuralist Feminism". No entanto, a teoria do ponto de vista foi recentemente criticada por Judith Grant em Fundamental Feminisní por fragmentar o projeto comunitário feminista e arriscar uma degeneração do feminismo em individualismo.
Elizabeth Fox-Genovese também ataca a tendência do pensamento feminista recente de sacrificar

Machine Translated by Google

Descubra os benefícios da comunidade e da cultura compartilhada em nome da individualidade em Feminism Without Illusions (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1 991).

1 4. Ver Collins, Black Feminist Thought, e Rosemarie Garland Thomson, "Redrawing the Boundaries of Feminist Disability Studies", Feminist Studies 20 (Outono de 1994): 583-95.

1 5. Nancy Mairs, "On Being a Cripple", em Plaintext: Essays (Tucson: University of Arizona Press, 1 986), citação na p. 90. Para uma discussão de minhas próprias preocupações sobre o foco na dor e na disfunção no discurso da deficiência, ver Thomson, "Redrawing the Boundaries of Feminist Disability Studies", no qual reflito sobre a elaboração de Mairs do subgênero crítico que ela chama de "The Literature of Catastrophe ."

1 6. O comentário de Hahn foi extraído de uma conversa pessoal. A anedota sobre o usuário da cadeira de salto é de Fred Davis, "Deviance Disavowal", p. 1 24. Michelle Fine e Adrienne Asch, "Disabled Women: Sexism without the Pedestal", em Mary O Deegan e Nancy A. Brooks, eds., Women and Disability: The Double Handicap (New Brunswick, N.}.: Transaction Books, 1 985), pp. 6-22, citação na p. 1 2. Cheryl lVlarie Wade, "Eu não sou um dos", MS . 11 (3): 57.

1 7 . Anita Silvers, "Reconciliando Igualdade à Diferença: Cuidando (f) ou Justiça para povo com Deficiência," Hypatia 10 (1) . Peo Para uma crítica da feminização de cuidar do deficientes, ver Barbara Hillyer, Feminism and Disability (Norman: University of Okla homa Press, 1 993); para discussões sobre a ética do cuidado, ver Nel Noddings, Caring: A Feminine Approach to Ethics and Moral Education (Berkeley: University of California Press, 1 984) e Eva Feder Kittay e Diana T. Meyers, Women and Moral Theory (Towa , N .}.: Rowman e Littlefield, 1 987). Embora o feminismo cultural tenda a ver a maternidade como menos opressiva do que as primeiras feministas liberais, como Shulamith Firestone (The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution [Nova York: Morrow, 1 970]), a maternidade, no entanto, é mais frequentemente considerada uma escolha, mas essa escolha é negada a algumas mulheres com base em preconceitos culturais; ver Michelle Fine e Adri enne Asch, eds., Women with Disabilities: Essays in Psychology, Culture, and Politics (Philadelphia: Temple University Press, 1 988), pp. 1 2-23.

1 8. Em relação à posição feminista sobre fetos "defeituosos", um exemplo recente que apóia meu ponto é a nova legislação de aborto de Maryland, saudada na edição de 4 de março de 1991 da revista Time como uma "vitória feminista", na qual o aborto é permitido até a viabilidade fetal, mas após esse ponto, somente se a saúde da mulher estiver em perigo ou se o feto for "deformado" (p. 53). Não estou sugerindo restrições ao aborto aqui; em vez disso, estou questionando o mito da "livre escolha" em relação ao nascimento de bebês deficientes congênitos em uma sociedade na qual as atitudes em relação aos deficientes tendem a ser negativas, opressivas e não examinadas. As pessoas com deficiência simplesmente precisam de defensores que examinem a ideologia cultural inerente a essas lógicas e políticas. Para discussões sobre a questão da deficiência em relação ao aborto e direitos reprodutivos, veja Ruth Hubbard, "Who Should and Not Inhabit the \\'orld," in Ruth Hubbard, ed., The Politics of Women's Biology (New Brunswick , N.}.: Butgers University Press, 1 990); Marsha Saxton, "Nascido e não nascido: as implicações das tecnologias reprodutivas para as pessoas

Machine Translated by Google

with Disabilities", em Rita Arditti, Renate Duell Klein e Shelley Minden, eds., Test Tube Won'len: \- Vhat Future for Motherhood? (Boston: Pandora, 1 984), pp. 298-3 1 2; e Anne Finger, "Claiming All of Our Bodies: Reproductive Rights and Disability", em Arditti et ai., eds., Test-Tube Women, pp. 28 1-96; Fine e Asch, eds., Women with Disabilities, esp. capítulos 12 e 1 3 ; e Deborah Kaplan, "Disability Rights Perspectives on Reproductive Technologies and Public Policy", em Sherrill Cohen e Nadine Taůb, eds., Reproductive Latps for the 1 990s (Totowa, N.].: Humana Press, 1 989), pp. 241-47. Para discussões sobre preconceito de idade no feminismo, consulte Shulamit Reinharz, "Friends or Foes: Gerontological and Feminist Theory", Women's Studies International Forum 9 (5): 503-14; e Barbara McDonald e Cynthia Rich, Look Me in the Eye: Old \Nomen, Aging, and Ageism (San Francisco: Spinsters, Ink. , 1 983).

19. Susan Bordo argumenta de forma semelhante que a busca feminista por igualdade causou uma fuga do gênero e, portanto, do corpo, que muitas vezes se disfarça de "profissionalismo ". A incapacidade das mulheres com deficiência de se enquadrarem na imagem padronizada dos " professores ÿ sional" muitas vezes as afasta das feministas que entram no mercado de trabalho nesses termos. Veja Bordo, Unbearable Weight, pp. 229-33; para uma discussão deste ponto, veja também Fine e Asch, eds., Women with Disabilities, pp. 26-31.

20. Conversa pessoal, Reunião Anual da Society for Disability Studies, 1º de junho de 991, Denver, Colorado.

21. A filósofa Iris Marion Young defende a construção da feminilidade como deficiência ao afirmar que a objetificação cultural inibe as mulheres de usar seus corpos. "As mulheres em uma sociedade sexista são fisicamente deficientes", conclui Young no ensaio "Throwing Like a Girl" (Throwing Like a Girl and Other Essays in Feminist Phi losophy and Social Theory [Bloomington: Indiana University Press, 1 990], p. 1 5 3). Para discussões sobre amarração do pé, escarificação, clitoridectomia e espartilho, consulte Mary Daly, Gyn/ecology: The Metaethics of Radical Feminism (Boston: Beacon, 1 9 78) e Barbara Ehrenreich e Deirdre English, For Her Own Good: 1 50 Years do ExpertslAdvice to W01nen (Garden City, NY: Anchor Books, 1 979). Para discussões sobre anorexia, histeria e agorafobia, ver Susan Bordo, Unbearable Weight; Kim Chernin, The Hungry Self: Women, Eating, and Identity (Nova York: Times Books, 1985) e The Obsession: Reflections on the Tyranny of Slenderness (Nova York: Harper & Rov, 1981); e Susie Orbach, Fat Is a Feminist Issue: The Anti-Diet Guide to Permanent Weight Loss (Nova York: Paddington Press, 1 978) e Hunger Strike: The Anorectic s Struggle as a Metaphor Jor Our Age (Nova York: Norton, 1 986) .

22. Susan Sontag, Illness as Metaphor (Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 1977). Para críticas culturais aos padrões de beleza, ver Lois W. Banner, American Beauty (Nova York: Knopf, 1983); Robin Tolmach Lakoff e Raquel L. Scherr, Face Value: The Politics of Beauty (Boston: Routledge, 1 984); Naomi Wolf, The Beauty Myth: How Images of Beauty Are Used Against "Vomen (Ne\N York: Morrow, 1991); Sharon Romm, The Changing Face of Beauty (St. Louis: Mosby-Year Book, 1 992); Rita Jackaway Freed man, Beauty Bound (Lexington, Mass.: Lexington Books, 1 986); Susan Bordo, Un-

Machine Translated by Google

Peso suportável, esp. Parte II; e Susan Faludi, Backlash: The Undeclared V\tCzr Against American Women (Nova York: Crown, 1991).

23. Essa linguagem vem da propaganda de cirurgia plástica na revista Newsweek , embora possa ser encontrada em quase todos os muitos anúncios ou artigos em revistas femininas. Aqui nos lembramos dos "corpos dóceis" de Foucault descritos em Discipline and Punish: The Birth of the Prison, trad. Alan Sheridan (Nova York: Vintage, 1979), pp. 1 3 5-69. Para discussões sobre cirurgia estética, ver Kathryn Pauly l\1organ, "Women and the Knife: Cosmetic Surgery and the Colonization of Women's Bodies", Hypatia 6 (3): 2 5-5 3; Anne Balsamo, "On the Cutting Edge: Cosmetic Surgery and the Technological Production of the Gendered Body", Camera Obscura 28 (1 de janeiro de 992): 207-36; e Kathy Davis, Reshaping the Female Body: The Dilemma of Cosmetic Surgery (Nova York: Routledge: 1995).

24. The Female Grotesque: Risk, Excess) and Modernity (;\Jew York: Routledge, 1 994), de Mary Russo, observa o que ela chama de "a normalização do feminismo", que envolve "estratégias de segurança" que encorajam as feministas a se concentrarem formas padronizadas de feminilidade e evitar o que ela chama de "o grotesco", que eu poderia chamar de "anormal".

25. Gilman, Diferença e Patologia, p. 90.

26. Sobre a reavaliação e expansão da teoria do estigma, ver Ainlay et al., eds., The Dilemma of Difference; Robert Bogdan e Steven Taylor, "Toward a Sociology of Acceptance: The Other Side of the Study of Deviance", Social Policy 18 (2): 34-39; também Adrienne Asch e Michelle Fine, eds. "Moving Beyond Stigma", Journal of Social Isues, 44 (1); Simone de Beauvoir, O Segundo Sexo, trad. HM Parshley (1 952; reimpressão, Nova York: VTintage, 1 974), p. xix.

27. Edward E. Jones et al., Social Stigma: The Psychology of Marked Relationships (Nova York: Freeman, 1984), pp. 8-9.

28. Ver Ainlay et al., eds., The Dilemma of Difference, p. 2 1 2.

29. Schutz é citado em Ainlay et al., eds., The Dilem-ma of Difference, p. 20; Goffman, Stigma, pág. 4.

30. Goffman, Stigma, citação na p. 1 28. Como a percepção, e não as características físicas reais, governa a estigmatização e a distribuição de poder, muitas pessoas buscam normalizar seu status social, negando condições potencialmente estigmatizantes por "passar" ou compensando-as de alguma forma. No entanto, os custos psicológicos de passar são muitas vezes isolamento e uma negação de auto-aversão, como Audre Lorde mostra em Sister Outsider (Trumansburg, NY: The Crossing Press, 1984). O roteiro familiar de passagem racial se traduz em deficiência; por exemplo, Franklin Roosevelt escapou do status de marginalizado que a deficiência geralmente confere, porque ele tinha os recursos para minimizar sua deficiência em público e também porque possuía praticamente todas as outras características de companheiro. Ver Hugh Gallagher, FDR's Splendid Deception (Nova York: Dodd Mead, 1985).

31. A teoria psicanalítica da abjeção de Julia Kristeva é conceitualmente semelhante à teoria do estigma e a esse conceito de sujeira, mas onde Goffman e Douglas lidam com

Machine Translated by Google

dinâmica de grupo e a construção da identidade comunitária, Kristeva discute a psique individual. Ver Julia Kristeva, Powers of Horror: An Essay on Abjection, trad. Leon S. Roudiez (Nova York: Columbia University Press, 1 982). Ver também Ainlay et al., eds., The Dilemma of Difference, pp. 1 8-20, 101-1 03, e Jones, Social Stigma, p. 93; Douglas, Pureza e perigo: uma análise dos conceitos de poluição e tabu, citação na p. 35. 32. vEnquanto a sujeira

é uma anomalia, algo que não cabe nas economias tributárias estabelecidas, o melaço, por exemplo, é uma ambiguidade, cabendo em duas categorias. Nem líquido nem sólido, mas ambos ao mesmo tempo, melaço é "um fluido aberrante", de acordo com Douglas, que reflete sobre o ensaio de Sartre sobre viscosidade (p. 38).

33. Immanuel Kant, "Crítica do Julgamento", em Hazard Adams, ed. Teoria, Crítico O Desde Platão (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1 971), p. 358. Para um exemplo de como esse princípio de impureza opera em encontros entre grupos étnicos, veja a discussão de Leonard Cassuto sobre a narrativa de cativeiro de Lary Rowland em The Inhuman Race (Nova York: Columbia University Press, 1996).

34. Douglas, Pureza e Perigo, p. 40. Veja também Jones, Social Stigma, p. 89.

35. Jones, Social Stigma, p. 302.

36. Para discussões sobre os papéis das instituições na imposição de identidades dicotômicas, ver Deborah Stone, The Disabled State, e Paula Giddings, When and ""There I Enter: The Impact of Black Women on Race and Sex in America (Ne\v York : Bantam, 1 984). Para um tratamento literário incisivo da figura híbrida, considere o mulato Joe Christmas em Light in August, de William Faulkner.

37. Douglas, Pureza e Perigo, citação na p. 39. Para uma discussão sobre eugenia nos Estados Unidos, ver Hubbard, "Vho Should and Not Inhabit the World", em The Politics of Women's Biology, p. 181. As opiniões de Ronald Walters sobre a eugenia são extraídas de The Anti-Slavery Appeal: American Abolitionisrn After 1830 (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976), pp. 8 5-86. Historiadores da ciência e da medicina mostraram recentemente que o programa nazista de "higiene racial" não foi uma exceção histórica. Legitimado pela ideologia eugênica, o programa para eliminar "vidas que não valem a pena" foi aprovado e promulgado por muitos membros conceituados de uma comunidade científica e intelectual que se estendia muito além dos médicos nazistas e até mesmo das fronteiras alemãs (ver Robert Proctor, Racial Hygiene: Medicine Under the Nazis [Cambridge: Harvard University Press, 1 988], p. 1 77). A extensa esterilização forçada de "indesejáveis" começou em 1.933 e, em 1.939, o governo emitiu um plano secreto para matar crianças com deficiência física e mental, começando com o registro e "seleção" de recém-nascidos com deficiência congênita e os mais "severamente" ou " crianças deficientes incuráveis" e escalando para adolescentes e crianças judias não deficientes em 1943, de acordo com Proctor. As próprias câmaras de gás projetadas para matar pessoas com deficiência foram desmanteladas e enviadas para o leste para serem usadas pelos judeus e outros grupos étnicos nos notórios campos. Para discussões sobre eugenia e higiene racial, veja também Hugh Gallagher, By Trust Betrayed: Patients, Physicians, and the License to Kill in the Third Reich (NeV\T York: Holt, 1 989); Daniel J. Kevles, No Narne of Eugenics: Genetics and the Uses of Human Heredity

Machine Translated by Google

(Berkeley: University of California Press, 1 985); e Mark H. Haller, Eugenics: Hered itarianAttitudes in American Thought (New Brunsvick, NJ: Rutgers University Press, 1984) .

38. Douglas, Pureza e Perigo, citação na p. 39. Para a discussão de Foucault sobre marginalização, ver Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason, trad. Richard Howard (Nova York: Pantheon, 1965) e The Birth of the Clinic: An Archaeology of Medical Perception, trad. AM Sheridan-Smith (Nova York: Pantheon, 1 973). Com relação às "leis feias", ver Burgdorf, "A History of Unequal Treatment", p. 863 ·

39. Para discussão sobre asilos e asilos, ver Rothman, Discovery of the A.sy lum, e Tom Compton, "A Brief History of Disability " (Berkeley: manu script não publicado, 1989), p. 42. Para histórias da legislação sobre deficiência, ver Scotch, From Good Will to Civil Rights; Shapiro, No Pity; Marvin Lazerson, "The Origins of Special Education", em JG Chambers e \Villiam T. Hartman, eds., Special Education Politics: Their History, Implementation) and Finance (Philadelphia: Temple University Press, 1 983), pp. 1 5-47; Wolf Wolfensberger, The Origin and Nature of Our Institutional Models (Syra cuse: Human Policy Press, 1 975); e Liachowitz, Deficiência como uma construção social.

40. Ver Fine e Asch, eds., Wonzen with Disabilities, pp. 9-1 2, para discussão sobre pobreza e falta de educação entre os deficientes. Para relatos da cultura surda, ver Harlan L. Lane, 'Vhen the Mind Hears: A History of the Deaf (Nova York: Random House, 1984); Carol Paden e Tom Humphreys, Deaf in America: Voices from a Culture; e John Van Cleve e Barry Crouch, A Place of Their Own: Creating the Deaf Community in America (Washington, DC: Gallaudet University Press, 1 989). Sobre os efeitos da educação segregada e da institucionalização no movimento de vida independente, ver Zola, Missing Pieces.

41. Veja as seguintes discussões sobre deficiência na literatura e no cinema: Shari Thurer, "Disability and Monstrosity: A Look at Literary Distortions of Handicapping Conditions", Rehabilitation Literature 41 (1-2): 1 2-1 5; Douglas Biklin e Robert Bogdan, "Retratos da Mídia de Pessoas com Deficiência: Um Estudo em Estereótipos," Livros Inter-raciais para Crianças Boletim 8 (6) e (7): 4-9; Leonard Kriegel, "O lobo na cova do zoológico", Política Social (Outono de 1982): 1 6-23; Paul Longmore, "Screening Stereotypes: Images of Disabled People", Social Policy 16 (verão de 1985): 3 1-38; e Deborah Kent, "Disabled Women: Portraits in Fiction and Drama", em Alan Gartner e Tom Joe, eds., Images of the Disabled) Disabling Images (Nova York: Praeger, 1 987); e Martin Norden, O Cinema do Isolamento. Para discussões sobre o monstro na cultura, ver Jeffrey Cohen, ed., l\10nster Theory: Reading Culture (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996) e Marie Helene Huet, Monstrous Imagination.

42. A história "The Birthmark" de Nathaniel Hawthorne pode ser lida como uma exploração da intolerância da cultura à anomalia e ao perigo que a cerca. Para discussões sobre a história de Hawthorne no contexto da diferença corporal, ver Diane Price Herndl, Invalid Women: Figuring Feminine Illness in American Fiction and Culture) 1 840-1 940 (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1 993) e Frances E .Mascia-Lees e Patri cia Sharpe, 'IThe Marked and the Un(re)marked: Tattoo and Gender in Theory and Nar-

Machine Translated by Google

rative," em Frances E. Mascia-Lees e Patricia Sharpe, eds., Tattoo, Torture, Mutilation, and Adornment (Albany: SUY Press, 1 992), pp. 145-70.

43. Para discussões sobre darwinismo social e pensamento lamarckiano, ver Richard Hofstadter, Social Darwinism in American Thought (Boston: Beacon, 1944) e Stephen Jay Gould, The lVIismeasure of Man (Nova York: Norton, 1981). Com relação ao "mundo justo" como suposições sobre deficiência, consulte Ainlay et al., eds., The Dilemm,a of Difference, pp. 33-34.

44. Veja Davis, "Rejeição de Desvio", p. 1 24.

45. Para a descrição de Freud das "deformidades de caráter", ver "Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico", em Collected Papers, vol. IV, trad. Joan Riviere (Londres: Hogarth, 1957), pp. 3 1 9-22. Existem muitos estudos sobre patologizar a diferença, por exemplo, Sander Gilman, Difference and Pathology. Para uma discussão sobre a patologização da deficiência, ver Deborah Stone , O Estado Deficiente.

46. Douglas, Purity and Danger, p. 40.

47. Thomas S. Kuhn, A Estrutura das Revoluções Científicas (Chicago: University of Chicago Press, 1 992), p. 5.

48. Embora MM Bakhtin não associe explicitamente o carnavalesco à deficiência ao privilegiar o corpo excepcional (The Dialogic Imagination, trad.
Caryl Emerson e l\1ichael Holquist [Austin: Texas University Press, 1 981], citação na p. 1 59), vale notar que o próprio Bakhtin foi incapacitado por uma doença óssea aos 28 anos, levando à amputação da perna em 1938, aos 43 anos, justamente quando escrevia sobre Rabelais e o Idade Média.

49. Ver, por exemplo, Harpham, On the Grotesque; Peter Stallybrass e Allon White, The Poetics and Politics of Transgression (Ithaca: Cornell University Press, 1 986); Mary Russo, The Fen'lale Grotesque; e Leonard Cassuto, 'A Raça Inumana'.

50. Michel Foucault, Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão, trad. Alan Sheridan (Nova York: Vintage, 1 979), pp. 1 93, 1 3 5.

51. Foucault, Madness and Civilization, pp. 38 e 48; Michel Foucault, Power/ Knowledge: Selected Inteliews and Other Writings, 1 9 72-1 9 77, ed. e trans. Colin Gordon (Nova York: Pantheon, 1980), p. 1 66. Ecoando a análise de Foucault sobre a Europa, David Rothman em The Discovery of the Asylum e Deborah Stone em T1é Disabled State expõem esse processo na história dos Estados Unidos.

52. Foucault, Vigiar e Punir, p. 1 84.

53. Tanto Foucault quanto seu colega americano, David Rothman (em The Discovery of the Asylum), ocasionalmente sugerem que a deficiência é um estado natural que justifica a indolência e o confinamento. Apenas cronistas da categoria deficientes, como Deborah Stone (The Disabled State) e Tom Compton ("A Brief History of Disability") questionam isso.

54. Goffman, Stigma, p. 1 28. Para uma discussão sobre o figurino do poder, ver Richard Sennett, The Fall of Public Man (Nova York: Knopf, 1977), pp. 6 5-72 e 1 6 1-74.

55. Foucault apóia essa hipótese observando que a escrita de vidas em regimes pré-modernos envolvia uma "heroização" que delineava a "individualidade do homem memorável", enquanto o indivíduo moderno marcado é objetificado (Vigiar e punir ,

Machine Translated by Google

pág. 1 92-93). Os fenômenos de estigmas religiosos, a ocorrência de incapacidades funcionais e feridas como as do Cristo crucificado, geralmente nos corpos de santos posteriormente canonizados, certamente testemunham uma interpretação positiva dos danos corporais . São Francisco de Assis exibia feridas estigmáticas, sempre associadas ao êxtase; e alguns cristãos durante o século treze evidentemente realmente se mutilaram em um esforço para se identificar com os sofrimentos de Cristo, de acordo com a New Catholic Encyclopedia (Nova York: McGraw-Hill, 1 967, vol. 1 3 , p. 7 1 1). Harlan Hahn baseia-se em evidências arqueológicas pré-históricas por meio de estudos da Idade Média, concluindo que, nesses tempos pré-modernos, "a aparência de diferenças físicas parecia estar associada a festividade, sensualidade e entretenimento, em vez de perda, repugnância ou tragédia pessoal" ("A deficiência pode ser bonita?", p. 31).

56. Murphy, The Body Silent, pp. 4, 1 1 6-1 7.

57. Minha compreensão da ideologia do individualismo é informada por Yehoshua Arieli, Individualism and Nationalism in American Ideology (Cambridge, Mass.: Center for Study of History of Liberty in America, 1964); Robert N. Bellah et ai. , Habits of the Heart: Individualism and Commitment in America'H Life (Berkeley: University of Cali fornia Press, 1 985); Gillian Brown, Domestic Individualism: Imagining Self in Nineteenth Century A1nerica (Berkeley: University of California Press, 1990); Wai Chee Dimock, Empire for Liberty: Melville and the Poetics of Individualism (Princeton: Princeton University Press, 1 989); Jean Bethke Elsthain, Public Man, Private W01nan: Women in Social and Political Thought (Princeton: Princeton University Press, 1 981); Myra Jehlen, American Incarnation: The Individual, the Nation, and the Continent (Cambridge: Harvard University Press, 1 986); CB MacPherson, The Political Theory of Possessive Individualism: Hobbes to Locke (Oxford: Clarendon, 1 962); John W. Meyer, "Myths of Socialization and of Personality", em Thomas C. Heller et ai., eds., Rebuilding Individualism: Autonomy, Individuality, and Self in Western Thought (Stan ford: Stanford University Press, 1 986); e Marvin Meyers, The Jacksonian Persuasion: Politics and Belief (Nova York: Vintage Press, 1957).

58. Ralph Waldo Emerson, iiSelf-Reliance" e "Fate", em The Works of Ralph Élaldo Emerson (1847; reimpressão, Nova York: Tudor, 1 938), vol. 1, p. 32; vol, 3, p. 8; David Leverenz, "The Politics of Emerson's Man-Making Words", PMLA 101 (1): 49.

59. Richard Selzer, 1V10rtal Lessons: Notes on the Art of Surgery (Nova York: Simon & Schuster, 1987).

60. Para uma discussão sobre antinominianismo, ver Amy Schrager Lang, Profetic W01nan: Anne Hutchinson and the Problem of Dissent in the Literature of New England (Berkeley: University of California Press, 1987).

61. Para uma discussão sobre conformidade e intolerância, ver GJ Barker-Benfield, The Horrors of the Half-Known Life: Male Attitudes Toward \iVomen and Sexuality in Nineteenth-Century America (Nova York: Harper & Row, 1976). As observações de Alexis de Tocqueville vêm de Democracy in America, vol. 1 (1840: reimpressão, Nova York: Vintage Books, 1990),

p. 267, 62. ; Barker Benfield, Os horrores da vida meio conhecida, p. 1 78; Siegfried Kracauer,

Machine Translated by Google

O Ornamento de Massa: Ensaios de Weimar, trad. e ed. Thomas Y Levin (Cambridge: Harvard University Press, 1 995).

63. É interessante notar que um dos descendentes literários de Ahab, o capitão Falcon de Middle Passage , de Charles Johnson (Nova York: Macmillan, 1990), também é uma figura deficiente que convida à interpretação. Em Falcon, a perna perdida de Ahab é transformada em pernas dianteiras encurtadas que tornam essa personificação do mal um anão desmasculinizado.

64. Ver MacPherson, The Political Theory of Possessive Individualism. Illness as Metaphor , de Susan Sontag , examina essa atribuição de culpa, analisando os significados culturais atribuídos à tuberculose e ao câncer nos séculos XIX e XX.
O conceito de "combater" o câncer ou outras doenças é apenas um exemplo de nossa tendência de nos imaginarmos como indivíduos autônomos e limitados.

65. Wai Chee Dimock explora a personificação da nação nesse sentido, mostrando o compromisso de Melville com "a instituição do discreto, uma fé no autocontido e autossuficiente" (Empire for Liberty, citação na p. III; também ver especialmente pp. 26-30).

66. A resposta alternativa, menos dramática e menos convincente de simplesmente deixar a baleia em paz é sugerida pelo capitão inglês do Samuel Enderby, que perdeu o braço em um encontro com Moby Dick.

67. FO Matthiessen sugeriu já em 1941 que Ahab representava uma crítica ao individualismo, mas ele liga o comportamento de Ahab, não seu corpo, a essa avaliação (The American Renaissance [New York: Oxford, 1941], p. 459).

68. Para uma discussão sobre a negação de cuidado e dependência de Emerson, ver Joyce W. Warren, American Narcissus: Individualism and Women in Nineteenth-Century American Fiction (New Brunswick, N.}.: Rutgers University Press, 1 984). 69 . Tocqueville,
Democracia na América, vol. 2, pág. 34.

Uma interessante contranarrativa de perfectibilidade espiritual em que os deficientes 70 . figura é privilegiada aparece no caso de Eva de Stowe e Tiny Tim de Dickens, onde a figura fisicamente vulnerável pode atingir a perfeição espiritual.

71. O problema da pobreza em uma sociedade que iguala o trabalho à virtude é explorado por David Rothman em The Discovery of the Asylum, bem como por Frank Bowe em Handicap ping America: Barriers to Disabled People (Nova York: Harper & Row, 1 978), por Daniel Rodgers em The Work Ethic in Industrial America, 1 8 50-1 920 (Chicago: University of Chicago Press, 1 978), e por Deborah Stone em The Disabled State, todos os quais informam esta discussão.

72. O conceito de "deficiente" foi usado já em 1644 para designar soldados indenizados por lei por ferimentos de guerra. A legislação sempre foi clara sobre os soldados deficientes, cujo trabalho como guerreiros merecia sua compensação. O debate sobre quem pode ser legitimamente dispensado da força de trabalho ainda se intensifica como questionamento do sistema de previdência.

73. Para discussões sobre a decisão do companheiro de trabalho, consulte La\vrence M. Friedman e Jack Ladinsky, "Social Change and the Law of Industrial Accidents", Columbia Law

Machine Translated by Google

Revisão 67, n. 1 (janeiro 1 967): 5 5-6 5, e Brook Thomas, Cross-Examinations of Law and Literature: Cooper, Hawthorne) Stowe) e Melville (Cambridge: Cambridge University Press, 1 98 7), pp. 1 64- 82. É interessante notar que Lemuel Shaw era cunhado de Melville.

74. Na última parte do século, a regra do conservo foi legalmente enfraquecida à medida que os acidentes de trabalho aumentavam dramaticamente e a sociedade começou a reconhecer que o precedente era insustentável e injusto. Entre 1910 e 1920, os estatutos de compensação dos trabalhadores estavam se tornando a regra, embora de acordo com Friedman e Ladinsky ("Social Change", pp. 60-70), o último estado a instituir tal lei foi l\1ississippi em 1 948.

75. A história da política pública voltada para a deficiência e seu desenvolvimento como categoria política encontra-se em Deborah Stone, The Disabled State (pp. 1-1 1 7); Claire Liachowitz, Deficiência como uma construção social; Tom Compton, "Uma Breve História da Deficiência"; e Richard Scotch, Da Boa Vontade aos Direitos Civis. A ligação de Stone da categoria de deficiência a um sistema baseado na necessidade, em vez de um sistema baseado no trabalho, é essencial para minha análise. No entanto, questiono os conceitos de capacidade e vontade, analiso o lugar da ideologia do trabalho e aceito mais plenamente a deficiência como uma construção social.

76. A precedência da Lei dos Pobres, que basicamente defendia a institucionalização em vez da ajuda direta como forma de alívio público, foi trazida para a América colonial e foi o princípio orientador do bem-estar público até o surgimento do estado 'A'elfare por volta da virada do o século. Embora a política de leis para os pobres efetivamente encarcerasse e punisse tanto os pobres deficientes quanto os não deficientes, ela prevaleceu ao longo do século XIX por causa das apreensões de que a ajuda pública econômica direta encorajaria a ociosidade e comprometeria a motivação para o trabalho. A tendência jacksoniana de limitar a intervenção federal e defender a autonomia individual desencorajou ainda mais a revisão da política herdada de leis de pobreza. Somente a abundância de veteranos deficientes da Guerra Civil, a ascensão dos esforços humanitários privados e o movimento para a Era Progressista finalmente renderam problemas de deficiência e outros problemas sociais adequadamente tratados pelo estado, e não pelas famílias e localmente. Ver J. Lenihan, "Disabled Americans: A History," Pe1for mances (Nov.!Dec. 1 976-Jan. 1 977): 1-69, para uma visão geral da política americana de deficiência. Para uma discussão sobre as instituições que administravam a pobreza, ver David Rothman, The Discovery of the Asylum, e Michael B. Katz, In the Shadow of the Poorhouse: A Social History of Welfare in America (New York: Basic Books, 1 986). .

77. Stone, The Disabled State, pp. 91-99.

78. A quantificação de deficiência do estado de bem-estar moderno para administrar a ajuda econômica usa fórmulas e gráficos para transformar as condições corporais em porcentagens de capacidade que determinam a elegibilidade de uma pessoa para receber ajuda. Esses vários esquemas de deficiência de políticas públicas localizam a deficiência exclusivamente no corpo e pressupõem uma noção abstrata de integridade física e níveis de desempenho ideais aos quais os "deficientes" são comparados. Certos estados físicos são então clinicamente avaliados como diminuindo a capacidade física absoluta em uma porcentagem específica. Em uma escala, por exemplo, amputação de mer

Machine Translated by Google

ção se traduz em 70% de redução na capacidade de trabalho, enquanto a amputação do dedo mínimo na articulação distal reduz a capacidade de trabalho em um único ponto percentual. O que parece absurdo aqui é a insistência de que uma relação matemática precisa pode ser postulada entre situações tão complexas e dinâmicas como condição corporal e capacidade de realizar trabalho assalariado (ver Stone, The Disabled State, pp. 107-17).

79. Rodgers, The Work Ethic in Industrial America, p. XI.

3. The Cultural Work of American Freak Shows, 1 83 5-1 940

1. Richard D. Altick, The Shows of London (Cambridge, Mass.: Belknap Press da Harvard University Press, 1 9 78), pp. 272-73.

2. Bogdan, FreaJÿ Show.

3. A discussão aqui sobre monstros e a história da teratologia baseia-se em Dudley Wilson, Signs and Portents: } Vlonstrous Births from the Middle Ages to the Enlightenment (Londres: Routledge, 1 993); Josef Warkany, "Congenital Malformations in the Past", em T. V N. Persaud, ed., Problems of Birth Defects, (Baltimore: University Park Press, 1 977); Katharine Park e Lorraine Daston, "Unnatural Conceptions: The Study of Monsters in Sixteenth- and Seventeenth-Century France and England (Past and Pre sent 92 [August 1 981]: 20-54); John Block Friedman, The Monstrous Races in Medieval Art and Thought (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1981); Mark V Barrow, "A Brief History of Teratology", em Persaud, ed., Problems of Birth Defects; Howard Martin, Victorian Grotesque (Londres: Jupiter Books, 1 977); e Huet, Imaginação monstruosa.

4. Aristóteles, Ética Nicolauqueana) trad. Terence Irwin (Indianapolis: Hackett Pub shing, 1 985), pp. 36-44 e 49-52.

5. Friedman, The Monstrous Races) citações nas pp. 1 09 e 1 1 8.

6. Hevey, As Criaturas Esquecidas pelo Tempo) p. 53; sobre Robert \\Tadlow e Julia Pastrana, ver Frederick Drimmer, Born Different: ,Amazing Stories of Very Special People (Ne\N York: Atheneum, 1 988), p. 7 1 .

7. Talvez o fascínio pela bizarrice tenha sido redirecionado, já que a cultura contemporânea proíbe a exibição de pessoas com deficiência nos tipos de freak show que aconteciam antes de 1940. talk shows, histórias de tabloides, teletons sobre deficiência, teatro cirúrgico televisionado, shows geek, os escritos populares de Oliver Sacks e Stephen Jay Gould, bem como investigações acadêmicas recentes sobre a cultura popular. Ver Rosemarie Garland Thomson, ed., Freakery: Cultural Spectacles of the Extraordinary Body (Nova York: New York University Press, 1996) e Cohen, ed., Monster Theory.

8. A discussão aqui extraída de Neil Harris, Humbug: The 4rt of PT Barnum, (Boston: Little,Brown, 1 973); Gould, The Mis1neasure of Man; Patricia Cline Cohen, A Calculating People: The Spread of Numeracy in Early America (Chicago: University of Chicago Press, 1 982); Veblen, A Teoria da Classe Ociosa; John Tagg, O Fardo

Machine Translated by Google

de Representation-Evidence, Truth, and Order: Essays on Photographies and Histories (Londres: Macmillan, 1 988); e Bogdan, Freak Show.

9. Para relatos de Joice Heth, ver P. T. Barnum, Struggles and Triumphs (1 869; reimpressão, Nevv York: Arno Press, 1 970); AH Saxton, PT Barnum: The Legend and the Man (Nova York: New York University Press, 1989); Harris, Humbug, pp. 20-26; e Bernth Lindfors, "p'T . Barnum and Africa," Studies in Popular Culture 7 (1984).

1 0. Thomas com. Laqueur observa um acúmulo semelhante de detalhes físicos em Lynn Hunt, ed. , "Bodies, Details, and the Humanitarian Narrative", The New Cultural History (Berkeley: University of California Press, 1989), pp. 1 76-204.

1 1. Barnum, Lutas e triunfos, p. 82.

1 2. Minha análise de freak shows como performances culturais é influenciada pela leitura de l\1ary Ryan de desfiles americanos como textos culturais em seu ensaio "The American Parade: Representations of the Nineteenth-Century Social Order", em Hunt, ed., The New Cultural History , pp. 1 3 1-53.

1 3 . John J. MacAloon, "Olympic Games and the Theory of Spectacle in Modern Times", em John J. MacAloon, ed., Rite, Dra1na, Festival, Spectacle: Rehearsals Toward a Theory of Cultural Performance (Philadelphia: Institute for the Study of Human Issues, 1 984), p. 243.

1 4. Bernth Lindfors, "Circus Africans", Journal of American Culture 6 (2): 1 2 1 5. Estou elaborando aqui o argumento central do estudo seminal de Robert Bogdan sobre o show de aberrações: que a aberração foi criada a partir de deficientes e pessoas não brancas.

Enquanto destaquei a coreografia entre espectador e espetáculo, Bogdan enfatiza o freak show como uma forma de entretenimento em que os performers exerciam autonomia e faziam escolhas. A interpretação de consentimento de Bogdan é criticada por David Gerber, "Volition and Valorization: The 'Careers' of People Exhibited in Freak Shows", em Thomson, ed., Freakery .

1 6. Tagg, "A Means of Surveillance", em The Burden of Representation, p. 85; para uma discussão sobre a fotografia como uma tecnologia disciplinar que construiu o digno e o indigno, ver Allan Sekula, "The Body and the Archive", 39 de outubro (inverno de 1986): 3-64.

1 7 . Para uma discussão e exemplos de retratos estranhos, ver Michael Mitchell, Monsters of the Gilded Age: 'The Photographs of Charles Eisenmann (Toronto: Gage, 1 979); fotografias esquisitas também aparecem em Philip B. Kunhardt, Jr. , Philip B. Kunhardt III e Peter W.
Kunhardt, PT Barnum: Americas Greatest Show11zan (Nova York: Knopf, 1 995).

18. Susan Stewart, On Longing: Narratives of the Miniature, the Gigantic, the Sou venir, the Collection (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1 984), p. 1 09. Em Freak Show, Robert Bogdan enfatiza a construção da aberração do show, apontando que muitos dos óculos foram falsificados ou criados como falsos gêmeos siameses, homens selvagens ou aberrações tatuadas. Na verdade, parte da atração para o espectador consistia em determinar se as aberrações eram ou não "autênticas" (p. 8).

1 9. Lindfors, "Circus Africans", p. 1 0 .

Machine Translated by Google

20. Massachusetts Historical Society, "The 'Aztec' Children," MHS Miscellany 50 (Primavera de 1 992): 1-3.

21. É interessante notar que a ciência da eugenia, inaugurada pelo primo de Darwin, Sir Francis Galton, desenvolveu-se durante a segunda metade do século XIX e baseou-se na obra de Quetelet. O objetivo da eugenia, que mais tarde foi implementada politicamente pelos nazistas, era "melhorar" ou purificar cientificamente a raça - em outras palavras, realizar o ideal do Homem Médio padronizado e estatístico. Para um estudo da eugenia, veja Proctor, Racial Hygiene: Medicine Under the Nazis e Hubbard, The Politics of Women's Biology. Para uma discussão sobre o conceito de homem médio, ver Stephen Stigler, The History of Statistics: The Measurement of Uncertainty Before 1 (Cambridge , 900 MA: Belknap Press of Harvard University Press, 1 986), pp. 1 69-72, e Theodore M. Porter, The Rise of Statistical Thinking, 1 820-1 900 (Princeton: Princeton University Press, 1 986), especialmente os capítulos 4 e 5. Para uma crítica cultural de "pessoas estatísticas", ver Mark Selzer, Bodies and Machines (Nova York: Routledge, 1992).

22. Henry Ward Beecher, Palestras para Rapazes, sobre Vários Assuntos Importantes, (Nova York: JB Ford 1 873) p. 181. Embora a respeitabilidade fosse um problema para museus baratos e mais tarde para circos, Barnum quase superou a questão apelando para o desejo de educação e valores da classe média, como sentimentalismo e temperança. O Museu Americano de Barnum foi visitado por todas as classes; seu Tom Thumb foi presenteado à Rainha Vitória; e ele foi até apoiado por Henry Ward Beecher. Ver Bruce A. McConachie, "Museum, Theatre and the Problem of Respectability for Mid Century Urban l\mericans", em Ron Engle e Tice L. Miller, eds., The American Stage: Social and Economic Issues from the Colonial Period to the Present (Nova York: Cam Bridge University Press, 1 993), pp. 6 5-80; Brooks McNamara, 'A Congress of Won ders:' The Rise and Fall of the Dime Museum," ESQ 20 (3): 2 1 6-32; Marcello Truzzi, "Circus and Side Shows", em Myron Matlaw, ed., American Popular Entertainment (Westport , Conn.: Greenwood Press, 1 979), pp . 5 7-6 5.

23. Para discussões sobre a construção de outros raciais a partir dessa perspectiva, ver Eric Lott, Love and T1-teft: Blackface Minstrelsy and the American Working Class (Nova York: Oxford University Press, 1993); e Roediger, The Wages of vVhiteness .

24. Em apoio a esse ponto, Joan Burbick sugeriu que o conceito de corpo saudável como uma responsabilidade nacional, exercida no nível individual, era uma resposta ao caos e à ruptura da ordem social em transformação do século XIX. Ver Joan Burbick, Healing the Republic: The Language of Health and the Culture of Nationalism in Nineteenth-Century America (Nova York: Cambridge University Press, 1994).

25. Para um argumento semelhante sobre os negros, veja Lott, Love and Theft.

26. Foucault, Vigiar e Punir, pp. 19 1-99; e Stephen Greenblatt, "Fiction and Friction", em Thomas C. Heller et al., eds., Reconstructing Individualism: Autonomy, Individuality and the Self in Western Thought (Stanford: Stanford University Press, 1 986), pp. .

Machine Translated by Google

27. Howard M. Solomon, "Stigma and Western Culture: A Historical Approach," in Stephen Ainlay et al., eds., The Dilemma of Difference: A Multidisciplina1)' View of Stigma (New York: Plenum Press, 1 986) , pp. 59-76; para uma discussão sobre o figurino do poder, ver também Richard Sennett, The Fall of Public Man, pp. 6 5-72 e 1 6 1-74.

28. Harris, Humbug, p. 218.

29. Ver especialmente Martin, Victorian Grotesque e George 1\1. Gould e Walter L. Pyle, Anomalies and Curiosities of Medicine (Philadelphia: WB Saunders, 1 897) para discussões sobre a preocupação vitoriana com curiosidades.

30. Bogdan, Freak Show, pp. 1 08, 1 6 1-66.

31. Meyer, "Mitos da Socialização e da Personalidade", p. 2 1 1.

32. Sobre a crise de identidade americana do século XIX, ver Barker-Benfield, The Horrors of the Half-Known Life.

33. Um dos primeiros exemplos americanos da interpretação de monstros para fins políticos pode ser encontrado na anotação do diário de John Winthrop em 1638, que observa que a banida Anne Hutchinson "nasceu de um parto monstruoso" que ele e a Colônia da Baía de Massachusetts interpretaram como uma mensagem de Deus significando o "erro em negar a justiça inerente" de Hutchinson (em Nina Baym et al., eds., Norton _Anthology of American Literature, 4th ed. [New York: Norton, 1 994], p. 1 8 5) ; sobre o conflito entre os prodígios e a ciência, veja Michael P. Winship, "Prodigies, Puritanism, and the Perils of Natural Philosophy: The Example of Cotton Mather," William and Mary Quarterly (Jan. 1 994): 92-1 05.

34. Meu argumento aqui elabora a explicação para a popularidade de Barnum dada por Neil Harris em Humbug.

35. Saxon, PT Barnum, ilustração a seguir p. 82 ., não. 12 de Currier e Ives se séries na Galeria das Maravilhas de Barnum, Shelburne Museum, Shelburne, Vermont.

36. Victor Turner, The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Ritual (Ithaca: Cornell University Press, 1 967).

37. Barbara Ehrenreich e Deirdre English, For Her Own Good: 1 50 Years of the Experts' Advice to Women, p. 31; para uma discussão sobre a resistência à reivindicação desses especialistas de autoridade sobre o corpo, ver Burbick, Healing the Republic, esp. capítulo 1.

38. Paul Starr, A Transformação Social da Medicina Americana (Nova York: Basic Books, 1982).

39. Relatos da exibição de Sartje Baartman aparecem em Altick, The Shows of London; Stephen Jay Gould, "The Hottentot Venus", História Natural 91 (10): 20-27; Stephen Jay Gould, The Flamingo's Smile: Reflections in Natural History (Nova York: Norton, 1985), pp. 302-05; Bernth Lindfors, " 'The Hottentot \Tenus' and Other African Attractions in Nineteenth-Century England" (Australasian Dran'la Studies 1 [2]); e Gilman, Difference and Pathology. A história da exposição de Julia Pastrana encontra-se em Fred erick Drimmer, Very Special People (Nova York: Amjon Press, 1 983) e Born Different; Otto Hermann, Fahrend Volk (Signor Salterino, Leipez: JJ Weber, 1 895); AEW Miles, "Julia Pastrana, the Bearded Lady" (Proceedings of the Royal Society of Medicine 67 [1974]: 1 60-64); JZ Laurence, "A Short Account of the Bearded and Hairy Fe-

Machine Translated by Google

masculino" (Lancet 2 [1 857]: 48); Jan Bondeson e AEW Miles, "Julia Pastrana, the Nodescript: An Example of Congenital Generalized Hypertricosis \ com Gengival Hyperplasia" (American Journal of Medical Genetics 47 [1993]: 1 98-2 1 2); Francis T. Buckland, "The Female Nodescript Julia Pastrana, and Exhibitions of Human Mumies, etc.", em Curiosities of Natural History, vol. 4 (Londres: Richard Bentley and Son, 1888); e J. Sokolov, 'Julia Pastrana and Her Child' (Lancet 1 [1862]: 467-69).

40. Gould, "The Hottentot Venus", p. 20.

41. Lindfors, "Circus Africans", p. 9. Lindfors também relata que o caso mais recente que ele descobriu de um africano exposto em uma gaiola foi em 1906 na casa dos macacos do zoológico do Bronx, mas recentemente em 1938 um africano descrito como "quase como o macaco como ele é como o humano" ainda estava sendo exibido em um circo americano (p. 10). Para outro relato de um africano exposto em um zoológico, ver Phillips Verner Bradford e Harvey Blume, Ota Benga: The Pygmy in the Zoo (Nova York: St. Martin's Press, 1992).

42. O caso de Baartman ilustra que a história é sempre muito complexa para julgamentos simples ou mesmo para narração inequívoca. Altick conta que ao lado desse fascínio explorador surgiu um protesto indignado contra sua exibição, que encerrou o show temporariamente. Depois que ela foi oficialmente interrogada por várias horas sobre sua compreensão da situação, no entanto, parecia claro que ela participou de bom grado - como fazem a maioria dos malucos - para receber metade dos lucros, e o caso para proibir o show teve que ser caiu (The Shaws of London, p. 270). Para uma análise do papel do consentimento em tais exibições, veja Gerber, iiVolition and Valorization."

43. "História curiosa da senhora babuína, Srta. Julia Pastrana," panfleto, Harvard Coleção Teatro, pp. 5-7 .

44. Lourenço , "Um Breve Relato da Mulher Barbuda e Peluda", p. 48.

45. Ibidem.

46. Buckland, Curiosities of the Natural World, pp. 46 e 42 47. Tanto .

Robert Bogdan em Freak Shaw quanto Kathryn Park e Lorraine Daston em "Unnatural Conceptions" vinculam o fim do show de horrores à medicalização da deficiência .

48. Leslie Fiedler, Freaks: Myths and Images of the Secret Self (Nova York: Simon and Schuster, 1978), p. 2 50.

49. Bogdan, Freak Show, p. 8l.

50. "Hybrid Indian!", Broadside no. 6161 56A, Biblioteca Pública de Nova York.

51. Para uma discussão mais ampla deste assunto, veja Cassuto, The Inhuman Race .

52. Altick, The Shaws of London, p. 272. Em seu ensaio sobre "The Hottentot Venus", Stephen Jay Gould relata ter mostrado este espécime em uma turnê especial que recebeu em 1982. Junto com os órgãos genitais de Baartman havia dois outros conjuntos em frascos rotulados como "une negresse" e "une peruvienne" , bem como um espécime do pé enfaixado, cortado no joelho, de um 'ArOman chinês, e o cérebro preservado do cientista Paul Broca. Gould observa incisivamente: "Não encontrei cérebros de mulheres, e nem o pênis de Broca nem qualquer genitália masculina enfeitam a coleção" (The Flamingos Smile, p. 21).

53. Por exemplo, Francis Galton, o pai da eugenia, escreve em 1 8 53 em Narrative

Machine Translated by Google

de um explorador na África do Sul tropical sobre um homem africano que tinha o que ele discreta e eufemisticamente descreve como "aquele dom da natureza generosa para esta raça favorecida" que, sendo "um homem científico", ele procedeu entusiasticamente para medir de uma distância com seu sextante e registro. Galton denomina o objeto de seu interesse "não apenas um hotentote em figura, mas nesse aspecto uma Vênus entre os hotentotes". O fato de Galton nunca afirmar diretamente o que é "aquele respeito", mas apenas aludir à Vênus hotentote, atesta sua notoriedade duradoura no discurso científico como um ícone de aberração física (qtd. in Gould, The Flamingo's Smile, p. 303) .

54. Gilman, Diferença e Patologia, p. 89. Gilman prossegue mostrando como o discurso médico identificou a prostituta branca por meio de um catálogo de estigmas corporais que vão desde o formato do pé e da orelha até um apetite vigoroso e gordura concomitante que indicavam e tornavam inevitável sua sexualidade desviante (pp. 94-101).) .

55. Para críticas à cumplicidade da ciência nas relações de poder dominantes, ver, por exemplo, Evelyn Fox Keller, "Gender and Science" em Evelyn Fox Keller, ed. , Reflections on Gender and Science (New Haven: Yale University Press, 1 985), pp. 7 5-94; Hubbard, The Politics ofWomens Biology; Foucault, O Nascimento da Clínica; e Gould, The Mismeasure of Man.

56. Foucault, Vigiar e Punir, p. 1 84.

57. Gould, The Flamingos Smile, pp. 6 5-77.

58. Não pretendo sugerir que aberração e espécime sejam os únicos papéis para pessoas com deficiência; meu ponto é que os discursos médicos e aberrações informaram a atribuição de aberração física. A deficiência física sempre foi privatizada e lida como lamentável ou vergonhosa, enquanto as pessoas com deficiência em público têm sido tradicionalmente mendigos.

59. Gilman, Diferença e Patologia, p. 216.

60. Elizabeth Grosz, "Intolerable Ambiguity: Freaks as/at the Limit", em Thomson, ed., Freakery, discute a intolerância de tais situações como gêmeos siameses e seu maphroditism, que são universalmente "corrigidos" cirurgicamente hoje.

61. Depois de passar do papel público de super-homem para o de uma pessoa "corajosa" com deficiência, o ator Christopher Reeve agora defende que seus apoiadores façam uma petição ao Congresso para destinar dinheiro para "consertar pessoas como eu" (Good Housekeeping [1 de junho de 996] , pág. 88).

62. Hubbard, The Politics of Women's Biology, pp. 1 79-1 98.

4. Maternalismo Benevolente e as Mulheres Deficientes em Stowe, Davis e Phelps

eu. Harriet Beecher Stowe , Uncle Tom's Cabin or Life Among the Lowly (1852; reimpressão, Nova York: Penguin, 1981); Rebecca Harding Davis, Life in the Iron Mills (1861; reimpressão, Nova York: The Feminist Press na City University of New York, 1972); Elizabeth Stuart Phelps, The Silent Partner (1871; reimpressão, Nova York: The Feminist Press, 1983). Todas as referências futuras referem-se a essas edições e serão citadas entre parênteses como UTC , LIM e SP, respectivamente.

Machine Translated by Google

Vários críticos ofereceram categorizações genéricas desse grande e diversificado corpo de ficção para reavaliar o que havia sido agrupado como "sentimental", um termo que até recentemente era desdenhoso e depreciativo. Ver Nina Baym, Wom.ans Fiction: A Guide to Novels By and About Women in America, 1 820-1 8 70 (Ithaca: Cornell University Press, 1 978); Maria Kelley, " 'The Sentimentalists: Promise and Betrayal in the Home," Signs: Journal of Women in Culture and Society 4 (3 1): 434-46; Jane P. Tomp kins, Sensational Designs: The Cultural Work of American Fiction, 1 790-1 860 (Nova York: Oxford University Press, 1 985); Shirley Samuels, ed. , A Cultura do Sentimento: Race, Gender, and Sentimentality in Nineteenth-Century America (Nev\T York: Oxford University Press, 1 992); Karen Sanchez-Eppler, "Bodily Bonds: The Intersecting Rhetorics of Feminism and Abolition," Representations 24 (Outono 1 988): 28-59; e Philip Fisher, Hard Facts: Setting and Form in the American Novel (Nova York: Oxford University Press, 1985). Outras análises genéricas dos romances discutidas neste capítulo incluem o argumento de Robyn Warhol para Uncle Tom's Cabin as realism, "Poetics and Persuasion: Uncle Tom's Cabin as a Realist Novel", Essays in Literature 13 (2): 283-98; O delineamento de Sharon Harris de Life in the Iron Mills como precursor do naturalismo, "Rebecca Harding Davis: From Romance to Realism", American Literary Realism 21 (2): 4-20; e a colocação de Frances Malpezzi de The Silent Partner na tradição do evangelho social ("The Silent Partner: A Feminist Sermon on the Social Gospel," Studies in the Humanities 13 (2): 1 03-1 0.

2. A figura deficiente é uma convenção na ficção sentimental e doméstica, particularmente em Davis e Phelps. Por exemplo, Lois em Margret Howth: A Story of To Day, de Davis (1862; reimpressão, Nova York: The Feminist Press, 1990); Asenath em "The Tenth of January" de Phelps (em The Silent Partner); e a mãe em Doctor Zay , de Phelps (1882; reimpressão, Nova York: The Feminist Press, 1987) são figuras deficientes. Maria Cummins' The Lamplighter (Boston: Jewett, 1 8 54) também tem uma heroína deficiente. Na tradição inglesa, é claro, os numerosos personagens deficientes de Dickens desempenham papéis significativos.

3. Paul Longmore, conversa com o autor, São Francisco, 28 de junho de 1994.

4. Essa coincidência de pena e repugnância é particularmente clara com a Deb Volfe de Davis, cuja deficiência não tem nenhuma explicação histórica aparente. Como seu precursor literário, Roger Chillingworth, o "estudioso deformado" cujo corpo marcado é o "sinal inconfundível" de sua alma distorcida, o corpo "deformado" de Deb significa sua degradação econômica e social (Nathaniel Hawthorne, The Scarlet Letter : A Romance [1850; reimpressão, Nova York: Bobbs-I\1erriII, 1963], pp. 59, 60).

5. Para discussões sobre a opressão institucional e as atitudes individuais em relação às pessoas com deficiência, ver Yuker, ed., Attitudes Toward Persons with Disabilities; Fine e Asch, eds., Women with Disabilities; Goffman, Stigma; Burgdorf, "Uma história de tratamento desigual"; e Fred Davis, "Deviance Disavowal".

6. Para meus propósitos, é importante distinguir entre deficiências visíveis e invisíveis. O exterior do corpo tende a ser lido como um tropo para o interior ou alma. Por exemplo, a Eva de Stowe e a I\1arie St. Clare ganham muito de seu poder de significação da disparidade entre seus exteriores perfeitos e seus interiores "deficientes", embora eles

Machine Translated by Google

têm significados muito diferentes nos dois personagens. Examino apenas as deficiências visíveis aqui porque as marcas externas e as deficiências invisíveis afetam as leituras de maneira diferente. Para uma discussão sobre como deficiências invisíveis nas mulheres americanas do século XIX funcionam no discurso, ver Herndl, Invalid Women.

7. Nesse sentido, essas autoras praticam um feminismo cultural que antecipa teóricas feministas como Gilligan, In a Different Voice; Elsthain, homem público, mulher privada; Sara Ruddick, "Pensamento Maternal", Estudos Feministas 6 (2): 342-67; e Fox-Gen ovese, Feminism Without Illusions. Esses teóricos associam a socialização feminina mais a uma ética de responsabilidade e cuidado do que a direitos e autonomia individuais.

8. Harriet Beecher Stowe, em The Key to Uncle Toms Cabin (Londres: 1 8 53), sugere que a melhor maternidade é provocada por crianças deficientes: "Se uma mãe tem entre seus filhos", escreve ela, "alguém a quem a doença tornou cego, surdo ou mudo, incapaz de adquirir conhecimento através dos canais usuais de comunicação, ela não procura alcançar sua mente obscurecida por modos de comunicação mais ternos e íntimos do que aqueles que ela usa com os mais fortes e mais favoritos?" (pág. 38).

Dentro da ideologia doméstica que John L. Thomas ("Romantic Reform in America, 181 5-1 865," American Quarterly 17 [Winter 1 965]: 656-8 1) mostra ser inseparável do cristianismo evangélico, o sofrimento humano significava mais do que o pecado humano, e o consolo era mais importante do que a condenação. O humilde sofredor sustentado pelo venerado zelador é paralelo à relação entre a humanidade e uma figura de Cristo feminizada, carinhosa e simpática, o oposto do antigo Deus patriarcal calvinista em cujas mãos raivosas todos os pecadores se contorciam. Porque, como mostra Kathryn Sklar, o conceito de salvação por meio de boas obras estava substituindo a doutrina da predestinação dentro da teologia cristã, ter um objeto para o qual direcionar o amor cristão era essencial (Catharine Beecher: A Study in American Domesticity [New York: Norton , 1 973] , p. 13). O beneficiário perfeito é essa figura deficiente, inocente e sofredora; quanto mais repugnante é o sofredor, mais nobre é o cristão que o ama. Além disso, as mulheres deficientes sugerem os personagens cegos, coxos e leprosos que são os escolhidos de Jesus. Charles Kokaska, et aI., "Disabled People in the Bible," Rehabilitation Literature 45 (1-2): 20-2 1 encontra 180 incidentes de deficiência na Bíblia, a maioria dos quais ocorre no Novo Testamento em associação com Jesus . Uncle Tonts Cabin alude ao uso da Bíblia de figuras deficientes como objetos a serem redimidos (como os escravos de Stowe) quando ouvimos que a santa mãe de Santa Clara diz "se queremos dar visão aos cegos, devemos estar dispostos a fazer como Cristo fez,-chamá-los para nós e colocar nossas mãos sobre eles" (UTC 410).

Assim, Stowe se apropria da reversão da estrutura de poder social do Novo Testamento, elevando o mais baixo à mais alta posição, ecoando a injunção cristã de que "o menor destes" é igual a Jesus.

9. Fisher, Hard Facts, p. 99.

10. A exploração de Gillian Brown do "individualismo doméstico" também afirma que a domesticidade feminina e o individualismo masculino não eram ideologias distintas, mas estavam entrelaçadas e se reforçavam mutuamente como desenvolvimentos culturais. Embora Brown mostre que a domesticidade fornecia o lugar e a legitimação para o individualismo, sugiro que a publicação

Machine Translated by Google

O papel do maternalismo benevolente, como aparece nesses textos, era uma persona feminina para as mulheres de classe média que lhes dava o prestígio do indivíduo liberal.

eu eu . Para discussões sobre a produção econômica das mulheres de classe média no século XIX, ver Nancy F. Cott, The Bonds of Womanhood: ((Woman 's Sphere" em New England, 1 780-1 835 (New Haven: Yale University Press, 1 977); Mary P. Ryan, Empire of the Mother: American Writing About Domesticity, 1 830-1 860 (New York: Institute for Research in History and The Hawthorne Press, 1 982); Rodgers, The vVork Ethic in Industrial America 1 8 50-1 920 e Charlotte Perkins Gilman, Wonten and Economics: A Study of the Economic Relation Between Women and Men (1898; reimpressão, Buffalo, N.Y.: Prometheus Books, 1 994). Sara M. Evans, em Bornfor Liberty: A History of Women in America (Ne\v York: The Free Press, 1 989), aponta que a maioria das mulheres americanas no século XIX não tinha os meios econômicos ou a motivação para manter a identidade de uma mulher. Apesar da pequena proporção de mulheres para as quais esse ideal estava ao alcance, a figura da benevolência materna ainda assim exercia considerável poder e status social porque era uma das versões de feminilidade do grupo dominante.

1 2. Ver Carroll Smith-Rosenberg, Disorderly Conduct: Visions of Gender in Victo América Latina (Nova York: Oxford University Press, 1985).

1 3 . Cott, The Bonds of Womanhood, p. 7.

1 4. Thomas L. Haskell, "Capitalism and the Origins of the Humanitarian Sensibility, Part 1", American History Review 90 (2): 339-61; Thomas L. Haskell, "Capitalismo e as Origens da Sensibilidade Humanitária, Parte 2," American History Review 90 (3): 547-66.

1 5. Com esse movimento, os autores evocam o problema continuamente controverso de qual responsabilidade o governo tem para com aqueles incapazes de "ganhar a vida". Ver Rothman, Discovery of the Asylum; ver também Stone, The Disabled State. Stone estuda a história da deficiência para examinar a ambivalência com que o setor público trata a indigência e a deficiência em sua tentativa de diferenciar os pobres "merecedores" dos "indignos".

1 6. Silvers, em Reconciling Equality to Difference: Caring (F)or Justice for People with Disabilities ,aponta que em relações assimétricas entre cuidadores e receptores de cuidados, o risco de o cuidado se tornar opressivo está sempre presente porque o cuidador é um agente autônomo enquanto o receptor de cuidados muitas vezes é incapaz de definir os termos do relacionamento .

1 7 . O padrão de tentativa de resgate estabelecido por esses romances de reforma social replica um pouco a tradição americana anterior das narrativas de cativeiro do final do século XVII e início do século XVIII, em que mulheres brancas eram capturadas por índios e resgatadas por heroicos homens brancos. Esse mito social, tão necessário para autorizar e legitimar a expansão euro-americana, é revisto de maneira interessante na ficção aqui examinada. Os papéis de gênero são invertidos para que as vítimas anteriores - mulheres brancas - agora se tornem as heroínas salvadoras, salvando as novas vítimas - as mulheres deficientes - dos vilões ameaçadores - homens dominantes. O efeito de ambos os tipos de narrativa é

Machine Translated by Google

estabelecer a identidade e os direitos do grupo. Para uma discussão baseada em gênero sobre narrativas de cativeiro, ver Annette Kolodny, The Land Before Her (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984).

1 8 . É interessante notar que quanto mais brancas, cristãs e maternais são as heroínas, mais belos se tornam seus corpos. O quadroon, Eliza, tem uma herança tão fatal para uma escrava "forma finamente moldada" e a "beleza" que é (UTC 45, 54). A Quaker, Rachel Halliday, tem "a beleza das mulheres velhas", que é semelhante a "um pêssego maduro" e ela é como uma Vênus que, em vez de virar cabeças, continua trabalhando "harmoniosamente" (UTC 215, 216, 223). A exceção é a escravagista hipócrita e cristã, Marie St . Clare, que se torna "desagradável", "uma mulher amarela e desbotada doentia" e uma mãe ruim, pois sua beleza inicial é pervertida pelo egoísmo de ser servida por escravos (UTC 243). Em contraste com o esforço das heroínas Com sua beleza sem adornos, a vaidosa e auto-indulgente Marie está "maravilhosamente vestida" e usa "pulseiras de diamantes" enquanto todos ao seu redor sofrem (UTC , 275).

19. Ver Laqueur, Making Sex; Barbara Welter, "O Culto da Verdadeira Feminilidade: 1 820-60," American Quarterly 18 (2): 1 5 1 -74; Gerda Lerner, "The Lady and the Mill Girl: Changes in the Status ofVomen in the Age of Jackson," Midcontinent American Studies Journal 10 (1 969): 5-1 5, citação na p. 1 1 .

Quero fazer uma distinção aqui entre o frequentemente citado "Culto da verdadeira feminilidade" de Barbara Welter e o que quero dizer ao usar o termo de Lerner, "o culto da dama". Enquanto Welter enfatiza o comportamento e as atitudes, enfatizo os efeitos de classe de ser uma "dama" sobre o próprio corpo, mesmo reconhecendo que essas visões da feminilidade não são discretas. Assim, enfoco as restrições físicas ao trabalho e os discursos que nomeiam o corpo feminino tanto patológico quanto feio.

20. Para discussões sobre o efeito socioeconômico desse processo sobre as mulheres, ver Lerner, "The Lady and the Mill Girl"; Richard D. Brown, lVlodernization: The Transformation of American Life 1 600-1 865 (New York: Hill and Wang, 1 976), especialmente os capítulos 6 e 7; Rodgers, The 10rk Ethic in Industrial America 1 8 50-1 920, especialmente capítulo 7; Stuart Blumin, The Emergence of the Middle Class: Social Experience in the American Cityÿ 1 760-1 900 (Cambridge: Cambridge University Press, 1 989), especialmente pp. 1 79-91; e Veblen, The Theory of the Leisure Class, especialmente pp. 1 2 5-31.

Para discussões sobre o impacto dos discursos científicos e médicos sobre as mulheres, ver Ehrenreich e English, For Her Own Good, especialmente os capítulos 3 e 4; Smith Rosenberg, Disorderly Conduct, especialmente os capítulos sobre mulheres histéricas e sobre aborto; Judith Walzer Leavitt, ed. cidade de Wisconsin, Mulheres e Saúde na América (l\1adison: Univer Press, 1 984), especialmente a parte 1; Herndl, Invalid Women, especialmente o capítulo 1; Tuana, O Sexo Menos Nobre; e Gould, The Mismeasure of lVIan, pp. 1 03-07.
Martha Verbrugge, em Able-Bodied Womanhood: Personal Health and Social Change in Nineteenth-Century Boston (Nova York: Oxford University Press, 1 988), examina o paradoxo criado pelo culto da invalidez e a exigência de que as mulheres estejam aptas o suficiente para administrar deveres domésticos.

Para discussões sobre a instituição da beleza feminina e sua relação com o consumismo

Machine Translated by Google

e lazer, veja Banner, An'lerican Beauty, especialmente os capítulos 1-4; Lobo, O Mito da Beleza; e Veblen, Teoria da Classe Ociosa .

21. Abundam os testemunhos dessa sensação de restrição corporal e vulnerabilidade; dois dos mais poderosos são, claro, "The Yellow Wallpaper", de Charlotte Perkins Gilman, O Nett? England Magazine (1 de janeiro de 892); e "Cassandra" de Florence Nightingale (1928; reimpresso em Ray Strachey, edição na ، A Causa: Uma Breve História do movimento v\'0men(s Grã-Bretanha (Londres: Virago, 1978), pp. 395-418).

22. Gail Parker, The Oven Birds: American Women on Womanhood) 1 820-1 920 (Garden City, NJ: Anchor Books, 1 972), p. 1 97.

23. Tillie Olsen, Silences (Nevv York: Dell Publishing, 1965), pp. 11 7-18; Susan Coultrap-McQuin, Doing Literary Business: American Women Writers in the Nineteenth Century (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1990), p. 1 7 5.

24. Elizabeth Stuart Phelps, "Por que eles farão isso?" Harpers 36 (1 886): 219; Carol Farley Kessler, Elizabeth Stuart Phelps (Boston: Twayne, 1 982), p. 1 5 .

25. Por volta de 1899, Thorstein Veblen havia afirmado que a demanda da economia de mercado de que as mulheres exibissem "desperdício ostensivo e lazer ostensivo" impunha hábitos e vestimentas femininos que equivaliam a "incapacidade física induzida voluntariamente" (Theory of the Leisure Class, p. 1 27). O discurso cultural descrevia o corpo feminino como inferior, frágil e limitado – exatamente da mesma forma que enquadrava as características físicas das pessoas com deficiência.

26. Ver Amy Schrager Lang, "Class and the Strategies of Sympathy", em Samuels, ed., The Culture of Sentiment. Lang argumenta que o dilema de representar classe em Life in the Iron Nills e Uncle Tom's Cabin é resolvido pela substituição de gênero, deixando a arte como assunto final do romance de Davis.

27. Sharon Harris ("Rebecca Harding Davis") sugere que a mulher Korl é uma revisão de Deb. Se aceitarmos essa leitura, é interessante que a estátua pareça corrigir a deficiência de Deb, libertando a versão idealizada de Deb das limitações físicas da mulher real e deficiente (LIM 1 9). Encontro evidências no texto que sugerem que a mulher Korl é um auto-retrato do Hugh feminizado, que é descrito como uma versão viva da estátua, "louco de fome; estendendo as mãos para o mundo" (LIM 45) .

28. Gerda Lerner ("The Lady and the Mill Girl") mostra que por volta de 1840 - pouco antes do nascimento de Phelps, quando Davis era uma criança pequena e quando Stowe era 30 - a estratificação de classe entre as mulheres estava firmemente estabelecida. Esta divisão é o que Stowe aparentemente resiste tanto em sua tentativa de unir as mulheres por meio da experiência materna para a mudança social quanto em retratar nostalgicamente o lar sem classes. Em seus romances, Davis e Phelps aceitam um arranjo mais hierárquico entre os trabalhadores e seus partidários de classe média, embora a culpa defensiva e a desesperança que permeiam Life in the Iron Mills possam refletir a suspeita de Davis de que a lacuna era intransponível. Lois Banner (American Beauty) e Naomi Wolf (The Beauty 1Vlyth) afirmam que por volta de 1840 as principais características e instituições da cultura de beleza americana também já existiam e foram alimentadas pelo crescimento do consumismo, a produção em massa de imagens e a contínua surgimento da senhora de classe média.

Machine Translated by Google

29. Lerner, "The Lady and the Mill Girl", p. 1 1 30. .

Veja Banner, American Beauty, para uma discussão sobre essa economia.

31. Codeys Lady's Book, 1 8 52, citado em Banner, American Beauty, p. 1 0.

32. O repúdio de Phelps ao casamento em The Silent Partner contrasta com Stowe, que parecia assumir o casamento como um elemento natural do maternalismo benevolente. No início do romance de Phelps, a indulgente e frívola Perley (uma reminiscência da antiga Marie St. Clare) está noiva do rico parceiro de seu pai, Maverick Hayle, a quem ela rejeita para estabelecer algo semelhante a uma casa de liquidação após o encontro. a corajosa, mas oprimida garota do moinho, Sip Garth. Embora Perley recuse o casamento para se dedicar aos trabalhadores do moinho, ela é validada como mulher pela adoração do cristão Stephen Garrick, um homem "que ela poderia ter amado" (SP 260) . Sua resposta ao pretendente suplicante e apavorado é: "Não tenho tempo para pensar em amor e casamento... Isso é um negócio, uma troca... Eu tenho muito mais o que fazer... Não tenho tempo para isso" (SP 260). Tanto o amor dele quanto o sacrifício dela constituem parte da beatificação que a torna mais parecida com Eva do que com Maria no final.

33. Burgdorf relaciona a deficiência ao darwinismo social CA History of Unequal Treatment", p. 887), para uma discussão sobre o darwinismo social, ver Richard Hofstadter, Social Darwinism in American Thought.

34. A estratégia de desincorporação sugerida pela divisão das figuras com deficiência física é semelhante à "falta de paixão" feminina auto-imposta que Nancy Cott identifica entre as mulheres de classe média do século XIX como uma resposta à sua vulnerabilidade e uma alternativa para ser um objeto de desejo masculino (The Bonds of Womanhood, p. 239). A ideologia da falta de paixão oferecia poder às mulheres por meio do autocontrole, em vez da atratividade sexual. Também prometia livrá-las de algumas responsabilidades distintamente femininas, como gravidez indesejada, sujeição sexual e física e associação com o carnal. Embora Cott veja uma ética de autocontrole principalmente em termos sexuais, as mulheres deficientes ilustram responsabilidades femininas, incluindo escravidão, trabalho assalariado, maternidade, casamento e o papel da mulher decorativa.

35. Lerner, "The Lady and the Mill Girl", p. 1 4.

5. Mulheres com deficiência como mulheres poderosas em Petry, Morrison e Lorde

1. Audre Lorde, Zami: A New Spelling of My Name (Freedom, Calif.: Crossing Press, 1 982), p. 1 5. Todas as referências futuras referem-se a esta edição e serão dadas entre parênteses no texto.

Em Writing a Woman's Life (Nova York: Norton, 1988), Carolyn Heilbrun discute a falta de linguagem e formas narrativas para analisar a vida de mulheres não tradicionais. Como a "terceira designação" de Lorde, o termo de Heilbrun, "mulher ambígua", permite apropriar-se dos pontos fortes da identidade de gênero e rejeitar os passivos. Ambos os termos tentam afirmar e alterar o conceito de feminilidade.

2. Ann Petry, The Street (1946; reimpressão, Boston: Beacon, 1 974); Toni Morrison, The Bluest Eye (Nova York: Washington Square Press, 1 970); Toni Morrison, Sula (Nova

Machine Translated by Google

York: New American Library, 1 973); Toni Morrison, Song of Solomon (Nova York: New American Library, 1 977); Toni Morrison, Tar Baby (Nova York: New American Library, 1 981); Toni Morrison, Beloved (Nova York: New American Library, 1987). Todas as referências futuras são a essas edições e serão citadas entre parênteses como Street, BE, Sula, SS, TB e Beloved, respectivamente.

3. Em seu ensaio "When vVe Dead Awaken: Writing as Revision" (em On Lies, Secrets, and Silence [Nova York: Norton, 1 979]), Adrienne Rich define "revisão" como ler, escrever e interpretar A vida dos homens "com novos olhos". Mais do que simplesmente história cultural, crítica literária ou escrita autobiográfica, o conhecido conceito feminista de Rich é "um ato de sobrevivência" que permite às mulheres refutar a "autodestrutividade" inerente à feminilidade convencional (p. 35). Os romances afro-americanos discutidos aqui revisam a identidade feminina negra precisamente no sentido de Rich. No entanto, este estudo complica a noção de identidade racial ou de gênero simples, "revisando-a" ao destacar a categoria sócio-histórica "deficiência física". Cada um desses romances aborda a categoria de deficiência apenas obliquamente, inconscientemente; nenhum confronta a identidade deficiente diretamente. As relações entre as identidades estigmatizadas de negritude, feminilidade e deficiência física nunca são explicitamente enunciadas.

4. Alguns exemplos de personagens com deficiência física na escrita de outras mulheres afro-americanas são as protagonistas de Our Nig, de Harriet Wilson; or Sketches from the Life of a Free Black (1859; reimpressão, New York: Vintage Books, 1983) e Harriet Jacobs's Incidents in the Life of A Slave Girl (1861; reimpressão, Cambridge: Harvard University Press, 1987); Miss Thompson em Brmvn Girl, Brownstones, de Paule Marshall (1959; reimpressão, Old 'ATestbury, NY: Feminist Press, 1981); Uncle Willie em I Know vllhy, de Maya Angelou, The Caged Bird Sings (Toronto: Bantam, 1 969); a protagonista de Alice 'ATalker's Meridian (Nova York: Pocket Books, 1976); e lVlilkman Dead-Morrison é o único homem deficiente de Song of Solornon. A prevalência de tais números talvez se deva mais à precisão histórica – a deficiência ocorre com mais frequência em condições de pobreza e opressão – do que à intenção metafórica.

5. Essas figurações retóricas da deficiência correspondem, grosso modo, a uma ampla mudança histórica na sensibilidade cultural que pode ser resumidamente caracterizada da seguinte forma: a retórica da simpatia assume unidade (e:q)resposta, por exemplo, no milenarismo), uma cultura e princípio mic que dominou o pensamento americano do século XIX, mas foi questionado pela estética secularizada e naturalista do final do século. A retórica modernista do desespero que deslocou e lamentou a perda de tal fé produziu o grotesco, o anti-herói e o pensamento existencial. A retórica pós-moderna da diferença não lamenta mais a unidade, embora lute contra a multiplicidade; é o modo cultural mais adequado em que a deficiência é representada. Os termos moderno e pós-moderno são usados aqui no sentido de Fredric Jameson, como "dominantes culturais" que podem ser resistidos, mas não transcendidos (''Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism," New Left Re vieuJ 1 46 [julho-1 de agosto . 984]: 53-92). A transição de uma dominante cultural para outra seria necessariamente perceptível não apenas na literatura, mas também na política.

6. Essa mudança histórica na interpretação da deficiência é sugerida em vários estudos de

Machine Translated by Google

5. Mulheres com deficiência como mulheres poderosas 1 67

a história da legislação de deficiência; ver Scotch, From Good Will to Civil Rights; Stone O ,
Estado de Deficiência; Liachowitz, Deficiência como uma construção social; e Shapiro, Sem Piedade.

7. Por exemplo, Robert Bone em The Negro Novel in America (New Haven: Yale University Press, 1 9 58) vê o romance de Petry como sucessor de Native Son. Addison Gayle, Jr., analisa The Street como um romance naturalista em The Way of the lr-...Jew World: The Black Novel inAmerica (Nova York: Anchor/Doubleday, 1 975, pp. 1 92-97).

8. As definições da verdadeira feminilidade e da nova feminilidade podem ser encontradas no ensaio de Barbara Welter, "The Cult of True Womanhood: 1 820-1 860", e em Disorderly Conduct, de Smith-Rosenberg, pp. 245-96 .

9. Sharon Harris explica Life in the Iron Mills como o precursor do romance naturalista em "Rebecca Harding Davis: From Romance to Realism", American Literary Realism 21 (2): 4-20.

10. Deb e Lutie são paralelas a esse respeito: suas ações realizam exatamente o oposto do que se pretendia, derrotando as duas mulheres. Para a Sra. Hedges não há disparidade entre intenção e efeito.

1 1. Baym, Women's Fiction, pp. 1 1-1 2. 1

2 . Em The Bonds of Womanhood, Nancy Cott analisa a ideologia do século XIX da "falta de paixão" feminina como uma reformulação cultural funcional da crença na carnalidade feminina como fraqueza e torpeza moral. Se a falta de paixão colocava as mulheres do século XIX em um plano moral superior e aumentava seu status e independência, agora perdeu sua utilidade, tendendo a alienar as mulheres de sua própria sexualidade.

13. Marjorie Pryse, em " 'Pattern Against the Sky': Deism and Motherhood in Ann Petry's The Street," em Marjorie Pryse e Hortense J. Spillers, eds., Conjuring: Black Women, Fiction, and Literary Tradition (Bloomington: Indiana University Press, 1 98 5) , pp. 1 1 6-3 1, explora as implicações da identificação de Lutie com o roteiro de Ben Franklin, analisando o romance e 1/1rs. Hedges em termos de deísmo. Pryse também sugere que as ações e atitudes de Lutie são autodestrutivas como ela pode ter usado a Sra. Hedges e outros como modelos de sobrevivência, mas Pryse não elabora o potencial da Sra. Hedges para se tornar a nova heroína.

14. John Berger, Ways of Seeing (Londres: British Broadcasting Corporation, 1972), p. 47.

1 5. Wolfgang Kayser é citado em Michael Steig, "Defining the Grotesque: An At tente at Synthesis," Journal of Aesthetics and Art Criticism 29 (2): 2 5 3.

1 6. William Van O'Connor traça o grotesco como "um gênero americano" do gótico Poe, passando pelos naturalistas Crane e Norris, até Faulkner e os escritores do sul que são lidos em sua obra e, finalmente, até os modernistas absurdos, como Nathanael Vest e Nelson Algren (The Grotesque: An American Genre, and Other Es says [Carbondale: Southern Illinois University Press, 1 962]). Eu diria que o cânone da alienação modernista é, até certo ponto, autoperpetuador; ele promove o tropo do grotesco, como qualquer outro cânone, selecionando e reforçando as representações que apóiam suas teses.

Machine Translated by Google

17. Um exemplo típico é a análise de Gilbert H. Muller dos "grotescos" personagens deficientes de Flannery O'Connor: "a protagonista, possuindo uma fisionomia que se assemelha ao seu espírito distorcido, está completamente alienada do mundo" (Nightmares and Visions : Flannery O'Connor and the Catholic Grotesque [Athens: University of Georgia Press, 1 972], p. 27). Os críticos de O'Connor parecem incapazes de ir além desse tipo de leitura; o termo "grotesco" impede que vejam seu trabalho como talvez uma exploração da deficiência física. Uma exceção é a exploração perspicaz de Kathleen Patterson do trabalho de O'Connor em termos de uma consciência politizada da deficiência ("Disability and Identity in Flannery O'Connor's Short Fiction" [manuscrito não publicado, 1 99 1]). Ann Carlton também vai "Beyond Gothic and Grotesque" em sua análise feminista de Carson Mc Cullers, embora ela não trate a deficiência diretamente ("Beyond Gothic and Grotesque: A Feminist View of Three Female Characters of Carson McCullers," Pembroke 20 [I 988] : 54-68).

18. Para discussões semelhantes sobre o grotesco, ver Philip Thomson, The Grotesque (Londres: Methuen, 1 972); Frances K. Barasch, "Introduction", em Thomas Wright, il History of Caricature and Grotesque in Literature and Art (1865; reimpressão, Nova York: Frederick Ungar, 1 968); Harpham, On the Grotesque (citações nas pp. 30 e 11); Stallybrass e Vhite, The Poetics and Politics of Transgression; Bahktin, A imaginação dialógica; e Cassuto, A Raça Inumana. Como todos os outros teóricos que cito, exceto Goffman, esses teóricos do grotesco nunca fazem uma conexão explícita entre suas teorias e as pessoas com deficiência reais. Embora Harpham, por exemplo, mencione "os vários aleijados e amputados" na ficção de Flannery O'Connor, ele nunca explora as distinções entre o fantástico e o grotesco humano. Considerações sobre deficiência como uma categoria social são limitadas quase exclusivamente a trabalhos acadêmicos que se autodenominam estudos sobre deficiência. Ver também Turner, The Forest of Symbols, citação na p. 97.

1 9. Quero enfatizar que essa refiguração é diferente do uso da deficiência como um tropo. Essas figuras deficientes não são metáforas; ao contrário, sua representação medeia tanto a experiência de vida quanto a identidade social da deficiência, reformulando potencialmente seu significado cultural. A etnografia de Murphy sobre a deficiência como liminaridade (The Body Silent) concentra-se principalmente na perda de papel e status porque isso foi sua própria experiência de se tornar deficiente. No entanto, Fine e Asch sugerem que a falta de papel das mulheres com deficiência pode ser libertadora (Women with Disabilities, pp. 1-31). Em qualquer caso, as mulheres, particularmente as mulheres negras, muitas vezes têm menos capital cultural a perder ao se tornarem deficientes do que os homens brancos anteriormente normais, como Murphy.

20. Donna Haraway, "A Manifesto for Cyborgs: Science, Technology, and Socialist Feminism in the 1 980s", Socialist Review 80: 67.

21. Identificações como "mulher poderosa" e "pessoa com deficiência", que estou chamando de oximorônico aqui, funcionam de maneira semelhante às identidades étnicas hifenizadas, como afro-americana, que WEB Du Bois observou notoriamente que expressam a "dupla consciência" de seus portadores. Ver The Souls of Black Folks (1903; reimpressão, Nova York: New American Library, 1982), p. 45.

Machine Translated by Google

22. Haraway, "A Manifesto for Cyborgs", citações nas pp. 65, 91, 73 e 95. Embora Haraway não desenvolva uma conexão entre ciborgues e deficientes, ela observa de passagem ao discutir computadores que "paraplégicos e outros pessoas gravemente deficientes podem... ter as experiências mais intensas de hibridização complexa com outros dispositivos de comunicação" (p. 97). Embora ela se refira aos dispositivos protéticos como "eus amigáveis", ela não reconhece que uma cadeira de rodas é uma parte do eu, ou que a deficiência reúne dois estados ostensivamente mutuamente exclusivos.

23. Para uma discussão sobre a prótese como um conceito cultural, ver David Wills, Prosthesis (Stanford: Stanford University Press, 1 995).

24. Claudia Tate, ed., Black Vomen Writers at Vork (Nova York: Continuum, 1988), p. 1 29.

25. O ensaio de Susan Willis, que historiciza os primeiros quatro romances de Morrison, discute superficialmente "falta, deformidade e automutilação como figuras para a libertação" CEruptions of Funk: His toricizing Toni Morrison," em Specificationing: Black Women Writing the American Experience [Madison : University of Wisconsin Press, 1 987], p. 1 04). Embora o principal argumento de Willis diga respeito à resistência dos romances à cultura burguesa, ela reconhece uma relação entre deficiência e alteridade social na ficção de Morrison, sugerindo que a automutilação redefine o indivíduo como um "pessoa nova e inteira, ocupando um espaço social radicalmente diferente" (p. 1 03). Embora minha leitura das figuras deficientes concorde com sua breve explicação, este estudo amplia e concentra a análise muito mais, tratando a deficiência como uma identidade socialmente construída que complica as categorias raciais e de gênero, não apenas como uma condição física.

Henry Louis Gates Jr., the "The Blackness of Blackness: A Critique of the Sign and 26. Signifying Monkey", em Henry Louis Gates Jr., ed., Black Literature and Literary Theory (Nova York: Methuen, 1 984), pág. 287.

27. Asch and Fine, eds., "Mulheres com Deficiência: Sexismo sem o Pedestal", Journal of Sociology and Social Welfare 8 (2): 23 3-48.

28. Denver, neta de Baby Suggs e irmã de Amada, também é deficiente física, tendo ficado surda por dois anos devido a uma recusa psicológica em ouvir a verdade sobre a morte de sua irmã. Optei, entretanto, por não incluí-la nesta análise, embora ela se adapte razoavelmente bem ao padrão, porque sua deficiência é temporária.
Sethe, a mãe de Denver, que incluo por causa da cicatriz nas costas, também tem uma deficiência temporária que deve ser observada: ela gagueja desde o momento em que sua mãe é enforcada até ver Halle, seu futuro marido.

29. Ao incluir aspectos formais como marcas de nascença e condições funcionais como deficiências de mobilidade na única categoria de "deficiência", não pretendo propor uma equivalência entre todas as condições fisicamente estigmatizadas, mas sugerir, em vez disso, as interpretações sociopolíticas inter-relacionadas dessas marcas. Estou afirmando também que as narrativas de Morrison enquadram a feminilidade, a não branquitude e a deficiência não como condições biológicas naturais e inerentemente limitantes, mas como identidades moldadas pelos aspectos físicos, institucionais e sociais de um ambiente não acomodado.

30. Tate, Black Women Writers at Work, p. 1 28.

Machine Translated by Google

31. Goffman, Stigma, p. 1; Gates Jr., "A negritude da negritude", p. 300.

32. Tate, Blackomen Writers at Work, p. 1 29.

33. Sou grato a Mae Henderson por ter apontado esse detalhe sobre a mãe de Sethe para mim.

34. Susan Stewart, Nonsense: Aspects of Intertextuality in Folklore and Literature (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1 978), p. 21.

35. Ibidem.

36. Pauline, como a outra serva ideal e as respeitáveis personagens femininas como Ondine e Jadine Childs em Tar Baby, Helene Wright em Sula e Ruth Dead em Song of Solomon, é excluída da representação mítica no mesmo grau em que ela aceita seus valores e definições da ordem dominante.

3 7. Stewart, Nonsense, p. 62.

38. Kriegel, "The Wolf in the Pit in the Zoo", p. 22; Marshall, Brown Girl, pedras marrons, p. 28.

39. Tate, Black Women Writers at Work, p. 1 1 5.

40. O ensaio de Biddy Martin "Lesbian Identity and Autobiographical Difference[s]" em Bella Brodzki e Celeste Schenck, eds., Life/Lines: Theorizing Women's.Autobiography (Ithaca: Cornell University Press, 1 988), pp. 77-103, faz reivindicações semelhantes para o potencial iconoclasta da perspectiva lésbica na autobiografia, afirmando que "as narrativas autobiográficas es bian são sobre lembrar de forma diferente, fora dos contornos e restrições narrativas dos modelos convencionais" (p. 85). Audre Lorde é citada em Sister Outsider, p. 40.

41. Esse esforço pós-estruturalista/feminista é, obviamente, semelhante ao Ecriture Feminine produzido por Helene Cixous (ver, por exemplo, "The Laugh of the Medusa", Signs: Journal of Women in Culture and Society 1 [1976]: 875 -93). A tentativa de Lorde aqui, no entanto, parece fundamentada mais na experiência material e menos na teoria linguística do que a escrita do corpo de Cixous. Para uma elaboração da teoria poética de Lorde, ver " usos do erótico: o erótico como poder" em Sister Outsider (pp. 53-59).

42. Essa articulação do self está notavelmente em consonância com as teorias da psicóloga Jean Baker Miller e seus associados no Wellesley College's Stone Center, que afirmam que as mulheres tendem a desenvolver um senso de self por meio da relação, em vez da diferenciação (ver Towards a New Psychology of Women [Boston: Beacon Press, 1 976]).
Para discussões, ver também Judith Jordan et al., Women's Growth in Connection: vVritings from the Stone Center (Nova York: Guilford, 1991) e Nancy Chodorow, The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender (Berkeley: University of California Press, 1 978).

43. Claudine Raynaud, " 'A Nutmeg Nestled Inside Its Covering of Mace': Audre Lorde's Zami," em Brodzki and Schenck, eds., Life/Lines, p. 226.

44. Lorde, Sister Outsider, p. 42.

45. Embora gênero e essencialismo racial estejam agora sendo vigorosamente questionados por teóricos de ambos os assuntos, a ênfase ocasional na diferença para fundamentar uma identidade política positiva ou nacionalismo é politicamente importante para ambos os movimentos. Veja minha orelha-

Machine Translated by Google

Uma discussão mais detalhada sobre o feminismo no capítulo 2 para um exame do papel das diferenças físicas nos movimentos políticos.

46. Jacobs, Incidents in the Life of a Slave Girl, p. 56.

47. A defesa de Stowe é veementemente contestada por críticos como James Baldwin em Notes of a Native Son (Boston: Beacon Press, 1 9 5 3), pp. 1 3-23; e Hortense J. Spillers, "Mudando a letra: os jugos, as piadas do discurso ou, Sra. Stow, Sr. Reed," em Deborah E. McDowell e Arnold Rampersad, eds., Slavery and the Literary Imagination: Selected Papers from the English Institute, 1 987 (Baltimore: Johns Hop kins University Press, 1 989), que afirmam que suas representações de negros as pessoas são negativas, condescendentes e tivo egoístas.

48. Tate , Escritoras negras em ação, p. 1 29.

49 . Lorde, Sister Outsider, p. 42.

50. Ibidem, p. 1 1 2.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

BIBLIOGRAFIA

.....

Ainlay, Stephen, Gaylene Becker e Lerita M. Coleman, eds. O Dilema da Diferença: Uma Visão Multidisciplinar do Estigma. Ne,' York: Plenum Press, 1 986.

ALCOFF, Linda. "Feminismo cultural versus feminismo pós-estruturalista: a identidade no. 3 Crise na Teoria Feminista." Sinais 1 3 , (1988): 40 5-36.

Altick, Richard D. Os shows de Londres. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1 978.

Anderson, Benedito. Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo. Nova York: Verso, 1 991.

Ângelo, Maya. Eu sei por que o pássaro engaiolado canta. Toronto: Bantam Books, 1 969.

Appiah, Kwame Anthony. Na Casa de Meu Pai. Nova York: Oxford University Press, 1 992.

Aptheker, Bettina. Tapeçarias da vida: trabalho feminino, consciência feminina e o significado da experiência diária. Amherst: University of Massachusetts Press, 1 989.

Arieli, Yehoshua. Individualista e Nacionalismo na Ideologia Americana. Cambridge, Mass.: Centro para o Estudo da História da Liberdade na América, 1 964.

Aristóteles . Geração de Animais. Trans. Al Peck. Cambridge: Universidade de Harvard Imprensa, 1 944.

Aristóteles. Ética a Nicômaco. Trans. Terence Irwin. Indianápolis: Hackett Publish ing, 1 985.

Aristóteles. "A Poética". Em Hazard Adams, ed., Critical Theory Since Plato. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1971, pp. 48-66.

Asch, Adrienne e Michelle Fine Edições, eds. "Indo Além do Estigma." jornal social 44, no. 1 (1 988) .

Bakhtin, Mikhail M. A laginação dialógica. Ed. Michael Holquist. Trans. Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: Texas University Press, 1 981.

Bald", Tin, James. "Novel de protesto de todos." Em James Baldwin, Notes of a Native Son. Boston: Beacon Press, 1 9 55, pp. 1 3-23.

Balsamo, Anne. "Na vanguarda: cirurgia plástica e a produção tecnológica do corpo generificado." Camera Obscura 28 (1 de janeiro de 992): 207-36.

Banner, Lois W. Beleza Americana. Nova York: Alfred A. Knopf, 1 983.

Machine Translated by Google

_____. " Benevolência Religiosa como Controle Social: Uma Crítica de uma Interpretação. Jornal da História Americana 60, não. 1 (1 de junho de 973): 23-4l.

Barasch, Frances K. "Introdução". Em Thomas Wright, Uma História da Caricatura e do Grotesco na Literatura e na Arte. 1 865. Reimpressão, Nova York: Frederick Ungar, 1 968.

Barker-Benfield, GJ Os horrores da vida meio conhecida: atitudes masculinas em relação às mulheres e sexualidade na América do século XIX. Nova York: Harper & Row-, 1 976.

Barnum, P. T. Lutas e Triunfos. 1 869 . Reimpressão, Nova York: Arno Press, 1 970.

Barrow, Mark \ ÿ " Uma Breve História da Teratologia." Em T.V.N. Persaud , ed. , Problemas de Defeitos Congênitos. Baltimore: University Park Press, 1 977, pp. 1 8-28.

Baym, Nina, et ai., eds. Norton Antologia da Literatura Americana. 4ª ed. Nova Iorque: Norton, 1 994.

_____. Women's Fiction: A Guide to Novels by and about \Vomen in AWlerica, 1 820-1 8 70. Ithaca: Cornell University Press, 1 978.

Baynton, Douglas C. "Um Exílio Silencioso Nesta Terra: A Construção Metafórica da Surdez no Século XIX." American Quarterly 44, n. 2 (1 de junho de 992): 2 1 6-43 .

de Beauvoir, Simone. O Segundo Sexo. Trans. HM Parshley. 1 9 52; reimpressão, Nova York: Vintage, 1974, p. xix.

Becker, Ernesto. A negação da morte. Nova York: The Free Press, 1 973.

Beecher, Henry Ward. Palestras para Rapazes, sobre Vários Assuntos Importantes. Nova York: JB Ford, 1873.

Bellah, Robert N., et ai. Hábitos do Coração: Individualismo e Compromisso na Vida Americana. Berkeley: University of California Press, 1 985.

Berger, João. VVais de Ver. Londres: British Broadcasting Corporation, 1 972.

Berger, Peter e Thomas Luchmann. A construção social da realidade. Nova York: Doubleday, 1 966.

Biklin, Douglas e Lee Bailey, eds. Rudely Stamp'd: Deficiência Imaginal e Preconceito. Washington, DC: University Press of America, 1 981.

Biklin, Douglas e Robert Bogdan. "Retratos de mídia de pessoas com deficiência: um estudo em estereótipos." Livros inter-raciais para crianças Boletim 8, nos. 6, 7 (1 977): 4-9.

Blum, Stuart. The Emergence of the Middle Class: Social Experience in the An'lerican Cit) 1 760-1 900. Cambridge: Cambridge University Press, 1 989.

BOGDAN, Robert. Freak Show: Apresentando Estranhezas Humanas para Divertimento e Lucro. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BOGDAN, Robert e Steven Taylor. "Rumo a uma Sociologia da Aceitação: O Outro Lado do Estudo do Desvio." Social Policy 18, no.2 (Outono de 1987): 34-39.

Bondeson, Jan e AEW Miles. "Julia Pastrana, a indefinida: um exemplo de hipertricose terminal congênita e generalizada com hiperplasia gengival." American Journal of Medical Genetics 47 (1993): 1 98-212.

Osso, Roberto. O romance negro em limerica. New Haven: Yale University Press, 1 9 58.

Bordo, Susan R. "O corpo e a reprodução da feminilidade: uma

Machine Translated by Google

Apropriação de Foucault." Em Alison Jaggar e Susan Bordo, eds., Gênero/Corpo/ Conhecimento: Reconstruções Feministas de Ser e Saber. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1 989, pp. 1 3-31.

_____. Peso Insuportável: Feminismo, Cultura Ocidental e o Corpo. Berkeley: University of California Press, 1 993.

Boucht, Brigitta, e outros. Pós-feminismo. Esbo, Finlândia: Draken, 1 99 1 .

Bowe, Frank. Handicapping America: Barreiras para Pessoas com Deficiência. Nova York: Harper and Row, 1 978.

Boydston, Jeanne, Mary Kelley e l\nne Margolis. Os limites da irmandade: as irmãs Beecher sobre os direitos das mulheres e a esfera da mulher. Chapel Hill, NC: The University of North Carolina Press, 1 988.

Bradford, Phillips\Terner e Harvey Blume. Ota Benga: O Pigmeu no Zoológico. Nova York: St. Martin's Press, 1 992.

Brown, Gilian. Individualismo doméstico: imaginando o eu no século XIX América. Berkeley: University of California Press, 1990.

Brown, Richard D. Modernização: a transformação da vida americana 1 600-1 865. Nova York: Hill e Wang, 1 976.

Buckland, Francis T. "The Female Indescript Julia Pastrana, and Exhibitions of Human Mummies, etc." In Curiosidades da História Natural. vol. 4. Londres: Richard Bentley and Son, 1888.

Burbick, Joan. Curando a República: A Linguagem da Saúde e a Cultura do Nacionalismo na An'lerica do Século XIX. Nova York: Cambridge University Press, 1994.

Burgdorf, Marcia Pearce e Robert Burgdorf, Jr. "Uma história de tratamento desigual: as qualificações das pessoas deficientes como uma 'classe suspeita' sob a cláusula de proteção igualitária." Santa Clara Latvyer 15 (1 9 75): 855-910.

Mordomo, Judith. Corpos que importam: sobre os limites discursivos do "sexo". Nova York: Routledge, 1 993.

_____. Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade. Nova York: Routledge, 1 990.

Canguilhem, Georges. O Normal e o Patológico. Trans. Carolyn R. Fawcett com Robert S. Cohen. Nova York: Zone Books, 1 989.

Carlton, Anne. "Além do gótico e do grotesco: uma visão feminista de três personagens femininas de Carson McCullers." Pembroke 20 (1 988): 54-68.

Cassuto, Leonard D. A Raça Inhuntan: O Grotesco Racial na Literatura e Cultura Americanas. Nova York: Columbia University Press, 1996.

Chernin, Kim. O eu faminto: mulheres, alimentação e identidade. Nova York: Times Books, 1 985.

_____. A obsessão: reflexões sobre a tirania da magreza. Nova York: Harper & Row, 1 981.

Chodorow, Nancy. A Reprodução da Maternidade: Psicanálise e Sociologia da Gênero. Berkeley: University of California Press, 1 978.

Machine Translated by Google

CIXOUS, Helene. "O Riso da Medusa." Assina: Revista Mulheres na Cultura e Society 1 (1 976): 875-93.

Cohen, Jeffrey Jerome, ed. Teoria do Monstro: Leitura da Cultura. Mineápolis: Universidade da Minnesota Press, 1 996.

Cohen, Patrícia Cline. Um povo calculista: a propagação da matemática no início da América. Chicago: University of Chicago Press, 1 982.

Collins, Patrícia Hill. Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e o Política de Empoderamento. Boston: Unwin Hyman, 1990.

Compton, Tom. "A Breve História da Deficiência." Berkeley, Cal.: Manu não publicado roteiro, 1 989.

Cott, Nancy F. The Bonds of Womanhood: "Womans Sphere" in New England, 1 780-1 835. New Haven: Yale University Press, 1 977.

Coultrap-McQuin, Susan. Fazendo negócios literários: escritoras americanas no século XIX. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1 990.

Cumins, Maria. O acendedor de lampiões. Boston: Houghton, Osgood, 1879.

"História curiosa da senhora babuína, senhorita Julia Pastrana." Panfleto. Cambridge: Coleção de teatro de Harvard.

DALY, Maria. Gin/ecologia: a metaética do feminismo radical. Boston: Beacon Press, 1 978.

DAVIS, Fred. "Rejeição de desvio: a gestão da interação tensa pelos visivelmente deficientes." Social Problems 9 (1961): 1 20-32.

DAVIS, Kathy. Remodelando o Corpo Feminino: O Dilema da Cirurgia Estética. Nova York: Routledge, 1 995.

Davis, Lennard J. Reforçando a Normalidade: Deficiência, Surdez e o Corpo. Nova Iorque: Verso, 1 995.

_____, ed. O leitor de estudos sobre deficiência. Nova York: Routledge, 1 996.

DAVIS, Rebecca Harding. A vida nos moinhos de ferro. 1 861. Reimpressão, Nova York: Feminist Imprensa, 1 972.

_____. Margret Howth. 1 862. Reimpressão, Nova York: Feminist Press, 1 990.

DeBord, Guy. Sociedade do Espetáculo. Detroit: Preto e Vermelho, 1 983.

Dimock, Wai Chee. Império para a liberdade: Melville e a poética do individualismo. Princeton: Princeton University Press, 1 989.

DONOVAN, Josefina. Teoria Feminista. Nova York: Continuum, 1 992.

Douglas, Ana. A Feminização da Cultura Americana. Nova York: Alfred A. Knopf, 1 977.

Douglas, Maria. Pureza e Perigo: Uma Análise dos Conceitos de Poluição e Tabu. Nova York: Praeger, 1 966.

Drimmer, Frederico. Nascido Diferente: Histórias Incríveis de Pessoas Muito Especiais. Nova Iorque: Ateneu, 1 988.

_____. Pessoas muito especiais. Nova York: Amjon Press, 1 983.

Du Bois, WE Burghardt. As Almas do Povo Negro. 1 903. Reimpressão, Nova York: Nova Biblioteca Americana, 1 982.

Machine Translated by Google

Dyer, Ricardo. A Matéria das Imagens: Ensaios sobre a Representação. Nova York: Routledge, 1 993.

Ehrenreich, Barbara e Deirdre English. Para seu próprio bem: 1 50 anos dos especialistas) Conselho para W01nen. Garden City, NY: Anchor Books, 1 979.

Eisenstein, Hester. Pensamento Feminista Contemporâneo. Boston: GK Hall, 1 983.

ELSHTAIN, Jean Bethke. Homem Público, Mulher Privada: Mulheres no Social e Político Pensamento. Princeton: Princeton University Press, 1 981.

Emerson, RalphWaldo. As Obras de Ralph Waldo Emerson. Boston: Houghton Mifflin, 1 865.

Erkkila, Betsy. "Etnicidade, Teoria Literária e as Bases da Resistência." American Quarterly 47, n. 4 (1 de dezembro de 1995): 563-94.

Evans, Sara M. Born for Liberty: A History of Women in America. Nova York: The Free Imprensa, 1 989.

FALUDI, Susan. Reação: a guerra não declarada contra as mulheres americanas. Nova Iorque: Coroa, 1 991.

FIEDLER, Leslie. Freaks: mitos e imagens do eu secreto. Nova York: Simon and Schuster, 1978.

_____. Amor e Morte no Romance Americano. Nova York: Criterion Books, 1 960.

_____. "Piedade e medo." Salmagundi 57 (outono de 1982): 57-69.

Fine, Michelle e Adrienne Asch, eds. Mulheres com Deficiência: Ensaios em Psicologia, Cultura e Política. Filadélfia: Temple University Press, 1 988.

_____. "Mulheres deficientes: sexismo sem pedestal." Journal of Sociology and Social Welfare 8 (2): 233-48.

Dedo, Ana. "Reivindicando todos os nossos corpos: direitos reprodutivos e deficiência." Em Rita Arditti, Renate Duell Klein e Shelley Minden, eds., Test-Tube Women: vVhat Future for Motherhood? Boston: Pandora, 1 984.

Finkelstein, Victor. Atitudes e Pessoas com Deficiência: Questões para Discussão. Nova York: World Rehabilitation Fund, 1 980.

Firestone, Sulamita. A dialética do sexo: em defesa da revolução feminista. Novo York: vVilliam Morrow, 1 970.

Fischer, Felipe. Hard Facts: Setting and Form in the American Novel. Nova York: Oxford University Press, 1985.

Foucault, Michel. A Arqueologia do Saber e o Discurso da Linguagem. Trans. Alan IV1. Sheridan-Smith. Nova York: Pantheon, 1 972.

_____. Nascimento da Clínica: Uma Arqueologia da Percepção Médica. Trans. Alan M. Sheridan-Smith. Nova York: Pantheon, 1 973 .

_____. Disciplinar e Punir: O Nascimento da Prisão. Trans. Alan M. Sheridan-Smith. Nova York: Vintage Books, 1 979.

_____. Loucura e Civilização: Uma História da Insanidade na Era da Razão. Trans. Ricardo Howard. Nova York: Pantheon, 1 965.

_____. Poder/conhecimento: entrevistas selecionadas e outros escritos. Ed. e trans. Colin Gordon. Nova Iorque: Pantheon, 1 980.

Machine Translated by Google

FOX-GENOVESE, Elizabeth. Feminism "Vithout Illusions. Chapel Hill: University of North California Press, 1 991.

Aberrações. Dir. Tod Browning. Metro-Goldwyn-Mayer, 1 932.

Freedman, Rita Jackaway. Limite da Beleza. Lexington, Mass.: Lexington Books, 1 986.

Friedman, John Block. As raças monstruosas na arte e no pensamento medievais. Cambridge: Harvard University Press, 1 981.

Friedman, Lawrence M. e Jack Ladinsky. "Mudança Social e o La',' de Acidentes Industriais." Columbia Law Review 67, no. 1 (jan. 1 967): 5 0-8 l.

Freud, Sigmund. "Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico." Em Collected Papers vol. 4. Trans. Joan Rivière. Londres: Hogarth, 1 9 5 7, pp. 318-23.

Foda-se, Diana. Falando Essencialmente: Feminismo) Natureza) e Diferença. Nova Iorque: Routledge, 1 989.

Gallagher, Hugh Gregory. Por Confiança Traída: Pacientes) Médicos) e a Licença para Matar no Terceiro Reich. Nova York: Holt, 1 989.

_____. A Esplêndida Decepção de FDR. Nova York: Dodd Mead, 1 985.

Gartner, Alan e Tom Joe, eds. Imagens de Deficientes) Imagens de Desativação. Nova Iorque: Praeger, 1 987.

Gates, Henry Louis, Jr. "A escuridão da escuridão: uma crítica do signo e do macaco significante." Em Henry Louis Gates, Jr., ed., Literatura Negra e Teoria Literária. Nova York: Methuen, 1 984, pp. 28 5-32 l.

Gayle, Addison, Jr. "The Black RebeL" In The Way of the New World: The Black Novel in America. Nova Iorque: Anchor/Doubleday, 1 9 75.

Gerber, David. "Vontade e Valorização: As 'Carreiras' de Pessoas Exibidas em Freak Shows." Em Rosemarie Garland Thomson, ed., Freakery: Espetáculos Culturais do Corpo Extraordinário. Nova York: Ne'r York University Press, 1 996.

Giddings, Paula. Quando e onde eu entro: o impacto do negro vVomen em raça e sexo na América. Nova York: Bantam Books, 1 984.

Giligan, Carol. In a Different Voice: Teoria Psicológica e Desenvolvimento Feminino. Cambridge: Harvard University Press, 1 982.

Gilman, Charlotte Perkins. Mulheres e Economia. 1 898. Reimpressão, Nova York: Harper Torchbooks, 1 966 .

_____. "O papel de parede amarelo." New England Magazine (1 de janeiro de 892) .

Gilman, Sander L. Diferença e Patologia: Estereótipos de Sexualidade, Raça) e Loucura. Ithaca: Cornell University Press, 1 985.

Ginzberg, Lori D. W01nen e o Trabalho de Benevolência: Moralidade, Política) e Classe nos Estados Unidos do século XIX. New Haven: Yale University Press, 1 990.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a gestão da identidade estragada. Englewood Cliffs, N.].: Prentice-Hall, 1 963.

Gould, George M. e Walter L. Pyle. Anomalias e Curiosidades da Medicina . Filadélfia: WB Saunders, 1 897.

Gould, Stephen Jay. O Sorriso do Flamingo: Reflexões em História Natural. Nova Iorque: Norton, 1 985.

Machine Translated by Google

_____. "A Vênus Hotentote." História Natural 91, n. 10 (1º de outubro de 982): 20-27.

_____. O 1V1 é a medida do Homem. Nova York: Norton, 1 981.

Grant, Judite. Feminismo Fundamental: Contestando os Conceitos Centrais da Teoria Feminista. Nova York: Routledge, 1 993.

Greenblatt, Stephen. ((Fiction and Friction." In Thomas C. Heller et al., eds., Re structing Individualism: Autonomy, Individuality and Self in Western Thought. Stanford: Stanford University Press, 1986, pp. 30-52.

Groce, Nora. Todos aqui falavam linguagem de sinais: surdez hereditária em Martha}s Vinhedo. Cambridge: Harvard University Press, 1 985.

Groz, Elizabeth. "Ambigüidade intolerável: Freaks como / no limite." Em Rosemarie Garland Thomson, ed., Freakery: Espetáculos Culturais do Corpo Extraordinário. Nova York: New York University Press, 1996.

Hahn, Harlan. "A deficiência pode ser bonita!?" Política Social (Outono de 1988): 26-3 1.

Haller, Mark H. Eugenia: atitudes hereditárias no pensamento americano. New Brunswick, N.];: Rutgers University Press, 1 984.

Haraway, Donna. iiA Manifesto for Cyborgs: Science, Technology, and Socialist Feminism in the 1 980s." Socialist Review 80 (1985): 6 5-107.

Harpham, Geoffrey Galt. Sobre o grotesco: estratégias de contradição na arte e Literatura. Princeton: Princeton University Press, 1 982.

Harris, Neil. Farsa: A Arte de PT Barnum. Boston: Little, Brown, 1973.

Harris, Sharon M. Rebecca Harding Davis e o Realismo Americano. Filadélfia: Pennsylvania University Press, 1 991.

_____. "Rebecca Harding Davis: Do Romance ao Realismo.H Arnerican Literary Realismo 21, n. 2 (Inverno de 1989): 4-20.

Haskell, Thomas L. "Capitalism and the Origins of the Humanitarian Sensibility, Part American " eu. History Review 90, no. 2 (abril 1 985): 339-61.

_____. "Capitalismo e as Origens da Sensibilidade Humanitária, Parte 2." American History Review 90, n. 3 (1 de junho de 1985): 547-66.

Hawthorne, Nathaniel. A Letra Escarlate: Um Romance . 1 8 50. Reimpressão, Nova York: Bobbs-Merrill, 1 963 .

Hays, Peter L. O herói que manca: grotescos na literatura. Nova York: New York University Press, 1 97 1 Heilbrun, Carolyn. ·

Escrevendo a vida de uma mulher. Nova York: Norton, 1 988.

Hennessy, Rosemary. O Feminismo Materialista e a Política do Discurso. Nova York: Routledge, 1 993.

Hermann, Otto W. Fahrend Volk. Signor Salterino, Leipzig: Weber, 1 895.

Olá, David. As Criaturas Esquecidas pelo Tempo: Fotografia e Deficiência l1nagery. Londres: Routledge, 1 992.

Herndl, Diane Price. Invalid Women: Figuring Illness in American Fiction and Culture, 1 840-1 940. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1 993.

_____ e Robyn Warhol. Feminismos. New Brunswick, N .J. : Rutgers University Press, 1 99 1.

Machine Translated by Google

Hillyer, Bárbara. Feminismo e Deficiência. Norman, Oklahoma: Universidade de Oklahoma Imprensa, 1 993.

Hirsch, Marianne e Evelyn Fox Keller, eds. Conflitos no Feminismo. Nova York: Routledge, 1 990.

Hofstadter, Ricardo. Darwinismo Social no Pensamento Americano. Boston: Beacon Press, 1 944.

ganchos, sino. Não sou uma mulher: mulheres negras e feminismo. Boston: South End Press, 1 981.

HOROWITZ, Maryanne Cline. "Aristóteles e as Mulheres." Jornal da História da Biologia 9 (1 976): 1 83-213.

HUBARD, Ruth. "Quem deve e não deve habitar o mundo." Em Ruth Hubbard, The Politics of ed. , Women's Biology. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1 990, pp. 1 79-98.

Huet, Marie-Helene. Imaginação Monstruosa. Cambridge: Harvard University Press, 1 993.

Hurston, ZoraNeale. Seus olhos estavam observando Deus. Chicago: Universidade de Illinois Imprensa, 1 978.

Jacobs, Harriet. Incidentes na vida de uma escrava. 1 861. Reimpressão, Cambridge: Harvard University Press, 1 987.

Jameson, Fredric. "Pós-modernismo, ou a lógica cultural do capitalismo tardio." Novo Left Review 1 46 (julho-agosto 1 984): 53-92.

Jehlen, Myra. Encarnação americana: o indivíduo, a nação e o continente. Cambridge: Harvard University Press, 1 986.

Johnson, Carlos. Passagem do meio. Nova York: MacMillan, 1 990.

Johnson, James Weldon. A autobiografia de um ex-homem de cor. Nova York: Alfred A. Knopf, 1 927.

Jones, Edward E., e outros. Estigma social: a psicologia dos relacionamentos marcados. Nova York: Freeman, 1 984.

Jordan, Judith, e outros. Crescimento feminino em conexão: escritos do Stone Center. Nova York: Guilford, 1 991.

Kant, Emanuel. "Crítica do Julgamento". Em Hazard Adams, ed., Critical Theory Since Platão . Nova York: Harcourt Brace, 1 971, pp. 3 79-99.

Kaplan, Deborah. "Direitos das Pessoas com Deficiência: Perspectivas sobre Tecnologias Reprodutivas e Políticas Públicas." Em Sherrie Cohen e Nadine Taub, eds., Reproductive Laws for the 1 990s. Totowa, N .}. : Humanities Press, 1 989, pp. 24 1-47.

Kaplan, E. Ann. "O Olhar é Masculino?" Em Ann Snitow, Christine Stansell e Sharon Thompson, eds., Powers of Desire: The Politics of Sexuality. Nova York: Monthly Review Press, 1983, pp. 309-25.

Katz, Michael B. In the Shadow of the Poorhouse: A Social History of Welfare in America. Nova York: Basic Books, 1 986.

KELLER, Evelyn Fox. "Gênero e Ciência". Em Evelyn Fox Keller, ed., Reflexões sobre Gênero e Ciência. New Haven: Yale University Press, 1 985, pp. 7 5-94.

Machine Translated by Google

Kelly, Maria. Mulher Privada, Fase Pública: Domesticidade Literária na América do Século XIX. Nova Iorque: Oxford University Press, 1 984.

_____. "Os Sentimentalistas: Promessa e Traição no Lar." Sinais: Jornal de vWomen in Culture and Society 4, no. 31 (1 979): 434-46.

Kent, Débora. "Em Busca de uma Heroína: Imagens de Mulheres com Deficiência na Ficção e no Drama." Em Asch and Fine, eds., Women with Disabilities, pp. 90-1 1 0.

Kessler, Carol Farley. Elizabeth Stuart Phelps. Boston: Twayne, 1 982.

Kevles, Daniel J. Em Nome da Eugenia: Genética e os Usos da Hereditariedade Humana. Berkeley: University of California Press, 1 985.

Kittay, Eva Feder e Diana T. Meyers. Mulheres e Teoria Moral. Totowa, NJ: Rowman e Littlefield, 1 987.

Kokaska, Charles, et al. "Pessoas com deficiência na Bíblia." Literatura de Reabilitação 45, no. 1-2 (1 984): 20-2l.

Kolodny, Annette. A Terra Antes Dela. Chapel Hill: Universidade da Carolina do Norte Imprensa, 1 985.

Kracauer, Siegfried. O Ornamento de Massa: Ensaios de Weimar. Trans. e ed. Thomas Y. Trovão. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

Kriegel, Leonard. "Tio Tom e Tiny Tim: algumas reflexões sobre o aleijado como negro." The American Scholar 38, n. 3 (Verão 1 969): 412-3 0.

_____. "O Lobo no Poço no Zoológico." Política Social (Outono de 1982): 1 6-2 3.

Kristeva, Júlia. Poderes do horror: um ensaio sobre a abjeção. Trans. Leon S. Roudiez. Novo York: Columbia University Press, 1 982.

Kuhn, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

Kunhardt, Philip B. Jr., Philip B. Kunhardt III e Peter W. Kunhardt. PT Barnum: o maior showman da América. Nova York: Alfred A. Knopf, 1 995.

Lakoff, Robin Tolmach e Raquel L. Scherr. Valor nominal: a política da beleza. Boston: Routledge, 1 984.

Lane, Harlan. Quando a Mente Ouve: Uma História dos Surdos. Ne'r York: Random House, 1 984.

Lang, Amy Schrager. "Class and the Strategies of Sympathy." In Shirley Samuels, ed., The Culture of Sentiment: Race, Gender, and Sentimentality in Nineteenth Century America. New York: Oxford University Press, 1 992.

_____. Mulher profética: Anne Hutchinson e o problema da dissidência na Literatura da Nova Inglaterra. Berkeley: University of California Press, 1 987.

Laqueur, Thomas W. "Bodies, Details, and the Humanitarian Narrative." Em Lynn Hunt, ed., A Nova História Cultural. Berkeley: California University Press, 1 989.

_____. Fazendo sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Cambridge: Harvard University Press, 1 990.

Laurence, JZ "Um breve relato da mulher barbuda e peluda." Lancet 2 (1 857): 48.

Machine Translated by Google

LAZERSON, Marvin. "As Origens da Educação Especial". Em JG Chambers e William T. Hartman, eds., Special Education Politics: Their History, Implementmentation, and Finance. Filadélfia: Temple University Press, 1 983, pp. 1 5-47.

Leavitt, Judith Walzer, ed. Mulheres e Saúde na América. Madison: University of Wisconsin Press, 1 984.

Lenihan, J. "Americanos deficientes: uma história." Apresentações (nov.!dez. 1 9 76-Jan. 1 977): 1-69.

Lerner, Gerda. "The Lady and the Mill Girl: Mudanças no status das mulheres na Era de Jackson." Midcontinent American Studies Journal 10 (1 969): 5-1 5.

Lerner, Melvin. A Crença em um Mundo Justo. Nova York: Plenum, 1 980.

Leverenz, David. "A política das palavras criadoras de homens de Emerson." PMLA 101, nº. I (janeiro de 1 986): 49.

Liacho\Nitz, Claire H. Deficiência como uma construção social: raízes legislativas. Filadélfia: Pennsylvania University Press, 1 988.

LINDFORS, Bernth. "Africanos de circo." Jornal da Cultura Americana 6, no. 2 (1983): 9-1 4.

_____. 'A Vênus Hotentote' e outras atrações africanas no século XIX Inglaterra." Australasian Drama Studies 1, no. 2 (1 983): 82-104.

_____. "p' T. Barnum e África." Studies in Popular Culture 7 (1 984): 1 8-2 5.

Longmore, Paul K. "Contribuição Conspícua e Dilemas Culturais Americanos: Teletons, Virtude e Comunidade." Em David Mitchell e Sharon Snyder, eds., Storylines and Lifelines: Narratives of Disability in the Humanities. Próximo.

_____. "Uma Nota sobre a Linguagem e a Identificação Social das Pessoas com Deficiência." Cientista Comportamental Americano 28, no. 3 (jan.-fev. 1 985): 419-23.

_____. "Estereótipos de Triagem: Imagens de Pessoas com Deficiência." Política Social 16 (Verão de 1985): 3 1-3 8.

Lorde, Audre. Irmã Forasteira. Trumansburg, N.Y. : The Crossing Press, 1 984.

_____. Zami: Uma Nova Ortografia do Meu Nome. Freedom, Califórnia: The Crossing Press, 1 982.

LOTT, Eric. Amor e roubo: Blackface Minstrelsy e a classe trabalhadora americana. Nova York: Oxford University Press, 1993.

Lukacs, Georg. O Significado do Realismo Contemporâneo. Trans. John e Necke Mander. Londres: Merlin, 1 963.

MacAloon, John J. "Jogos Olímpicos e a Teoria do Espetáculo nos Tempos Modernos." Em John J. MacAloon, ed., Rite, Drama, Festival, Spectacle: Rehearsals Toward a Theory of Cultural Performance. Filadélfia: Institute for the Study of Human Issues, 1 984, pp. 24 1-80.

MacPherson, CB The Political Theory of Possessive Individualis1n: Hobbes to Locke. Oxford: Clarendon, 1 962.

Maires, Nancy. "Sobre ser um aleijado." Em Nancy Mairs, Plaintext: Essays. Tucson, Arizona: University of Arizona Press, 1986, pp. 9-21.

Malpezzi, Frances. "O Parceiro Silencioso: Um Sermão Feminista sobre o Evangelho Social." não. Estudos em Humanidades 1 3 , 2 (dezembro 1 986): 1 03-1 0.

Machine Translated by Google

Marshall, Paula. Menina Marrom, Brownstones. Old Westbury, NYÿ: The Feminist Press, 1 981.

_____. Canção de louvor para o Widoltv. Nova York: Dutton, 1 983.

Martin, Biddy. "Identidade lésbica e diferença autobiográfica [s]." Em Bella Brodzki e Celeste Schenck, eds., Life/Lines: Theorizing V\;omensAutobiography. Ithaca: Cornell University Press, 1 988, pp. 77-1 03.

Martin, Hovvard. \1ictoriano grotesco. Londres: Jupiter Books, 1 977.

Mascia-Lees, Frances E. e Patricia Sharpe. "O Marcado e o Não(re)marcado: Tatuagem e Gênero em Teoria e Narrativa." Em Frances E. l'ascia-Lees e Patricia Sharpe, eds., Tattoo, Torture, Mutilation, and Adornment. Albany: SUNY Press, 1 992, pp. 1 4 5-70.

Sociedade Histórica de Massachusetts. “As 'Crianças Astecas'. " ÿ1. HS Miscellany 50 (Primavera de 1 992) : 1 -3.

Mathiessen, FO O Renascimento Americano. Nova York: Oxford University Press, 1 941.

McConachie, Bruce A. "Teatro de Museus e o Problema da Respeitabilidade para Americanos Urbanos de Meio Século." Em Ron Engle e Tice L. Miller, eds., The American Stage: Social and Econotnic Issues from the Colonial Period to the Present. Nova York: Cambridge University Press, 1993, pp. 6 5-80.

McDonald, Barbara com Cynthia Rich. Olhe-me nos olhos: mulheres idosas, envelhecimento e _Idaden. San Francisco: Spinsters, Ink, 1 983.

McNamara, Brooks. '"Um Congresso de Maravilhas): A ascensão e queda da moeda de dez centavos Museu." ESQ 20, nº 3 (1 974) : 216-32.

Melville, Hermann. Mobi Dick. 18 51. Reimpressão, Nova York: Bobbs-Merrill, 1 964.

Messer-Davidow, Ellen. "As bases filosóficas da crítica literária feminista." New Literary History: A Journal of Theory and Interpretation 1 9, no. 1 (Outono de 1987) : 65-103.

Meyer, John W. "I\1yths of Socialization and of Personality." Em Thomas C. Heller et al., eds., Reconstruindo o Individualismo: Autonomia, Individualidade e Eu no Pensamento Ocidental. Stanford: Stanford University Press, 1 986, pp. 208-2 1.

MEYERS, Marvin. A Persuasão Jacksoniana: Política e Crença. Nova York: vintage, 1957.

Miles, AEW "Julia Pastrana: A Dama Barbuda." Proceedings of the Royal Society of Medicine 67 (1 974) : 1 60-64.

Miller, Jean Baker. Para uma Nova Psicologia da Mulher. Boston: Beacon Press, 1 976.

Minow, Marta. Fazendo toda a diferença: inclusão, exclusão e direito americano. Ithaca: Cornell University Press, 1 990.

Mitchell, lVlichael. Monstros da Era Dourada: As Fotografias de Charles Eisenmann. Toronto: Gage, 1 979.

Morgan, Kathryn Pauly. "Mulheres e a faca: cirurgia plástica e a colonização dos corpos das mulheres." Hipátia 6, nº. 3 (outono de 1991) : 2 5-53.

Morrison, Tony. Amado. Nova York: New American Library, 1 987.

_____. O Olho Mais Azul. Nova York: Washington Square Press, 1 970.

Machine Translated by Google

_____. Brincando no escuro: a brancura e a imaginação literária. Cambridge: Harvard University Press, 1 992.

_____. Canção de Salomão. New York: New American Libral) 1 977.

_____. Sula. Nova York: New American Library, 1 973 .

_____. Tar Baby. Nova York: New American Library, 1 981.

Mudrick, Nancy. "Mulheres deficientes". Sociedade 20, n. 3 (1 de março/abril de 1983): 5 2-55.

Muller, Gilbert H. Pesadelos e Visões: Flannery O'Connor e o Católico Grotesco. Atenas: University of Georgia Press, 1 972 .

Murphy, Roberto. O Corpo Silencioso. Nova York: Holt, 1 987.

Nicholson, Linda J. Feminismo/Pós-modernismo. Nova York: Routledge, 1 990.

Nightingale, Florença. "Cassandra", 1 928. Reimpresso em Ray Strachey, ed. , A Causa: Uma Breve História do Movimento Feminino na Grã-Bretanha. Londres: Virago, 1 978, pp. 395-418.

Aceno, Nel. Cuidar: Uma Abordagem Feminina à Ética e à Educação Oral. Berkeley: University of California Press, 1 984.

Norden, Martin. O Cinema do Isolamento: Uma História da Deficiência Física no Cinema. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1 994.

OLSEN, Tillie. Silêncios. Nova York: Dell, 1 965.

ORBACH, Susie. A gordura é uma questão feminista: o guia anti-dieta para perda permanente de peso. Nova York: Paddington Press, 1 978.

_____. Greve de Fome: A Luta dos Inoréticos como uma Nétafora para a Idade. Nova Iorque: Norton, 1 986.

Paden, Carol e Tom Humphreys. Surdos na América: Vozes de uma Cultura. Cambridge: Harvard University Press, 1 988.

pare , Ambroise. Em 1VIonsters e Marvels. 1 5 73 . Trans. Janis Pallister. Reimpressão, Chicago: University of Chicago Press, 1 982.

Park, Katherine e Lorena Daston. "Concepções não naturais: o estudo dos monstros na França e na Inglaterra dos séculos XVI e XVII." Passado e presente 92 (1 de agosto de 981): 20-54.

PARKER, Gail. The Oven Birds: American Women on Womanhood, 1 820-1 920. Garden City, N .Y: Anchor Books, 1 972.

Pateman, Carole. O Contrato Sexual. Stanford: Stanford University Press, 1 988.

_____ e Elizabeth Gross, eds. Desafios Feministas: Teoria Social e Política. Boston: Northeastern University Press, 1986.

PATERSON, Kathleen. "Deficiência e identidade na ficção curta de Flannery O'Connor." Manuscrito não publicado, 1991 .

Petry, Ana. A rua. 1 946. Reimpressão, Boston: Beacon Press, 1 974.

Phelps, Elizabeth S. Doutor Zay. 1 882. Reimpressão, Nova York: The Feminist Press, 1 987.

_____. O Parceiro Silencioso. 1 87l. Reimpressão, Nova York: The Feminist Press, 1 983.

_____. "Dez de janeiro." Em Elizabeth S. Phelps, O Parceiro Silencioso. 1 871. Novo York: The Feminist Press, 1983 .

____ . "Por que eles farão isso?" Harpers 36 (1 886): 218-23.

Machine Translated by Google

Porter, Theodore M. The Rise of Statistical Thinking, 1 820-1 900. Princeton: Princeton University Press, 1 986.

Proctor, Roberto. Higiene Racial: Medicina Sob os IVazis. Cambridge: Harvard University Press, 1 988.

Marjorie . " 'Padrão Contra o Céu': Deísmo e Maternidade em The Pryse, de Ann Petry, Street." In Marjorie Pryse and Hortense J. Spillers, eds., Conjuring: B Lack \Vomen, Fiction, and Literary Tradition. Bloomington: Indiana University Press, 1 985, pp. 1 1 6-3 1.

RAYNAUD, Claudine. " 'Uma noz-moscada aninhada dentro de sua cobertura de maça': Zami de Audre Lorde ." Em Bella Brodzki e Celeste Schenck, eds., Life/lines: Theorizing Women's Autobiography. Ithaca: Cornell University Press, 1 988, pp. 22 1-42.

Reinharz, Shulamit. "Amigos ou inimigos: teoria gerontológica e feminista." Mulheres Studies International Foruln 9, no. 5 (1 986): 503-14.

Rico, Adriane. "Quando Nós Mortos Despertarmos." Em Adrienne Rich, Sobre Mentiras, Segredos e Silêncio. Nova York: Norton, 1 979.

Robinson, Paulo. uRespostas a Leslie Fiedler." Salmagundi 57 (outono de 1982): 74-78.

Rodgers, Daniel T. The Work Ethic in Industrial America, 1 8 50-1 920. Chicago: University of Chicago Press, 1 978.

ROEDIGER, David. Os Salários de Vhiteness. Nova York: Verso, 1 991.

Romm, Sharon. A face mutante da beleza. St. Louis: Mosby-Year Book, 1 992.

ROTH, Guilherme. "Handicap como uma construção social." Sociedade 2 0, não. 3 (março/abril 1 983): 5 6-61.

ROTHMAN, David. A Descoberta do Asilo: Ordem e Desordem Social na Nova República. Boston: Little Brown, 1 971.

RODDICK, Sara. "Pensamento Materno". Estudos Feministas 6, n. 2 (verão de 1980): 342-67.

Russo, Maria. O Grotesco Feminino: Risco, Excesso e Modernidade. Nova York: Routledge, 1 994.

Ryan, Maria. "A Parada Americana: Representações da Ordem Social do Século XIX." Em Lynn Hunt, ed., A Nova História Cultural. Berkeley: University of California Press, 1989, pp. 1 3 1-53.

_____. Empire of the Mother: American Writing About Domesticity, 1 8 30-1 860. Novo York: Institute for Research in History and The Havvthorne Press, 1 982.

Sacos, Oliver. Vendo vozes: uma jornada ao mundo dos surdos. Berkeley: Universidade da California Press, 1 989.

Samuels, Shirley, ed. A cultura do sentimento: raça, gênero e sentimentalismo na América do século XIX. Nova York: Oxford University Press, 1 992.

Sanchez-Eppler, Karen. "Laços corporais: a retórica cruzada do feminismo e da abolição." Representations 24 (Outono de 1988): 28-59.

Saxton, AH PT Barnum: A Lenda e o Homem. Nova York: Universidade de Nova York Imprensa, 1 989.

Saxton, Marsha. "Nascidos e não nascidos: as implicações das tecnologias reprodutivas para pessoas com deficiências." Em Rita Arditti, Renate Duell Klein e Shelley

Machine Translated by Google

Minden, eds., Test-Tube Women: VVhat Future for Motherhood? Boston: Pandora, 1 984, pp. 298-3 1 2 .

_____. "Triagem pré-natal e atitudes discriminatórias sobre deficiência". Gene Watch (janeiro a fevereiro de 1987): 8-10.

Assusta, Elaine. O corpo em dor: o fazer e o desfazer do mundo. Nova York: Oxford University Press, 1985.

Schur, Edwin M. Rotular mulheres desviantes: gênero) estigma) e controle social. Filadélfia: Temple University Press, 1 983.

Scotch, Richard K. Da Boa Vontade aos Direitos Civis: Transformando a Política Federal de Deficiência. Filadélfia: Temple University Press, 1 984.

Scott, Joan Wallach. "Desconstruindo a igualdade-versus-diferença: ou, os usos da teoria pós-estruturalista para o feminismo." Estudos Feministas 1 4, no. 1 (primavera de 1988): 3 3-50.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do Armário. Berkeley: Universidade da Califórnia Imprensa, 1 990.

SECULA, Allan. liThe Body and the Archive ." 39 de outubro (inverno de 1986): 3-64.

Selzer, lVlark. Corpos e Máquinas. Nova York: Routledge, 1 992.

Selzer, Ricardo. Lições mortais: notas sobre a arte da cirurgia. Nova York: Simon and Schuster, 1 987.

Sennett, Richard. A Queda do Homem Público. Nova York: Alfred A. Knopf, 1 977.

Shapiro, Joseph. Sem Piedade: Pessoas com Deficiência Forjando um Novo Movimento pelos Direitos Civis. Nova York: Times Books/Random House, 1 993.

Pratas, Anita. "Reconciliando Igualdade à Diferença: Cuidando (f) ou Justiça para Pessoas com Deficiências." Hypatia 1 0, no. 1 (Inverno 1 995): 30-55.

Sklar, Kathryn Kish. Catharine Beecher: A Study in American DOlnesticity. Nova Iorque: Norton, 1 973 .

Smith, Sidonie. Identidade subjetiva e corpo: práticas autobiográficas femininas No século vinte. Bloomington: Indiana University Press, 1 993.

Smith-Rosenberg, Carroll. Conduta Desordenada: Visões de Gênero na América Vitoriana. Nova York: Oxford University Press, 1 985. e Charles

_____ Rosenberg. "A fêmea animal: visões médicas e biológicas da mulher e seu papel na América do século XIX." Em Judith Leavitt Walzer, Mulheres e Saúde na América. Madison: University of , Wisconsin Press, ed. 1 984, pp. 1 2-27.

Sokolov, J. "Julia Pastrana e seu filho." Lancet 1 (1 862): 467-69.

Salomão, H ovvard IV!. "Estigma e Cultura Ocidental: Uma Abordagem Histórica." Em Stephen Ainlay et al., eds., O Dilema da Diferença: Uma Visão Multidisciplinar do Estigma. Nova York: Plenum, 1986, pp. 59-76.

Sontag, Susan. Doença como metáfora. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1 977.

Spelman, Elizabeth V. Mulher não essencial: problemas de exclusão no pensamento feminista. Boston: Beacon Press, 1 988.

Spillers, Hortense J. "Mudando a letra: os jugos, as piadas do discurso ou, Sra.

Machine Translated by Google

Stow, Sr. Reed." Em Deborah E. McDowell e Arnold Rampersad, eds., Slavery and the Literary Itnagination: Selected Papers from the English Institute, 1987. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989, pp.25-61.

Stallybrass, Peter e Allon \\Thite. A Poética e a Política da Transgressão. Ithaca: Cornell University Press, 1 986.

Starr, Paulo. Transformação Social da Medicina Americana. Nova York: livros básicos , 1 982.

Steig, Michael. "Definindo o grotesco: uma tentativa de síntese." Journal of Aesthetics and Art Criticism 29, no.2 (Winter 1 970): 253-60.

Stewart, Susana. Nonsense: aspectos da intertextualidade no folclore e na literatura. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1 978.

_____. Da saudade: narrativas da miniatura, do gigante, do souvenir, da coleção. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1 984.

Stigler, Stephen 1\1 . A História das Estatísticas: A Medição da Incerteza Antes de 1900 . Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1 986.

((Estigmatização." New Catholic Encyclopedia . vol. 1 3 . Nova York: McGraw Hill, 1 967, pág. 7 1 1-1 2.

Stone, Deborah A. O estado deficiente. Filadélfia: Temple University Press, 1 984.

Stowe, Harriet Beecher. A Chave da Cabana do Tio Tomás. Londres: 1 8 53.

_____. A Cabana do Tio Tomás ou Vida entre os humildes. 1 8 52. Reimpressão, Nova York: Penguin, 1 981.

Tag, John. "Um Meio de Vigilância: A Fotografia como Prova em Direito." Em John Tagg, O fardo da representação: evidência, verdade e ordem. Londres: Macmillan, 1 988, pp. 66-1 02 .

tate , Cláudia, ed. Escritoras negras em ação. Nova York: Continuum, 1 988.

Thomas, Brook. Exames Cruzados de Direito e Literatura: Cooper, Hawthorne, Stowe e Melville. Cambridge: Cambridge University Press, 1 987.

Thomas, John L. "Reforma Romântica na América, 181 5-1865." American Quarterly 17 (Inverno de 1965): 656-81.

Thomson, Rosemarie Garland, ed. Freakery: Espetáculos Culturais do Corpo Extraordinário. Nova York: New York University Press, 1996.

_____. "Redesenhando os limites dos estudos feministas sobre deficiência". estudos feministas 20 (Outono de 1994): 583-95.

Thomson, Felipe. O Grotesco. Londres: Methuen, 1 972.

Thurer, Shari. "Deficiência e monstruosidade: um olhar sobre as distorções literárias das condições de deficiência". Literatura de Reabilitação 41, no. 1-2 (1980): 1 2-1 5.

Tocqueville, Alexis de . Democracia na América. vols. I e II. 1 840, 1 862 . Reimpressão, Novo York: Vintage Books, 1990.

TOMPKINS, Jane. Sensational Designs: The Cultural Work of American Fiction, 1 790- 1 8 60. Nova York: Oxford University Press, 1 985.

Torgovnick, Mariana. Gone Primitive: Savage Intellects, Modern Lives. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

Machine Translated by Google

Truzzi, lVIarcello. "Circo e espetáculos paralelos." Em Myron Matlaw, ed., American Popular Entertainment. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1 979, pp. 1 7 5-8 5.

Tuana, Nancy. O Sexo Menos Nobre: Concepções Científicas, Religiosas e Filosóficas da Natureza da Mulher. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

Turner, Victor. A Floresta dos Synzbols: .Aspectos do Ritual Nédembu. Ithaca: Cornell University Press, 1 967.

T\\Iyitchell, James B. Carnival Culture: The Trashing of Taste in America. Nova Iorque: Columbia University Press, 1 992.

Senado dos EUA. 1 989. A Lei dos Americanos com Deficiência de 1 989. 101ª Cong. , 1ª sess., Res. S. 933.

Van Cleve, John e Barry Crouch. Um lugar próprio: criando a comunidade surda na América. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1 989 .

Van O'Connor, William. O grotesco: um gênero americano e outros ensaios. Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 1 962.

Veblen, Thorstein. A Teoria da Classe Ociosa. 1 899. Reimpressão, Boston: Houghton Mifflin, 1 973.

VERBRUGGE, Martha. Vomanhood Able-Bodied: saúde pessoal e mudança social em Boston do século XIX. Nova York: Oxford University Press, 1988.

Vertinsky, Patrícia. "Exercício, capacidade física e o homem eternamente ferido no final do século XIX na América do Norte." Journal of Sport History 1 4, no. 1 (1987): 7.

Walker, Cheryl Marie. "Eu não sou um dos." EM . 1 1 Wade , não. 3 (nov.!dezembro 1991): 57.

Alice. A cor roxa. Nova York: Washington Square Press, 1 982.

_____. Meridiano. Nova York: Pocket Books, 1 976.

Walters, Ronald G. American Reformers, 1815-1 860. Nova York: Hill e Wang, 1 978.

_____. O Apelo Antiescravagista: Abolicionismo Americano Após 1 8 30. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1 976.

Warhol, Robyn R. "Poética e Persuasão: A Cabana do Tio Tomás como Romance Realista." não. 2 Ensaios de Literatura 1 3 , (outono de 1988): 283-98.

Warkany, Josef. "Malformações congênitas no passado." In TVN Persaud, ed. , Problemas de Defeitos Congênitos. Baltimore: University Park Press, 1977, pp. 5-1 7 .

Warren, Joyce W. Narciso americano: individualismo e mulheres na ficção americana do século XIX. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1 984.

Erva daninha, Elizabeth. "Introdução: Termos de Referência." Em Elizabeth Weed, ed. , Chegando a um acordo: Feminismo, Teoria, Política. Nova York: Routledge, 1 989, pp. ix-xxxi.

Weinberg, Nancy. "Outra Perspectiva: Atitudes das Pessoas com Deficiência." Em Harold E. Yuker, eds., Attitudes Toward Persons with Disabilities. Nova York: Springer, 1 988, pp. 1 4 1-53.

BOLTER, Bárbara. "O culto da verdadeira feminilidade: 1 820-60." American Quarterly 1 8, no. 2 (1 966): 151-74.

Wicke, Jennifer. "Material de celebridades: feminismo materialista e a cultura da celebridade." South Atlantic Quarterly 93, no.4 (outono de 1994): 7 5 1-78.

Machine Translated by Google

Willis, Susana. "Erupções do Funk: Historizando Toni Morrison." Em Especificando: mulheres negras escrevendo a experiência americana. Madison: University of Tisconsin Press, 1987, pp. 83-109.

Wilson, Dudley. Sinais e Presságios: Nascimentos Monstruosos da Idade Média ao Iluminação. Londres: Routledge, 1 993.

Wilson, Harriet E. Nosso Nig; ou, Esboços da vida de uma falta de B livre. 1 8 59. Reimpressão, Nova York: Vintage, 1 983.

Winship, Michael P. "Prodígios, puritanismo e os perigos da filosofia natural: o exemplo de Cotton Mather." William and Mary Quarterly (janeiro de 1994): 92-105.

Wittig, Monique. "The Straight Mind". Feminist Issues 1, no. 1 (Verão 1 980): 101-1 0.

Lobo, Noemi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Nova York: William Morrow, 1 991.

Wolfensberger, Wolf. A Origem e a Natureza de Nossos Modelos Institucionais. Syracuse, NY: Human Policy Press, 1 975.

WOLOCH, Nancy. Mulheres e a Experiência Americana. Nova Iorque; Alfred A. Knopf, 1 984.

Madeira, Ann Douglas. "As doenças da moda: queixas das mulheres e seu tratamento na América do século XIX." Em Judith Walzer Leavitt, ed. , Mulheres e Saúde na América. Madison: University of Wisconsin Press, 1984, pp. 222-38.

Wright, Beatrice. "Atitudes e o viés negativo fundamental: condições e atitudes em relação às Correções." Em Harold Yuker, ed. , pessoas com deficiência. Nova York: Springer, 1988, pp. 3-21.

Young, Iris lV1arion. Justiça e política da diferença. Princeton: Universidade de Princeton Imprensa, 1 990.

_____, Jogando como uma garota e outros ensaios de filosofia feminista e teoria social. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

Yuker, Harold E., ed. Atitudes em relação às pessoas com deficiência. Nova York: Springer, 1 988.

Zola, Irving Kenneth. Peças que faltam: uma crônica de vida com deficiência. Filadélfia: Temple University Press, 1 982.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

IN D EX

.....

JAborto, lógica feminista de e dis
mulheres com
deficiência, 26 .Academie des
Sciences, 57 .Modelo de acomodação para
a deficiência,
49-5 1, 1 3 7 Identidade afro-americana, ideologia
de, 22 Romances \NOmasculinos afro-americanos,
6, 1 8, 1 36-1 37 ; e apropriação de órgão
extraordinário, 1 8; e celebração da
diferença, 1 8; e figura deficiente, 9, 1 03, 1
0 5; e discurso de raça, 29 .Agência, 62,
90, 97; feminino, 1 1 0, 1 1 6, 1 2 5; falta de
número de deficientes, 1 1 50; limites ,
de, 59 i\ging, e
invalidez, 1 4; desinteresse das feministas, 26
i\americans
with Disabilities Act, 6, 23, 49, 1 06-1 07
i\nomaly, 1 1
2; intolerância cultural,
33; soluções culturais para, 34-3 7, 41;
eliminação de, 36; e grotesco, 38; papel do
no pensamento científico, 3 7-38; como
sinônimo de mal, 36

Aparência e show de horrores, 78; chefes
hierárquicos de; 39, 1 1 5 ; como índice de
valor feminino, 28; política de, 22, 1 3 5, 1 3 7
Aristóteles, Geração dos Animais, 1 9-20,
27, 28, 72; Ética a Nicômaco, 57;
Poética, II
Asch, Adrienne, 2 5, 1 1 8
Agostinho, 56
Autonomia, medo de perder, 41; ideologias
feministas de, 26; ideologias de, 1 6, 42,
44, 46, 50; valor de para o individualismo
liberal, 35, 37, 86; e ética de trabalho, 47,
48
Homem médio, 63-64; e American ideology of
self, 66; e do Emerson
Homem representativo, 64

Baartman, Sartje, 70-78, 1 34
Bakhtin, Mikhail, 1 7 ; e o corpo grotesco
como carnavalesco, 38, 1 1 3 Barker-
Benfield, GJ, 44 67, 73 ; e
Barnum, PT , americano
empreendedorismo, 58; e aberração

Machine Translated by Google

shows, 55, 56, 59, 69; Lutas e triunfos, 60
Barrie, JM,
Peter Pan, 10 Beleza, vantagem
de, III; concepção de pureza como, 33; equiparado à virtude, 97-98, 1 00; a descrição de Havelock Ellis, 28; e ficção sentimental, 1 03; padrões de, 7, 71, 93, 1 1 5 Beauvoir, Simone de, 30 Beecher, Henry Ward, , 131
Lectures to Young Men, 65
Benevolent maternalism, 1 7 , 82, 92, 98, , 131; e dis 1
02, 1 03
1 00-1 0 1 ,
figuras capacitadas, 84, 1 06; e capacitação, 86; beleza transcendente de, 83
Berger, John, 1 1 0
Movimento das Artes Negras, 1 05
Corpo, 1 3 5; aristocracia de, 64; e cul significado cultural, 5; como texto cultural, 22, 121, 12 5; controle feudal de, 39; historizado, 1 1 5, 121, 1 2 5; como impedimento à individualidade, 95; incapacidade de universalizar, 24; como máquina, 39; normativa, 78; política de, 21; e autodeterminação, 44 ; e categorias sociais, 21; variedade e deficiência, 24; violações de, 1 24
Bordo, Susana, 23
Bosch, Hieronymous, 1 1 2
Brady, Matthe\v, 62
Brainerd, Professor, 75-76
Buckland, Francisco, 74

Cuidados, mulheres com deficiência como receptoras de, 26, 85; mulheres como doadoras de, 26
Figura carnavalesca, 38, 1 1 3
Cartas de visita, 62
Celebração, retórica de, 1 06
Cícero, 56
Direitos civis e deficiência, 23
Movimento pelos direitos civis, 1 05; e africano Escritores \NOmen americanos, 1 30
Guerra Civil, 65
Classe, 99, 1 3 5
Collins, Patrícia Hill, 24
Modelo de compensação de invalidez, 49-5 1 , 1 3 7
Competência, padrões de, 7
Compton, Tom, 35
Cott, Nancy, 88, 1 09
Crevecoeur, J. Hector St. John de, 69
Crockett, Davy, 65
Cultura, como mediador de todas as experiências, 34; e representação, 5, 21 Cuvier, Georges, 76, 78 Cyborg, 1 24; e alteridade cultural, 1 1 5; como modelo para si mesmo, 1 1 4; como grotesco pós-modernista, 1 1 5, 1 3 3

Darwin, Charles, 77
Davis, Rebecca Harding, Vida no Ferro Mills, 1 7, 8 1-86, 88-90, 94-98, 101, 1 03 , 131
Democracia e crença na perfectibilidade, 46; e nivelamento de características individuais, 26, 64, 66, 67, 68; paradoxo de, 43, 68; como igualdade, 18
Desespero, retórica de, 1 06, 1 07
Desvio, desafios às interpretações de, 22, 40; e modelo de compensação de invalidez, 49; e conceito de "homem de idade média", 64; da sexualidade feminina, 56; concepções históricas de, 40; como marcado, 40, 1 30; narrativa de, 7, 1 26; como produto da estigmatização, 31
Dickens, Charles, 36; um natal Carol, 1 0, 12
Diferença, 1 20; acomodação para, 1 07; e o igualitarismo político americano, 1 7 ; antipatia em Kant, 33; celebração de, 1 8, 1 05; e desvio, 9, 49; economia de, 8; teoria feminina e feminista, 21; ideologia de, 8; minorização de, 22; narra-

Machine Translated by Google

nativos de, S, 1 6; como patologia, 1 1 4; perigo de, 66; como princípio de identidade, 1 04, 1 3 5; representação de, , 44; 1 1 retórica de, 1 05; e identidade social, 8; universalização de, 22; vulnerabilidade de, 1 06

Deficiência, 1 36; acomodação para, 49, 1 3 7; estetização de, 1 1 2; e Escritos de mulheres afro-americanas, 9, 1 04, 11 7; e variedade corporal, 24; categoria de, 1 3 21; e formação comunitária, 1 4-1 5; modelo de compensação de, 1 7 , 49, 1 3 7; e construcionismo, 23, 1 3 5; como contaminante, 36; como contingência, 48; soluções culturais para, 34-3 7; como perigoso, 37; desnaturalização de, 22; como desvio, 6, 23, 1 06; como diferença, 22; discursos de, 6, 1 6; e essencialismo, 23, 1 3 5; e etnia, 6, 9; como mau, 84; como excepcionalidade, 1 8 ; e feminilidade, 1 6, 2 1-22, 27; feminização de, 9; e show de horrores, 9, 62; funcional, 1 4; historicização de, 38; e identidade, 5 , 27, 1 3 7; e industrialização 1 3 , 48; e ((teoria do mundo justo", 3 7; como falta, 1 7 , 22, 1 03, 1 06; classificações legais de, 34, 35, 48-49; definição legal de, 6, 7; e links para gênero, 9; como marca da história pessoal, 1 2 5; marcas de, 40; e discurso médico, 6, 22; modelo médico de, 37, 49-50, 79; contexto moderno de, 39; representação modernista de, 1 06 ; e maternidade, 26; narrativas de, 38; e patologia, 6, 1 3 7; representação pós-modernista de, 1 06; e relações de poder, 21; e raça, 9; representação de, 9, 1 6, 1 8, 30; valor retórico de, 1 2, 1 5; e ficção sentimental, 9, 90, 1 03, 1 06; como categoria social, 47; como social e cultural construção civil, S, 1 8, 41, 1 3 5; e relações sociais, 1 4, 22, 41; e teoria sociológica do estigma, 30; no contexto sociopolítico, 72, 1 1 2; significado sociopolítico de, 7; estigma de, 1 3 1 22; usos simbólicos de, 36; teorização de, 22

Lei da deficiência, 6, 7, 34, 35, 48-49, 50, 1 06

Estudos sobre deficiência e feminismo, 21, 24-2 5, 30; manifesto para, 1 5-1 9, 23, 30; e ciências sociais, 30; e discurso universalizante, 22

Corpo deficiente, como anomalia, 33; e controle, 6; e insuficiência corporal, 6; e desvio, 6; discurso de, 29; e discurso de exclusão, 6; e corpo feminino, 1 9, 28; e show de horrores, 59, 64, 68; e grotesco, 1 0, 1 1 4-1 1 5 ; como híbrido, 1 1 4; e identidade, 6; objetivação de, 26; como prodígio, 57; e falta de papel, 25; construção social de, 32; significado social de, 1 9 ; estigmatização de, 48, 49, 50, 62; como texto, 59; e "leis feias", 7, 35; e vulnerabilidade, 6

Figura deficiente, estetização de, 9, 1 5; e desvio, 6; discurso de, 9; eliminação de, 34, 35; capacitação de, 1 03; e fantasia de autonomia, 44, 45, 46; e fantasia de autodeterminação, 46; e fantasia de autogoverno, 46; como aberração, 1 1 grotesco, 1 5 ; , 5 6, 58, 81; e historicização de, 1 3 7; como ícone de vulnerabilidade, 82; como sem acesso à individualidade liberal, 83; interpretação literária de, 9-1 0; e monstro, 36; narrativas de, 82; e identidade nacional, 42, 43; função não mimética de, 1 0, 1 1 ; objetivação de, 1 1 ; e alteridade, 1 0; politização de, 1 5; representação pós-moderna de, 1 1 3;

Machine Translated by Google

representação de, 7, 38, 41, 44; como elemento retórico na ficção, 82, 95; e ficção sentimental, 81; estigmatização de, 7; como texto, 84; versus pessoa com deficiência, 1 2-1 3, 23; e \Nork, 46

Figura deficiente: afro-americano feminino, 1 05, 1 1 3, 1 1 8, 1 22, 1 23, 1 2 5, 1 26; construção de, 1 03; e Gótico 1,08; tão grotesco, 1 08

Figura deficiente: feminino, 9, 18; representação cultural de, 1 8; como personificação da injustiça social, 83; e shows de horrores, 29; retratos negativos de, 1 8; como símbolo da alteridade, 29; na ficção sentimental, 89, 1 02

Domesticidade, discurso de, 83 ; e abnegação feminina, 88; marginalização de, 88; restrições de, 93; e trabalho, 93

Douglas, Mary, conceito de sujeira, 1 6, 30, 33; Pureza e Perigo: Uma Análise de Conceitos de Poluição e Tahoo, 33-36, 38, 39, 41, 1 1 2

Ehrenreich, Bárbara, 70

Eisenmann, Charles, 62

Ellis, Havelock e a descrição da beleza absoluta, 28

Emancipação, 65

Emerson, Ralph Waldo, 43, 44, 64, 68, 42; 81, 83, 90, 1 06, 1 30; "Destino", "Autossuficiência", 4 1-42, 65, 1 28

Capacitação e mater nalismo benevolente, 86; dependência da diferença, 8; mulher, 26 anos, doente; estratégias de, 1 03, 1 30

Enfreakment, 1 7, 58, 59, 70, 73, 77

Inglês, Deirdre, 70

Leis dos Pobres Ingleses, 48-49

Iluminismo, 24, 66, 77; e conceito de corpo, 39

Igualdade e fantasia de igualdade, 43, 1 06; ideal feminino de, 86; ideologia de, 68; e uniformidade, 1 30

Etnia, 1 3 5-1 36; e discurso de shows de horrores, 29; e links narrativos para a deficiência, 9

Eugenia, 34, 35

Corpo extraordinário e africano Escritores V\romen americanos, 1 1 6, 1 1 9, 1 20, 1 29, 1 30, 1 32; inferioridade cultural de, 7, 50; significado cultural e social de, 7, 70; desnaturalização de, S; discurso de, 75, 76; e perturbação da ordem social, 38; e show de horrores, 56, 61 62, 67, 69, 74, 78, 81; como base para identidade, 1 05; historicização de, 11 7 ; e representação literária, 1 5 ; e medicina moderna, 78 ; narrativas de, 57; e a política pós-moderna nacionalista, 18; objetivação de, 79; e patologia, 58, 80; como presságio, 58, 80; exibição pública de, 58, 60; e identidade social, 9; e ambiente de engenharia social, 7; como texto, 76-77

Corpo feminino e formas culturais de incapacitação, 27; como corpo masculino deformado, 20, 28, 72 ; e desvio, 1 9, 27, 71; e corpo deficiente, 1 9, 27-28; e show de horrores, 56, 7 1-72; ideal de, 28; inferioridade de, 1 9 ; responsabilidade de, 92, 96, 99, 1 00; como monstruosidade, 20; narrativas de, 94; objetivação de, 28; exclusão pública de, 1 9 ; construção científica de, 83; e ficção sentimental, 90; e sexualidade, 56, 72, 101; significados sociais de, 1 9; exclusão socioeconômica de, 1 9, 83 ; vulnerabilidade de, 93, 97

Sufrágio feminino, 65

Feminilidade e deficiência, 27; a versão ocidental de, 71

Machine Translated by Google

Feminismo e estudos sobre deficiência, 21; e política, 21
Teoria feminista, 20; e garanhão de deficiência ies, 24-25; como discurso da alteridade, 1 6; e objetificação sexual, 25; e estereótipos de deficiência, 27; variedades de, 21

Fine, lVlichelle, 25, 1 1 8
Fischer, Philip, 86-87
Aptidão, padrões de, 7
Linho, Jane, 19
Foucault, Michel e a delineação de norma moderna, 41, 77, 1 1 4; Disciplinar e Punir, 39; loucura e Civilização, 39; e sujeito moderno, 35, 38-40; Poder/Conhecimento, 39; e teorias do corpo, 1 7 , 30; e teorias da identidade, 16
Franklin, Benjamin, 1 09
Panfletos de shows de horrores e discurso médico, 7 5-76
Freaks e shows de horrores, 6, 9, 1 0, 1 1 , 1 2, 1 6, 44, 5 5, 81, 1 30, 1 32, 1 36; construção de, 70; e construção de individualidade americana, 64, 67; significado cultural de, 63-66, 67-70; e desvio, 1 3 3; e diferença, 60; e figuras deficientes, 81; e mulheres com deficiência, 29; discurso de, 29, 74, 75; e discurso da medicina, 70, 78; domesticação de, 66; e efeitos de fotografia, 6 1-62; e etnia, 29; igual aos "Nig shows" do circo, 63 ; e corpos extraordinários, 1 8, 55, 60-6 1 , 69; e gênero, 29, 71; e grotesco, 71; história de, 56-63 78-80; , como monstros, 29, 56, 70; narrativas de, 60, 61; como paródia do prestígio feudal, 67; e cultura popular, 75; popularidade de, 65, 6 6 raça, 1 4, 29; , 6 8 , 6 9 ; e representadas como mulheres, 70-71; e resistência a classificação, 34; como ritual social e cultural, 1 6-1 7, 59, 63, 67-68.
Exposições: Mulher Macaco, 73; Sra . "B", 70; Sartje Baartman, 70-78; Babuíno \\Toman, 73; Mulher Urso, 73; A Camel Girl, 69; Chang, o gigante chinês, 63; Eng e Chang, 59; Fiji Canibal, 63; O Homem Sapo, 69; Joice Heth, 59-60, 73, 76; Índio Híbrido, 73; William Henry Johnson, 69; Jo-Jo, o menino com cara de cachorro, 69; Bobby Kirk, 69; Laloo, 70; O último dos antigos astecas, 63; A Criança Leopardo, 69; Maravilha sem pernas, 63; Tono Maria, 5 5-56; "elos perdidos", 69, 71; "N na descrição", 73; Julia Pastrana, 56, 57, 70-78, 1 34; Piramal e Sami, 63; Charles Stratton, 61; Irmãos Tocci, 70; Robert Wadlow, 58; "What Is It?", 69 Liberdade, ideologia de, 68
Freud, Sigmund, 30; "As Exceções", 37; e teoria da castração feminina, 1 9, 72 Friedman, John Block, 57

Olhar, feminino, 1 1 0; e sexualidade feminina, 26; e show de horrores, 60, 74; e acesso da mulher ao poder, 97 1
Sexo, 62, 1 2 5 de, , 3 5-1 36; construção 21, 70; e diferença, 22, 1 06; e discurso de freak show, 29; discursos de, 6; e identidade, 1 30; e links para deficiência, 9; e ficção sentimental, 1 03; estigmas de, 1 22; teorização de por feministas, 22, 24; violações de, 73

Geoffroy Saint-Hilaire, Isidoro, 75
Giddings, Paula, 131
Gilman, Sander, 76, 78
Codey's Lady's Book, 98

Machine Translated by Google

Goffman, Erving, 8, 16; Estigma: Notes on the Management of Spoiled Identity, 30-33, 38, 39, 40, 41
Gould, Stephen Jay, 77
Grotesco, como categoria estética, 38, 1 1 2; e escrita feminina afro-americana, 1 0 5; e corpo deficiente, 1 0; e figura deficiente, 1 5 ; fascínio por, 67; e corpo feminino, 72; e shows de horrores, 71; como modo de liminaridade, 1 1 2; modernista, 1 07, III 1 1 3; como , 1 1 2, espetáculo, 1 32

Hahn, Harlan, 25, 40
Haraway, Donna, 1 1 4
Harpham, Geoffrey Galt, 1 1 2-1 13
Harris, Neil, 58
Hawthorne, Nathaniel, O Escarlate Carta, 1 2, 36, 75
Saúde, preocupação com, 44; ideologia de, 39
Heth, Joice, 59-60, 73, 76
Heumann, Judy, 26
Hevey, David, 1 7, 58
Homossexualidade, ideologia de,
22 Hottentot Venus, 70-78, 1 34. Ver também Baartman, Sartje
Hugo, Victor , The Corcunda de Notre Dame, 10 figuras
híbridas, 1 1 5

Identidade, mulheres afro-americanas, 1 27, 1 28; e corpo, 5, 20, 1 04; como construção, 21, 34; e cultura, 5; como diferença, 1 8 ; diferença como princípio de, 1 0 5; e deficiência, 5, 1 3 1 3, 1 5, 7; e teorias feministas, 21; historicização de, 24, 1 1 5 , 121-1 22, 1 2 5; ideologia de, 22; categorias normativas de, 1 26; produção de, 5, 1 3 5; social, 7, 40; e teoria do ponto de vista, 24

Políticas de identidade, 1 06; e africano Escrita de mulheres americanas, 1 07, 1 20, 1 30; e feminismo, 21
Imigração, 65, 78
Lei de Restrição de Imigração, 35
Independência, padrões de, 7; e ética de trabalho, 47, 48
remoção indígena, 65
Industrialização e deficiência, 48, 65, 78

Jacobs, Harriet, 131
Jeferson, Thomas, 69

Kant, Immanuel, "Crítica da Julgamento", 3 3
Kayser, Wolfgang, 1 1 2
Kneeland, Samuel, 76
Kriegel, Leonard, "Sobrevivente Aleijado," 1 2 5
Kubrick, Stanley, 36
Kuhn, Thomas S., A Estrutura das Revoluções Científicas, 3 7-38

Lamarck, Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet de, 36
Laurence, JZ , 73
Lawrence, DH, Amante de Lady Chatterley,
10 Lerner, Gerda,
92 Lerner, Melvin e a teoria do "mundo justo", 36, 37
Leverenz, David, 42
Individualismo liberal, 87; e personalidade americana, 68, 85; e deficiência, 47; e figura deficiente, 83; e distinção, 1 30; a elaboração de Emerson de, 42, 83, 87; ideologia de, 1 6, 1 7, 22, 29, 35, 41, 81, 86; e narrativa de progresso, 1 00; e problema do corpo, 44, 95, 1 00, 101; retórica de, 68; e ficção sentimental, 82, 84, 99, 1 03

Machine Translated by Google

Liminaridade e espaço liminar, 1 20, 1 24; e figura feminina deficiente, 1 1 8; de show de horrores, 1 7, 69, 73; e identidade, 1 1 3; e perspectiva sociopolítica, 1 1 3

Longmore, Paulo, 83
Lorde, Audre, 1 30, 1 3 7; e biomitografia, 1 8, 1 04, 1 26, 1 27, 1 28, 1 29, 1 3 3; Sister Outsider, 1 29, 1 3 3; Zami: Uma Nova Ortografia do Meu Nome, 1 , 1 8, 1 1 04-1 08, 1 1 3-1 1 4, 1 26-1 29, 1 34

MacPherson, C.P. , 45
Mairs, Nancy, 25
Mark, as deviance, 40; de desempoderamento, 40; como traço estigmatizável, 31 Marshall, Paule, 1 2 5 Benfeitora
materna, 1 7, 83; distância dos destinatários, 88, 94; e ficção sentimental, 82, 89, 90, 92, 9 5, 97, 99, 101. Ver também maternalismo benevolente
Benevolência materna, 1 8 ; contrato moral-social de, 89, 9 1 ; e ativismo social, 92. Ver também Benevolent maternalism McCullers,
Carson, "The Ballad of the Sad Cafe," 36 Melville, Herman,
3 6, Mary-Dick, or 36, 44-4 5, 1 06, A Baleia, 1 1-1 2 1 1 6 ,

Guerra Mexicana,
65 Meyer, John W. , 68
Monstro e corpo feminino, 20; e shows de horrores, 29, 56, 59, 70; como ícone da figura deficiente, 36; estudo de, 75; como maravilhas, 131
Morrison, Toni, 1 8, 1 1 5, 1 27, 1 28, 1 29, 1 30, 1 3 3, 1 3 7; Amado, 1 05, 1 1 6, 1 1 9, 1 20, 121, 1 24, 1 25 O Olho , 1 32, 1 34; Mais Azul, 1 0 5 1 22-1 23, 1 24, 1 26, 1 32; e revisão da ficção de Harriet Beecher Stowe, 1 3 1-1 32; Cântico dos Cânticos, 1 0 5, 1 1 9-1 20, 1 23-1 24, 1 34; Sula, 1 05, 1 1 6-1 1 8, 1 20- 1 21, 1 24, 125, 131, 1 3 3; Tar Baby, 29, 1 1 8-1 1 9, 1 20, 1 24
Maternidade e mulheres deficientes, 26 Mott, Alex, 75 Murphy,
Robert F. 1 1 3 , O Corpo Silencioso, 41,

Folheto narrativo, para freak show, 61. Títulos: "História e Descrição de Abomah, a Gigante Africana da Amazônia", 61; "Biografia, descrição médica e canções de Miss Millie/Christine, o rouxinol de duas cabeças", 61; "Besta de Bornéu", 61

Narrativas culturais, 1 05; de exclusão, 7; modernista, 1 08; naturalista, 1 08
Ideologias nacionais, 22
Naturalismo, 1 07
Nova Mulher, 131
Normate, 8, 9, 1 4, 59, 80, 1 06, 1 1 7, 1 24, 125; natureza ideológica de, 32; princípios ideológicos de, 42 ; como posição do leitor, 1 0, 1 1 1 2 ; e respostas a pessoas com deficiência real, 1 2-1 3; e o papel da figura com deficiência na definição, 41; e teoria do estigma, 32; e unidade, 1 1 3; como não marcado, 40
Norma, 1 30; e ideal de autonomia auto, 42; como lei da sociedade moderna, 39, 77; concepção estatística de, 1 1 3; como não marcado, 40, 41

Objetivação, 1 1 , 1 2, 62; de assexual e corpo deficiente, 25-26; e autobiografia, 1 26; do corpo feminino, 28; e show de horrores, 79, 1 32; sexuais, 25
O'Connor, Flannery, "Bom País Pessoas", 1 2; "A vida que você salva pode Seja você mesmo", 36

Machine Translated by Google

Alteridade, 1 20; conceito de fundamentado na norma, 20; construção de, 60, 121; culturais, 78; e figura deficiente, 1 0, 29; discursos de, 8; inescrutabilidade de, 1 08; narrativas de, 1 6; representação de, 6; como espetáculo, 8, 43, 1 29, 1 32; visibilidade de, 8

Paradoxo, como modo de ser, 1 1 6
Figuras párias, 1 1 5, 1 1 6, 1 1 8, 1 29
Pastrana, Julia, 5 6, 5 7, 70-78, 1 34
Patologia e deficiência, 37; discurso de, 74, 76, 77; e corpo extraordinário, 58, 80; e feminilidade, 27; e show de horrores, 78; e identidade, 1 3 7; relatos narrativos de, 57

Petry, Ann, 1 27; The Street, 1 8, 1 05-1 1 1 1 5 , 1 22, 1 26, 1 29, 1 30, 1 32-1 33

Phelps, Elizabeth Stuart, The Silent 1 8, Parceiro, 1 , 29, 8 1-86, 88-90, 7 93-94, 9 7-101, 1 03 , 131

Fotografia e shows de horrores, 6 1-62, 78

Plínio, 56
Poe, Edgar Allan, 36
Política e feminismo, 21

Pobreza, Doença; e grotesco, 1 09; como sinal de inferioridade moral, 47; estigmas de, 1 22

Poder, diferença como princípio de, 1 05; e retórica de neutralidade, 40

Prodígio e corpo deficiente, 5 7, 1 1 4; e corpo extraordinário, 80; e show de horrores, 69, 70, 78; e representações da figura feminina afro-americana, 1 30, 1 3 3

Produtividade, valor de individualismo liberal, 35, 86

Progresso, ideologias de, 1 6, 42, 46; individual, 4 7-48; e individualismo liberal, 1 00, 101

Quetelet, Adolphe e a teoria do "homem de idade média", 63-64, 1 1 4

Raça, 1 2 5, 1 3 5; construção de, 70; e diferença, 22, 1 06; discursos de, 6; e corpo feminino, 97, 1 04; e show de horrores, 1 4, 62; e links narrativos para a deficiência, 9; e ficção sentimental, 90, 1 03; estigmas de, 1 22 Racismo, 1 03, 1 07, 1 1 0, Doente e grotesco, 1 09 , 1 1 6, 1 22; Pureza racial, ideologia de, 33 Raynaud, Claudine, 1 28
Reforma, 70 Representação, da figura feminina afro-americana, 1 04 , 1 06, 1 30; da individualidade americana, 16; convenções culturais de, S; e significado cultural, 20-21, 30; de deficiência versus experiência de deficientes, 1 0, 1 2, 1 6 ; de figura deficiente, 7, 9, 1 0, 1 5, 1 6, 1 8, 38, 1 06; e exagero da diferença, 1 1 ; e shows de aberrações, 1 7, 60, 62-63, 70-71, 72, 76, 81; do grotesco, 1 1 2; literário, 41; e narrativas de exclusão, 7; da alteridade, 6, 1 0, 1 7 ; e política, 21; e realidade, 28; de auto por pessoas com deficiência, 13; modos sentimentais de, 81 Robinson, Paul, 9 Rodgers, Daniel, 51 Rogers, David L.

, 60

Sociedade Real, 57

Sacos, Oliver, 56
Scarry, Elaine, 14
Schutz, Alfred, 1 0, 31
Ciência, discurso e beleza feminina, 28; como conceito ideológico, 78-79; e taxonomia de corpos, 77
Sedgwick, Eva, 22
Segregação, 35; auto-imposto, 35-36, 39

Machine Translated by Google

Auto, 59; Mulher afro-americana, 1 04-1 0 5, 1 1 6, 131; modos alternativos de, 1 1 5 ; classificações de, 1 26; e conceito de homem médio, 66, 67; e figura deficiente, 83; Vievvs Emersonian de, 81, 87; feminino, 83, 89, 90, 95, 101; versão feminizada de, 87; historicizado, 1 29; figura americana idealizada de, 7, 44, 46, 59, 63, 64, 66, 68, 81, 1 30; narrativa de, 1 03, 1 1 0, 1 1 6, 1 2 7, 1 28; princípios nacionais de, 42; modelo politizado de, 1 29; habilidades vulner de, 7
Autodeterminação, 42, 43, 44, 46, 48, 50, 89, 1 0 1
Autogoverno, 42, 44, 46, 47, 50
Selfhood, representações de na cultura americana, 16
Autossuficiência, Emersoniano, 1 1 0; ideologias de, 1 6, 35, 44, 101
Selzer, Ricardo, 42
Ficção sentimental, 6, 1 3 6; e desativado 1 7, figura, 9 , 1 8, 81, 95, 1 06; e identidade feminina, 1 8 ; e empoderamento feminino, 83, 88; narrativas de, 84; e reforma social, 17, 29, 82, 85, 88; estigmatização de figuras com deficiência em, 83
Sentimentalismo e figura deficiente, 81, 1 03; ideologia de, 22
Sexismo, 1 0 3, 1 07, 1 09, 1 1 0, III
Sexualidade, 1 3 5-1 3 6; discursos de, 6; les bian, 1 2 7
Shakespeare, Guilherme, 36
Shaw, Lemuel, 48
Pratas, Anita, 26
Escravo, humanização do mater nalismo, 85, 87
Escravidão, 65; economia de, 1 1 9; e equação de valor com produtividade, 85; e eu feminino, 1 1 9; estigmas de, 121; e vulnerabilidade da maternidade, 91
Darwinismo social, 36, 1 1 3
Determinismo social, 1 09
Relações sociais e deficiência, 22
Sokolo\; Professor J., 77, 78
Espetáculo, convenções de, 12; narrativa de, 79
Spenser, Herbert, 36
Teoria do ponto de vista e estrutura da subjetividade,
24 Olhar fixo e grotesco feminino,
26 Estereótipos e tropos literários, 11
Stewart, Susan, 62, 1 23-1 24
Estigma, teoria de Erving Coffman sobre , 1 6, 30-32, 39, 40
Stigmata, 1 3 5; como sujeira, 33; exibição de, 62 59, , 63; genitália feminina como, 72 ; como marca feudal de status, 66, 67; como marca moderna de desempoderamento, 40, 67; de raça, 1 22; da escravidão, 121; como socialmente determinado, 8; três características a partir das quais construídas, 3 1-32; valor retórico de, 12
Estigmatização e figura feminina afro-americana, 1 1 5 1 20; e desvio, 31; de deficientes, 7, 1 0, 1 1 , 48, 49, 51, 62; como processo histórico, 39; motivação para, 31, 32; de particularidade, 1 8; processos de, 1 6, 30, 32; na ficção sentimental, 83; como processo social, 30-3 1; como processo universal, 31
Stowe , Harriet Beecher, Tio Tomls Cabine, 1 7,1 8, 83, 8 1-99, 101, 1 03, 1 3 1-1 32
Simpatia, discurso de, 1 03; promessa de e benevolente maternalismo, 89; política de, 1 07; retórica de, 1 7 , 82, 1 06

Tagg, John, 6 1-62
Teratologia, 75
Thoreau, Henry David, 43, 65, 100, 130; e retórica do inconformismo, 68; Walden, 1 28

Machine Translated by Google

Tocqueville, Alexis de, 43, 46, em confor midade na América, 68
Torgovnick, Marianna, 11
Figura do malandro, afro-americano, 11 7, 1 1 8, 1 24
Turner, Victor, 70, 1 1 3
Twain, Mark, 9

Van O'Connor, William, 1 1 2
Veblen, Thorstein, 1 9, 58
Vilões, figuras deficientes: exemplos literários e cinematográficos: Capitão Ahab, Richard Chillingworth, Peter Doyle, Hop Frog, Quilp, Richard III, Tom Shiflet, Dr. Strangelove, primo Lyman Willis, 36

vVade, Cheryl Marie, "A Mulher com Suco,» 2 5-26
ÿTalters, Ronald, 35

Washington, Jorge, 59
West, Nathanael, Miss Lonelyhearts, 36
Whitman, Walt, 69
Totalidade, mito de, 45
Williams, Tennessee, O Vidro Menagerie, 10
Feminilidade, narrativas revisionistas afro-americanas de, 1 06, 1 07, 1 09
Feminilidade, verdadeira e africana mulheres americanas, 131; falha de, 1 07; crítica feminista de, 1 09
Woolf, Virgínia, 28
Trabalho, como credo definitivo da América, 46-47; e figura deficiente, 46; deslocamento de mulheres de, 1 8, 93 ; ideologia de, 1 6; e links para o sucesso social, 48; imperativo moral de, 41, 51; valor de para o individualismo liberal, 37; virtude de, 93